

Boletim
do
Instituto
Histórico
da
Ilha
Terceira

INSTITUTO
HISTÓRICO
DA ILHA TERCEIRA

BOLETIM



VOL.
LXIII

2005

VOL. LXIII

2005

INSTITUTO HISTÓRICO DA ILHA TERCEIRA

PATROCIONADO E SUBSIDIADO PELA
PRESIDÊNCIA DO GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES
DIRECÇÃO REGIONAL DA CULTURA

SEDE

Convento de S. Francisco
www.ihit.pt

MESA (2005)

Presidente – José Guilherme Reis Leite
Secretário – Manuel Augusto de Faria
Tesoureiro – Valdemar Mota de Ornelas da Silva Gonçalves

TODA A CORRESPONDÊNCIA DEVE SER DIRIGIDA
À DIRECÇÃO DO INSTITUTO

A publicação de qualquer trabalho não significa concordância do Instituto com as doutrinas, ideias ou conclusões nele contidas, que são sempre da responsabilidade exclusiva do autor.

(Art.º 15º do Regulamento do Instituto)

BOLETIM

DO

INSTITUTO

HISTÓRICO

DA

ILHA TERCEIRA

INSTITUTO HISTÓRICO DA ILHA TERCEIRA

BOLETIM



VOL. LXIII

2005

ANGRA DO HEROÍSMO, 2005

INSTITUTO HISTÓRICO DA ILHA TERCEIRA

(31 DE DEZEMBRO DE 2005)

SÓCIOS EFECTIVOS:

Dr. Álvaro Pereira da Silva Leal Monjardino

Dr. António Bento Fraga Barcelos

Director da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo (Dr. Marcolino Candeias Coelho Lopes)

Director do Museu de Angra do Heroísmo (Dr. Jorge Augusto Paulus Bruno)

Director Regional da Cultura (Dr. Vasco Pereira da Costa)

Dr. Eduardo Ferraz da Rosa

Dr. Francisco dos Reis Madura Dias

Francisco Ernesto de Oliveira Martins

Jácome de Bruges Bettencourt

Dr. João Maria de Sousa Mendes

Dr. Jorge Eduardo Abreu Forjaz

Governador do Castelo de São João Baptista (Manuel Carogo Prelhaz)

Dr. José Guilherme Reis Leite

Eng. José Henrique dos Santos Correia Guedes

Dr. José Leal Armas

Dr. José Mendonça Brasil e Ávila

Luís Manuel Conde Vieira Pimentel

Cor. Manuel Augusto de Faria

Dr. Miguel Corte-Real da Silveira Monjardino

Dr. Rui Ferreira Ribeiro de Meireles

Valdemar Mota de Ornelas da Silva Gonçalves

SÓCIOS HONORÁRIOS:

Prof. Doutor António José Telo (Professor Universitário da Academia Militar)

Prof. Doutor António Manuel Bettencourt Machado Pires (Prof. Catedrático da Universidade dos Açores)

Dr. António Maria de Ornelas Ourique Mendes (Conselheiro Cultural da Embaixada de Portugal em Roma)

Prof. Doutor Artur Teodoro de Matos (Professor Catedrático Jubilado)

Prof. Doutor Avelino de Freitas de Meneses (Reitor da Universidade dos Açores)

Dra. Elsa Brunilde Lemos de Mendonça (Professora Aposentada do Ensino Secundário)

João Dias Afonso

Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão (Presidente da Academia Portuguesa da História)

Prof. Doutor Joel Serrão (Professor Catedrático Jubilado)

Prof. Doutor José Enes Pereira Cardoso (Professor Catedrático Jubilado)

Dr. José Pereira da Costa (Presidente do Centro de Estudos de História do Atlântico)

Prof. Doutor Luís Filipe Ferreira Reis Thomaz (Professor Universitário Aposentado)

General Manuel Amorim de Sousa Meneses

Prof. Doutor Walter Fernando Piazza (Professor da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)

SÓCIOS CORRESPONDENTES

Doutor Alberto Vieira
Doutor Pe. António Manuel Machado Saldanha
de Albuquerque
Dr. Armando José Martins Mendes
Doutor Augusto de Atthaíde
Doutor Carlos Alberto da Costa Cordeiro
Dr. P.e Carlos F Santos
Dr. Francisco Manuel Coelho Lopes Cabral
Arq. Francisco Riopardense de Macedo
Doutor George Monteiro
Dr. Gonçalo Andrade Pinheiro Nemésio
Doutor P.e Helder Manuel Fonseca Mendes
Dr. Henrique Aguiar de Oliveira Rodrigues
Dra. Isabel Cid
Almirante Jesus Salgado Alba
TCor. João Albino da Silveira
Dr. P.e Cónego José António Piques Garcia
João Gabriel Ávila
Dr. João Manuel Dinis da Silva Ventura
Doutor Jorge Couto
Dr. José Avelino Rocha Santos
José Leite Pereira da Cunha
Cor. Eng. José Carlos de Magalhães Cymbron
Pe José Carlos Vieira Simplício
Dr. José Elmiro Rocha
Dr. José Isaac Mendes Ávila
Doutor José Manuel Bettencourt da Câmara
Doutor José Manuel Damião Rodrigues
. Doutor Arq. José Manuel Fernandes
Doutor José Medeiros Ferreira
Dr. José Olívio Mendes Rocha
Dra. Judite Toste Evangelho

Padre Júlio da Rosa
Leonel Holmes
Arq. Luis António Guizado Durão
Doutor Luís Arruda
Dr. Luis Filipe Cota Bettencourt Moniz
Dr. Luís Manuel Machado Meneses
Doutor Luis Manuel Vieira Andrade
Doutor Manuel Lobo Cabrera
Doutora Maria Alice Borba Lopes Dias
Doutora Maria Augusta Lima Cruz
Doutora Maria da Conceição Castro Ramos
Doutora Maria da Conceição Vilhena
Dra. Maria Helena Meneses Ormonde
Doutora Maria Margarida Roque Laland
Gonçalves
Doutora Maria Margarida Vaz do Rego Machado
Doutora Maria Norberta Bettencourt Amorim
Ora. Marie Lyn Salvador
Dr. Miguel Figueiredo Corte Real
Doutor Nereu do Vale Pereira
Dr. Nestor de Sousa
Doutor Onésimo Teotónio Almeida
Oriolando Sousa da Silva
Doutor Paulo Drumond Braga
Doutor Paulo Lopes Matos
Doutor Paulo Patrício da Silveira e Sousa
. Doutor Ricardo Manuel Madruga da Costa
. TCor. Doutor Rui Carita
. Doutor Rui de Sousa Martins
Dra. Rute Dias Gregório
Dra. Vanda Belém
Doutor Victor Hugo Forjaz

IGREJA, SOCIEDADE E COMUNICAÇÃO: Reflexões Histórico-Sociais e Desafios Cristãos

Eduardo Ferraz da Rosa

O tema que hoje nos traz aqui a reflectir criticamente e a debater em conjunto é precisamente este: *Igreja, Sociedade e Comunicação*¹.

– Intencional foi esta conjugação de esferas e realidades, na verdade e entre nós intimamente ligadas, tal como, afinal, na sua própria essência elas mesmas inseparáveis também são.

Esta sessão integra-se ainda no Ciclo Comemorativo dos 60 Anos da fundação do Rádio Clube de Angra, que teve início simbólico com o Congresso Nacional da ARIC (Associação de Rádios de Inspiração Cristã), da qual o RCA faz parte, que se prolongou já no passado Sábado (dia 24 de Março) – com o Colóquio sobre *A Ilha Terceira no Contexto Regional Açoriano* –, e que terminará no próximo dia 3 de Abril com uma Sessão Solene Evocativa desta honrosa Efeméride da “Voz da Terceira”.

I

1. Se a realidade *Igreja* e a realidade *Sociedade* são logo talvez mais imediatamente identificáveis como objecto ou assunto, tanto na sua globalidade como na sua particularidade próximas – e logo assim mais ou menos representáveis, quer de modo genérico ou mais ou menos abstracto, quer de modo mais ou menos concreto ou até visivelmente personificável

¹ Conferência de Abertura e Apresentação do Colóquio “Igreja, Sociedade e Comunicação” realizado no dia 31 de Março de 2007, no Auditório do Rádio Clube de Angra (Angra do Heroísmo, Ilha Terceira). Texto revisto e adaptado pelo Autor, para esta publicação.

–, já o fenómeno da *Comunicação* nos poderia aparecer mais difuso, um pouco vago ou não muito clarificado nos seus contornos, – tão vastos são o seu âmbito modelar e a sua expressão.

Todavia e seja como for, por motivos práticos e balizadores de análise e da nossa Conferência-Debate de hoje, assim também por *Igreja* entenderemos aqui aquela *comunidade orgânica de crentes*, ou *comunidade eclesial* estruturada de pessoas que crêem e partilham a mesma Fé, tal como deveriam também partilhar, segundo rezam os cânones, a mesma Esperança e a mesma Caridade...

A Igreja como Comunidade e Tradição

Situadamente no contexto espiritual, civilizacional, histórico-institucional e socio-cultural que nos envolve e nos determina a modo de *universo de primeira referência*, *tradição religiosa comunitária* hegemónica, ou *horizonte de representação* confessional, devocional, cultural e culturalmente prevalente, entenderemos portanto aqui *Igreja* primariamente como a *Igreja Católica*, no âmbito, naturalmente mais vasto e até mais ecumenicamente abrangente, das religiões ditas ou assumidamente cristãs e filiáveis, grosso modo, no Cristianismo.

– Esta entidade, simultaneamente mistérica, histórico-institucional e espiritual, é ainda aquela que, nomeadamente face ao mundo contemporâneo, continua a definir-se sempre e a assumir-se a si própria, ao seu enraizamento terreno e ao seu destino eterno, como se fez logo na abertura da *Gaudium et Spes* do seguinte modo, pela sua essência, vocação, representação e missão:

«As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos mais pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história».

Como é evidente, esta opção não invalida a constatação da existência, hoje em dia, em todo o mundo e também já entre nós, de um *pluralismo religioso*, de uma diversidade de movimentos, igrejas e seitas, a par de novas e outras formas de manifestação privada ou grupal de *religiosidades* ou credos outros, enquanto formas de busca do Transcendente, do Divino ou da Divindade, se bem que, algumas delas, como é sabido, à margem doutrinal, civilizacional e antropológico-espiritual, ou à revelia filosófico-teológica, metafísica e ética, do Cristianismo.

O Mundo Social

2. Por outro lado, por *Sociedade* deverá entender-se aqui o *mundo social* na sua globalidade, com tudo aquilo que nos rodeia e constitui, sendo pois este como que *o espaço e o tempo da nossa vida e da nossa existência*, enquanto *comunidade instituída e organizada* de pessoas, instituições, valores, normas, linguagens e práticas.

Como é natural, pretendeu-se também que, em primeira instância, se visasse preferentemente e compreendesse *Sociedade* como a nossa Sociedade Terceirense (Açoriana e Portuguesa, aqui no nosso Arquipélago e nesta Região Autónoma), isto é, como a terra onde vivemos, trabalhamos e individual e colectivamente decorrem os nossos quotidianos, as nossas narrativas, as nossas memórias e imaginários, os nossos anseios, as nossas dificuldades, os nossos sonhos, os nossos desencantos e as nossas aspirações e esperanças.

O Fenómeno da Comunicação

3. Finalmente, por *Comunicação* foi pedido a todos os participantes neste Colóquio e neste Painel que entendessem aquele fenómeno no mais amplo sentido do termo, e na medida mesmo em que este entendimento, já assim reflectido e crítico de Comunicação, nos traria a todos uma prévia dilatação do horizonte possível da abordagem ao tema escolhido —, sem prejuízo, como é evidente e legítimo desejar, da *dimensão social da Comunicação* vir aqui a ser afluída e discutida, mais concreta, definida e precisamente *como Comunicação Social* em sentido específico, tal como ainda se pretende e não poderá deixar de perspectivar-se naturalmente, e

já ali ao nível do *exercício informativo e formativo* dos meios, agentes, protagonistas e destinatários dos *Órgãos de Comunicação Social*, própria e tecnicamente ditos.

– Estes, como escreveu Adriano Duarte Rodrigues são *campos mediadores* fundamentais do mundo social e das suas instituições e agentes, constituindo eles próprios

«instituições sociais que conseguiram autonomizar nas sociedades democráticas o seu próprio campo de legitimidade, apesar de continuarem a estabelecer com os restantes campos relações privilegiadas».

Na medida em que as sociedades democráticas também são caracterizadas pela *fragmentação do tecido social* – o qual, por sua vez reclama a própria institucionalização orgânica de todos níveis, estruturas e seus campos mediadores –, os OCS são todavia o *campo por excelência* da *mediação* ou da *articulação* de todos aqueles campos autónomos.

– E é assim, no conjunto, muitas vezes conflitual, do mundo social que os Media, eles próprios parte desse universo, revelam com maior pertinência as tensões dos campos em presença, as dinâmicas das suas ordens e as estratégias de legitimidade e de hegemonia das suas formações.

Dentre – enfim – os campos que tradicionalmente procuram apropriar e apropriar-se dos media,

«destacam-se os que alimentam projectos de solidariedade global, a saber, o campo religioso, o campo político e o campo económico».

Saliente-se contudo que, de facto, tem sido estes

«os campos que sucessivamente dinamizaram as solidariedades colectivas, ao longo dos séculos, em torno de projectos globais e procuram ocupar a totalidade do tecido social em função das competências que conseguiram impor em torno das questões ligadas respectivamente à gestão dos sinais da salvação, do poder e da reprodução dos bens materiais. São também estes os campos que conseguiram produzir e administrar um ritual e uma simbólica susceptíveis de fazer interiorizar pelos cidadãos as suas hierarquias de valores e de prioridade».

II

Esta Conferência-Debate realiza-se numa altura da vida social, cultural, religiosa, intelectual e espiritual do Mundo, do nosso País, dos Açores,

da Ilha Terceira e da Igreja marcada por *sinais e indicadores* contraditórios, e mesmo até contrários!

– E confluentemente o mesmo se diga no que diz respeito à qualidade de vida dos cidadãos, às actividades económicas, produtivas, laborais, profissionais e empresariais, à situação da Família e das famílias, da Escola e do Ensino, da Juventude, da Saúde, da Segurança, dos comportamentos e dos Valores, da Pobreza, da Marginalidade e da Exclusão, do Desenvolvimento e dos seus modelos, etc., etc., e sempre assim, como não poderá nem deverá deixar de ser, por relação suprema, fundamental e indeclinável, ao Bem Comum, à Solidariedade e à Justiça Social, à Participação Política e Cívica, à Religiosidade Popular, à Pastoral e à Evangelização libertadoras, por exemplo...

1. Alguns dos *indicadores qualitativos* atrás referidos, e o modo como foram criticamente accionados na auscultação que tivemos oportunidade de apresentar aqui há uma semana, representam outros tantos *indícios para diagnóstico histórico e psicossociológico, dados sintomáticos* ou *sinais dos tempos* em que vivemos.

Indicadores e Sinais dos Tempos

Neste enquadramento, tais indicadores, reclamam pois, sem tibiezas, da parte de todos – e sem aproveitamentos ou culpabilizações tacticamente só urdidas a modo de equivalentes trocas de posições e oposições entre contendores e facções político-partidárias, apenas (talvez sem necessidade, tantas e tantas vezes...) formalmente rotativas na mesma máquina de fabricar ilusões e escamotear a mais exigente assumpção da defesa de um projecto de sociedade humanista e humanizante, que garantisse, aqui na nossa autónoma casa insular e nos lares e corações de todos e de cada um dos Açorianos –, a promoção da pessoa e a salvaguarda e a exigência radical (*ético-política* ontem, e *evangélica* hoje!) do respeito pelos mais profundos e legítimos direitos e deveres de todos, a começar pelos mais fracos, pelos mais pobres, pelos sem voz, pelos silenciados, pelos mais isolados, pelos desencantados da vida e deserdados da sorte, do destino ou de uma cruel e implacável prensa técnico-burocrática, *reprodutora* em cadeia (escusadamente talvez, tantas e demasiadas vezes, de novo...) *de aparelhos ideológicos e sistemas socio-económicos*, políticos e culturais

que assim operam como *catalisadores* primeiros da infelicidade, da geração da alienação e do infortúnio, reproduzindo, geração após geração, o *controle total*, maligno e totalitário dos espíritos e dos corpos, a degradação da vida e o embrutecimento das massas, aonde, quantas vezes até na ausência do pão material e intelectual, se fica já nem sequer pelo espectáculo ou a diversão, pela festa e pela partilha da alegria, quanto, antes, pela ignara resignação circense do rebanho supostamente contente, induzidamente entregue à sua própria vacuidade tacanha e rotineira, ao seu bulício abúlico ou ao seu atascado entorpecimento cíclico!

Novos Totalitarismos e Indiferença

Sabemos bem, como dizia em meados do século passado um notável pensador, filósofo e sociólogo crítico da nossa Modernidade unidimensional, que também no reino da cultura e das mentalidades um *novo totalitarismo*, prenhe de contravalores, pode manifestar-se, e manifesta-se hoje precisamente a modos de um sub-reptício (mistificador e supostamente até “democrático”...) pluralismo harmonioso, “onde as obras e as verdades mais contraditórias coexistem pacificamente num mar de indiferença”.

E sabemos também – como recordou o Papa Bento XVI na sua Mensagem para o 41º Dia Mundial das Comunicações Sociais – que, na actual conjugação planetária, ímpar e talvez nunca antes potencialmente até havida para o Bem e o Progresso da Humanidade e para a Missão da Igreja, nesta era da Globalização das Sociedades, das Tecnologias da Comunicação e da Cultura, maiores são também os perigos e os desafios cívicos, éticos e espirituais que se nos deparam.

– Sem melancolia nem pessimismo, mas também sem euforias nem irresponsáveis e cegas demissões de exigência e ideal, continuemos todavia e assim a pensar emancipadora e criticamente, agindo em fidelidade a princípios e objectivos nobres!

2. Hoje vivemos reais e potenciais clivagens históricas e civilizacionais, e percebemos, talvez com maior agudeza, dramatismo e legítima apreensão, um crescente sentimento de *impasse* e de *estagnação* face à não resolução de muitos e muitos dos ancestrais e dos novos ou recorrentes problemas que nos atingem – que atingem todo o Mundo, o nosso País e a nossa Região também... –, flagelando o mais íntimo da vida pessoal,

social, moral e psíquica das nossas comunidades e de sectores e áreas importantes do nosso país e das nossas ilhas...

Opções e Clivagens Históricas

Hoje assistimos à massificação das opções, ao modismo mediático e mediatizado dos hábitos, costumes e linguagens, que chegam a todo o lado pela Televisão, pela Rádio, pela Imprensa e pela Internet...

Hoje constata-se a ausência ou a demissão de lideranças fortes e esclarecidas, bem formadas pela reflexão e pelo testemunho, e bem fortalecidas pela *acção prudential e generosa* que só o tempo, o trabalho, a permanente solicitude e o entusiasmo solidário na responsabilidade perante um futuro digno poderiam de outro modo garantir!

– Hoje, também, o desencanto de muitos pais e educadores; o desgaste e a desmotivação dos professores; o culto das drogas; a desorientação dos jovens, tantas vezes entregues ou consentidos aos *sub-mundos* do pior da *cultura da incultura* das metrópoles e dos seus subúrbios atrofiados e degradados – aonde vicejam, muito análogos, tantos daqueles estigmas e daquelas pragas que o velho Marx logo apontara aos pululantes *lumpen-proletariados* do primeiro Capitalismo selvagem (ainda nem sequer então deitado à extensão imperialista e exploradora do Globo e dos Povos, e que sucessiva e globalmente viria até à actualidade, até à Pós-Modernidade e ao Pós-Colonialismo...).

Um Século Ambivalente

E ainda hoje dão-se estes fenómenos no rodopio impiedoso da competitividade agressiva e da atracção por todos os *paraísos artificiais* e os *abismos* que radicalmente rompessem, como prometiam e prometem romper, o *fechamento* ou o *vazio* das almas, tal qual aquela própria sinalética dos rasgos nos panos desbotados ou camuflados de um pseudo-guerrilheirismo (ele próprio *domesticado* e já sem qualquer impulso revolucionário autêntico, como talvez fossem ainda os das gerações da resistência armada, do protesto contra-cultural ou das utopias pacifistas), ao lado dos furos nas dermes e epidermes dos filhos e filhas de família, dos sem família ou dos *gangs* familiares do fim do Milénio que se arrasta neste Século XXI – este

que era suposto ser o da Era do Aquário ou da Transcendência... –, mas que afinal se desenha entre nós, muitas vezes, mais como réplica triste e fútil de pan-exotismos trans-signitivos e acéfalos, que não se sabe bem se são apenas *mutilantes*, *iniciáticos* ou *neotribais*, mas que todavia deixam inusitadamente revelar uma historicidade civilizacional equívoca, ambivalente, tendencialmente decadente e amiúde até, como salientou Habermas, culturalmente *regressiva*.

3. Hoje também as indefinições sectoriais que lançam sucessivos tecidos orgânicos e classes da nossa sociedade, em transição profunda, na falência ou no endividamento, enquanto outros caem no abandono, na desertificação geo-humana, no desemprego, no sub-emprego e no emprego precário, a par da consolidação desfiscalizada, exibida, incólume e impune, para outros, de capitais e bens e negociatas e fortunas surpreendentes, rapinadas em geração recorde, ou de proveniência bem duvidosa, por sobre a desgraça, o sofrimento, o apodrecimento e a morte de muitos inocentes ou incautos.

– Hoje a desarticulação sistemática entre os projectos, as economias de escala, a concepção dos modelos e as suas sustentações e bitolas de avaliação, por entre duvidosas operacionalizações de medidas estruturantes e algumas incompreensíveis renúncias aos sentido sociais da economia, da saúde, das acessibilidades, da integração, da promoção pelos méritos e pelo trabalho árduo e criativo...

Hoje, enfim, também entre nós, uma *partidarização* intolerável da *vida social*, que representa aliás e materializa aqui uma paradigmática e real *violência simbólica*, fenómeno descrito por Bourdieu que a define como

“uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, muitas vezes, dos que a exercem na medida em que uns e outros [ocasionalmente...] estão inconscientes do facto de a exercerem ou de a sofrerem...»,

mas que ao menos o cientista social e a Sociologia, que «como todas as ciências, tem por função revelar coisas escondidas», podem e devem problematizar, contribuindo assim para a minimização daquela violência, «que se exerce nas relações sociais e em particular nas relações de comunicação mediática» ...

Heranças, Esquecimentos e Réplicas

Penso especial e precisamente agora, e situadamente, naquela *partidarização* enquanto *forma de violência socio-cognitiva* e de *condicionamento* de uma desejável e outra *cidadania participativa e emancipada* – do ponto de vista sociológico, filosófico e crítico, que é o meu nesta instância onde me situo, e neste desempenho onde me coloco assumidamente – e não, portanto, da vida *política, político-partidária* ou *governamental* e da *administração pública*, aonde, aliás, muitos dos vícios do presente copiam copiosamente o pior dos meios e dos fins dos regimes anteriores, cessantes e talvez pretensiosamente já a caminho de sucessórios, e até os tiques das eras pioneiras, mas depois logo *embandeirantes* da Autonomia, – dita social-democrata, socialista democrática, pacífica, progressiva, nova, cooperativa, etc., conforme a nomenclatura maisajeitada ou propícia...

4. Assim, de tudo se viu, por entre gravatas e bravatas obscuras, óculos escurecidos para tapar o sol da realidade com as peneiras e as nuvens de uma arrogância cacique, que só encontrariam paralelo possível na mais retinta e abjecta mediocridade das inteligências, ausência de sentido dos limites e falta de bondade de intenções, estas que não só encham o Inferno, como sempre, quanto parece que vão cada vez mais enchendo bolsas e algumas lapelas, e atapetando as praxes e os protocolos de tanta opereta provinciana à espera apenas de uma vicentina ou queirosiana paciência que lhes trace o perfil, dobradamente, a golpe de escrita e ao toque de caixa da gargalhada geral das populações atónitas, incrédulas, descrentes, mas nem por isso, quando menos se esperar, sabiamente fartas...

– E tudo isso ainda na *partidarização simbólica comum* de uns e outros, surpreendentemente em acréscimo e na maior parte das vezes já sem sequer ocorrendo na retórica ou em nome de nenhuma daquelas antigas justificações (conquanto discutíveis e muito duvidosas, retrógradas ou apenas desconfiadas, à moda velha da consabida e exigida fidelidade incondicional ao chefe, ao líder, ao controleiro...), ou do carácter assumidamente mais ideológico e relativo à necessidade (à conveniência...) de harmonizar escolhas e lideranças com competências supostamente notórias ou com zelos executivos reais, adesões de princípio à causa pública ou à sua modelação temporária e mais ou menos consequente...

Fala-se aqui, portanto, de *partidarização social*. – E esta é bem diversa, no seu alcance reflexivo e na sua complexidade sociológica, do que uma

mera partidarização *político-partidária*, até por que esta, muitas vezes o que faz é apenas fazer rentabilizar, em proveito próprio, aquelas mesmas críticas que a crítica à outra levantou...

E valem pois aqui tanto para as Ciências Humanas, Sociais e Políticas no seu conjunto, como afinal também para a própria Teologia e para a Pastoral..., os reparos que, na sequência das pertinentes e certas afirmações de Boaventura Sousa Santos sobre o estado daquelas ciências em Portugal, ficou subscrito na introdução a uma reputada obra de Teoria Social:

“O desafio da síntese teórica, da reformulação conceptual e do refinamento compreensivo *da realidade social*, da resposta conjunta e híbrida às novas e velhas configurações e processos sociais por parte das várias ciências, a resistência à burocratização do saber, à prestação de serviços e à concessão de legitimidade científica à engenharia social dos poderes públicos dependem, em larga medida, de uma persistente e efectiva reflexão crítica sobre o *modus operandi* das ciências sociais em Portugal”.

A Partidarização Social como Lógica Política

5. Depois, não é difícil constatar no quotidiano das formações e agentes sociais e políticos a redução ou anulação de avaliações que se queria fossem objectivas, verdadeiras, esforçadamente críticas e não auto-suficientes, a uma irracional viciação dos princípios e dos discursos, vezes sem conta e sem medida em nome de pequeninos arranjos de conveniência, do não querer dar-se a mão à palmatória, do não querer reconhecer-se o que é correcto e justo (venha ou viesse lá de onde viesse...), da incapacidade de trabalho leal em equipa, de uma espécie de *incomodidade esquiva*, de ciumeira doentia, de inveja larvar e de descarada corrida, divisão parasitária ou calculada política imposta de *rasura* ou *desertificação de ideias*, – todas que apenas serviram e servem a medíocres grupelhos instalados, os quais, à sombra do um *status quo* (que eles próprios construíram e perpetuam!), conduzem os mansos discípulos, de rédea curta e boca calada, de curraleta em curraleta, até à derradeira faena eleitoral dos fechos das campanhas, da divisão dos pelouros, dos cargos, das assessorias, das cadeiras parlamentares, etc., etc., até à eleição seguinte...

– E aí de quem ousar sair da *unicidade normalizada*, ousar pensar, distinguir-se e exercer aquele terrível poder da verdade, da exigência crítica, ética ou técnica!

Ora, como propunha A. D. Rodrigues, é também por isso que

«a desconstrução da estratégia discursiva da sedução e da persuasão alimentada pelos ‘mass media’ do Estado democrático substitui hoje a luta antifascista do estado despótico, e é o [ou pode, entre outros, certamente, ajudar a dar conteúdo a um] novo nome da resistência» ...

– Tal resistência pode assumir formas bem diversas, é certo, desde modos alternativos mais personalizados, atentos e directos de comunicar, reflectir e rezar, até ao exercício crítico e à solicitação criadora de configurações, discursos e gestos outros face ao Poder e ao anti-Poder, ao Anúncio da Mensagem e à Denúncia limpa da Injustiça, do Sofrimento e da Mentira.

Porém, é bom reter, com Bourdieu, que – no mundo da Comunicação Social, onde estas realidades se entrecruzam diariamente –

«o jornalismo é uma das profissões onde encontramos mais pessoas inquietas, insatisfeitas, revoltadas ou cinicamente resignadas, onde se exprimem muito generalizadamente (sobretudo, é claro, do lado dos dominados) a cólera, o nojo ou o desânimo perante a realidade de um trabalho que continua a ser vivido e reivindicado como ‘diferente dos outros’. Mas estamos longe de uma situação em que estes despeitos possam assumir a forma de uma verdadeira resistência, individual ou sobre tudo colectiva»,

– o que ajudará bastante a compreender algumas das situações, sem saída visível, em que, a este nível, nos encontramos.

– Mas, novamente quanto àquela questão da *partidarização*, não posso deixar de referir e clarificar, ainda mais nesta ocasião propícia, o seguinte:

6. Por *partidarização social da vida* entendemos pois aqui a *subordinação total* das práticas, das opções (bastamente apenas tácticas, pragmáticas e conjunturais...), dos pronunciamentos e refutações (tantas vezes toscos e no pior estilo de uma espécie de política de capoeira, entre a mesa do café, ou do bar, e a tribuna parlamentar solene...), e especialmente das *leituras dos fenómenos sociais*, a uma *lógica de interesse e*

de conhecimento parcelar, fragmentário, sectário, cindido ou partido, – e assim subtraído pois a uma integridade de verdade e de exigência, que uma *outra lógica* – mas essa então de isenção, de diálogo, de abertura aos pontos de vista complementares e àqueles valores que são os da partilha construtiva e emancipadora, para uma sociedade *mais desenvolvida por que mais humanizada*, humanizante, pacífica e progressivamente mais justa, racional e moralmente – exigiria!

Aliás, muitos daqueles temas, o respectivo alcance e a sua problematização evangélica tem sido mesmo motivo de reflexão, de denúncia profética e de pronunciamento crítico e corajoso, se bem que alguns dos seus conteúdos tenham permanecido muito esquecidos dos cuidados dos poderes públicos e até das próprias formações sociais e político-ideológicas de cujo seio nobre e generoso bastante do seu originário impulso nasceu, e onde, no passado, ao que consta, ao menos retoricamente, assentou arraiais...

– E assim até mesmo nem a Igreja tem escapado a este *alheamento*, pese embora a sua produção textual, de significativa despistagem crítica e sinalização consequente, intelectual, ética e pastoral, ser a este propósito bastante abundante, desde as Mensagens Papais para os Dias Mundiais da Comunicação Social até, por exemplo, à não muito distante e bem sugestiva e pertinente *Carta Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa sobre Pastoral das Comunicações Sociais: “Na Era da Comunicação Social”* (2002).

III

Entre nós sempre a Igreja e os Cristãos estiveram – variadamente, é certo, conforme as épocas históricas e doutrinárias e as determinações socio-políticas e ideológicas dominantes ou a dialéctica dos tempos, das ordens e dos poderes e anti-poderes estabelecidos solicitava ou consentia... – na linha da frente de um esforço de reflexão, de acção pastoral e de fermentação das estruturas e das consciências, tal como aqui, na semana passada lembrámos, ao invocarmos, apenas no Século XX, as Semanas de Estudos dos Açores, os Institutos Culturais, os Cursos de Cristandade, a Pastoral Estudantil, Operária e Assistencial, o Sindicalismo Democrático, a formação do Clero, os empenhamentos e a acção comprometida a nível associativo, cultural, artístico, etc.

Igreja, Mundo e Comunicação

É evidente que contemporaneamente, a situação é aqui muito diferente, na sociedade completamente transmutada em que vivemos, estando mesmo até, em dimensão muitíssimo acentuada – no meio de um sistemático e disseminado *indiferentismo e analfabetismo religiosos* ...–, a Igreja Portuguesa e os Cristãos em Portugal (e também neste Arquipélago dos Açores) e os seus valores (invocada e nominalmente intemporais, perenes, redentores, libertadores e salvíficos...) bastante desencarnados, ausentes ou inoperantes nos mundos da Cultura, da Política, da Empresa, da Família, do Trabalho, da Juventude, do Ensino, da Saúde, da Ciência, da Justiça, do Pensamento e da Comunicação Social...

1. Num escrito bem sugestivo, intitulado “Comunicação e Religião: O fantasma de uma oportunidade” – e que nos interessará ler e reflectir, até pelas *categorias de insularidade* que são ali aduzidas e trazidas a discurso... – José Augusto Mourão, fazendo uma espécie de *dupla hermenêutica crítica* daqueles temas, que também são precisamente os do nosso Debate de hoje, apontou alguns dos fenómenos por ele analisados – e que coincidem bastante com os núcleos problemáticos e cruciais a nossa própria detecção –, como sendo decorrentes de uma passagem

“da solidariedade nas sociedades pré-modernas em que tudo estava ligado, ao insulamento. Entrámos simultaneamente no tempo das redes e na insularidade generalizada. A praga do nilismo parasita hoje tanto a religião como a comunicação”.

– Ora é também por isso, defende o dominicano português, que o estudo renovado de uma *teologia da comunicação* (que considere “o sujeito humano como *homo communicans*, isto é, um ser de relação dialógica”) e uma aprofundada *antropologia da comunicação* (que há-de ter forçosamente em conta a *socialidade do presente* e as seguintes das suas várias figuras) do *homo videns* que Sartori, entre outros, hão-de ajudar a questionar a vida e a sociedade contemporâneas.

Neste contexto, como reflectiu ainda Pierre Bourdieu, o caso da Televisão é realmente o mais susceptível de avaliação crítica, porquanto este meio

«é um instrumento muito pouco autónomo, sobre o qual pesa toda uma série de imposições que têm a ver com as relações sociais entre os jornalistas, *relações de concorrência* encarniçada, implacável, até ao absurdo, e que são também *relações de convivência*, de cumplicidade objectiva, baseadas nos interesses comuns ligados à sua posição no campo de produção simbólica e no facto de os jornalistas terem em comum estruturas cognitivas, categorias de percepção e de apreciação ligadas à sua origem social, à sua formação (ou à sua não formação)» ...

2. Escrevia o Papa Paulo VI, de tão saudosa memória, na sua *Mensagem para o II Dia Mundial das Comunicações Sociais* (26 de Maio de 1968), retomando aliás passagens lúcidas e sempre validamente contemporâneas de um documento seu, de há 40 anos atrás... – recorde, tão artística e espectacularmente trabalhado, lido, reflectido e encenado, aqui a dois passos, neste pequeno universo social e cultural de Angra e da ilha Terceira, lá pelos idos anos setenta do século passado –, o seguinte:

«A nova visão do universo, que o homem adquire pelos meios de comunicação social, continuará a ser-lhe estranha ou inútil se ela não lhe fornecer o meio de esclarecer o seu juízo – sem orgulho, nem complexo – sobre as riquezas e carências da sua civilização; de descobrir – sem presunção, nem amargura, a civilização dos outros; de tomar com confiança em mãos o próprio destino; de construir dentro de uma fraternal colaboração com os irmãos, e de pressentir, enfim, que ‘não há verdadeiro humanismo que não o aberto para o absoluto’.

«Seria enganador sustentar uma oposição sistemática e um espírito de crítica corrosivo e destruidor (...). Mas importa abrir os olhos dos responsáveis para as situações intoleráveis, denunciar as necessidades gritantes, orientar a opinião para as ‘transformações audaciosas, profundamente inovadoras, para as reformas urgentes que devem ser empreendidas sem tardança’».

– E igualmente assim, e para terminarmos nós, lembrava aquele Papa da *Populorum Progressio* (26 de Março de 1967) que

«Num universo onde tantos homens têm falta do necessário – de pão, de saber e de luz espiritual – seria grave [continuar a] utilizar os meios de comunicação social para reforçar os egoísmos pessoais e colectivos, para criar nos consumidores novas e pseudo necessidades, afagar a sua sede de

prazeres, multiplicar os lazeres estéreis e debilitantes. Suplantada essa tentação, abre-se um empreendimento grandioso: há tanto por fazer para dar eco aos apelos de uma humanidade em aflição, para colocar em relevo os esforços de cooperação, os gestos de ajuda mútua e as iniciativas pacíficas, e suscitar ainda uma sadia concorrência portadora de esperança» ...

Se este curto Ciclo de Conferências-Debate tiver já contribuído, ou vier a suscitar, uma renovada, saudável e livre agitação de ideias, e uma cada vez mais urgente rememoração de ideais, talvez que o nosso empenho e o esforço das palavras e dos actos do RCA, nestes 60 Anos da sua missão promotora da nossa terra, da nossa gente, como e enquanto “Voz da Terceira”, não tenham sido hoje totalmente em vão...

IV

Resumos e Prospectiva

1. Registe-se enfim, a mote de resumo temático para os nossos trabalhos, a já citada Carta Pastoral Portuguesa (2002):

«Não é fácil fazer um juízo correcto sobre os efeitos sociais e morais da comunicação social na nossa sociedade. De qualquer maneira, uma coisa é certa, a sua influência apressa o ritmo das transformações culturais, levantando constantemente ao comum das pessoas problemas novos, para os quais precisam de respostas adequadas.

« (...) São inegáveis os frutos admiráveis da comunicação social no alargamento do panorama cultural das pessoas, na descoberta e aceitação solidária de mundos novos, no acesso aos bens e serviços postos ao dispor de todos pelos progressos das ciências e das técnicas, nas possibilidades novas de convívio e cooperação, na promoção de actividades lúdicas e de lazer. Mas, ao mesmo tempo, não se podem esquecer os atentados, conscientes ou inconscientes, contra a verdade e o bem moral, de muitas das mensagens por ela difundidas, sobretudo quando ela se encontra ao serviço de inconfessáveis interesses políticos, económicos ou ideológicos». (§10)

«A comunicação social, através dos seus diversos meios e usando das respectivas linguagens, deve estar sempre ao serviço da verdade. Consciente de que nem sempre está ao seu alcance a verdade objectiva, é seu dever

oferecer a mais honesta verdade subjectiva, recusando-se sistematicamente a enveredar pelos caminhos da mentira, da subserviência, da calúnia, da difamação, da manipulação da realidade e do silêncio culpável». (§13)

«Outro dever da comunicação social é servir o *bem comum* e o *bem das pessoas*, sobretudo das mais fragilizadas no exercício dos seus direitos, nas suas condições de vida, no seu estado de espírito ou na estima geral, emprestando a voz àqueles que não se fazem ouvir. Se há aqui lugar para *denúncias do que está mal*, não menos importante é *dar a conhecer e aplaudir o que está bem*, e procurar e promover soluções justas e viáveis para os problemas humanos e sociais.

«O *serviço do bem* inclui ainda a promoção dos verdadeiros valores da vida, da justiça, da honestidade, da solidariedade, da paz, da segurança, da saúde física e psicológica, da cultura, da religião. Defender e promover estes e outros valores fundamentais é, para a comunicação social, dever exigente e inalienável, que impende em primeiro lugar sobre os comunicadores profissionais e outros responsáveis, mas que pressupõe a colaboração dos receptores e das instâncias com responsabilidades educativas e de defesa do bem comum». (§14)

2. Entre nós, naturalmente, também existem progressos e ganhos e sinais positivos – até mesmo esperançosos e animadores – que vale a pena referir, em nota final e inventário sucinto.

As Reservas da Esperança

– Na verdade, tal como foi aliás referido nestes Debates, a sociedade açoriana possui ainda hoje preservadas dinâmicas, energias sãs e objectivos sólidos, áreas e dinâmicas cujas potencialidades deixam adivinhar a promessa de novas conquistas sociais, de significativos avanços, iniciativas e empreendimentos criadores e multiplicadores do Desenvolvimento das nove ilhas dos Açores e das suas populações.

E bem assim, acentue-se, as capacidade e os meios formalmente disponíveis para a continuação de produção de Ciência, de Arte e de Cultura, da defesa e preservação dos nossos Patrimónios Naturais, Históricos e Espirituais, a par de uma reserva, talvez insuspeitada, de capacidade de partilha, de solidariedade ínsita e de um sentimento de comunhão de des-

tino e de identidade existencial ainda intocadas pelos contravalores atrás apontados...

– Assim haja, ou houvesse, quem deles se abeirasse, não para os controlar ou interesseiramente manipular, antes para ouvi-los, para com eles aprender, e para ajudar, enfim, a fazer introduzir e sistematizar, na medida do possível, a todos os níveis, aquele *suplemento de alma*, aquela *grandeza de vistas* e aquela única marca realmente *personalista e humanista* (e afinal nisto radicalmente ainda Cristã...) que só uma Política e uma Comunicação Social ao serviço integral da Pessoa e do Homem Açoriano, nesta fase decisiva da nossa experiência histórico-civilizacional planetária, deverão ajudar a garantir a esta geração e aos nossos filhos e netos, com responsabilidade e fraterna coragem. E todos beneficiariam com isso, até mesmo e logo as estruturas e agentes sociais, políticos e religiosos...

Mas é mesmo aqui que se nos afigura urgente assim recuperar muitas das pistas e sugestões do passado e do presente, aprendendo com os erros e com as grandes conquistas históricas do nosso País e dos Açores – que também, felizmente, as houve e há, em qualificada progressão visível, e a diversos e bem sentidos níveis, até hoje! –, retomando-se enfim, nestes mundos partilhados e inter-comprometidos da Sociedade, da Igreja e da Comunicação, uma espécie permanente de *realismo crítico* – extensivo ao possível exercício nobre da Política e da Ética Social – o único que poderá mesmo contribuir para abrir, gerar e multiplicar universalmente um *lugar identitário* generoso, alargado e comum para a utopia, para o sonho e para a bondade.

– Será que vamos, querendo ir, todos ainda a tempo?

A CONGREGAÇÃO DOS SAGRADOS CORAÇÕES DE JESUS E MARIA NOS AÇORES

**Um contributo para o estudo da sua História,
a propósito dos 50 anos nos Açores**

José Olívio Mendes Rocha

1. A existência de um Seminário nos Açores da Congregação dos Sagrados Corações, mais precisamente na Praia da Vitória entre os anos de 1957 e de 1971, com o nome de Seminário Padre Damião, constitui a principal razão para esta nossa incursão sobre a sua História e como uma tentativa e contributo para a compreensão das suas marcas e influências, deixadas em 14 anos da sua presença e acção nos Açores.

Foram mais de quatro centenas de rapazes, seminaristas e alunos externos, mais precisamente 435, de todas as Ilhas dos Açores, que viveram e frequentaram o Seminário Padre Damião durante esse período de tempo.

Que marcas, que influências? O que resta dessa formação e da convivência com os “padres holandeses”?

Assim e a propósito da celebração/comemoração dos 75 anos da presença da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria em Portugal e dos 50 anos nos Açores, o que interessará realçar, antes de mais, é a importância do conhecimento do passado e da sua utilidade, não só no sentido de comprovarem os acontecimentos, como também os factos que documentam o esforço enorme, desenvolvido em muitas frentes de trabalho e em grande parte desconhecidos ou ignorados, como também, para a compreensão, numa totalidade, da existência da Congregação e dos seus membros no tempo e nas diversas conjunturas, em termos nacionais e mais especificamente nos Açores.

Esta perspectiva abre caminhos novos para a descoberta do fio condutor na busca do significado do que, de forma geral, aconteceu em Portugal,

mercê da vinda do Padre Mateo durante o ano de 1927, mas também e na sequência disso, do impacto que a vinda dos Padres da Congregação tiveram em tantas coisas e em tanta gente, ao longo desses 75 anos.

Tendo por base de referência toda a informação recolhida sobre as actividades desenvolvidas nos Açores, tornar-se-à possível perceber a sua História e o seu contributo para a mudança de mentalidades nas pessoas que foram alvo da sua acção e convívio, bem como no meio religioso, cultural e social na Ilha Terceira.

O homem, além de produzir um discurso sobre si mesmo, para uso dos vindouros, deixa muitas outras marcas, cuja eloquência depende precisamente da curiosidade e da receptividade do observador. Assim, em termos problemáticos haverá que realçar que todo o discurso sobre o passado, mesmo o científico, não é a imagem fiel do que se terá passado, mas uma expressão do que o seu autor pensa acerca da humanidade. Não basta, por isso, estudar os documentos escritos, é fundamental procurar o passado, neste caso concreto, nos testemunhos e nos resultados, obtidos em função da acção desenvolvida.

A observação do passado não se destina a um macabro trabalho de “desenterrar os mortos” e não é uma viagem ao reino das sombras, nem pode resultar do que, de forma bafienta, morreu ou está morto. Só interessam as coisas vivas, que nos interpelam, que se metem connosco. No passado atraí-nos aquilo que nos permite compreender e viver o presente. E para o compreender não basta conhecer uma pequena parcela, tem que se conhecer o passado, todo o passado numa totalidade, na qual temos que nos inserir. As muitas perguntas e questionamentos e algumas respostas sobre o sucesso ou insucesso das acções desenvolvidas estão, de forma permanente, no espírito de quem se debruça sobre esta história no momento presente.

Finalmente, importa referir ainda que a escrita da História é um discurso pessoal, pois resulta de uma interpretação pessoal e como tal, não exclui outras maneiras de ver. Nesse campo a infinita riqueza do passado humano revela-se em mais do que uma ordenação e depende de diferentes pontos de vista, que naturalmente existem também sobre a História da Congregação em Portugal.

Constituirá, assim, um grande desafio e simultaneamente uma necessidade, conhecer e dar a conhecer o esforço porfiado, generoso e incansável dos representantes e membros da Congregação ao longo destes 75 anos em Portugal.

2. A História da Congregação nos Açores e mais concretamente na Ilha Terceira, com o Seminário Padre Damião passa, assim, pela história das vivências das mais de quatro centenas de jovens de todas as Ilhas dos Açores, que durante os 14 anos da existência do Seminário “Padre Damião” lá estudaram e viveram e certamente com muitas marcas, referências, bem como a memória de muitas vivências. Segundo dados estatísticos, fornecidos pela Congregação, todos os anos entravam no Seminário Padre Damião entre 25 a 30 novos alunos.

Trata-se de uma história que, passados 50 anos, merece também ser reflectida e contada, recorrendo não só àquilo que os jornais disseram na época, como também aos documentos e mais especialmente ao testemunho de quem passou por lá.

São pessoas como os Padres Francisco van Roy, Artur Lippers, Francisco Váquers, Arnaldo, Gregório Verdonk, Henrique Scheepens, Miguel Verwey, João Mateus, João Maria, João de Brito, Pedro, Lamberto Martinho e Lamberto Maria, Tiago, Manuel, Tomás, os Irmãos Miguel, Geraldo, Martinho e Manuel Dutra e muitos outros e que deixaram rastros, referências e que interessa conhecer, estudar e divulgar.

Desta forma, o estudo dessa História, onde para além dos impactos pessoais, houve também o impacto e a influência no meio terceirense e açoriano, cuja investigação e estudo estão por fazer, entre os leigos e os sacerdotes, entre as pessoas em geral, com grande abertura e generosidade e com muitos sacrifícios e dificuldades, mas que assumem um particular interesse e uma dimensão de testemunho e de memórias pessoais, mas que não porá em causa o esquema interpretativo, onde as soluções serão coerentes e sem estarem dependentes de preferências pessoais. Mas vamos aos factos:

3. Num registo essencialmente religioso, a missão definida para a Congregação dos Sagrados Corações assume como a sua identidade fundadora e com significado relevante, para além das conjunturas e dos contextos, os mais diversos em que, ao longo dos tempos viveu o zelo como uma sensibilidade para as necessidades do mundo e da Igreja, a comunhão que dá origem à comunidade e a devoção e a fé no poder redentor do amor de Deus e a consagração e a dedicação aos Sagrados Corações de Jesus e Maria.¹

¹ Padre Juan Vicente González, SS. CC *Testemunho e Espiritualidade da Congregação dos Sagrados Corações (PICPUS)*., colecção Estudos Picupcianos, Província Brasileira, 1978, p. 14

Relativamente aos Açores a intenção e as finalidades tiveram muito a ver com a atribuição de uma missão em Moçambique e a necessidade de serem feitos recrutamentos e formação de missionários, cujo destino seriam as Missões.

Assim a Regra de Vida da Congregação e as suas grandes linhas de força Regra de Vida assentam na:

- Contemplação, que significa uma profunda experiência de Deus, vivida na celebração da eucaristia e na adoração contemplativa, a partir da qual a participação nas acções e nos sentimentos de Jesus, diante do seu Pai e perante o mundo, num processo de conversão contínua;
- Vivência de uma vida de fraternidade intensa, a vocação e a missão em comunidade, com simplicidade e com um espírito de família, com abertura aos povos, ser comunidade missionária, para um mundo sem fronteiras;
- A anunciação do Evangelho à maneira de Jesus, com o amor de Cristo, possa ter lugar uma missão evangelizadora e reparadora, especialmente entre os pobres, os aflitos, os marginalizados, os excluídos, aqueles que não conhecem o Evangelho, procurar a transformação do coração humano e para construir um mundo mais justo e solidário com os pobres;
- O amor de Deus incarnado em Jesus e Maria foi associado, de uma maneira particular, a este mistério de Deus feito homem. É o que é expresso pela união do coração de Jesus e do coração de Maria.

Enfim, a Consagração dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, uma só família de irmãos, irmãs e leigos.

A sua actividade traduz-se, como comunidade, no empenhamento por um mundo de justiça, com a realização do trabalho paroquial, com projectos para os migrantes, toxicodependentes, doentes da sida, a penetração nos bairros pobres, a educação dos jovens e dos adultos.

Através da adoração diária, da oração pessoal e comunitária, reconhece-se que Deus é aquele que, através da acção de cada um, faz emergir um mundo novo.

4. “*Contemplar, viver e anunciar o amor salvador de Deus, incarnado em Jesus Cristo*” constitui, desta forma, a primeira palavra de ordem, a

primeira directriz que terá norteado os primeiros fundadores da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria.

Sabe-se que o Padre Pierre Coudrin foi ordenado sacerdote secretamente em Paris no dia 4 de Março de 1792, quando já tinha tido início a Revolução Francesa e tinha-se também consumado o cisma na Igreja em França. Muitos Bispos tinham fugido para o estrangeiro e o clero refractário ao juramento cismático, um terço na Diocese de Poitiers, tomava também, salvo raras excepções, o caminho para o desterro. É justamente neste quadro e contexto que o jovem Coudrin resolve ficar e começa um apostolado clandestino durante sete anos e que irá marcar profundamente a sua personalidade de pastor de almas, mas também de reflexão. Escondido durante 5 meses num sótão apertado junto ao castelo de la Motte d'Usseau em Poitou passa o seu tempo entre a meditação sobre a História da Igreja e a oração, centrada na importância da Eucaristia; e celebra todas as noites na presença do jovem casal que lhe deu abrigo.

Episódios como o que é relatado, de que um dia, após a celebração da missa, o futuro ter-lhe-á sido desvendado, de forma misteriosa e, ele pressente o seu destino, como fundador de algo que estava para nascer. A visão é expressa pela imagem de um **cortejo de homens e mulheres vestidas de branco**. Quando, no dia 20 de Outubro ele sai do seu esconderijo, depois de ter feito a entrega da sua vida a Deus, como quem se entrega para ser sacrificado, entrega-se totalmente ao serviço dos pobres, dos presos políticos, dos doentes, dos padres escondidos em Poitiers e nos arredores, correndo com isso todos os perigos em face do regime do Terror e da perseguição do Directório.

A sua vida torna-se, assim, uma aventura permanente. Desafiando inúmeros perigos, mantém-se disponível para todos. Rapidamente tornou-se no director espiritual de centenas de pessoas, de todas as classes.

A partir do ano de 1793 começa a formar à volta de si uma pequena comunidade, primeiro de mulheres, depois de homens, que por altura do Natal do ano de 1800 ganha uma certa consistência com os votos perpétuos do Padre Coudrin e de Henriqueta Aymer de la Chevalerie² os dois, fundadores da futura Congregação. A aprovação diocesana de 1800-1801 assegurará à nova Congregação a sua personalidade canónica, sob o nome de **“Ordem de Zeladores e Zeladoras do amor dos Sagrados Corações**

² Henriqueta Aymer de la Chevalerie (a “Bonne Mère”), como é designada habitualmente nasceu a 21 de Agosto de 1767 e faleceu em 23 de Novembro de 1834 em Paris.

de Jesus e Maria". No ano de 1802, o jovem fundador acompanha Dom Chabot, bispo de Mende, a fim de reorganizar a diocese segundo a Concordata. O novo Vigário Geral não se mostra muito dócil face ao poder civil e, num certo momento, chega a ser ameaçado de detenção. Sem esperar que a ordem se cumpra, o Padre Coudrin viaja para Paris (Abril de 1804), acompanhado do seu Bispo que, em vez de aceitar uma imposição do Imperador, prefere apresentar a sua demissão. Desde os primeiros dias da sua chegada a Paris, o padre Coudrin encontrou o ambiente próprio para o desenvolvimento do seu trabalho e zelo na Igreja de S. Roque, paróquia do Bairro das Tuilleries, onde tinha ficado alojado.

As suas pregações não se enquadravam muito bem no ambiente da época, mas irradiavam uma força espiritual que levava a conversões e despertava desejos de uma vida interior intensa. Todos os dias aumentavam o número de pessoas que o procuravam como confessor ou como director espiritual. As casas, entretanto abertas, multiplicam-se. Além de Picpus, abre-se a casa de Laval em 1804, a de Le Mans em 1805 e o Seminário de Sège em 1806. Em Paris, apesar dos trabalhos muito intensos, o Padre Coudrin organizou um Seminário e um colégio com a finalidade de dar uma melhor formação aos jovens que se preparavam para o sacerdócio.

Depois do ano de 1814, após a queda de Napoleão I e a restauração dos Bourbons, surge uma nova possibilidade de conseguir por parte de Roma a aprovação da Congregação e o fundador não a deixou escapar. Um dos primeiros seguidores do Padre Coudrin viaja até Roma, na qualidade de teólogo da 1ª embaixada de Luís XVIII junto do Papa Pio VII (que é Papa de 1800 a 1823).

Encarregado de iniciar os primeiros passos para a aprovação não levou alguns documentos essenciais, pois o fundador não tinha ainda redigido as Constituições. Desde o princípio tinha sido adoptado a Regra de S. Bento,³ mas dando-lhe uma interpretação não estritamente monástica.

Segundo o parecer de estudiosos do Padre Coudrin,⁴ não terá sentido a necessidade de redigir regras ou escrever tratados, mas preocupado em

³ Em linhas gerais a regra de S. Bento, assente na máxima "Ora et Labora" constituiu uma referência fundamental para a Regra de Vida da Congregação.

⁴ Padre Juan Vicente Gonzalez, ss, cc *Testemunho e Espiritualidade da Congregação dos Sagrados Corações* (PICPUS), colecção "Estudos Picpucianos", Província Brasileira, 1978, pag. 5

transmitir um espírito, criar uma comunhão de pessoas em torno de certos valores evangélicos e que vem abordados na “Regra de Vida”⁵.

Entretanto, foram enviados para Roma requerimentos e o seu emissário, o Padre Hilarion Lucas⁶, que redigiu uma grande parte das Constituições e a aprovação foi concedida pelo decreto da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, firmado por Pio VII em 10 de Janeiro de 1817. Em 17 de Novembro do mesmo ano, foi confirmada pela Bula “Pastor Aeternus”.

A atmosfera vivida após a restauração em França trouxe maior liberdade para a Igreja e a comunidade começou a crescer em número. Com 57 professos do ramo masculino no ano de 1817, passou a 75 em 1820, 122 em 1825 e 201 no ano de 1835. Depois da Capítulo Geral de 1824, que completou as Constituições, Padre Coudrin partiu para Roma, afim de apresentá-las ao Papa Leão XII (1823-1829), entre Maio e Agosto de 1825.

Sempre desejosos de levar a fé para as terras longínquas, pediu à Santa Sé um território de missão e, em Outubro do mesmo ano, aceitou a missão das Ilhas Sandwich (Hawai). Em Fevereiro de 1826, o Padre Aleixo Bachelot foi nomeado Prefeito Apostólico e no dia 21 de Novembro de 1826, este embarcou em Bordéus para a Oceânia. Trata-se, assim de uma História carregada de episódios, com sucessos e insucessos e seguindo o lema de uma entrega total aos chamamentos e às tarefas urgentes e emergentes.

O ideal missionário constituiu um dos pilares inspiradores desde a fundação desta Congregação religiosa. No ano de 1826 partiram os primeiros missionários para a Oceânia. Nesse âmbito, irá destacar-se o trabalho, no Havai, entre os anos de 1864 e 1873, com o empenhamento e o trabalho do Padre Damião de Veuster, que recebeu o título de Apóstolo dos Leprosos. Segundo o Padre Gregório, “*começada como uma semente de mostarda cresceu pelo mundo fora e os Padres e as Irmãs desta Congregação estão espalhados nos cinco Continentes da Terra.*”⁷

⁵ Ver *Regra de Vida*. De acordo com o ambiente vivido em França e particularmente em Paris, haveria um permanente esforço para esconder o carácter religioso da Comunidade, fazendo tudo para evitar a uniformidade e ao mesmo tempo a dificuldade nas comunicações, que dificultaria a manutenção da unidade através de intervenções contínuas da autoridade.

⁶ Nasceu em 1782 e faleceu em 1865.

⁷ Padre Gregório Verdonk, SS CC As Minhas Confissões, Lisboa, 1963, pag. 60

Durante todo o século XIX e em função das conjunturas, surgem as crises, as perseguições, os desânimos, mas também os sucessos em actividades e missões e tentando sempre perceber o que, em cada situação e contexto, seriam as opções mais acertadas.

5. Durante o século XX e neste contexto, a propósito da História da Congregação dos Sagrados Corações e exactamente num momento de crise, resultante das dificuldades provocadas pela 1ª Guerra Mundial, (1914-1918) e num momento em que a Comunidade tinha a sua Casa Generalícia na Bélgica, cujos membros eram quase todos cidadãos dos países em conflito, um peruano da Comunidade de Valparaíso (Chile) chegou à Europa com o fim de pregar uma cruzada apostólica, querendo fundar o que chamava o “*Reinado Social do Sagrado Coração*.”⁸ O seu plano era ambicioso: *a renovação cristã da sociedade, através da conquista para Cristo da sua célula-base: a família*.

Segundo o testemunho de contemporâneos e estudiosos da História da Congregação, Padre Matéo era um carismático, um orador impetuoso, diante de quem era difícil permanecer indiferente e um divulgador de uma espiritualidade, que não deixaria na sua época, ninguém indiferente. É essa a opinião não só do seu biógrafo,⁹ como também de todas as fontes consultadas e particularmente os testemunhos de quem com ele conviveu de perto¹⁰.

Em termos históricos e relativamente a Portugal, uma referência à Congregação dos Sagrados Corações surge num trabalho biográfico

⁸ O Padre Mateo Crawley-Boevey, membro da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, nasceu em Arequipa (Peru) em 18 de Setembro de 1875. Fez a profissão em Valparaíso (Chile) em 11 de Setembro de 1892. Ordenado sacerdote em 17 de Dezembro de 1898. Apostolado na Europa de 1914 a 1934. No Extremo Oriente, de 1935 a 1940. Nos Estados Unidos, de 1940 a 1944. No Canadá, de 1944 a 1946. Hospitalizado na Clínica, de 1947 a 1956. Voltou a Valparaíso em 1956. Faleceu em 4 de Maio de 1960.

⁹ D. Marcel Bocquet, SS. CC., *O Amor Presente no Mundo – vida de P. Mateo*, Edições Salesianas, Porto, 1969

¹⁰ Manuel Gonçalves Cerejeira em 1928, ainda só padre e posteriormente bispo e cardeal Patriarca de Lisboa, na sua correspondência com o Padre Mateo, tem por ele uma admiração e até um afecto, muitos grandes. Trata-se de cartas de D. Manuel Cerejeira para o Padre Mateo, desde 1930 até 1933 e pertencentes ao Arquivo da Congregação em Roma.

sobre Salazar, da autoria de Fernando Nogueira,¹¹ referindo que no ano de 1927, convidado pelo arcebispo de Évora, chegava àquela Diocese o padre Matéo Crawley e que, segundo escreve, ter-se-ia tornado num dos mais íntimos confidentes do *Papa Pio XI. Poderá também ter tido, segundo diversos autores, influência importante (espiritual, ideológica?) em Salazar. A esse propósito existe uma correspondência com Salazar por parte do Padre Mateo até 1945, para além de episódios relatados e muitas referências na historiografia sobre Salazar. O estudo desta vertente é, sem dúvida importante.*

Toda a História, que decorre entre os anos de 1927, ano da primeira vinda de Padre Matéo a Portugal e o ano de 1956, ano em que definitivamente partiu para o Chile, há todo um conjunto de acções de propaganda de Jesus e das suas potencialidades. Através da *Entronização*, uma espiritualidade, cuja divulgação e organização em Évora e noutras dioceses em Portugal, tem lugar também um pouco por todo o mundo.

Na Europa, na América do Sul, na América do Norte, no Canadá, no Médio Oriente, no Extremo Oriente, na China e no Japão. Desde as Filipinas, Austrália e Indonésia, sempre numa tentativa esforçada e empenhada de pregações e de acções de propaganda. Adquire uma dimensão global, embora ainda não existisse propriamente o conceito de “globalização”.

6. Justamente Pio XI, o Papa defensor do “Corporativismo” e da família como o núcleo-base de toda a sociedade proclamara o *Reinado Social de Cristo* e enviara pelo mundo padres da sua confiança a disseminar a ideia do Cristo Rei e o padre Matéo terá sido um dos escolhidos do Papa para esse trabalho de divulgação e de pregação da nova mensagem papal, que como antes referimos, constituiu a base teórica (e religiosa) para o sistema corporativo, de tentativa de conciliação de classes, para a implantação dos conceitos da “democracia cristã” e da “Acção Católica”.

Em Portugal e por ocasião das duas viagens realizadas pelo Padre Mateo Crawley-Boevey, entre os anos de 1927 e 1930, com a finalidade de pregar retiros para o clero e o episcopado português, embora a presença da Congregação efectivamente, só terá lugar oficialmente a partir do ano de 1931.

¹¹ *Salazar*, Estudo Biográfico de Franco Nogueira, vol. I, dedicado à Mocidade e os princípios (1889-1928, Atlântida Editora, S.A.R.L.,

Deste trabalho resultou um contacto promissor com o então Padre Manuel Gonçalves Cerejeira, futuro bispo auxiliar de Lisboa e cardeal Patriarca, bem como com António de Oliveira Salazar, em Coimbra.

No ano de 1930 e quando D. Manuel G. Cerejeira já tinha sido nomeado Bispo auxiliar de Lisboa e, logo de seguida, cardeal Patriarca, pediu ao Padre Matéo que obtivesse da parte do superior-geral uma equipa de formadores para o novo Seminário Maior dos Olivais. Deste modo e a partir do mês de Setembro de 1931, chegaram ao *Seminário Maior de Cristo Rei nos Olivais*, um grupo de sacerdotes dos Sagrados Corações, dirigidos pelo Padre Vítor Cadilhac, ao qual se vieram juntar nos anos seguintes outros confrades e que se mantiveram na orientação da formação do clero diocesano até ao ano de 1945/47, sendo Reitor monsenhor cónego José Manuel Pereira dos Reis, que simultaneamente era o director da Revista *O Reinado Social* e um grande empreendedor e divulgador da espiritualidade trazida por Padre Mateo, a obra da Entronização do Sagrado Coração.¹²

Entretanto e a partir do ano de 1960 surgiu a revista “*O Reino de Cristo no mundo dos homens*”, dirigida pelo Padre Dâmaso, e que teve como finalidade continuar a divulgação da espiritualidade e da Congregação em Portugal na actualidade e com um apostolado com grande reflexo, junto dos reclusos, a quem chama “os meus rapazes”, há 45 anos.

7. Desta forma, estes religiosos, inicialmente de nacionalidade predominantemente francesa e posteriormente holandesa, cujos nomes importa reter e, cuja história interessa sobremaneira estudar e relatar terão tido ainda um papel muito importante na formação de mais de uma geração de sacerdotes portugueses, como também na renovação da música litúrgica, especialmente graças à acção do Padre Pascal Piriou.¹³

¹² A obra da Entronização proporcionou o surgimento de uma espiritualidade organizada em diversas dioceses portuguesas.

¹³ Nomes de todos os padres da Congregação, vindos para o arranque e desenvolvimento do Seminário dos Olivais foram: Vítor Cadilhac (1931-1937; Pascal Piriou (1931-1945); Constant Illion (1931-1933; Francisco Walkers, posteriormente e após a assumpção de nacionalidade portuguesa Francisco Váquers; Inácio Aldasoso (1932-1945); Jérôme Lemaire (1932-1938); Plácido Guerné (1933-1945); Lamberto Harreta (1935-1938); Henri Campredon (1936-1937); Roberto Thielen (1937-1945); Jean Baptiste Proust (1938-1948); Artur Albisser (1938-1945; Mário Amans (1939-1940).

Numa perspectiva de função social da Igreja e da Congregação torna-se importante assinalar o apostolado do Padre Francisco Váquers¹⁴, durante os anos 30/40 do século XX, em Moscavide, junto da comunidade, numa perspectiva de promoção social e religiosa das pessoas aí residentes. Segundo o Padre Plácido Guerné

“os dezasseis anos de trabalho da Congregação neste Seminário dos Olivais podemos comparar com a passagem dos Reis Magos por Belém. Vimos uma estrela no Oriente. Ouvimos a voz de Deus que nos mandou de longe para longe....”

De uma forma geral e a merecer um estudo aprofundado haverá que assinalar o papel dos Padres dos Sagrados Corações na promoção e na assistência espiritual das paróquias de Lisboa, nas missões populares, a partir do ano de 1939, com a chegada de um grupo de missionários da Província holandesa.

As missões populares contribuíram para relançar e reavivar a fé, a promoção vocacional e para criar comunidades paroquiais novas. Nesse campo, nomes como os Padres Gregório Verdonk, Ansfrido e Bernardo e muitos outros são perfeitamente incontornáveis e fundamentais para perceber esse imenso trabalho de recristianização na Diocese de Lisboa nos anos 30, 40 e 50 do século XX.

No ano de 1950, o cardeal Cerejeira confiou à Congregação a exclusividade da paróquia da Penha de França, ficando como pároco o Padre Ansfrido, apoiado por dois coadjutores. Desta paróquia, que teve um papel importante na irradiação da espiritualidade dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, nasceram obras de acção sócio-educativas e caritativas, em que se destacam, a título de exemplo as “*Escolas-oficina Cristo Operário*”, criadas no ano de 1957.

Uma série de paróquias, pertencentes ao patriarcado de Lisboa foram posteriormente também entregues aos cuidados da Congregação: Couço (Coruche), Santa Iria de Azóia, S. João da Talha, Bobadela, Couço, Pedreira dos Húngaros, S. Bartolomeu da Charneca e Galinheiras, Unhais e Catujal e a presença na Pedreira dos Húngaros (Algés), onde foi desenvolvido um trabalho muito importante e inovador na perspectiva de uma

¹⁴ De nacionalidade holandesa e posteriormente com nacionalidade portuguesa, foi um dos professores no Seminário dos Olivais e orientador no Colégio Português em Roma.

estreita ligação com os pobres e desprotegidos da sociedade portuguesa dos anos 80 e até ao momento presente.

Durante os primeiros 25 anos da sua existência em Portugal, ou seja, de 1931 a 1956, a Congregação exerceu a sua actividade pastoral, quase exclusivamente, a bem do Patriarcado, formando o clero diocesano e dando um contributo para a recristianização da população. Só a partir do ano de 1956 começam a desenvolver trabalho missionário em Moçambique na paróquia de Inhaminga, Diocese da Beira. Foram os Padres Eustáquio Verhoeven¹⁵ e Arnaldo Driessen¹⁶, nascidos na Holanda. Aceitaram e criaram ainda outros postos de missão no interior de Moçambique, numa área de cerca de 30.000 quilómetros quadrados: Inhaminga, Dondo, Chupanga, Marromeu e posteriormente Gorongosa. Para além dos trabalhos missionários, foi criado no Dondo uma Escola de Artes e Ofícios, destinada a rapazes necessitados, numa perspectiva da promoção da pessoa humana em todas as suas vertentes. Torna-se muito importante o estudo e desenvolvimento desta faceta da Congregação, mas faltam-nos ainda documentos, particularmente após o 25 de Abril e sobre a descolonização das antigas colónias portuguesas.

8. Desde que o Padre Mateo vem a Portugal, ainda no ano de 1927, como emissário especial de Pio XI para a divulgação da doutrina social da Igreja, o jornal terceirense *A União*, pertencente à diocese de Angra informa, quer sobre a sua vinda, quer sobre as suas ideias relativas ao corporativismo e ao “Reinado Social”.¹⁷

Com data de 22 de Agosto de 1931, o jornal relata um episódio interessante sobre o Padre Mateo,¹⁸ o que denota a atenção que as suas andanças provocavam no jornal da Diocese de Angra, informando que na sua retirada para a Bélgica, onde o chamam trabalhos da sua Congregação:

¹⁵ Já tinha exercido durante vários anos um trabalho pastoral nas Missões Populares no patriarcado de Lisboa.

¹⁶ Passou alguns meses em Portugal para aprender o Português.

¹⁷ *A União*, nº 9960, de 3 de Fevereiro de 1928. Classifica a sua acção como o “*Apostolado do nosso tempo*”, informa da sua estadia em Évora, Lisboa e Coimbra e é referido como o “*miraculado do Sagrado Coração de Jesus e Maria.....*”. *O Reinado Social* é o órgão de divulgação da sua doutrina.

¹⁸ *A União* de 22 de Agosto de 1931.

“o grande apóstolo do reinado social de Jesus Cristo, Reverendo Padre Matéo que, desde Janeiro tem estado em Portugal, dando retiros espirituais ao Clero e aos Seminaristas de todas as dioceses do Continente e na do Funchal.”

E de seguida faz uma descrição bastante detalhada sobre quem é o Padre Matéo e o que tem feito em Portugal e reflectindo notícias surgidas nos jornais que referem conversões, as inúmeras entronizações do Sagrado Coração de Jesus nas famílias e o grande número de pessoas que em Portugal seguem,

“a adoração nocturna nos lares e a hora santa de reparação”

O artigo inserto no jornal local da diocese de Angra refere várias histórias, relatos e números de homens e mulheres que ter-se-ão convertido na sequência da acção pregadora desenvolvida pelo Padre Mateo.

Embora a possibilidade concreta de uma deslocação aos Açores não é colocada de forma clara e directa, o editorialista do jornal da Diocese, enaltece o interesse das suas pregações e a eficácia das suas palavras junto das pessoas.

As referências feitas nos Açores ao Padre Mateo e à espiritualidade anunciada, a Obra da Entronização do Sagrado Coração de Jesus, não se limitam ao jornal da Diocese de Angra, existindo gente interessada na sua prática em várias Ilhas dos Açores, com destaque para a Ilha de S. Miguel.¹⁹

9. A Congregação durante os primeiros vinte e cinco anos de existência em Portugal exerceu a sua actividade de formação e pastoral quase exclusivamente no âmbito e a favor do Patriarcado de Lisboa, com a formação do clero diocesano nos Olivais, com o contributo para a recristianização da diocese de Lisboa com as “Missões Populares”.

Nos finais da década de 50 e depois de ter aceite uma vasta superfície territorial em Moçambique foi lançada a primeira missão.

Para esse efeito tornava-se importante a abertura das suas próprias casas de formação para o reforço das suas fileiras e como um meio de

¹⁹ A Revista, “Reinado Social do Coração de Jesus”, publicada entre 1931 e 1933 e destinada à divulgação da obra da Entronização, faz diversas referências à adesão de adeptos em S. Miguel.

puderem corresponder às necessidades desta nova frente de trabalho da Congregação.

No ano de 1957 e essencialmente pensando no recrutamento de candidatos para as missões em Moçambique e para aumento de membros da Congregação em Portugal, foi aberto o Seminário Padre Damião na Praia da Vitória, Terceira, Açores e que se manteve em funcionamento até ao ano de 1971.

Foram pessoas, os Padres holandeses como eram popularmente conhecidos, que se dedicaram de alma e coração e com muito poucos recursos, a todas as tarefas necessárias para a construção de uma nova realidade inspirada nos valores e nos objectivos da Congregação em Portugal. O seu impacto na sociedade terceirense e açoriana, que reputamos muito importante, está por estudar de forma aprofundada.

Trata-se de uma história sobre a qual existe muita documentação e informação e que nos permitirá fazer uma abordagem mais desenvolvida. Pelo Seminário Padre Damião passaram 435 adolescentes e jovens, que beneficiaram da sua formação, muitos pensando que teriam vocação para serem missionários, outros aproveitando uma oportunidade de formação, numa época onde frequentar o liceu era muito difícil para quem vivia no concelho da Praia da Vitória e para quem não tinha grandes recursos. Trata-se de uma história muito importante, que interessa aprofundar. Em todos os que passaram por lá terá ficado, sem dúvida, uma marca importante, que interessará descobrir e valorizar.

Entre os anos de 1963 e 1974 mantiveram também em funcionamento o Seminário menor Padre Matéo em Baltar, concelho de Paredes e Diocese do Porto. Trata-se também de um período que interessa estudar e aprofundar. Também aí foram centenas de pessoas que beneficiaram do empenho e da formação dos Padres da Congregação.

Funcionaram ainda seminários maiores, um no Couço, Coruche, diocese de Évora, posteriormente em Lisboa e mais tarde no Porto. A importância das comunidades em Lisboa e no Porto e a compreensão do contexto, das ideias e dos projectos constitui também um assunto a aprofundar e a desenvolver.

A partir do ano de 1968 e no final da ditadura de Salazar e posteriormente, de Marcelo Caetano, diversos padres da Congregação foram expulsos de Portugal, por serem considerados contra o regime nas posições e nas realizações desenvolvidas no seu trabalho pastoral.

Trata-se de uma história muito importante e interessante e que deverá ser desenvolvida, preferencialmente na perspectiva de ocorrer num momento histórico em que o regime fascista entrou numa fase de decadência, apesar das aparências da chamada “abertura marcelista”. Para os oposicionistas do regime (comunistas, socialistas, republicanos) e democratas em geral, o regime estava a entrar em claras contradições e as perseguições e expulsões de sacerdotes portugueses e estrangeiros eram uma consequência lógica da sua adesão a determinados princípios básicos do cristianismo e do catolicismo, resultantes do Concílio Vaticano II e de terem tomado partido pelos oprimidos, explorados e perseguidos, a favor da Justiça e da Paz.

Haverá ainda que perceber que dentro da Igreja existiam sectores, facções e tendências muito diversificadas e que respondiam de maneiras diferentes aos desafios da realidade: o regime, os presos políticos, a guerra colonial, o próprio colonialismo, as mudanças na política e na sociedade.

Os sectores progressistas dentro da Igreja tomaram um determinado partido, enquanto os sectores da Igreja, afectos ao regime, tiveram atitudes, no mínimo ambíguas e até de contemporização em face das medidas arbitrárias e contra todos os direitos e lesando em muitos casos a dignidade das pessoas.

Em função dos caminhos percorridos pela Congregação e da sua História, não constituiu propriamente uma novidade, pois em diversas épocas foram alvo de perseguições e de expulsões, mas de qualquer forma, foram momentos de provação, de fragilização dos seus recursos humanos e sobretudo de dificuldades acrescidas, comprometendo de certa forma, o seu desenvolvimento futuro.

No momento presente a Congregação está empenhada, tanto em Portugal, como em termos internacionais, em continuar a sua obra de divulgação e de propaganda do Sagrado Coração de Jesus e contribuir para a fundação de um *terceiro ramo* da sua acção, já previsto nos Estatutos da Congregação, composto por leigos, que assumam a vivência e o carisma dos Sagrados Corações e desenvolvam, em estreita articulação com os padres e irmãos consagrados, actividades e tarefas, de acordo com o seu estado.

10. Numa linha de reflexão e de questionamento da História da Congregação são apresentadas um conjunto de interrogações, relativamente aos resultados da sua acção e das actividades desenvolvidas em Portugal nos últimos 75 anos, de forma directa e clara, pelos actuais responsáveis da Congregação em Portugal,²⁰ como um contributo necessário para o debate, a reflexão e a compreensão da sua História, contribuindo desta forma para uma melhor preparação do seu futuro:

- A Congregação, presente em Portugal desde o ano de 1931, só abriu um Seminário no ano de 1957, ou seja, 26 anos depois. Houve seminaristas do Seminário dos Olivais que pediram para entrar na Congregação. Só houve autorização para a entrada do Padre João de Brito Almeida Atanásio em meados dos anos 40. Não havia a preocupação com a implantação da Congregação em Portugal?
- A Congregação veio para Portugal com o objectivo principal de servir a diocese de Lisboa. Não existiriam na época pessoas que se dedicassem ao recrutamento de vocações? Este descuido terá a sua causa no envio duma equipa de padres internacional, sem que nenhuma Província da Congregação assumisse a responsabilidade desta nova presença dos SS. CC. em Portugal?
- No ano de 1939, a província holandesa assumiu o envio de 3 novos padres para se dedicarem às Missões Populares, no entanto, continua a não haver qualquer iniciativa para o recrutamento de vocações Portugal. Porquê?
- É um dado assente que a abertura de um seminário foi o resultado do início da missão em Moçambique, no ano de 1956, uma condição para que houvesse no futuro padres portugueses para as “colónias”. A província da Holanda continuava a crescer em número; procurava novos campos de trabalho. A Terceira, nos Açores foi a Ilha escolhida. O seminário é aberto no ano de 1957 e encerrado no ano de 1971. Será que a cultura holandesa e a portuguesa não se conjugaram, de tal maneira que desse seminário pudessem sair jovens missionários?

²⁰ Reflexões apresentadas pelo Padre Henrique Scheepens, actual Padre Superior da Congregação em Portugal e professor e prefeito do Seminário Padre Damião até ao ano de 1963 a 1971.

- A vinda de candidatos noviços para o Continente e de candidatos para o 3º ciclo (antigos 6º e 7º anos) foi uma abertura a um mundo muito maior e que criou outras perspectivas de vida?
- É válida a afirmação de que encontraram no sistema da Congregação a liberdade de opções, a livre escolha, novas possibilidades; contribuiu para o enveredar por outros caminhos?
- Faltava gente preparada para orientar os jovens candidatos?
- A saída de alguns jovens padres da Congregação e a sua passagem ao estado laical, terá tido influência?
- A expulsão de 4 padres, entre 1969 e 1973, terá tido efeitos nocivos na orientação da Vice-província e também nos jovens candidatos?
- Temos que mostrar, de maneira diferente, os valores que vivemos?

Foi nossa intenção, através da apresentação deste texto, metodológico e problematizador desta temática, apresentar as linhas de força, que considerámos mais importantes da História da Congregação em Portugal e nos Açores e em termos mundiais, bem como a apresentação das grandes interrogações que se colocam no presente para o seu estudo mais aprofundado sobre a sua presença e a sua real influência nos Açores. Posteriormente planeamos apresentar uma abordagem mais desenvolvida sobre o seu percurso e História nos Açores

Fontes e Bibliografia

Jornal A União: ano de 1928

Jornal A União: 1956 a 1971

REGRA DE VIDA, Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, Belo Horizonte, 1971

Revista, “Reinado Social do Coração de Jesus”, publicada entre 1931 e 1933 e destinada à divulgação da obra da Entronização.

BUSQUET, D. Marcel SS. CC., *O Amor Presente no Mundo – vida de P. Mateo*, Edições Salesianas, Porto, 1969

LIPPERS, Padre Artur, *Mensageiros do Amor – Padres dos Sagrados Corações em Portugal*, Oficinas Gráficas da Rádio Renascença, Lisboa, 1981

NOGUEIRA, Fernando Salazar, *Estudo Biográfico de Franco Nogueira*, vol. I, dedicado à Mocidade e os princípios (1889-1928), Atlântida Editora, S.A.R.L.,

VERDONK, Padre, SS CC As Minhas Confissões, Lisboa, 1963

CAMPESINATO E PEQUENA ACTIVIDADE ARTESANAL: A produção de lã e de linho nas ilhas do distrito de Angra do Heroísmo (1850-1930)

Paulo Silveira e Sousa

1. Introdução

Na segunda metade do século XIX a pequena produção artesanal de têxteis e lanifícios enfrentava a concorrência dos tecidos de algodão, nacionais e estrangeiros, que invadiam mesmo as freguesias rurais mais periféricas. A produção industrial tinha circuitos próprios, oferecia maior quantidade de produtos e a preços mais competitivos. Normalmente afluía aos centros urbanos e daqui irradiava para as áreas rurais, alimentando um razoável comércio nas vilas e pequenas cidades, um pouco por todo o País¹. No distrito de Angra do Heroísmo, porém, a produção artesanal permaneceria forte até bem tarde. Como veremos, na Graciosa e na Terceira notar-se-iam mais cedo as quebras, enquanto que, em São Jorge, as explorações camponesas mostrariam uma maior capacidade de resistência.

Nas povoações rurais a permanência das actividades de tecelagem de linhos e de lãs articulava-se com um modo de organização da produção e da sociedade local que designaremos por camponês. Durante todo o período em estudo (1850 a 1930) a vida quotidiana dos açorianos permaneceu estreitamente ligada às actividades agrícolas, à terra e à sua distribuição social. Da terra eram extraídos os produtos da dieta alimentar básica e as produções mais valorizadas pelo mercado e utilizadas para venda, troca ou pagamento de rendas, no fundo para a criação e acumulação de capital. Do acesso ao factor

¹ Miriam Halpern Pereira (1971), *Livre Cambio e Desenvolvimento Económico. Portugal na Segunda Metade do Século XIX*, Lisboa: Edições Cosmos, pp. 275-276.

terra estavam igualmente dependentes os principais materiais de construção e fontes de energia (as madeiras, lenhas e a pedra), os meios de carga e de transporte (de onde se destacavam os gados bovino, asinino, muar e cavalar), assim como as produções artesanais para auto-consumo, venda ou troca (como os objectos da tecnologia agrícola, a lã, o linho e os seus sucedâneos). Digamos que todo o labor humano destas comunidades se achava assente na terra e no trabalho, sendo que o acesso ao primeiro factor condicionava as possibilidades de execução e de criação de riqueza do segundo.

O campesinato, enquanto forma específica de organização social e económica dotada de características próprias, pode ser definido com base em quatro vectores: 1) na família como unidade básica e multidimensional da sua organização social, enquanto unidade de produção e de consumo; 2) na exploração agrícola, tendencialmente autárquica, com um baixo índice de especialização e uma produção polivalente em pequena escala, servindo de fonte e garantia de subsistência; 3) numa cultura específica resultante da socialização em pequenas comunidades com fortes relações internas de interreconhecimento e redes de parentesco vastas e influentes, com uma proeminência da tradição e forte subordinação do comportamento individual à norma colectiva; 4) numa posição subordinada e dominada económica e politicamente². Para funcionar, este modelo dependia da família como unidade de produção, das aptidões e dos saberes dos seus membros, das tarefas que desempenhavam e dos lugares que estes ocupavam na divisão doméstica do trabalho. A produção de lãs e de linhos relacionava-se directamente com vários destes aspectos, permitindo ao mesmo tempo a procura de uma maior independência relativa face ao exterior da *casa camponesa*³.

Embora estas actividades artesanais pareçam hoje de pequena monta, nos Açores, dois séculos antes, a produção de linho era uma actividade importante e os rebanhos de ovelhas produziam as muitas toneladas de lã que vestiam a esmagadora maioria da população, servindo ainda para

² Teodor Shanin, (1971) "Introduction" in T. Shanin (org.), *Peasants and Peasants Societies*, Middlesex: Penguin Books, pp. 3-4.

³ Sem entrarmos nos grandes debates teóricos da História da família e da antropologia social definiremos a *casa camponesa* como sendo uma unidade social de produção e reprodução, que abrange todo o grupo doméstico co-residente num dada habitação e que explora um conjunto preciso de propriedades agrícolas que lhe permitem não só a sua auto-subsistência, como também a sua posição no espaço social local. A *casa* era assim concebida como algo que ultrapassava os seus membros e perante a qual as estratégias individuais se deviam esvaziar.

pagar rendas e foros⁴. Na ilha de São Miguel, na segunda metade do século XVIII, a produção de panos de linhos alimentava uma expressiva exportação para o Brasil, que no final de setecentos se mostrava já em declínio⁵. Em 1834, Luís Meireles do Canto e Castro escrevia que havia já uma pequena fábrica de chapéus na Terceira e que embora a lã não fosse geralmente da melhor qualidade, havia lotes mais reputados. Nas Flores faziam-se “baetas, baetões e cachemiras” e alguns “festões de linho” que já eram imitados em São Jorge, apesar de em ambas as ilhas esta actividade ter já chegado a um “estado de aperfeiçoamento”⁶.

Dentro do arquipélago a situação das actividades artesanais de produção têxtil era muito diferenciada. Em finais do século XVIII pequenos concelhos como a Calheta, na ilha de São Jorge, não “possuíam permanentemente estabelecimentos de tecidos”. Quando muito “vinha algum hebraico fazer seu negócio, mas com pouco resultado, porque o povo vestia-se de lã e de linho aviados na terra. Para as fardas dos oficiais de ordenança e vestimentas de luxo das suas donas vinha da Terceira e de São Miguel o que precisavam”⁷. Em São Jorge, ao longo do século XIX, a navegação a vapor, a emigração e a progressiva abertura dos mercados insulares foram progressivamente modificando este cenário. Na década de 1840, Francisco Ferreira Drumond, referindo-se à Terceira, queixava-se quer do desprezo em que andava a indústria dos teares, quer do gosto já comum pelos produtos das manufacturas estrangeiras⁸. Na mais remota ilha das Flores, em 1839, os irmãos Bullar iriam notar que a maior parte dos camponeses se vestia ainda de lãs e linhos da terra. Estes eram produzidos por “uma indústria caseira, sem pretensões”. A “qualidade da tinturaria (como é de uso no vestuário da maior parte dos camponeses

⁴ Avelino de Freitas de Meneses (1994), *Os Açores nas Encruzilhadas de Setecentos (1740-1770)*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores, vol II, pp. 104-109 e 128-130.

⁵ Margarida Vaz do Rego Machado (1995), *Agricultura, Abastecimento, Conflitos de Poder. São Miguel 1766 a 1806*, Ponta Delgada, Jornal de Cultura. pp. 62-71 e Avelino de Freitas de Meneses, *op. cit.*, pp. 104-109.

⁶ Luís Meireles do Canto e Castro (1834), *Memória sobre as Ilhas dos Açores e Principalmente sobre a Terceira*, Paris, p. 45.

⁷ Padre Manuel Azevedo da Cunha (1981), *Notas Históricas*, vol. I, Ponta Delgada: Universidade dos Açores, p. 680.

⁸ Francisco Ferreira Drumond, *Apontamentos Topográficos, Políticos, Civis e Eclesiásticos para a História das Nove Ilhas dos Açores Servindo de Suplemento aos Anais da Ilha Terceira*, Angra: IHIT, 1990, pp. 32-33.

açorianos)” era fraca, sendo escassos os “trajes de cores berrantes”. Contudo, os mais abastados, a “classe dos homens calçados”, já se vestia de outras fazendas. “Em vez de estimularem as indústrias regionais, mandam vir da Inglaterra as fazendas e, possuindo o gosto perigoso do traje vistoso e elegante, compram e usam os panos de mais viva estampagem de Manchester, os quais com o Sol e as frequentes lavagens, em breve perdem o brilho, andando sobre os ombros, desbotados a desfazer-se”⁹.

Os circuitos de distribuição dos produtos também se ampliavam. Os mesmos Bullar iriam escrever que a presença de artigos britânicos já se fazia notar um pouco por todo o arquipélago. Sem referir a ilha anotariam no seu livro que “nas solitárias veredas das montanhas destas quase desconhecidas ilhas encontrámos um bufarinheiro cujo burro transporta às costas duas caixas quadradas onde o homem trás os lenços vistosos e os panos estampados de Manchester com que enfeitiça o mulhério das aldeias”¹⁰.

A penetração dos produtos industriais, no entanto, não significaria o rápido fim da produção artesanal. A ovelha fornecia não só alimento e peles, mas sobretudo a matéria-prima de que era feito grande parte do vestuário da população rural (os barretes, capas, capotes, fatos de *lã da terra*, colchas e cobertas), sustentando ainda uma pequena e disseminada indústria doméstica. Muitas *casas* nas povoações rurais tinham o seu tear, sendo este um trabalho estritamente feminino. Em conjunto com o linho garantiam não só auto-suficiência no vestuário, mas também eram fonte de pequenos rendimentos.

O linho era outro produto inseparável da vida camponesa quotidiana. Constituía a matéria-prima de uma pequena actividade artesanal familiar de fiação e tecelagem, novamente a cargo dos elementos femininos e que funcionava em paralelo com a transformação da *lã*. Principalmente no Inverno, as mulheres *gramavam*, *espadelavam*, e *assedavam* o linho antes deste seguir para a fiação. Criavam-se assim pequenos rendimentos que garantiam à *casa camponesa* quer uma autarcia mais alargada, quer alguma inserção em redes económicas mais vastas e já monetarizadas¹¹.

⁹ Joseph e Henry Bullar (1841), *Um Inverno dos Açores e um Verão no Vale das Furnas*, Ponta Delgada: ICPD, (3ª Ed. 2001), pp. 226-227.

¹⁰ Idem, pp. 306-307.

¹¹ Maria Isabel João (1991), *Os Açores no Século XIX: economia, sociedade e movimentos autonomistas*, Lisboa: Cosmos, pp. 77 e 80; Luís da Silva Ribeiro (1982), “A indústria popular de tecidos no distrito de Angra do Heroísmo”, in *Obras, I Etnografia Açoriana*, Angra: IHIT., pp. 108 e segs; ver também o curioso livro de Regina Aze-

Em 1902 ainda existiam na ilha de São Jorge abundantes “panos de lã branca, lã preta da cor da ovelha, preto tinto e azul ferrete. Na freguesia da Ribeira Seca tecia-se pano azul claro e preto, fino; aquele era especial para calças que usavam muitos dos “principais da ilha” em tempos ainda relativamente recentes. Na parte do Topo aviavam-se “panos de lã, imitando casimiras e cheviotes, de que se faz muito uso e se exporta para as outras ilhas. Do pano de lã fabricado na terra nos antigos teares também se faziam capotes e até casacas”. Nas freguesias, a população continuava a usar a tradicional carapuça de rebuço, calças e casaco de lã, deixando as casimiras importadas para traje domingueiro¹²

Na ilha Terceira o panorama era já um pouco diferente. No princípio do século XX um viajante notava que o traje domingueiro de parte dos camponeses terceirenses já não era feito do velho e rústico pano da terra, mas sim de boa casimira ou cotim importados de Portugal ou do estrangeiro. O calçado ainda não era muito usado e ajudava a marcar a desigualdade existente dentro das comunidades entre ricos e pobres e entre aqueles que a ele se tinham habituado nas suas estadas no Brasil ou nos EUA. Porém, fora de ocasiões especiais o camponês comum vestia-se ainda com as antigas camisolas de linho e os tradicionais barretes de lã, uma característica que se acentuava nas zonas mais afastadas da Praia da Vitória e da cidade de Angra¹³. Na cidade de Ponta Delgada o panorama tinha mudado mais cedo. Em 1889, Julie Ann Elizabeth Roundell, no seu livro de viagens notava com curiosidade que em Ponta Delgada ainda se viam alguns velhos de carapuça de lã. Contudo, acrescentava que os chapéus de palha eram agora os mais comuns, ficando os trajes tradicionais restritos às áreas mais rurais e aos seus habitantes ¹⁴.

vedo Pires Toste Tristão da Cunha (2000), *Da Tecelagem ao Trajo. Aspectos da Vida Jorgense*, Angra: Blu Editores.

¹² José Cândido da Silveira Avelar (1902), *Ilha de São Jorge. Apontamentos para a sua História*, Horta: Tip. Minerva Insular, pp. 152 e 109-110.

¹³ Luís da Câmara Reis (1907), “A Ilha Terceira pitoresca”, in *Cartas de Portugal (para o Brasil), 1906-1907*, Lisboa: Livraria Ferreira Editora, pp. 262-263.

¹⁴ Julie Ann Elizabeth Roundell (1889), *A Visit to the Azores with a Chapter on Madeira*, Londres: Bickers & son, p. 20.

2. O gado ovino e a produção de lã

Com uma importância económica bem mais reduzida que o gado bovino, existiam, na primeira metade do século XIX, por todo o arquipélago, rebanhos de ovelhas que viviam em regime livre nos baldios mais altos. Na década de 1830 o capitão Boid escrevia a propósito desses magros e enfezados rebanhos que, abandonados à sua sorte nos baldios e nas serras mais pobres e escassas de pastagem, vestiam a população da ilha Terceira, não tendo qualquer outro uso económico de destaque¹⁵. Nas mãos de pastores eventuais eram dispensados poucos cuidados aos animais; muitas vezes, estes tomavam conta de pegulhais formados por pequenos rebanhos de diferentes donos, sem que esta actividade se tivesse especializado e desenvolvido. Somente nalgumas noites eram recolhidos em abrigos ou recintos fechados para escapar à voracidade fortuita de cães vadios ou de algum camponês pobre cuja família se mostrasse mais necessitada. A alimentação com forragens também não era uma prática difundida. No final da mesma década de 1830, Joseph e Henry Bullar, descrevendo um rebanho em Água de Alto, ilha de São Miguel, notava que os “carneiros parecem animais de montanha, esguios, magros, de pernas compridas, de lã escassa e espessa”. Como cabras atravessavam os ribeiros “aos saltos de um penedo para outro”¹⁶. Para quem se habituara às gordas e pasmadas ovelhas britânicas, a diferença não poderia ser maior. Num outro passeio, desta vez à Ribeira Grande, os mesmos viajantes britânicos assinalavam a existência de mais rebanhos de carneiros e de cabras, em baldios nas proximidades desta vila. As cabras criavam-se ainda em largos rebanhos nas montanhas das Furnas, “fazendo-se do seu leite pequenos queijos”¹⁷.

O gado miúdo ocupava, portanto, as pastagens mais altas, não havendo uma clara diferenciação das áreas destinadas a ovinos e a caprinos. A exploração destes rebanhos não era feita de forma intensiva, nem estavam a surgir iniciativas para aumentar o número de ovinos, ou para melhorar as características dos animais existentes. Apesar de algumas tentativas

¹⁵ João Hickling Anglin, “O distrito de Angra (tradução dos cap. III, IV, V do livro do Capitão Boid - A description of the Azores (Londres, 1885)”, Separata do vol. VII do *Boletim do Instituto Histórico da ilha Terceira*.

¹⁶ Joseph e Henry Bullar (1841), *Um Inverno dos Açores e um Verão no Vale das Furnas*, p. 69.

¹⁷ Joseph e Henry Bullar (1841), *Op. Cit.*, pp. 130-131.

esporádicas este retrato pouco se iria alterar até ao início de novecentos. O padre Jerónimo Emiliano de Andrade, em 1843, iria mesmo reforçar esta imagem ao escrever que, na Terceira, não havia tanto gado ovino como deveria e como a ilha seria susceptível de alimentar. O interesse da terra exigia o crescimento desta criação que era, contudo, obviada pela abundância de cães que pela noite atacavam os rebanhos, sem que as Câmaras procurassem pôr termo a estes estragos. Apesar das queixas dos criadores de ovinos, as fintas sobre cães eram de pequena monta, tal como as penalizações impostas pelas posturas à destruição de rebanhos¹⁸. O efectivo de ovinos podia ser, então, menor do que o desejado. Porém, ao contrário do que referem alguns viajantes ingleses, muitas vezes citados, mas poucas questionados, em 1843 o efectivo de ovelhas na Terceira estava longe de estar quase totalmente dizimado pelos cães da ilha¹⁹.

Quadro 1 – Efectivo Ovino nos três Distritos dos Açores (1852 e 1873)

Distritos	1852	1873
Angra	14.458	21.263
Horta	33.049	28.015
Ponta Delgada	20.320	21.328
Total Açores	67.827	70.606

Fonte: Gerardo Pery (1873), *Geografia e Estatística Geral de Portugal e Colónias*, Lisboa: Imprensa Nacional, p. 304.

Utilizando dados existentes para 1852 e 1873, relativos aos efectivos totais de cada distrito açoriano, verificamos que, em 1852, Angra concentrava, de facto, menos ovinos que os outros dois distritos do arquipélago. No distrito da Horta as vastas e altas pastagens da ilha do Pico podiam seguramente alimentar mais gado miúdo que a Terceira, São Jorge ou a Graciosa, sendo menos certa a razão para a ainda grande desproporção face ao conjunto São Miguel e Santa Maria. Estes recenseamentos não são absolutamente fiáveis, mas adiantam-nos tendências e ordens de grandeza. Na maior parte dos censos e recenseamentos de gados realizados no século XIX os camponeses e proprietários tentaram de muitas formas

¹⁸ Jerónimo Emiliano de Andrade (1843-1845), *Topografia ou Descrição Física, Política Civil, Eclesiástica e Histórica da Ilha Terceira dos Açores*, 2ª Ed. 1891, Angra: Livraria Religiosa, p. 56.

¹⁹ Walker, Walter Frederick (1886), *The Azores or Western Islands: a political, commercial and geographical account*, London: Trübner, pp. 156-157. Afirmção também repetida em Julie Ann Elizabeth Roundell (1889), *A Visit to the Azores with a Chapter on Madeira...*, p. 87.

eximir a sua riqueza à análise e quantificação dos funcionários do Estado, temendo o aumento dos impostos ou uma maior fiscalização e tutela sobre as actividades económicas. De 1852 a 1873 o efectivo ovino do distrito de Angra teve uma subida bastante considerável (32%); na Horta verificamos um descida razoável (15%) e em Ponta Delgada um ligeiro acréscimo. Este aumento pode ter sido causado quer por uma maior preocupação com esta produção, quer por um melhoramento das redes de recolha e controlo da informação oficial. De qualquer modo, o distrito da Horta, e sobretudo a ilha do Pico, continuaria a concentrar maiores efectivos deste tipo de gado. Ao nível do arquipélago, a tendência geral para uma diminuição contínua, como já foi sugerido por Maria Isabel João, iria acompanhar os progressivos arroteamentos de terras e o desenvolvimento da cultura do milho, desde cedo muito articulada com a bovinicultura²⁰. Sensivelmente a partir década de 1880 estas quebras relativas serão contemporâneas de um grande incremento da pecuária, que terá a sua maior expressão nas ilhas Terceira e São Jorge.

Em 1875, a criação de ovinos no distrito de Angra era considerada estacionária pelo intendente de pecuária. No entanto, este mesmo funcionário escrevia que esta espécie podia e devia ser mais desenvolvida. As suas aptidões potenciais na produção de lãs, carne, leite e estrumes seriam capazes de concorrer para um aproveitamento mais intensivo da agricultura do distrito. Segundo o mesmo relatório a quantidade média de cabeças ovinas entre 1869 e 1875 atingia os 21.557 animais, dando uma relação de 29,5 cabeças para cada 100 habitantes, relação que o intendente considerava demasiado fraca para os recursos existentes, para mais, integrada num panorama em que os rebanhos eram de pequena escala e em que as suas qualidades lanígeras ou cevatrizes estavam pouco apuradas. Com efeito, no distrito eram raros os criadores que possuíam rebanhos superiores a 100 cabeças. As rezes encontravam-se distribuídas em grupos de pequeno número, por famílias de camponeses que apenas lhes aproveitavam a lã e, ocasionalmente, a carne.

De uma área de incultos avaliada em cerca de 30.000 hectares e que alimentava diversas espécies de gado, os ovinos ocupavam, então, apro-

²⁰ Maria Isabel João (1991), *Os Açores no Século XIX...*, pp. 66-68. Ver também Paulo Silveira e Sousa (2007), “Produção e consumo de cereais na ilha de São Jorge durante a segunda metade do século XIX”, *Atlântida*, vol. LII, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, no prelo.

ximadamente metade. Esta correspondia a uma zona onde a vegetação pascigosa era escassa e pouco variada. Apesar destes constrangimentos o intendente de pecuária referia que poderia ser muito melhor aproveitada se se implementasse um sistema de pastagem misto, recolhendo-se os animais a abrigos próximos das povoações, quando a aspereza das condições atmosféricas a isso obrigasse, sendo aí disponibilizada a devida alimentação suplementar em forragens²¹. No entanto, aqui não se estavam a contabilizar os necessários e elevados gastos que este novo regime iria impor aos pequenos camponeses, quer em mão-de-obra e tempo, quer em capital e infraestruturas, quer ainda em factores de produção, como seria o caso das novas culturas pratenses. O intendente de pecuária, fazia as contas para os gastos e lucros de um projecto de rebanho com cerca de 300 ovelhas merinas. Mas a questão é que não existiam explorações com pegulhais dessa dimensão. Por outro lado, semelhantes rebanhos necessitariam de um maior acompanhamento por parte de pastores, técnicos e práticos zootécnicos, provavelmente de melhores abrigos e de melhores forragens. Tudo isto para produzir uma lã que dificilmente se poderia exportar, cujo mercado local para a indústria artesanal era dominado pelo auto-abastecimento, cuja carne não tinha grande número de consumidores e a produção de leite e lacticínios era quase exclusivamente doméstica. Mesmo as ervagens para semelhantes pegulhais necessitariam de pastos mais trabalhados e ricos, com plantas alimentares de maior qualidade. E todas estas transformações exigiriam investimentos e a passagem de uma forma de exploração camponesa extensiva e económica para outra intensiva em toda a gama de exigências, sem que existissem mercados certos para as suas eventuais produções. Os agrónomos e os reformadores liberais esqueciam que o que às vezes parecia ser somente inércia e ignorância escondia, com frequência, uma boa dose de prudência e bom senso. Estes rústicos ovinos, semelhantes ao que no continente se denominava tipo *bordaleiro*, continuariam a marcar a sua presença, sem que surgissem gordas cabeças Dilshey, Southdown ou merinas da Saxónia²².

²¹ Veja-se José Maria Leite Pacheco, “Relatório acerca do estado da indústria do gado lanar do distrito de Angra do Heroísmo”, in *Relatório Apresentado à Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo na sua Sessão Ordinária de 1875, pelo Secretário Geral servindo de Governador Civil Gualdino Alfredo Lobo de Gouveia Valadares*, Angra: Tip. do Governo Civil: 1875, pp. 85-91.

²² O tipo *bordaleiro* era descrito como sendo de “pequeno corpo, perfil ligeiramente convexo, chifres (quando os tem) de pequena volta espiral, ou com frequência, quase

Em 1855 foram introduzidos na Terceira alguns casais de uma raça marroquina superior em corpulência e lã à raça autóctone, que os testemunhos da época identificavam como sendo merinos. Em poucos anos, estes novos espécimes desenvolveram-se, produzindo um sofrível número de animais puros e outros tantos mestiços. Estes avanços continuaram até 1862 através dos cuidados de alguns proprietários. No entanto, com o tempo, e atendendo à pequena dimensão média dos rebanhos terceirenses e à escassez de reprodutores de boa qualidade, a raça da *terra* foi novamente impondo as suas características. Em 1875 esta raça ainda era dominante, ocupando as rezes mistas, ou “da Barbária” (Marrocos), menos de um vigésimo do efectivo. Por volta desse mesmo ano, João Dias do Carvalho, Henrique de Menezes Brito do Rio e José Augusto Nogueira de Sampaio, todos eles membros da Sociedade de Agricultura Distrital, formaram um rebanho de 80 cabeças já melhorado pela presença de espécimes de raça mourisca. Apesar das boas perspectivas que o intendente de pecuária, José Maria Leite Pacheco, punha neste pequeno empreendimento, a verdade é que parece não ter surtido grandes efeitos no efectivo ovino da Terceira²³.

As raças comuns nas ilhas de São Jorge e Graciosa possuíam qualidades que, segundo o mesmo funcionário, poderiam ser desenvolvidas se ao tratamento e à alimentação dos animais presidissem os adequados preceitos zootécnicos. Porém, o gado ovino no concelho das Velas, em São Jorge, era quase exclusivamente utilizado para a produção de lã, estando o seu aproveitamento láctico ou cárnico fora do alcance dos camponeses locais. Porém, no concelho vizinho da Calheta, onde abundavam os pastos declivosos, arbustivos e pobres os animais lanígeros forneciam ainda algumas centenas de quilos de carne para talho, as quais passavam ao lado dos matadouros locais. O fornecimento de carne para a alimentação popular por parte destes animais era de facto pequeno²⁴. Apenas na Terceira,

direitos, cabeça e pernas deslanadas, ver, por exemplo, João Tierno (1908), “Indústria Pecuária”, in *Notas sobre Portugal*, vol I, Lisboa: Imp. Nacional, pp. 464-468.

²³ Cf. José Maria Leite Pacheco, “Relatório acerca do estado da indústria pecuária do distrito de Angra do Heroísmo”, pp. 79-85.

²⁴ Actualmente é difícil estudar a História do concelho da Calheta. Na década de 1990, durante a presidência do senhor José Leovegildo de Azevedo, sendo vereador da cultura, o senhor Aires Reis, actual deputado à Assembleia Legislativa Regional, deu-se o ainda inexplicado desaparecimento de todo o Arquivo Municipal da Câmara da Calheta, do qual nem os livros de Actas das Vereações se salvaram. Existe, contudo, um inventário

e em especial na cidade de Angra, o seu consumo mais se manifestava. De facto, em 1875, não havia sequer notícia oficial do abate de rezes ovinas nos matadouros públicos dos restantes concelhos do distrito. Por outro lado, tal como sucedia de resto com quase toda a pecuária local, os animais que chegavam ao cutelo do açougue eram geralmente rezes velhas, mal nutridas, já impróprias para a produção de lã, ou então borregos de inferior qualidade e peso. No caso da produção de leite encontrá-mos idêntica posição marginal. Para muitos criadores o leite de ovelha era apenas próprio para o alimento das suas crias, nem o seu consumo fresco, nem a produção de queijos era equacionada²⁵. Tendo gado graúdo em abundância, e estando os ovinos em regime aberto em baldios e incultos longínquos, o aproveitamento do seu leite não seria tarefa fácil. Qualquer mudança obrigaria a alterar as formas de exploração desta espécie que andava em arcádica liberdade enquanto os seus donos esperavam que o seu velo crescesse. A incúria e o pouco caso no que toca a inovações de que, mais uma vez, os funcionários acusavam os camponeses e os criadores açorianos poderia mais não ser do que uma grande prudência em apostar em actividades para as quais era necessário um investimento demasiado elevado em tempo, recursos e trabalho, para a dimensão das propriedades, das famílias e explorações, e cujo retorno era difícil.

Ao mesmo tempo, nas comunidades camponesas aquilo que já foi descrito como uma “ética de subsistência” orientava o trabalho e a gestão da produção, procurando esquivar os seus membros a situações de fome e de carência²⁶. Um igualitarismo conservador defendia, ao nível da comunidade, que todos os seus membros tinham direito a sobreviver através dos recursos existentes localmente, mas não que todos devessem ser iguais. Mais do que um simples comportamento conservador, o tradicionalismo e uma certa resistência à mudança constituíam uma posição defensiva, onde se pretendia a todo o custo garantir a sobrevivência da *casa campo-*

deste acervo (cujo paradeiro continua incerto, mesmo para os funcionários da autarquia), efectuado por uma equipa da Universidade dos Açores, coordenada pelo Professor Doutor Artur Teodoro de Matos, na década de 1980. Se este é um caso de incúria ou de polícia deveria ser responsabilidade dos munícipes proceder à respectiva denúncia, cabendo às autoridades competentes (Direcção Regional da Cultura) averiguar os factos.

²⁵ *Relatório Apresentado à Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo na sua Sessão Ordinária de 1875*, pp. 58, 60 e 88.

²⁶ Cf. James C. Scott (1976), *The Moral Economy of the Peasant. Rebellion and Subsistence in South-East Asia*, New Haven e Londres: Yale University Press.

nesa, entendida enquanto um conjunto que integrava uma família e uma exploração agrícola. Nela era mais importante manter a certeza de uma produção constante do que aumentar o rendimento das suas colheitas, ou dos seus rebanhos, sem garantia de continuidade.

A produção média de lã, nos 6 anos que medeiam entre 1869 e 1875, foi de 16.602 kg, correspondendo a um peso do velo médio de 769 gramas por cabeça. Esta situação produtiva era, segundo o dinâmico intendente de pecuária do distrito, José Maria Leite Pacheco, bem inferior à manifestada no continente do reino no já longínquo ano de 1859. A produção local de lã não passava, de facto, das ilhas. A sua exportação era quase nula e apenas alimentava um pequeno comércio inter-ilhas. A lã era transformada pelos teares da pequena indústria doméstica em rústicos lanifícios, nos chamados panos da terra, saragoças, serguilhas, cobertores, etc, que vestiam, cobriam e aqueciam os rudes corpos dos camponeses.

No último quartel do século XIX, em qualquer uma das três ilhas, os cidadãos mais ricos e urbanos já tinham deixado os velhos fatos de burel e as camisas de linho, e usavam fazendas importadas do continente e do estrangeiro. Da mesma forma, as principais damas da Terceira, da Graciosa ou de São Jorge, jamais se esqueciam de acompanhar os figurinos da moda que lhes eram enviados de Angra ou directamente do exterior do arquipélago. Mas a velha cisão entre os abastados e a classe média de um lado e os camponeses e os assalariados rurais de outro manteve-se forte. A estamena e a lã ainda eram roupa comum entre as gentes das freguesias.

Em 1879, José Maria Leite Pacheco escrevia que a importação de boas raças ovinas era reclamada pela falta de lãs e que conviria ainda ensaiar a propagação de animais de ceva, “visto que no consumo entram anualmente numerosas cabeças desta espécie”²⁷. Contudo, não se fizeram tentativas de desenvolvimento do gado ovino que, em 1889, continuava a abastecer e a vestir de lãs a população das freguesias, sem que o leite fosse aproveitado

²⁷ *Relatório Apresentado pela Comissão Executiva da Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo na sua Sessão Ordinária de 19 de Julho de 1879, seguido do resumo dos orçamentos aprovados pela mesma Junta Geral e do resumo das suas deliberações*, Angra: Tip. do Correio da Terceira, 1879, p. 53.

para o consumo humano²⁸. Nos primeiros anos da década de 1880 uma monografia da Graciosa refere que o gado ovino tinha perdido muita da sua antiga importância, assim como a própria produção de lãs²⁹. Em 1904, Alfredo da Silva Sampaio, escrevia que os carneiros dos Açores eram pequenos, tinham “lã comprida e grossa, e bastante frisada, só própria para ser empregada em grosseiros panos”. A única raça ovina existente na Terceira era a resultante “do cruzamento dos bordaleiros com algumas cabeças importadas, há mais de 40 anos, do Norte de África”³⁰.

Em 1915 Jácome de Ornelas Bruges continuava a referir que este gado apenas era explorado para a produção de lã e, marginalmente, de carne. Se se pretendesse aproveitar a sua função lactígena a produtividade deveria ser pouca atendendo à má alimentação e à falta de treino. De fraca corpulência, criados nos baldios e terrenos abertos, sem pastos próprios, aos ovinos estavam, cada vez mais, destinados os restos das ervagens que o crescente efectivo de gado bovino e leiteiro deixava³¹. Só o leite de cabra é que era usado, com maior frequência, na produção doméstica de queijos, em todas as três ilhas, sendo ainda vendido para consumo.

Os ovinos, tal como uma boa parte dos caprinos, eram, pois, gado de mato, vivendo em pastoreação livre, por vezes sem guarda, nem abrigo, nem alimentação regular. Só no dia da tosquia os animais eram reunidos em rebanhos e trazidos para as povoações, onde lhes era retirada a escassa vestimenta que os cobria. Então, espoliados de um velo fraco e de pequeno peso, os animais regressavam ao baldio³².

²⁸ João Nogueira de Freitas (1890), *Relatório da Décima Segunda Região Agronómica, Onde Foi Exercido o Tirocínio de João Nogueira de Freitas*. Dissertação apresentada ao Conselho Escolar do Instituto Geral de Agronomia, Lisboa, manuscrito, p. 56.

²⁹ António Borges do Canto Moniz (1883), *Ilha Graciosa (Açores), Descrição Histórica e Topográfica*. Angra do Heroísmo: Imprensa da Junta Geral, p. 74.

³⁰ Alfredo da Silva Sampaio (1904), *Memória sobre a Ilha Terceira*, Angra: Imprensa Municipal, p. 120.

³¹ Para mais dados sobre este acentuar da importância dos bovinos no arquipélago, nas décadas de 1920 a 1940, ver o excelente estudo de Carlos Enes (1994), *A Economia Açoriana entre as Duas Guerras Mundiais*, Lisboa: Salamandra, pp. 73-81.

³² Jácome de Ornelas Bruges (1915), *A Ilha Terceira: notas sobre a sua agricultura, gados e indústrias anexas*, Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, p. 104.

Quadro 2 – Estatística do Efectivo de Gado Ovino no Distrito de Angra do Heroísmo por Concelhos e por Ilhas em 1866, 1868-1873, 1876, 1884, 1887-1903, 1905-1907 e 1911

Anos	Terceira			São Jorge			Graciosa	Distrito
	Angra	Praia	Total Ilha	Velas	Calheta	Total Ilha	Sta Cruz	Total distrital
1866	6565	7748	14313	3612	3432	7044	2273	23630
1868	4134	5025	9159	3497	3955	7492	1820	18431
1869	4059	8175	12234	3220	3950	7170	1950	21352
1870	8082	3833	11915	2 692	3020	5712	2185	19812
1871	8950	4000	12950	3224	3123	6377	2185	21512
1872	7916	4000	11916	2224	3123	5347	2300	19663
1873	8420	4000	12420	3406	3137	3543	2300	21263
1876	9204	3800	13004	3750	3137	6887	2000	21891
1880								22226
1884	4165	3900		4290	3700		1500	17555
1886					5000			
1887	3870	4 500	8370	4 570	6 000	10570	1720	20660
1888	3870	4 400	8270	4 360	5 500	9860	1638	19768
1890	3700	4 000	7700	3 763	5 800	11763	1750	19015
1891	3800	3 750	7550	2 470	6 100	8570	1800	17920
1892	3800	3 800	7600	3 624	6 340	9964	1500	19064
1893	3500	3 900	7400	2 300	5 130	7430	1400	16230
1894	5681	4 200	9881	2 580	5 400	7980	1300	19161
1895	6546	4 100	10640	3 235	6 200	9435	1000	21081
1896	5720	4 050	9770	2 690	5 000	7690	1300	18760
1897	7132	4 100	11232	2 200	8 400	10600	1100	23632
1898	7260	4 000	11260	2 665	8 400	11065	1000	23325
1899	7490	4 500	11990	2 505	8 300	10805	1000	23795
1900	6292	4 000	10292	2 455	6 100	8555	1300	20147
1901	5705	4500	10205	2129	6150	8279	2000	20484
1902	4990	4000	8990	800	6180	6780	1900	17870
1903	6390	4000	10390	940	6040	6980	2000	19370
1904					6430			
1905	4210	4700	8910	1495	6870	8365	2000	19275
1906	5000	4800	9800	1670	6650	8320	2000	20120
1907	4800	4900	9700	1950	2130	4080	1800	15580
1911	5000	3800	8800	1715	1940	3655	1000	13455
1915			9900					

Fonte: **1868**, *Relatório Apresentado à Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo na sua Sessão Ordinária de 1870*, pelo Governador civil Félix Borges de Medeiros, Angra: Tip. Do Governo Civil, 1870, mapa 35. **1869, 1871-72** retirados de AHMOP, DGCI-RA, 1-S, maço 5. **1873**, *Relatório Apresentado à Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo na sua Sessão Ordinária de 1874*, pelo Governador Civil Francisco de Albuquerque Mesquita e Castro, Angra: Tip. do Governo Civil, 1874, mapa nº 3, p. 103. **1876**, *Relatório Apresentado à Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo a sua Sessão Ordinária de 1877*, pelo Governador civil Barão do Ramalho, Angra: Tip. Do Governo Civil, 1877, mapa 79, p. 153. **1884**, BPARAH, Fundo do Governo Civil, “1ª Repartição, Registo de Offícios para os Ministérios”, livro 14 (1884-1885). **1887-1903, 1905-1907 e 1911**, “Livros de Registo da Corresidência da Comissão Distrital de Estatística do Distrito Administrativo de Angra do Heroísmo (1888-1914)”, BPARAH, Fundo do Governo Civil. **1915**, J. de Ornelas Bruges (1915), p. 105. Dados Calheta **1886 e 1904** retirados de BPARAH, “Mapa número das diferentes espécies de gados”, fundo do concelho da Calheta (por catalogar). Agradeço ao Paulo Lopes de Matos a sempre generosa troca de informações.

Os dados que agora apresentamos referem-se apenas ao período entre a década de 1860 e 1911. Pelos dados do quadro 2 vemos que o efectivo de ovinos do distrito só começou a registar fortes quebras no início do século XX. Por exemplo, o seu total que em 1866 era de 23.630 cabeças, em 1900 atingia ainda as 20.147 cabeças, tendo descido para 13.455, em 1911. Tal evolução sugere que este ramo da criação de gado, se bem que em plano inclinado, foi capaz de resistir um pouco, tendo acompanhado nesta diminuição a crescente especialização bovina e leiteira das explorações camponesas do arquipélago³³.

Em São Jorge, no concelho das Velas, os ovinos tinham maior peso nas povoações do Norte Grande e Beira; no concelho da Calheta, eram importantes na Ribeira Seca, Norte Pequeno e Topo. As povoações da Fajã da Caldeira de Santo Cristo, Caldeira de Cima e Sanguinhal tinham extensos pegulhais nos seus pastos de acentuado declive. Nesta ilha o efectivo total só começaria a registar fortes quebras no início do século XX, o que parece sugerir que as actividades artesanais, se bem que em plano inclinado, foram capazes de resistir por um período mais longo. O relatório da Junta Geral de 1933, ainda nos iria referir a existência de uma pequena indústria artesanal e caseira de vestuário e colchas com alguma importância local³⁴.

Embora lentamente, a produção de lã e de panos de lã perdia o seu peso no distrito, acentuando-se a quebra nos anos do fim do século. Os efectivos de gado ovino não foram sujeitos a quaisquer tentativas duradouras de reconversão e de intensificação. Permaneceram nos baldios mais marginais, onde sempre estiveram, e só foram diminuindo à medida que o gado vacuum foi ocupando parcelas crescentes das áreas de pastagem, mesmo nas zonas interiores e com maior declive.

³³ Informações retiradas de algumas séries da produção agrícola e do efectivo pecuário do distrito de Angra do Heroísmo na segunda metade do século XIX, que estamos neste momento a terminar.

³⁴ *Relatório da Visita do Presidente da Comissão Administrativa da Junta Geral Autónoma de Angra do Heroísmo às Ilhas de São Jorge e Graciosa, 1933*, Angra, p. 25. Veja-se também, especificamente para São Jorge, Paulo Silveira e Sousa (1994), *Território, Poder, Propriedade e Elites Locais: a Ilha de São Jorge na Segunda Metade do Século XIX*, ISCTE, Lisboa: ISCTE (policopiado), pp. 199-202.

3. As actividades artesanais de produção têxtil

A emigração, os seus novos recursos e o acentuar da independência das explorações camponesas do distrito trouxeram novos produtos, novas possibilidades de consumo e de monetarização das economias locais. Mas também permitiram alguma modernização e garantiram continuidade ao modelo camponês da sociedade açoriana. Talvez por isso, o facto dos camponeses terem agora camisas de algodão, vestidos estampados e outros luxos, não fez com que abandonassem rapidamente o tear e a roca que ocupavam, sobretudo, as mãos das mulheres nas longas e escuras noites de chuva do Inverno insular.

A produção de lã concentrava-se em São Jorge, no concelho da Calheta, e na Terceira, no concelho da Praia, onde as pastagens naturais em terras de acentuado declive e pouco propensas ao gado de maior dimensão eram abundantes. Na Graciosa, onde a superfície agrícola útil estava quase toda ocupada e os baldios eram escassos a produção de lã não podia ser senão pequena e quase toda para consumo local.

Quadro 3 – Estado da Indústria Artesanal de Lã e de Linho no Distrito de Angra segundo o Inquérito Industrial de 1881

Ilhas	Nº de teares movidos a braços	Metros em tecidos de lã fabricados em um ano	Valor em tecidos de lã	Metros em tecidos de linho fabricados em um ano	Valor em tecidos de linho
Terceira	850	10.100	8.000\$000	30.200	9.000\$000
São Jorge	712	7.800	7.800\$000	6.000	1.800\$000
Graciosa	160	600	300\$000	2.000	600\$000
Total	1.722	18.500	16.100\$000	38.200	11.400\$000

Fonte: “Nota do estado actual da indústria caseira, mais considerável no distrito de Angra do Heroísmo, segundo os dados fornecidos pelos regedores de paróquia”, in *Inquérito Industrial de 1881*, Lisboa, vol III, p. 310.

De acordo com o Inquérito Industrial de 1881, onde existem dados detalhados para o distrito de Angra, a ilha de São Jorge teria 712 teares movidos a braços, pouco menos que os 850 registados na Terceira (como sabemos uma ilha bastante maior e populosa) e consideravelmente mais que os 160 existentes na Graciosa. As áreas fortemente montanhosas que se estendiam da Calheta ao Topo eram o coito de extensos rebanhos de ovelhas esqueléticas que, abandonadas a uma magra dieta, passavam todo o ano nas áreas baldias, descendo somente às povoações aquando da tosquia. O Topo era uma dessas zonas onde se fabricavam panos de lã em abun-

dância que, no final do século XIX, ainda vestiam a população e alimentavam alguma exportação para outras ilhas³⁵. Nesta estatística é também curioso registar a maior relevância que a produção de linho registava na Terceira, quando comparada com as outras duas ilhas. Aqui se produziam 79% dos panos de linho do distrito e 54% dos de lã, actividade que em São Jorge era igualmente importante (42%); ainda mais se tomarmos em conta o facto do seu território ser bem menor que o da Terceira.

O Inquérito Industrial de 1891 não abrangeu São Jorge e Graciosa. Pensamos que os seus dados não apresentam uma minúcia e uma fiabilidade semelhante aos de 1881. Mas, mesmo supondo que as informações não cobrem tão bem a realidade distrital, devemos apontar a quebra registada no efectivo de teares e pequenas oficinas artesanais. O Inquérito de 1891 revela que existia ainda no concelho de Angra um número elevado de unidades de fiação e tecelagem, num total de 186, ocupando, na maior parte dos casos sazonalmente, 182 operários e 5 aprendizes. Destes 186 “estabelecimentos”, apenas 47 laboravam todo o ano. Dos restantes 139, 29 trabalhavam 6 ou mais meses por ano, 59 exerciam actividade somente três ou mais meses, 43 laboravam entre um e dois meses, e os 8 que sobravam tinham um prazo incerto. Curiosamente no concelho da Praia da Vitória somente são apontados 3 “estabelecimentos” de fiação e tecelagem de lã, trabalhando todos 12 meses, empregando 3 operários³⁶. Se recordarmos que em 1881 tinham sido recenseados nesta ilha 850 teares vemos que, ou a quebra foi elevada, ou a qualidade dos dados é muito fraca, podendo as duas hipóteses coexistir. No concelho de Santa Cruz da Graciosa, o Inquérito de 1891 não identifica nenhuma indústria artesanal de vestuário. Infelizmente, também não existem dados para São Jorge.

Não encontrámos para este período, em nenhuma das ilhas do grupo central, referências a formas de ligação da indústria doméstica ao mercado através do chamado *putting-out system*. Ou seja, através da encomenda, entrega da matéria-prima e, por vezes, pagamento de salários a donos de teares por parte de negociantes que, depois, recolhiam e distribuíam o produto acabado³⁷. Do mesmo modo, dado o carácter diminuto e frag-

³⁵ José Cândido da Silveira Avelar (1902), *Ilha de São Jorge...*, p. 152.

³⁶ *Inquérito Industrial de 1891*, Vol. V, Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 297-386.

³⁷ Para uma discussão sobre as formas de articulação da produção doméstica com o mercado e a crescente produção industrial ver David Justino (1988), *A Formação do Espaço Económico Nacional. Portugal 1810-1913*, vol. I., Lisboa: Vega, pp. 128-131.

mentado do mercado regional, a fraca urbanização, dispersão territorial e elevado peso do auto-consumo, não existia no arquipélago uma rede de feiras capaz de agregar grandes produtores e grandes negociantes num comércio regional de média e longa distância, envolvendo elevadas quantidades de panos de lã e de linho. A descolagem da economia açoriana em direcção a processos primários de industrialização tornava-se assim mais difícil, mesmo em ilhas de considerável riqueza e alguma população como São Miguel.

A proto-industrialização, a que se assistiu noutras regiões da Europa, em finais do Antigo Regime em torno da produção de panos de lã e de linho, baseava-se na relação fundamental entre o capital mercantil (que participava neste *putting-out system*) e a economia familiar. Os seus traços essenciais eram segundo o artigo clássico de F. Mendels: a simbiose económica e social entre agricultura e pequena indústria, mantendo-se a laboração da segunda de uma estação para outra; a coordenação da actividade por mercadores dos centros urbanos próximos; a dependência do sector face a mercados exteriores e mais vastos³⁸. Para entender estas formas de actividade e o modo como se organizavam e se reproduziam é, portanto decisivo nunca esquecer o consumo, os mercados, o capital mercantil e as economias dos pequenos centros urbanos próximos. Ao contrário da produção de artigos de artesanato rural dirigidos aos mercados rurais, a proto-industrialização requeria a organização comercial de uma região, essa organização exigia centros urbanos que pudessem absorver a produção, mas que deveriam funcionar, sobretudo, como os nós das redes comerciais, como centros de distribuição e de concentração do capital. Se os investidores eram, portanto, negociantes e urbanos, envolvidos em transacções de média e longa distância, a mão-de-obra continuava a ser constituída por famílias rurais que se limitavam à função de produtores. Por sua vez, os mercados, fossem regionais ou de longa distância, proporcionavam aqui a estrutura e os capitais indispensáveis para expandir e reorganizar sempre que necessário a produção

³⁸ F. Mendels (1972), "Proto-industrialization: the first phase of the industrialization process", *Journal of Economic History*, vol 32, pp. Ver também o volume colectivo Peter Kriedte, Hans Medick, Jurgen Schlumbohm (orgs) (1981), *Industrialization Before Industrialization: Rural Industry in the Genesis of Capitalism*, Cambridge, U.K.: Cambridge University Press.

de panos e lãs³⁹. Por esta breve descrição vemos como a realidade do arquipélago estava longe de poder corresponder a este modelo. Apenas em São Miguel temos notícias do estabelecimento de uma vasta fábrica de lanifícios na Ribeira Grande, ainda no primeiro quartel do século XVIII. Esta iniciativa do então capitão-donatário nunca foi estudada em profundidade, desconhecendo-se as formas de articulação que mantinha com a restante economia da ilha.

No século XIX, a esmagadora maioria destas pequenas unidades ainda possuíam as características artesanais genéricas: estavam dispersas pelo *habitat* rural, mantinham a sua localização no espaço doméstico, o controlo do tempo de trabalho, da sua duração e da rapidez na execução das peças permanecia sob a alçada das decisões individuais ou familiares⁴⁰. Conser-vava-se, portanto, uma estrutura de actividade artesanal independente.

Na pequena São Jorge sabemos apenas que o comércio e a abertura ao exterior fizeram desaparecer uma outra indústria artesanal: a de cur-tumes. A exportação de peles duraria, apenas, até à primeira metade do XIX. Porém, o desenvolvimento intensivo da pecuária e da produção de lacticínios iria trazer uma nova transformação. No final do mesmo século seria a vez de serem exportados muitos couros em bruto, dos gados aba-tidos para consumo e dos bezeros mortos à nascença, para em resultado disso se empregar o leite das vacas, exclusivamente, no fabrico de queijo e manteiga⁴¹. Novamente reaparecem práticas que parecendo pouco racio-nais do ponto de vista estritamente económico têm a sua explicação em critérios pragmáticos de gestão das explorações, dos recursos disponíveis e de adaptação a conjunturas.

³⁹ Jan de Vries (1985), *European Urbanization (1500-1800)*, London.

⁴⁰ Hans Medick (1976), “The proto-industrial family economy: the structural function of household and family during the transition from peasant society to industrial capita-lism”, *Social History*, vol. 3, nº 1-2, pp. 291-315.

⁴¹ José Cândido da Silveira Avelar (1902), *Ilha de São Jorge...*, p. 153. Sobre a indústria de lacticínios na segunda metade do século XIX e inícios do século XX ver Paulo Silveira e Sousa (2000), “As actividades industriais no distrito de Angra do Heroísmo, 1852-1910: Um mundo de possibilidades escassas”, *Arquipélago* (série História), vol. IV, 1, pp. 113-172.

4. A produção de linho

Na segunda metade do século XIX as ilhas tiveram um importante momento de abertura ao exterior. Para o camponês, o linho deixava de ser uma cultura de absoluta centralidade, passando agora a competir com produtos importados, sobretudo algodões e chitas. Se a lã ainda conseguiu resistir aos novos modelos e materiais, o linho não demonstrou igual capacidade de resistência.

Tomando a ilha de São Jorge como exemplo, podemos desenhar a trajectória desta indústria artesanal. Em 1852, a Câmara da Calheta “promoveu a abertura de poços na freguesia de São Tiago, para enlargar linhos que na época constituíam indústria de certa importância, que declinou pela barateza dos algodões vindos do estrangeiro”, escreve o Padre Azevedo da Cunha no princípio do século seguinte⁴². A verdade é que ela estaria já reduzida à sua expressão mais artesanal no final do século XIX, com a entrada de tecidos importados de melhor preço e mais adaptados aos novos figurinos. Apenas na freguesia de Rosais é que temos notícias desta cultura ter alguma importância, em grande parte devido aos muitos poços para enlargar os linhos existentes.

Em 1890, João Nogueira de Freitas referia que a cultura do linho estava em franca decadência na Ilha Terceira. No entanto, mais do que aos factores económicos ou relacionados com a penetração de novos produtos, atribuíu este estado ao facto de se utilizarem sempre as mesmas terras, sem que houvesse igualmente qualquer renovação das sementes⁴³. Fosse por problemas de mercado e de concorrência, fosse por factores agronómicos, a verdade é que, tal como no caso do fabrico artesanal de lã, esta actividade continuou a perder importância. Porém, comparada com a lã a quebra parece ter sido aqui mais pronunciada.

⁴² Padre Manuel Azevedo da Cunha (1981) *Notas Históricas*, I vol..., p. 393.

⁴³ João Nogueira de Freitas (1890), *Relatório da Décima Segunda Região Agronómica, Onde Foi Exercido o Tirocínio...*, pp. 57-58.

Quadro 4 – Produção de Linho no Distrito de Angra 1868, 1870, 1873, 1876, 1880-1888, 1890-1905, 1907, 1909-1911 por Ilhas e Concelhos (em kg)

Anos	Terceira			São Jorge			Graciosa	Distrito
	Angra	Praia	Total Ilha	Velas	Calheta	Total Ilha	Sta Cruz	Total distrital
1868	10326	12670	22996	9457	3560	13017	10150	46163
1870	9264	25000	34264	3630	2455	6085	5000	45349
1873	9310	16000	25310	6300	2400	8700	5000	39010
1876	10380	9000	19380	6275	2400	8675	5000	33055
1880	1048	12000	13048	5587	2410	7997	3500	24545
1881	990	11000	11990	3176	2020	5196	4000	21186
1882	1200	10000	11200	7056	2500	9556	3500	24250
1883	1530	9000	10530	6212	2360	8572	3000	22102
1884	1460	10000	11460	6700	2400	9100	2500	23060
1885	1530	9000	10530	6414	2390	8804	3000	22334
1886	1520	10000	11520	5970	500	6470	2700	20690
1887	1520	8000	9520	5680	500	6180	2800	18500
1888	1500	6900	8400	4500	500	5000	2500	15000
1890	1700	1500	3200	5400	800	6200	1700	11100
1891	1820	1600	3420	5400	900	6300	1500	11220
1892	1800	3500	5300	5000	760	5760	1200	12260
1893	1800	3000	4800	4500	890	5390	1000	11190
1894	1563	6250	7813	4450	920	5370	1000	14183
1895	1040	3000	4040	4500	950	5450	1000	10490
1896	940	2500	3440	3500	700	4200	1000	8640
1897	1700	6000	7700	3480	350	3830	900	15430
1898	5300	4000	9300	3400	350	3750	800	13850
1899	8650	4500	13150	3400	360	3760	700	17610
1900	6870	4000	10870	4000	360	4360	700	15930
1901	7350	4500	11850	4000	340	4340	700	16890
1902	7210	4000	11210	4000	330	4330	600	16140
1903	7260	4000	11260	4000	290	4290	500	16050
1904	4850	4500	9350	3800	220	4020	300	13670
1905	4750	4000	8750	3600	200	3800	200	12750
1907	100	4500	4600	3450	120	3570	200	8370
1909	-	4000	4000	3300	105	3405	150	7555
1910	100	3500	3600	3245	60	3305	100	7005
1911	150	3400	3550	2190	-	2190	80	5820

Fontes: **1868 e 1870**, *Relatório Apresentado à Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo na sua Sessão Ordinária de 1870*, pelo Governador civil Félix Borges de Medeiros, Angra: Tip. Do Governo Civil, 1870. **1873**, *Relatório Apresentado à Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo na sua Sessão Ordinária de 1874*, pelo Governador Civil Francisco de Albuquerque Mesquita e Castro, Angra: Tip. do Governo Civil, 1874, mapa nº 62, p. 168. **1876**, *Relatório Apresentado à Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo na sua Sessão Ordinária de 1877*, pelo Governador civil Barão do Ramalho, Angra: Tip. Do Governo Civil, 1877, mapa 84. **1880-1888**, João Nogueira de Freitas (1890), *op. cit.*, p. 22. **1890-1905, 1907, 1909-1911**, *Livros de Registo da Correspondência da Comissão Distrital de Estatística do Distrito Administrativo de Angra do Heroísmo (1888-1902)*, BPARAH, Fundo do Governo Civil.

O quadro 4 revela-nos uma quebra quase contínua da produção entre 1868 e 1911. As quebras ocorrem sucessivamente até inícios da década de 1880. Após uma pequena recuperação nos primeiros anos deste decénio, a produção continuaria a declinar. No final da década de 1890 e inícios do século XX assiste-se a uma nova estabilização, a quantidade de linho produzido aumenta, embora os seus números se manifestem inferiores aos registados em 1880 e menores ainda que os registados em 1868. A segunda e mais violenta diminuição dar-se-ia a partir de 1907, então para números bastante inferiores aos de 1880 e de 1868.

O exemplo mais claro da trajectória decrescente da pequena actividade artesanal de tecelagem são os dois gráficos que se seguem. Neles podemos observar a evolução das respectivas produções das várias ilhas e do conjunto do distrito⁴⁴.

Gráfico 1 - Produção de Linho no Distrito de Angra em Kg, 1868-1911

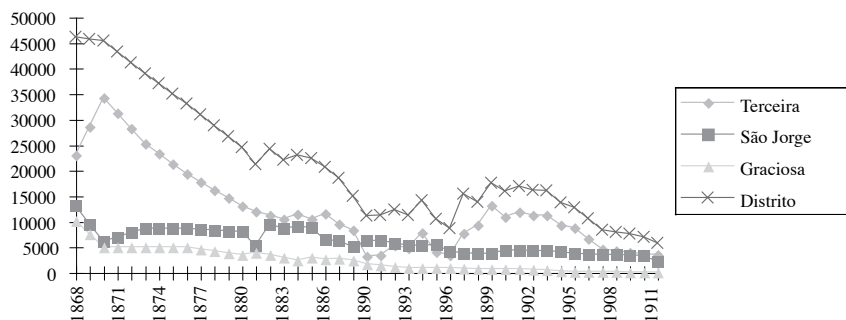
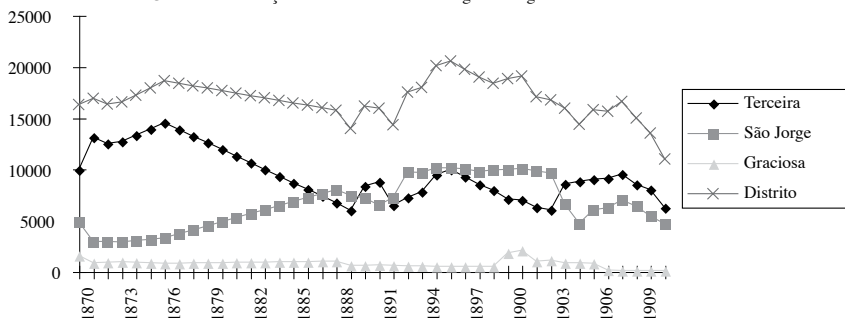


Gráfico 2 - Produção de Lã no Distrito de Angra em Kg 1870-1911



⁴⁴ Os gráficos têm a mesma origem que os dados registados nos quadros e fazem parte de uma investigação do autor ainda não concluída.

Ambos os gráficos demonstram quebras assinaláveis nestas duas produções, sendo contudo bem mais evidentes no caso do linho e para o espaço geográfico da Terceira. Quer uma produção quer outra manifestaram em São Jorge quebras mais lentas ou mesmo um comportamento a contra-corrente, como o sucedido com a lã, pelo menos, até ao início do século XX. Apesar do decréscimo registado, em muitas freguesias rurais do distrito a serguilha, a saragoça, a baeta, a estopa, o linho e a estamenha permaneceriam de uso corrente até às primeiras décadas do século XX. Esta evolução da produção bem como os padrões de consumo das populações traduziam quer a lenta, mas contínua, modernização do arquipélago, quer as eventuais distorções que a estrutura da procura interna provocava na transformação das actividades económicas, funcionando como mais um factor de bloqueio do seu crescimento e diversificação⁴⁵.

5. Conclusão: as tendências futuras (1900-1930)

A crescente introdução das lãs australianas levou a que, em países como a França e a Alemanha, o gado ovino se destinasse de maneira progressiva para a produção de carne e de leite. Embora não seja fácil medir esta tendência em Portugal ela deve ter sido progressiva, sobretudo em zonas como as campinas Alentejanas onde o pastoreio era mais extensivo⁴⁶. Nos Açores, não só não havia a tradição de produzir queijos de ovelha, como também não se comia muita carne de ovinos, fora do circuito do auto-abastecimento e da pequena troca e venda camponesa.

Apesar das tentativas esporádicas de cruzamento com Merino espanhol, carneiros de Marrocos e Southdown (esta última realizada pelo grande proprietário e lavrador José Luís de Sequeira nas décadas finais do século XIX), o gado ovino terceirense permaneceu pouco produtivo e com um lugar relativamente marginal na economia local. Destinado ao abastecimento de lãs, por parte dos camponeses, o seu efectivo foi diminuindo à medida que o peso do gado bovino crescia, e que a velha auto-subsistência

⁴⁵ Sobre os constrangimentos às actividades industriais no distrito de Angra ver Paulo Silveira e Sousa (2000), “As actividades industriais no distrito de Angra do Heroísmo, 1852-1910...”, pp. 113-172.

⁴⁶ Maria Carlos Radich (1996), *Agronomia no Portugal Oitocentista: uma discreta desordem*, Lisboa: Celta, p. 120.

em matéria de vestuário se via afectada pelo penetração de novos produtos mais baratos e de melhor qualidade que o exterior das ilhas enviava.

Em São Jorge, mais do que em qualquer uma das outras ilhas do distrito de Angra, as pequenas produções artesanais mantiveram-se, apesar de todas as quebras, até às primeiras décadas do século XX. Porém, é preciso acrescentar que os linhos e os curtumes foram mais afectados que a produção de panos de lã. A penetração dos produtos estrangeiros e a abertura dos mercados não cessou de se desenvolver, sendo auxiliada pelos recursos associados à emigração e pelo envio aos parentes e amigos das chamadas “sacas de roupa da América”. Contudo, algumas destas actividades periféricas permaneceram, o que poderá apontar para o carácter tradicional e para a fraca integração que a economia desta ilha manifestava perante os centros regionais, e, mesmo perante muitas áreas do continente português. Mantinha-se forte a autarcia camponesa neste pequeno e montanhoso território, onde as ligações com o exterior eram difíceis, as estradas quase intransitáveis e os portos de difícil acostagem⁴⁷.

Mais próxima da ilha Terceira, mais dependente dos seus mercados, com menor extensão, altitude e recursos naturais para desenvolver indústrias que precisavam de água e de pastagens em abundância, a Graciosa manterá uma parcela mais reduzida destas actividades.

Ao nível global do distrito a permanência relativa das pequenas actividades artesanais demonstra que, apesar da penetração e concorrência dos produtos externos, a produção de lã manteve um certo peso, tal como a autarcia relativa das famílias rurais. A sua quebra estaria ligada ao crescimento continuado do consumo de têxteis importados e à crescente especialização no gado bovino e no sector leiteiro, um movimento que se acentuaria ainda mais a partir das décadas de 1920 e 1930 e que traria uma maior inserção das explorações agrícolas em circuitos claramente monetarizados⁴⁸. Nes-

⁴⁷ Ver Paulo Silveira e Sousa (2007), “Transportes e comunicações na ilha de São Jorge durante a segunda metade do século XIX”, *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, vol. 16, Horta, pp. 197-223.

⁴⁸ Veja-se Carlos Enes (1994), *A Economia Açoriana...*, pp. 73-81 e, entre outros, os agrónomos José Augusto Fragoso, Joaquim Tiago Ferreira, Jácome de Ornelas Bruges (1932), “A Agricultura no Distrito da Horta, Subsídios para o seu Estudo”, Separata do *Boletim do Ministério da Agricultura*, ano XIII, nº 1-4. Infelizmente, o excelente estudo de Carlos Enes sobre a economia e sociedade insulares entre as Duas Guerras Mundiais não foi até hoje seguido por uma idêntica obra que nos informe sobre as dinâmicas económicas e sociais durante as restantes décadas do Estado Novo. A quantificação

tas décadas, a diminuição da já decadente tecelagem caseira de linho seria igualmente auxiliada por outros factores. Em São Miguel, terra de bom cultivo deste vegetal, seria montada, em 1923, a fábrica de linho da Ribeirinha que empregaria com regularidade entre 40 a 60 mulheres e entre 10 a 15 homens. As explorações camponesas passariam a contar com a crescente concorrência no mercado insular destes panos de linho cru, panos para lençol, toalhas, tapetes, fios e cordas produzidos por processos mecânicos⁴⁹.

Porém, as transformações mais surpreendentes relacionam-se com a repartição do peso dos vários tipos de gado. O Recenseamento Geral dos Gados de 1870 atribuíu ao conjunto dos Açores 88.646 cabeças de gado ovino e caprino. Em 1926, data do 1º Arrolamento Geral dos Gados das ilhas adjacentes, este número tinha diminuído para 57.636. Nos 10 anos seguintes, entre 1926 e 1936, data do 2º Arrolamento Geral dos Gados, o efectivo ovino e caprino teria uma clara recuperação, passando para um total de 66.576. As ilhas onde esta tendência mais se fez sentir foram a Terceira, o Pico, o Corvo e o Faial, territórios onde abundavam ainda baldios de montanha. Porém, durante o mesmo período, o número de bovinos tinha aumentado de 51.641 cabeças, em 1870, para 84.365, em 1926; em 1936 havia subido para 104.820 cabeças. Era clara a especialização da pecuária açoriana. Em 1935 havia 577 cabeças de bovino por mil habitantes no distrito de Angra, 517 no da Horta e apenas 260 no de Ponta Delgada. As ilhas de São Jorge e Terceira lideravam esta tendência com 711 e 592 cabeças, respectivamente⁵⁰. Nestes anos, o crescimento relativo dos ovinos e caprinos não seria acompanhado por um desenvolvimento das actividades têxteis, ou sequer, por uma pequena modernização da fileira de transformação da lã. Na década de 1930 ainda se acentuava a importância da pequena indústria de bordados, então em crise. Porém, as actividades têxteis artesanais eram descritas apenas como um complemento das famílias rurais ou como uma curiosidade da tradição rural⁵¹. Em

parece ter sido, infelizmente, esquecida em muitos trabalhos recentes sobre a História contemporânea do arquipélago.

⁴⁹ Carlos Enes, *op. cit.*, pp. 154.

⁵⁰ Amâncio Sampaio de Andrade (1940), “Pecuária açoriana”, in *Livro do I Congresso Açoriano que se Reuniu em Lisboa de 8 a 15 de Maio de 1938*, Lisboa: Casa dos Açores, pp. 392-394.

⁵¹ Maria da Ascensão Carvalho (1940), “Indústrias caseiras”, in *Livro do I Congresso Açoriano que se Reuniu em Lisboa de 8 a 15 de Maio de 1938*, Lisboa: Casa dos Açores, pp. 482-485.

nossa opinião este acréscimo do efectivo ovino poderá reflectir o aumento das necessidades de abastecimento de carne da população camponesa do arquipélago que, nesta década, e fechada a emigração para os EUA, via o número de habitantes multiplicar. Em simultâneo, as condições de vida dos açorianos sofreriam um claro retrocesso durante estes anos 30, uma tendência que se prolongaria nas décadas seguintes⁵².

⁵² Carlos Enes, *op. cit.*, pp. 251-258.

QUATROCENTOS ANOS DE SANTA LUZIA DE ANGRA*

Valdemar Mota

A freguesia de Santa Luzia de Angra comemorou, por iniciativa da sua Junta e com uma série de palestras, os seus 400 anos, pois a sua origem como paróquia independente remonta ao ano de 1595.

Refira-se desde já à laia de mera nota introdutória, o aparecimento, no decurso deste ensaio e com alguma frequência, de dois vocábulos que se entendem como pertencendo um ao poder civil e o outro ao foro eclesiástico, mas que nem sempre assim foi. São: *A Freguesia* – Agregado ou comunidade de vizinhos que, mercê do correr do tempo, da tradição e das próprias leis, também teve designação de Paróquia Civil. *A Paróquia* – “Habitação vizinha”, a que corresponde uma porção da diocese, com território, igreja, povo e pastor próprio ou seja o pároco para a cura de almas. Os membros de uma Paróquia eram designados, na sua forma latina, de *Filii Ecclesiae*, o que quer dizer *Filhos da Igreja*, expressão que está ironicamente na origem das palavras freguesia e freguês, depois adoptadas pelo poder civil.

Das cinco freguesias da cidade de Angra, Santa Luzia foi a mais recentemente criada, porquanto já existiam a da Sé, notoriamente a mais antiga com o seu orago de São Salvador, indiscutivelmente a primeira remontando aos anos do povoamento, entre 1450 e 1460, a de Nossa Senhora

* Texto da conferência proferida em 2.2.1995 na sessão solene realizada no Auditório do Rádio Clube de Angra, acrescentada de notas sobre quem foram os fundadores de Santa Luzia. Como se vê há aqui alguns pontos de referência conhecidos, como a casa de Jorge de Lemos de Bettencourt, tornada Solar da Madre de Deus, onde funciona actualmente o Gabinete do Representante da República para a Região Autónoma dos Açores, a rua do Rego, que dispensa comentário, o castelo que é o de S. Cristovão ou S. Luís onde existe a Memória, a ribeira da cidade, da qual ainda subsistem vestígios e a levada dos moinhos que guarnecia vistosamente a ilha a nascente da descida da Memória para a baixa do burgo.

da Conceição em 1553, a de S. Bento que apesar de ser referida como de extramuros, isto é, fora de portas (note-se que ainda hoje é corrente aludir às Portas de S. Bento, que fechavam mais propriamente em S. Lázaro) aparece em 1572, seguida no mesmo ano da Vigararia de S. Pedro.

Santa Luzia, surge, portanto, como Paróquia independente e formalmente constituída segundo as leis Canónicas e as Ordenações ou leis do Reino, praticamente no primeiro decénio do domínio castelhano nos Açores.

Nessa altura reinava em Portugal Filipe II e ocupava o sólio episcopal de Angra um ilustre prelado de nome D. Manuel de Gouveia, espírito de grandes empreendimentos que em muito beneficiou os Açores criando novas paróquias, confrarias e melhorando as condições em que vivia o clero e a situação das fábricas das igrejas açorianas. Claro que, politicamente, o bispo deveria obter previamente a consensualidade do monarca, de contrário não teria tido a confiança régia num período de tão grandes exaltações e perturbações sociais e políticas, para criar uma nova paróquia.

Foi, assim, fundada a Paróquia de Santa Luzia por *Carta de Creação* do Bispo de Angra D. Manuel de Gouveia, à data de 18 de Agosto de 1595, documento que integra o texto do alvará assinado pelo Rei dando o seu *consentimento de criação da dita freguesia* e, por sua vez, anteriormente datado de 23 de Maio desse mesmo ano.

Estavam, assim, criadas todas as condições de legalidade para o desenvolvimento desta nova freguesia, cujos limites eram tão extensos que iam desde a *rua de paulus gomes d'ambas as bandas ate a casa de george de lemos de Betancor, e polla de baixo desdo chafaris em diante correndo polla rua do rego de ambas as bandas ate as casas do Almoxarife e dellas ate o castelo e delle ate a serra cortando com a ribejra e leuada dos moinhos com todos os moradores que há dentro dos ditos lemites ...*

Fornece-nos esta *Carta de Creação* do Bispo também alguns dados e razões sobre a criação paroquial de Santa Luzia, em que vale a pena mergulhar mais profundamente a nossa atenção, mais que não seja por nos proporcionar um recuo no tempo de 400 anos e uma visão mais alargada dos fenómenos sociais que vinculavam a sociedade açoriana, particularmente a terceirense, nesse fim de século, no ano de 1595.

Mas note-se que nessa mesma Carta coexistem duas situações de direito, distintas: uma, a do Rei; outra, a do Bispo. Na primeira dá-se o *consentimento* para criar; na segunda, *cria-se*, de facto.

O primeiro argumento empregado pelo Bispo foi o de ser necessário desanexar da Sé, a cuja paróquia e freguesia pertencia a porção territorial que veio a envolver os limites de Santa Luzia, que se estendiam, como já se descreveu, desde a rua de Paulo Gomes, ao castelo e à serra.

E para isso aduz o Prelado algumas razões, das quais fundamenta estar a Sé superlotada habitacionalmente com os seus 1 200 fogos e as suas cinco mil e tantas almas de confissão, sem contar com o pesado contingente que constituía nessa altura os 2 000 soldados do presídio castelhano, pois, como se sabe, a soldadesca pernoitava por casas particulares e nos quartéis aos Quatro Cantos, enquanto se construía poderosa e intomável fortaleza nas escarpas do Monte Brasil para defesa da terra, do porto, da navegação, das cargas exóticas e preciosas, como o ouro, as pérolas, a prata, o anil e as especiarias trazidas em turbilhão nas caravelas e galeões do Oriente e das colónias espanholas da América Central, e até, pelo seu poder e inexpugnabilidade, em apoio às restantes ilhas dos Açores, como esta, dominadas pela força estranha. É evidente que se estava perante circunstâncias que tinham forçosamente de sobrecarregar o serviço religioso da Sé no seu quotidiano.

Outro argumento totalmente válido colocado pelo Bispo nesta sua Carta era o do enorme tráfego marítimo que se cruzava no porto da cidade e cuja assistência religiosa vinha sendo também assegurada na sua maior parte pelo serviço da Catedral, principalmente durante a desobriga das tripulações em viagem. Com efeito, sendo o porto de Angra considerado de *universal escala*, bem se pode imaginar a flutuação humana e a sua repercussão no campo do apoio religioso.

Na exposição que o Bispo fez chegar ao Rei D. Filipe, diz existir *grande número de povo* e que são muitas as *queixas dos enfermos por não lhe acudirem*, e que na visita que se fazia através de um cura aos enfermos com o Santíssimo, era prolongada como ele próprio confirma *começando pela manhã até às dez e onze horas*. Isto mesmo sem contar que o serviço aos doentes recolhidos *as mais das vezes que pelo dia e noite vai fora* um dos curas com o Santo Sacramento. Mas o prelado invocava mais, tal como a exuberância do serviço de confissões, os sepultamentos e unções, casamentos e baptismos que esperavam pelos *curas muitas horas* e para o que havia apenas um pátio e uma pia o que se tornava visível não ser o suficiente para uma *tão grande administração*.

Mas, D. Manuel de Gouveia, com inteligência e serenidade, lembrou ao Rei o facto de a cidade de Angra ser *escala das contínuas navegações*,

numa expressão que se ajustava perfeitamente às realidades de movimentação no porto da cidade, *cuja gente enquanto aqui está pela maior parte fica desobrigando na dita Sé.*

Isto sem falar no sobreelevado movimento do próprio hospital de Santo Espírito, o primeiro fundado nos Açores, fazendo convergir para ali os embarcações que chegavam doentes, por vezes desidratados, rasos de escorbuto e outros males, que eram tratados naquela unidade hospitalar, necessitando além dos cuidados físicos indispensáveis, do apoio espiritual da Igreja. E não seriam apenas esses, pois a própria população das ilhas também recorria àqueles serviços de saúde e ao apoio religioso concentrados na Sé. Por todas estas situações agravantes, havia mais como o crescendo demográfico, como que obrigando a cidade a expandir-se em novos espaços urbanos no desenvolvimento de outras estruturas e na criação de uma nova paróquia abrangendo para além do Posto Santo, com maior densidade de fregueses.

Foi o que considerou com lucidez o prelado da diocese, fundando a nova Paróquia e Freguesia da invocação de Santa Luzia, com seu vigário e dois curas, fazendo-a crescer e desenvolver-se com parte da população da Sé, tornando o serviço religioso desta, naturalmente muito mais facilitado, e a cidade ficou a dispor de mais uma freguesia, a quinta, criada pelo mesmo Bispo D. Manuel de Gouveia a 18 de Agosto de 1595.

Fica-se também sabendo pelo mesmo alvará quais as formalidades legais empregadas na constituição de uma Paróquia nos fins do séc. XVI, nos Açores, porventura derivada do Direito Canónico em articulação com as Ordenações e Leis do Reino. Para tanto, tornava-se mister que o prelado se munisse antecipadamente do respectivo *consentimento* do Rei, neste caso concedido por Filipe II, soberano espanhol. Assim, autorizado regamente tornava-se procedente ao Bispo emanar a sua própria *Carta* criando a nova Paróquia, que em nosso entender adquiria desde logo e em simultâneo foros de freguesia. Os termos do *consentimento régio*, inclusos na Carta de Creação do Bispo, são do seguinte teor:

Eu elrej como governador e perpetuo administrador que sou do mestrado, cauallaria e ordem de nosso senhor Jesu Xpt (Cristo) faço saber a vos reuerendo Padre dom Manoel de gouvea bispo da cidade d'Angra e do meu Conselho que polla visitação que fisestes na See da dita cidade achastes auer muita necessidade de se crear e erigir noua parrochia na hermda de Santa Lusua que estaua na freiguesia da dita See, por a dita freiguesia da See ir em muito crescimento e não se poder nella bem administrar

os santos sacramentos nos freigueses, pollo que vos dou meu consentimento como mestre e governador que sou da dita ordem pera poderdes erigir e criar a dita noua parrochia na dita hermda de Santa luzia e vos encomendo que assi o fareis e lhe appliqueis os tresentos fogos da dita freiguesia da See como vos paressa e da maneira que fiquem juntos e acomodados a dita noua parrochia e o vigairo que della for prouido auera de ordenado em cada hum anno outro tanto como tem os vigairos de semelhantes igrejas e de como assi criardes a dita igreja passareis vossa cartha em forma em que se trasladara este meu Alauara pera se saber como se fés e criou por meu consentimento e o tresllado della se pora no carthorio da dita See e a propria se enuiara ao conuento de Tomar da dita ordem pera nelle estar em toda a boa guarda. George Coelho d' Andrade a fes em Lixboa a XXiii dias do mês de Maio de M.D.XCV annos. Rei.

Neste trecho documental da Coroa, repare-se que o Rei actua sempre – e faz questão de o frisar – na qualidade de Mestre, Governador e Administrador Perpétuo do Mestrado de Cavalaria e Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, não se devendo esquecer que foi esta Ordem, que desempenhou preponderante papel nos descobrimentos e durante o povoamento, à qual competiam os poderes da jurisdição, da espiritualidade e temporalidade das Ilhas dos Açores.

Este régio alvará revela sobretudo duas questões importantes. Uma que Santa Luzia a essa data possuía 300 fogos, o que em média de quatro *per capita*, teria uma população aproximada entre 1200/1500 almas, logicamente desanexadas a partir dos efeitos práticos do Alvará do Bispo. Segundo, que a erecção seria feita em uma *hermda* da invocação de Santa Luzia já existente no lugar.

Rezam notícias que a primitiva ermida ou capela que existiu em Santa Luzia foi fundada por um piedoso casal, obviamente nos limites da sua propriedade, de nome João Vaz Merens e sua mulher Catarina Lourenço Fagundes, não constando da tradição os motivos que levaram à escolha desta santa considerada universalmente como advogada da vista.

Não obstante, aparece em documento de 1551 a notícia de um terreno doado por Joana Fernandes ou Rodrigues, viúva, com o fim de se levantar um templo a Santa Luzia ou reformular ou ampliar a presumível ermida primitiva, seguramente de exíguas dimensões mais para uso próprio dos fundadores do que propriamente para vir a ser a futura Paróquia e centro de irradiação espiritual daquela comunidade de 300 fogos nos fins do séc. XVI.

Não estará, portanto, fora do contexto deste trabalho lembrar às actuais gerações da progressiva freguesia e paróquia de santa Luzia, com os seus lares, os seus terrenos lavrados, quintas e pomares, os seus haveres, os seus monumentos (e são vários), as indústrias do passado e do presente, o seu comércio, os seus negócios e sobretudo a sua identidade cultural como filhos dedicados desta antiga e nobre freguesia com quatro séculos de existência, que se deveu talvez a um voto em hora de aflição ou em reconhecimento de dádiva celeste invocando o nome da Senhora Santa Luzia, virgem mártir do século III d. C.

Desde séculos que o nome de Santa Luzia de Siracusa é invocado pelo povo na sua tradicional devoção relacionada com problemas dos olhos. Tal como as romagens a outros Protectores, Santo Amaro na Ribeirinha ou Santa Catarina em S. Pedro, Nossa Senhora da Saúde na Serreta, a Santo Cristo das Misericórdias, em Angra e na Praia, também a íngreme ladeira de Santa Luzia se tem visto repleta de gente devota em busca de lenitivo, sempre que é preciso e em especial na sua festa solene que o martirologio romano indica ser a 13 de Dezembro.

A iconografia representa Santa Luzia tendo na mão um prato com os seus olhos, que no martírio lhe foram arrancados e a torturaram chamas de fogo ou uma espada com que lhe trespassaram o peito.

Mas, ainda quanto a Dom Manuel de Gouveia, oitavo prelado diocesano, a sua preocupação para com a nascente Paróquia que se imagina necessitada de tudo quanto seria de mais indispensável ao culto, foi logo providenciar o empréstimo de um sino, mas como no entretanto este prelado tivesse falecido em 4 de Nov^o de 1596 (cujo corpo foi sepultado na Sé), coube ao Cabido da Catedral ordenar fosse lavrado termo do empréstimo, o que se fez e o Pe. Manuel de Araújo, já como pároco que era de Santa Luzia, assinou como responsável. Além deste houve mais dois sinos pequenos, um que pertencera ao convento de São Francisco e o outro à Câmara Municipal desta cidade, que esteve colocado na torre do antigo edifício municipal, sinos que também já não estão na igreja de Santa Luzia e para ali teriam ido depois de fundada aquela Paróquia¹.

¹ Pedro de Merlim, *As 18 Paróquias de Angra, Angra do Heroísmo, 1974*, p. 237, refere que o da torre seria objecto de deliberação camarária em 1855, por alturas da reedificação dos paços do concelho, sendo de crer que o outro andaria por data próxima, pois é crível que tal tivesse acontecido como uma consequência da extinção dos conventos na época liberal.

O cino que esta em santa lusia desta cidade mandou o Senhor Bispo dom Manoel de gouuea que santa gloria aja emprestou pera o seruico da dita igreja ate que Sua magestade prouēja dos cinos necessários pera ella, e por os Senhores capitulares me mandarem fazer o presente pera lembrança o fis e assignei em Angra a sinquo de Dezembro de nouenta e seis annos².

Um ponto mais se impõe já agora tentar esclarecer na medida do possível e dos dados existentes. A data da criação paroquial de Santa Luzia não está de todo isenta de alguma confusão. Fontes há, credíveis, que a situam em 1565, notória falha esta ou gralha tipográfica da *Topografia da Ilha Terceira*, do Padre Jerónimo Emiliano de Andrade, nas notas à 2ª edição do anotador e ilustre e ilustradíssimo sacerdote, Monsenhor José Alves da Silva, porquanto quererá dizer 1585 (o lapso está num seis em vez de oito), e aqui, sendo assim, estão com ela Alfredo da Silva Sampaio na *Memória Histórica da Ilha Terceira* e já antes o próprio Francisco Ferreira Drumond nos *Anais da Ilha Terceira*, todos cordatos em que houve um Alvará em 2 de Fevereiro de 1585 emanado do mesmo Bispo D. Manuel de Gouveia criando Paróquia em Santa Luzia.

Nos *Apontamentos para a História dos Açores*, o mesmo Drumond explica o seguinte em nota de rodapé: – *Alguma dúvida me parece haver para se constituir independente esta paróquia, porquanto achei no arquivo o alvará da sua criação em data de 2 de Fevereiro de 1585 e o outro (o de 1595) por que definitivamente ficou demarcada (...), porém, não consta o motivo de se tratar no segundo (Alvará) o que estava resolvido no primeiro.*

Confesso que, apesar de procurar, não se me deparou para integrar neste estudo a versão integral do Alvará de 2 de Fevereiro de 1585 até para o cotejar com o de 1595. Só assim se poderiam apreciar as diferenças e ficar com a opinião mais esclarecida.

Teria o primeiro documento enfermado por uma menos correcta demarcação de limites ou, como deixou dito o meu prezado amigo e investigador Pedro de Merelim na sua obra *As 18 Paróquias de Angra*, o espaço dos dez anos em causa foi medeado com um suposto *Curato* em que Santa Luzia se manteve sufragânea à própria Sé? Não arrepia esta hipótese e até pode ter sido ela que constitua a verdade histórica. Mas, também uma

² *Bilb. Pública e Arq. Regional de Angra do Heroísmo. Cartórios Paroquiais, 1596, pasta 2, doc. 57. Das assinaturas deste ms. vê-se que a primeira é do Pe. Manuel de Araújo, mas a segunda assinatura é irreconhecível.*

tal circunstância não poderá estar ligada ao domínio filipino imposto à Terceira a 27 de Julho de 1583, que tenha feito atrasar as boas intenções do Bispo de Angra e feito relegar a instituição paroquial para data mais oportuna? É matéria que terá que ser apurada com o aparecimento de novas e concretas provas documentais.

Um dos nossos mais conspícuos historiadores do séc. XVII, o Padre Manuel Luís Maldonado, que escreveu muito aproximadamente a estes acontecimentos, ao descrever na *Fénix Angrense* o ano de 1585 faz este comentário:

Eregio de nouo a parochial de Santa Luzia em que nomeou vigairo o Padre Pantaleão Estacio³ que seruindo algũs annos não chegou a ser confirmado; succedeo a este o Padre Manuel d Araújo d Avilla que foi confirmado em 8 de Feuereiro e 595⁴, com ordenado de trinta e sinco mil reis por passar a freguezia de 200 fogos duas partes em trigoe hũa em dinheiro, e o Thezou-reiro da dita parochia com hũ moio de trigo e sinco mil reis em dinheiro de ordenado... E mais à frente volta a dizer o mesmo autor:

– E neste mesmo anno forão criados de nouo pelo dito Bispo dois moços do Coro allem dos coatro que hauia pera serem seis...

Assunto comprovado.

Mas, se algo mais fosse preciso para recomprovar o que provado está, então recorramos à Carta de Creação de 18 de Agosto de 1595, publicada pelo mesmo Bispo D. Manuel de Gouveia que havia assinado a primeira a qual esclarece com toda a clareza e exactidão: – ...*Polla autoridade a nos concedida Auemos por bem de crear e erigir, hora nouamente a dita freiguesia na dita hermidã ...*Ora novamente! Assim, fica pelo menos, definitivamente provado que existiram na realidade dois alvarás.

³ Este 1º Vigário de Santa Luzia, o Pe. Pantaleão Estácio de Távora que, segundo a *Topografia da Ilha Terceira*, do Pe. J. E. de Andrade, paroquiou no Porto Judeu, era filho de Francisco Gonçalves de Távora, “homem honrado” que viera da Madeira e na Terceira casou com Inês Álvares Estácio, filha de Álvaro Pires Estácio ou Estaço e de sua mulher Aldonsa Martins, senador da Câmara de Angra em 1542, sobrinho de D. Frei João Estaço, irmão de sua mãe, missionário nas colónias espanholas da América Central e nomeado bispo de Puebla de los Angeles, diocese sufragânea do México, falecido em 1553 sem ter tomado posse. Cf. *Ms. Coelho Borges*, p. 230/ Carcavelos, N.I.T., tít. de *Estaços*, II, p.17.

⁴ O Pe. Manuel de Araújo de Ávila em 1586 exercia o cargo de notário apostólico, aparecendo no auto de posse de uma deixa de Ana Fernandes Rabaça à Irmandade de N^a S^a do Rosário da Sé. Dos vigários antigos refira-se ainda o Padre Baltazar Gonçalves Leonardo “vigário que foy da igreja de santa Luzia desta cidade”, por enquanto sem mais notícia.

Convém referir algo de documental do que existe presentemente daquele tempo, respeitante aos assentos de *baptizados, casamentos e óbitos*, e estes reportam-se aos anos de 1621, 1608 e 1694, respectivamente. São os mais antigos de Santa Luzia que existem nos fundos documentais da Biblioteca Pública e Arquivo Regional desta cidade. O seu estado, porém, em alguns casos, mostra decadência, daí que, nesses velhos códices dos sécs. XVII e XVIII, existam faltas de substância, períodos muito apagados e de difícil caligrafia e alguns mesmo ilegíveis. Pareceu-nos curioso enriquecer com alguns exemplos um pouco ao acaso e segundo as condições dos próprios quais foram os primeiros habitantes de Santa Luzia já como Paroquial.



Joan Hugues van Linschoot, gravura da *Cidade de Angra, na Ilha de Jesus Xpo*, ano de 1596. Mostra perfeitamente como era a esse tempo a ermida de Santa Luzia voltada a poente, à data da sua elevação a paróquia, pelo bispo D. Manuel de Gouveia a 18 de Agosto de 1595. No centro da extensa propriedade, são visíveis as casas nobres, no alto de Santa Luzia, que se dizem foram de Álvaro Vaz Merens e seus descendentes, que nelas viveram.

Livros de Registos:

Casamentos. L^o 1. 1608. *Em nove de nouembro de mil seis centos e oito annos receby in face da igreja a Manoel Martins filho de Gaspar Manoel e de sua molher Catarina Fernandez da Ilha de San Miguel da ponta delgada e Barbara dayrosa filha de Fernão gracia sapateiro e sua molher appelonias dayrosa aos quais (...) corridos os banhos (...) na forma do Sagrado Concilio Trydentino (...) conforme as certidões dos vigairos e curas.*

Baptismos – L^o 1. 1621. *Em os dês dias de Janeiro de seiscentos e vinte e hũ annos, baptisei eu o cura, a Margarida, filha de Bartolomeu roiz e de sua molher Margarida Roiz. Forão padrinhos Manoel porteiro do corregedor e Clara Benevides viúva, e por verdade asinei.*

Estevão da Costa

Em os vinte de feureiro de seis centos e vinte annos fis os exorcismos (sic) na forma do Sagrado Concilio Tridentino, a Maria, por ser baptizada em casa pella parteira, filha de Pedro Roiz e de sua molher Catarina ferreira fregueses desta freguesia. Foi padrinho francisco roiz Benevides, e por vontade assiney.

Estevão da Costa

L^o 1. 1620

Em os vinte dias de feureyo de seis centos e vinte e dous annos, baptizei eu o cura a Maria filha de Maria escrava de Baltazar Fernandes e de pai não sabido. Foram padrinhos André dos Santos soldado do castelo de San Felipe e luisa Lopes. E por verdade asinei.

Estêvão da Costa

L^o 1.1620

Em os vinte e tres dias de feureiro de seis centos annos baptizei eu, o cura, a Maria filha de Amaro roiz e de Maria alues sua molher. Foram padrinhos luis pinheiro de mendonsa e sua may pinheiro de mendonsa molher de Antonio Vaz de faria. E por verdade asinei.

Estevão da Costa

Lº 1. 1622

Em os seis dias de marco de 1622 annos fis eu o cura exorcismos a manoeel filho de Mateus gonsalves, e de sua molher vitoria (ilg.) por ser baptizado em casa pella parteira. Forão padrinhos paullo da Silveira e Helena Fernandes molher de Diogo Fernandes. E por ser verdade asinei.

Estevão da Costa

Lº 1. 1694

Óbitos – Em os vinte e sinco dias do mês de Junho de mil seis centos nouenta e quatro annos, faleceu D. Ignacio de Castelo Branco da Câmara freguês desta Parochial de Santa Luzia com todos os deuinos Sacramentos. Fez testamento de são Francisco desta cidade e para constar fis este termo que assino era ut supra.

O cura Esteuão Nunes Pereira

Lº 1. 1694

Em os vinte e quatro dias do mês de Julho de mil seis centos nouenta e quatro annos nesta freguesia de Santa Luzia faleceu manoeel Coruelo não recebeu mais que sacramento da extrema unção fés testamento em que deixou tres misas de perpetuo impostas em hũa caza na rua do cotuello a qual deixou a sua molher Victoria Roiz o qual testamento está no Cartorio de Manoel Teixeira Toste, esta sepultado nesta Igreja em sepultura da Fabrica nº 22 e para constar fis este termo que assignei era ut supra.

O cura Esteuão Nunes Pereira

Em os vinte e sinco dias do mes de Junho de mil seis centos nouenta e quatro annos nesta freguesia de Santa Luzia faleceu Antonio Ferreira carpinteiro não recebeu os deuinos Sacramentos por morrer apreçadamente esta sepultado em o cruzeiro desta Igreja em sepultura da fabrica a qual não tem numero. E para constar fis este termo que asignei era ut supra.

O cura Esteuão Nunes Pereira

Lº 1.

Obitos. Abertura – Livro de defuntos desta Igreja de S. Luzia para nelle se laurarem os termos dos defuntos, que nesta freguesia morrerem. Tem cento e outenta e seis meias folhas, todas rubricadas com o meu sinal breve, que dis Canto⁵ feito no anno de 1694.

⁵ Padre Bernardo do Canto da Câmara foi outro dos vigários de Santa Luzia.

Treslado da carta de criação da Igreja de Santa Lusía desta cidade de Angra para ser posto no Cartorio da Sé na forma do aluara de sua majestade⁶

Dom Manoel de gouuea por mercê de Deus e da santa igreja romana Bispo d'Angra e jlhas dos Assores do Conselho de sua Magestade, etc., fazemos saber aos que esta nossa Cartha de Creação virem que nos Achamos ser necessario descarregar se da See desta cidade parte de tam grande numero de pouo por ter mais de mil e dusentos fogos e cinco mil e tantas almas de confissão e sacramento afora a mor parte de dous mil soldados do presidio que nella se sacramentam e tres curas que tem não poderem supplir (sic) administração dos sacramentos sem notauéis faltas de que auia prouavel risco do bem das almas e queixas dos enfermos de lhes não accodirem como auião myster, por que muitas veses accontesse andar fora o Santissimo Sacramento de polla maha ate as dez e onse horas na visita dos enfermos affora as mais veses que pollo dia e noite vaj fora, e com confissois, enterramentos e unçois estarem as veses os casamentos e baptismos esperando pollos curas muitas horas, e nem com hum palio e uma pia se poder supplir tanta e tão grande administraçam sem muito detrimento e perigo, e ser esta cidade escalla das continuas navegações que a ella decorrem cuja gente em quanto aqui estara polla maior parte fica desobrigando da dita See. Pollos quoais respeitos e por outros que nos a isso moueram assentamos por visitação que se creasse huã parochia na hermidia de santa lusia por estar na parte mais remota da freiguesia da dita See a que se podião applicar perto de tresentos fogos que naquella parte podia auer tirante dos da dita See, com o que ficaria mais alliuiada e melhor seruida, de que todo fisemos relação a Sua magestade e o dito foi mouido de piedoso zelo que especialmente sempre teue ao bom seruiço do culto diuino das igrejas deste bispado.

Como mestre e gouernador que he da ordem e cauallaria do mestrado de nosso senhor jesu christo de cujo padroado hé ouue por bem dar seu

⁶ Bib. Pública e Arq. Regional de Angra do Heroísmo. Pasta 2, doc. 53, 1595, Outº, 1, Angra: António Alvres Rangel, secretário do Bispo de Angra, traslada a carta de criação da Paróquia de Santa Luzia, dada por D. Manuel de Gouveia (AG, 18, Angra), na qual está incluído o treslado de um alvará régio consentindo na criação da referida paróquia (1595, Maio, 23, Lisboa). Cartório do Cabido de Angra.

consentimento de criação da dita freiguesia por seu Aluara cuja treslado de verbo ad verbum he o seguinte:

Eu elrei como gouernador e perpetuo administrador que sou do mes-trado, cauallaria, e ordem de nosso senhor jesu xpo. (Cristo) faço saber a vos reuerendo padre dom Manoel de gouvea bispo da cidade d'Agra (sic) e do meu Conselho que polla visitação que fistes na See da dita cidade achastes auer muita necessidade de se crear e erigir noua parrochia na hermidia de santa luzia que estaua na freiguesia da dita See, por a dita freiguesia da See ir em muito crescimento e não se poder nella bem administrar os santos sacramentos nos freigueses, pollo que vos dou meu



Igreja Paroquial de Santa Luzia no ano de 1928. Sob o pórtico existia uma data – 1679 – que se crê tenha ali sido posta após grandes alterações, que não seriam as primeiras, pois a ermida primitiva não teria estrutura de paróquia, criada em 1595 – Revista *Os Açores*, 1928, p.17, em que se mostra a igreja e o aspecto circundante com o seu arco, demolido por volta de 1930.

consentimento como mestre e gouernador que sou da dita ordem pera poderdes erigir e criar a dita noua parrochia na dita hermda de santa lusia, e vos encomendo que assi o fareis e lhe appliqueis os tresentos fogos da dita freiguesia da See como vos paressa e de maneira que fiquem juntos e accomodados a dita noua parrochia e o vigairo que della for prouido auera de ordenado em cada hum anno outro tanto como tem os vigairos em semelhantes igrejas e de como assi criardes a dita igreja passareis vossa Cartha em forma em que se tresladara este meu Aluara pera se saber como se fés e criou por meu consentimento e o treslado della se pora no carthorio da dita See e a propria se enuiara (ao) conuento de Tomar da dita ordem pera nelle estar em toda a boa guarda. George coelho d'Andrade a fés em Lixboa a xxiii dias do mes de Maio de M.D.XCV annos. Rei.⁷

O qual Aluara era assignado por Sua magestade passado polla cancellaria da ordem verdadeyro e sem vicio nem suspeição algũa por vrtude do qual e polla autoridade a nos concedida Auemos por bem de crear e erigir, hora nouamente a dita freiguesia na dita hermda como de feito pollo theor desta nossa cartha a creamos e erigimos in perpetuum e lhe assignamos e limitamos por freiguesia da dita igreja desda rua de paulus gomes dambas as bandas ate a casa de george de lemos de betancore daj a serra linha direjta e polla de baixo desdo chafaris em diante correndo polla rua do rego d'ambas as bandas ate as casas do Almojarife e dellas ate o castello e delle ate a serra cortando com a ribejra e leuada dos moinhos com todos os moradores que ha dentro dos ditos lemites e pollo tempo em diante ouuer, os quoaís dagora pera sempre.

Auemos por desmembrados e desobrigados da dita See e lhes mandamos a todos em geral e a cada hum em especial, e nos mais *que* ao diante ouuer sob pena de excominham ipso facto *que* daqui em diante accordado a dita sua noua parrochia e nella ultimem com a obrigação dos sacramentos e officios diuinos, assi e da maneja *que* nas mais parrochias se costumam fazer e ajam e reconhesam ao vigairo *que* hora hé e ao diante nella for prouido por seu vigairo e pastor e em tudo o *que* a seu carrego ouuer lhe obedeção intejramente o qual vigairo e mais sucessores auerão

⁷ Ao concluir este breve ensaio, optámos por inserir na íntegra a leitura diplomática do precioso documento da instituição canónica de Santa Luzia de Angra pela pessoa do Bispo D. Manuel de Gouveia, em Angra, no 1º de Outubro de 1595.

o marimento ordenado pera sua sustentação *que Sua magestade* por suas prouisoēs e patentes há por bem dar a semelhantes igrejas conforme aos freigueses *que tiuer* na dita *freiguesia* e lemites pago as duas partes em trigo e hũa em dinheiro e lhe concedemos todos os priuilegios, honras e proeminencias *que aos vigairos* de semelhantes igrejas são concedidas com os encargos e obrigação desta e esta sera *registada* no liuro dos registos de nossa chancellaria e botada no carthorio da nossa See na forma do Aluara assima de Sua *magestade* pera a todo tempo constar desta separação e noua criação.

Dada em Angra sob nosso signal e selo pendente. Antonio Alures nosso secretario e escriuão de nossa camara a fez aos XVijj de agosto de MDXCV. O bispo d'Angra.

Cartha de criação da noua parochia de Santa luzia *pera vossa senhoria jllustrissima e reuerendissima* ver. Rangel. recebj hum marchõ de prata. Domingos lopes (...) veejra.

O qual treslado de Carta de criação eu Antonio Alures Rangel Secretario de *Illustrissimo Senhor Bispo* deste Bispado de Angra fis fielmente tresladar da propria *que* fica em poder do *Padre* Manuel de Araujo proprietario desta igreja, e este treslado corri e concertei com o *dito* proprio e escriuão abaixo sem cousa *que* duuida faça. Em Angra ao primeiro de Outubro de M.D.XCV annos.

Comigo
(as.) pêro Fernandez froes

Concertado
(as.) Rangel

Recuando ao século anterior e alvor do povoamento da Terceira, a partir de 1450, veio estabelecer-se nesta ilha um importante povoador de nome Álvaro Vaz Merens⁸, com sua mulher, Isabel Velho, irmã de Frei Gonçalo Velho, comendador de Almourol que veio aos Açores a povoar a ilha de Santa Maria e ao que parece esteve em Angra a deixar sua irmã e cunhado. Seguramente o que se sabe é que Álvaro Vaz Merens recebeu valiosas dadas, com referência especial para a grande porção de terrenos situados entre o Porto de Pipas e a Grota do Vale, possuindo outros mais, como os que compunham o alto de Santa Luzia, na nascente povoação já conhecida por *Angra*, à distância de anos de receber forais de vila e cidade.

⁸ Vd. Carcavelos, *Nob. da Ilha Terceira*, tít. de *Merens*.

Existe documento de que Álvaro Vaz Merens, foi dos primeiros a pôr os pés em Angra e levado pelo seu espírito empreendedor fundou sob a invocação de Santa Maria Madalena, a primeira ermida que se diz houve junto ao mar na encosta onde, por meados do séc. XVI, se levantou o Castelo de São Sebastião para defesa do porto, e, prevendo o surto de construções que se seguiria, mandou fazer o primeiro forno de cal que houve ali mesmo no sítio do porto das pipas.

A versão deste povoador ter sido dos primeiros condiz, aliás, com a de Frei Diogo das Chagas que menciona *que o primeiro deste apelido que aportou na ilha se chamou Álvaro Vaz Merens*, que alguns querem fosse dos primeiros povoadores que vieram em companhia do capitão Bruges e há papéis que assim dão razão⁹.

Genealogistas há que o dão como parente próximo de João Vaz Corte Real e, na verdade, Álvaro Vaz Merens, a não se confirmar outra consanguinidade, é, pelo menos, pai de Margarida Álvares Merens que casou duas vezes, a primeira com Fernão de Contreiras, criado do Infante D. Henrique, e viuvando deste, contraíu segundas núpcias com D. Pedro Abarca¹⁰, irmão da capitoa Maria Abarca, mulher de João Vaz Corte Real, primeiro capitão-donatário da jurisdição de Angra.

Desta Margarida Álvares e de seu primeiro marido ficou um casal de filhos – João Vaz Merens e Isabel Migeis – vindo esta a casar com Fernão Baião. Do segundo casamento de Margarida ficou uma filha de nome Joana Abarca, que se diz ficou na orfandade por óbito de seu pai que se incorporou com os Cortes Reais na exploração dos mares do norte, perdendo a vida na *Terra Nova* do Canadá, ficando a sua educação e cuidados à conta de sua tia, a capitoa Maria Abarca, que a casou com Pero Anes do Canto, *o velho*, em 1510, vulto importante daquela época, fidalgo da Casa de D. João III e provedor das Armadas e Fortificações da Ilha Terceira.

Neto, também do povoador em causa foi João Vaz Merens, que foi casado nesta ilha com Catarina Lourenço Fagundes, filha do segundo casamento de Afonso Gonçalves de Antona Baldaia, fidalgo da Casa dos Infantes, apelidado o *Velho de São Francisco*, pelas suas generosidades

⁹ Fr. Diogo das Chagas, Esp. Cristalino, p. 412.

¹⁰ Ernesto do Canto, *Ms. Genealogias da Ilha Terceira*, p. 176. E diz que este D. Pedro tinha duas irmãs na Terceira, D. Isabel Abarca e D. Maria Abarca, mulher do capitão-donatário João Vaz Corte Real e todos três filhos de um fidalgo espanhol de nome D. João ou D. Pedro Abarca.

praticadas para com esta ordem de religiosos, que exerceu a lugar tenência da capitania da Praia e foi casado com Inês Roiz Fagundes, filha de Rodrigo Afonso Fagundes, tido e havido como *mestre ou discípulo do Infante D. Henrique*, e que na sua sucessão tem figuras muito conhecidas e importantes no meio terceirense.

De uma certidão de autos passada a requerimento de descendente de Álvaro Vaz Merens, em que foi suplicante Manuel do Canto e Castro, moço fidalgo da C.R., provedor das Armadas e Naus da Índia e capitão-mor de Angra, cargo que exercia à data de 1595¹¹, tal documento manuscrito¹² diz que Álvaro Vaz Merens *foi senhor das terras que estão sobre esta cidade e seu neto João Vaz Merens edificou humas cazas antigas e nobres sem a ermida de Santa Luzia e hoje estão em seus erdeyros (...) o qual João Vaz Merens teve suas terras no alto desta cidade e suas cazas que forão do dito Álvaro Vaz e ficarão perpetuadas em seu neto Artur de Azevedo de Andrade com muitas terras ao redor e a igreja de Santa Luzia dentro nellas, de que era padroeiro*¹³.

As *casas antigas e nobres* na vasta propriedade de Santa Luzia, visualizam-se perfeitamente na planta da cidade de Angra de 1596, elaborada pelo holandês João Hugo de Linschoot, enquanto permaneceu nesta cidade durante dois anos forçado pela fiscalização às mercadorias que ele, como mercador, tinha em trânsito.

Artur de Azevedo de Andrade, de que fala o excerto do manuscrito atrás mencionado era assim bisneto do povoador e primeiro senhor daqueles terrenos Álvaro Vaz Merens e neto de João Vaz Merens, o fundador da ermida de Santa Luzia e que também foi morador *no alto desta cidade junto à igreja de Sancta Luzia nas cazas e terras ahi juntas que forão herança de seu avô João Vaz Merens e avó Catherina Lourenço Fagundes, filha de Siman de Azevedo e chamarão Izabel Pinheira de Azeuedo, esta foi casada com Valério Matela Machado de entre os quais nasceu Maria Matela de Azevedo*¹⁴.

¹¹ Bib. Pública e Arq. Regional de Angra do Heroísmo. Ms. Certidão de autos em que foi suplicante Manuel do Canto e Castro.

¹² Ib.

¹³ Ib.

¹⁴ Bib. Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo, Ms. *Genealógico de António Correia da Fonseca*, séc. XVII.

Estamos, assim, perante a quarta geração de Merens na Terceira, em que é dono e senhor das terras que ficam sobre a cidade de Angra com sua igreja de Santa Luzia, o herdeiro delas Artur de Azevedo de Andrade, que ali vivia. Personalidade de relevo no tecido social angrense, foi vereador da Câmara de Angra e nessa qualidade esteve presente em 18 de Novembro de 1570¹⁵ nas cerimónias ocorridas dentro da Sé Velha, na colocação e benção da primeira pedra que ficou a simbolizar o sítio da construção da Sé Nova. Nesse mesmo ano, aparece numa escritura outorgando como mesário em nome da Santa Confraria do Santíssimo Sacramento da Sé de Angra e em 1584 assumia o cargo de Juiz da mesma Confraria do Senhor¹⁶. Capitão, que terá seguido politicamente a facção antonista, a julgar que é o mesmo a quem se refere Frei Pedro de Frias na descrição da Batalha da Salga em 1581¹⁷. Foi casado com Branca Gomes de Lima, filha de Brás Dias Rodovalho, de que não houve descendentes.

Todavia, Maldonado, mencionou a descendência de sua irmã Isabel Pinheiro de Andrade, que, na falta de geração do irmão, assumiria a representação da linhagem familiar e veio a casar com Valério Matela Machado, que foi alferes-mor da bandeira, cargo que exercia em 1567 e nesse tempo considerado como privilégio de fidalguia¹⁸, tratando-se de família respeitadora dos princípios religiosos, pois já sua bisavó Inês Rodrigues Fagundes com testamento feito em 1543 deixara um vínculo de trinta alqueires de trigo em cada ano à mesma confraria.

Deste casal nasceu Maria Matela de Azevedo que se matrimoniou com Sebastião Vieira Pamplona e entre os vários filhos que tiveram, referenciava-se Marquesa Merens de Azevedo ou Marquesa Merens Pamplona que contraíu matrimónio com João Pacheco Machado, capitão de ordenanças, filho do capitão Diogo Álvares Machado, com participação no cerco do Castelo aos espanhóis e sua rendição à monarquia portuguesa, restaurada no Duque de Bragança D. João IV¹⁹.

¹⁵ Drumond, *Anais*, I, p. 643.

¹⁶ Papéis da Confraria.

¹⁷ A Salga em Frei Pedro de Frias e uma Mulher chamada Brianda, ob. do autor, ed. Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, 1981, p. 26.

¹⁸ Drumond, *Anais*, I, p.155.

¹⁹ Sé de Angra. Papéis da Confraria.

Coincidência ou não, esta última Marquesa que havia nascido e foi baptizada na Sé de Angra, ao casar-se em 5 de Fevereiro de 1620, foi contrair as suas núpcias precisamente à igreja de Santa Luzia, de pouco tempo elevada a paroquial pelo bispo D. Manuel de Gouveia e fundada pelos seus antepassados que detinham o padroado da mesma, João Vaz Merens e sua mulher Catarina Lourenço Fagundes. Irmã daquela Marquesa Merens de Azevedo ou Pamplona²⁰ foi D. Maria Pamplona que foi casada com Luís Pereira d’Orta, que, segundo as pesquisas levadas a efeito pelo investigador Pedro de Merelim²¹, instituíu com sua mulher um vínculo que abrangia o palácio de Santa Luzia, que assim, segundo aquele mesmo autor, continuava na linha dos “seus descendentes” e cuja filha única de nome D. Isabel Pereira Pamplona veio a consorciar-se com Francisco Borges de Ávila, por sua vez também filho único do Capitão João de Ávila e de sua primeira mulher D. Maria Álvares Sanches. Do casal Francisco Borges de Ávila e D. Isabel Pereira Pamplona nasceu a filha única D. Maria Paula Borges de Ávila que casou com Manuel Paim de Sousa, filho do herói da Restauração de 1640 na Terceira, Capitão Francisco de Ornelas da Câmara, moço fidalgo da C.R. e Comendador de Penamacor, e de sua mulher D. Filipa de Bettencourt de Vasconcelos, do Solar da Madre de Deus. De um dos filhos, Francisco Borges de Ávila Paim de Sousa, capitão-mor da Vila da Praia e casado no Faial com D. Jerónima Maria de Montojos da Silveira nasceu Thomás Paim que casou com D. Francisca Efigénia, de onde nasceu em 1760 Teotónio de Ornelas Bruges Paim da Câmara, que, pela descrição de Carcavelos no *Nobiliário*, tít. de *Pains*, parágrafo 3.º, n.º 9, se depreende que este era já senhor do Palácio de Santa Luzia, o qual foi casado com D. Josefa Jerónima de Montojos e foram os progenitores de D. Rita Pulquéria que se casou com André Eloí de Noronha, pais, entre outros, de Teotónio de Ornelas Bruges, último senhor das *casas nobres* de Santa Luzia, palácio que ficaria para sempre ligado à causa e à história do Liberalismo na Terceira.

Atrás ficou referida uma senhora cujo nome foi D. Maria Paula Borges de Ávila, neta, como já referido, de Luís Pereira de Orta e de D. Isabel Pereira Pamplona, de quem herdou o vínculo por aqueles instituído, do solar e propriedades dos Merens até agora denominadas por *casa nobres de Santa Luzia*, que, a partir daqui, irão passar à posse dos Pains de Sousa

²⁰ Ascendente por linha materna do autor deste estudo.

²¹ *As 18 Paróquias de Angra*, pp. 252 – 253

ou Pains da Câmara, vai perdurar até à sua alienação já nos anos quinze do passado séc. XX. Neta também de um latifundiário, o Capitão João de Ávila, que só no alto de Santa Luzia possuía, como nos certifica uma escritura de partilha²² efectuada em 1867, na qual se lê, *sete hectares, seis ares e sessenta e quatro centeaes de terreno – um moio e treze alqueires pela medição antiga – compreendendo os pomares e horta, sitos em Santa Luzia, cujas confrontações parciais se não podem designar, por esta propriedade se achar mista com terras do vínculo do capitão João de Ávila, que tem nelas moio e trinta alqueires de trigo, que ao todo confrontam: norte, com terras de que o actual administrador²³ é enfiteuta e senhorio directo José Narciso Parreira e com Visconde de Bastos; sul, com grota do Chafariz Velho, que vai ao Fanal; nascente com caminho da Ladeira Branca e poente com Vital de Bettencourt. Seu valor oito moios e quarenta e quatro alqueires de trigo abatido já um moio e trinta alqueires pertencente ao vínculo do capitão João de Ávila, avaliados em quatro contos trezentos sessenta e seis mil reis.*

João de Ávila, como é sabido, foi companheiro de armas de Francisco de Ornelas da Câmara no cerco ao Castelo de São Filipe do Monte Brasil até à Restauração. Foi, aquela dama, dotada por herança com enormes bens vinculados por seu avô João de Ávila, a juntar à fortuna dos Pains de Sousa, juntamente com o sangue do primeiro senhor das terras e casas nobres e antigas no alto de Santa Luzia, o povoador Álvaro Vaz Merens, cujo filho e nora João Vaz Merens e Catarina Lourenço Fagundes, levantaram e sustentaram como padroeiros a igreja de Santa Luzia, que ficava na sua propriedade, possivelmente até à segunda metade do séc. XVII ou já no séc. XVIII. Mais tarde, as casas nobres viriam a sofrer profundas alterações e ampliações, como as que foram orientadas nos começos do séc. XIX sob o olhar criterioso da morgada e administradora vincular D. Rita Pulquéria de Ornelas Paim da Câmara, que herdou de seu pai o palácio e outros bens e do seu consórcio com André Eloy Homem da Costa

²² Bib. Pública e Arq. Regional de Angra do Heroísmo. *Escritura de partilha e divisão de bens desvinculados por virtude da Lei de 19 de Maio de 1863, que entre si fazem o Conde da Praia da Vitória e a sua consorte e seu filho primogénito Visconde de Bruges e a sua consorte*. Em 2 de Junho de 1867. (Secção II – notário, sub secção A, divisão 48, alínea A, Livro 46 A – com base no artº 90 da Carta de Lei de 30 de Junho de 1860 e com ordem à desvinculação de bens, tornando-os livres segundo as disposições da nova Carta de Lei de 19 de Maio de 1863. – item 88, fls. 66vº.

²³ 1º Conde da Praia da Vitória.

Noronha, foram entre outros, os pais do Par do Reino, Conselheiro, 1.º Visconde de Bruges e 1.º Conde da Praia da Vitória Teotónio de Ornelas Bruges, chefe do Movimento Liberal dos Açores em 1828 e Membro do Governo Provisório nos Açores, que naquele velho solar nasceu e foi o último dos Pains de Sousa que ali viveu, vindo a falecer já na sua Quinta da Estrela no Caminho de Baixo, subúrbios de Angra, aos 25 de Outubro de 1870.

Já no séc. XX aquela propriedade urbana passou a mãos estranhas, destinada a outros fins. Com a chegada do novo bispo para ocupar a cadeira episcopal da diocese, D. Manuel Damasceno da Costa, este prelado concebeu a ideia de um seminário em Santa Luzia aproveitando as casas que haviam sido ultimamente solar da família Paim de Bruges, mas tal não aconteceu por divergência de opiniões com a docência do próprio seminário. A diocese veio, contudo, a comprar o prédio a 30 de Setembro de 1915 por 5.961.680 réis e a encarar uma nova e adequada estrutura enquadrada nos fins a que era destinada. Apesar disso, a ideia não vingou e o velho palácio, que ainda foi ocupado como residência episcopal e sede temporária da secretaria eclesiástica em 1889²⁴ acabou apenas por dar *alojamento dos alunos de uma prefeitura*, sendo depois desmantelado, como coisa inútil e *aproveitada a pedra na adaptação que, de 1929 a 1934, se fez na antiga casa do Barão do Ramalho, a Seminário Episcopal*²⁵.

Com o total desaparecimento do solar ou palácio de Santa Luzia, aquele chão ficou desocupado, ali sendo construído um edifício onde está instalado actualmente o Posto Meteorológico, a que foi dado o nome honroso do antigo sócio efectivo do Instituto Histórico da Ilha Terceira, tenente-coronel José Agostinho, cientista de renome internacional que ficou a prestigiar aquele local no alto de Santa Luzia de Angra²⁶.

²⁴ Cónego J. A. Pereira, *A Diocese de Angra na história dos seus prelados*. Livraria Editora Andrade, Angra do Heroísmo, II, p.33.

²⁵ (2) P. Merelim, *ob.cit.*

²⁶ Justifica-se o arrazoado acrescentado sobre Santa Luzia de Angra, em virtude da existência de alguns pormenores curiosos e históricos serem menos conhecidos e outros se encontrarem dispersos ou esquecidos, mas, como conclusão e ao que parece, durante mais de 400 anos as casas nobres e antigas do alto de Santa Luzia foram residência apenas de duas famílias – a dos Merens e a dos Pains de Sousa, que acabaram interligados entre si.

CENTENÁRIO DE MADURO DIAS*

12 de Março de 1904 – 12 de Março de 2005

Ao longo do ano de 2004 decorreu o centenário do nascimento de Francisco Coelho Maduro Dias. Este evento foi assinalado com a realização de diversas iniciativas, de que destacamos: uma exposição, bio-bibliográfica e iconográfica sobre o Homem e a sua vasta e diversificada obra literária e artística, inaugurada no dia 12 de Março de 2004, por iniciativa da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo e no dia 18 de Maio, Dia Mundial dos Museus, e por iniciativa do Museu de Angra do Heroísmo uma exposição, intitulada **Maduro Dias – um Homem do século XX**.

Estas exposições pretenderam destacar o MADURO DIAS natural e amante da cidade de Angra, o poeta, o escritor, o homem de múltiplas presenças, uma figura central nas manifestações artísticas da sua terra natal, como um amante da beleza e como o interventor, que baseado na experimentação, praticou com enlevo e elevação a Pintura, a Arquitectura, o Teatro, a Cenografia, a Rádio, a Tipografia, o Design, a Cenografia, o Poster, a Decoração.

Tudo o que pudesse evidenciar a terra e o regionalismo, sinónimo do ser português, deu corpo a múltiplas intervenções locais, regionais, nacionais e internacionais, sempre com a sua graça e o seu sentido estético e com uma grande agudeza de observação e aberto a todas as aproximações de correntes e estilos artísticos nacionais e mundiais, mas à sua maneira. Foi ainda sócio fundador do Instituto Histórico da Ilha Terceira e sócio de múltiplas organizações culturais e sociais da sociedade angrense e terceirense.

Para reflectir sobre o Homem e a obra de Maduro Dias e a sua actualidade e por iniciativa do Museu de Angra do Heroísmo realizar-se-à nos dias 10, 11 e 12 de Fevereiro de 2004 um Seminário, intitulado:

SERÕES COM MADURO DIAS... 100 anos depois

* Nota para a imprensa a propósito da realização das actividades comemorativas do centenário de Mestre Maduro Dias, no Museu de Angra do Heroísmo, divulgada no início de Maio de 2004.

Convidamos toda a comunidade local a participar e dirigimos um convite especial a todos os que conheceram Maduro Dias, a todos os animadores socioculturais que estão ou estiveram ligados ao teatro, à cenografia, ao folclore, às belas artes, à rádio à poesia e à literatura, enfim, a todos, jovens ou mais idosos, que tem a arte e o bom gosto como lema principal nas suas vidas de cidadãos activos e empenhados.

Quinta-feira, 10 de Fevereiro de 2005 (Noite 20.30 – 23.30)

Recordações sobre Maduro Dias

Dr. Álvaro Monjardino

O Regionalismo e o localismo na época de Maduro Dias

Dr. José Olívio Mendes Rocha

Venho apenas agradecer

Álamo Oliveira

Sexta-feira, 11 de Fevereiro de 2005 (Noite – 20.30 – 23.30)

A Pintura e a Arte Maduro Dias

Dr. José Nuno da Câmara Pereira

Um homem de várias escritas - A Poesia

Dr. Eduíno de Jesus

A poesia – a verdadeira vocação de Maduro Dias?

Dr. Urbano Bettencourt

Sábado, 12 de Fevereiro de 2005 (Tarde, 14,30 – 17.30)

Mesa Redonda sobre Maduro Dias – a obra e a sua actualidade

Prof. Doutor José Guilherme Reis Leite (coordenador)

Dr. Álvaro Monjardino

Dr. José Nuno da Câmara Pereira

Dr. Urbano Bettencourt

Dr. Eduíno de Jesus

Dr. José Olívio Mendes Rocha

Precedendo a Mesa Redonda, terá lugar a apresentação de uma comunicação da Dra. Helena Ormonde (em power point). Apontamentos sobre a vida, a obra e o contexto de Mestre Maduro.

RECORDAÇÕES DE MADURO DIAS*

Álvaro Monjardino

I

As minhas recordações de Francisco Coelho Maduro Dias levam-me de regresso à infância, em que já ouvia falar desse homem que era da idade e do tempo do meu Pai. Como um excêntrico, ou quase. Soube desde muito cedo que ele, estudante do liceu de Angra, conseguira o feito incomum de apanhar um zero em matemática. Soube também que se lhe devia o desenho do empedrado da Praça Velha – completado pelo dos passeios junto às três fachadas da Câmara Municipal, em que o motivo, penso que totalmente inocente em termos políticos, era uma cruz suástica. Suástica em qualquer caso discretamente substituída, já depois de 1943, por dois quadrados concêntricos, após públicas manifestações de desagrado (vi uma delas) por parte de elementos anglo-americanos aqui instaladas desde essa altura...

Mas a minha admiração por Maduro Dias existiu desde cedo e começou, digamos, com dois impactes. O primeiro foi, se não me engano, em 1937. Repunha-se no Teatro Angrense a opereta «Água Corrente» de João Ilhéu, com música de Henrique Vieira da Silva e cenários de Maduro Dias; e ficou-me nos olhos logo no princípio aquilo de, com celofane, se mostrarem as águas de uma ribeira como se fossem vivas; ficou-me ainda um toiro negro que, corrido à corda já no último acto, se entrevia a passar por detrás de um muro antes de colher o herói da opereta que ainda avisávamos, atirado ao ar, do lado esquerdo da cena.

Depois, em 24 de Março de 1941, testemunhei *de visu* a cerimónia cívica, resto tardio das comemorações centenárias do ano anterior, em

* Auditório do Museu de Angra do Heroísmo, 2005-02-10

que, junto à matriz da Praia, se inaugurou o monumento à Restauração que Maduro Dias havia desenhado; e logo dias depois, em Angra e numa tarde chuvosa, a outra em que se descerrou um busto que ele modelara. Era o busto de D. António, Prior do Crato, feito de gesso embora disfarçado sob uma tinta cor-de-azeitona-de-Elvas, para dar a sugestão do bronze. E aí a minha admiração foi maior. O homem, além de fazer encaixões e desenhar ladrilhos e um monumento parecido com uma caixa de fósforos, era mesmo um escultor! Lembro-me de, quando já não havia gente à roda, me aproximar do busto no alto do seu plinto, admirar-lhe a dimensão superior à humana, a semelhança com a gravura que conhecia de uma História de Portugal que havia em nossa casa, a cruz hospitalária de oito pontas aberta em relevo sobre o peito... Fiquei desde então à espera de ver aquele busto fundido em metal apropriado como, aliás, repetidamente se prometera. E nessa espera me mantenho – só que há já mais de seis décadas... Porque o pretendente vencido à coroa de Portugal mereceria, apenas e até hoje, que no ano de 1948 lhe fundissem o busto em alumínio de avião: solução que subsiste ao cabo de todos estes anos, ademais com o occipital escandalosamente trepanado e até o plinto deslocado do seu lugar inicial – a benefício de um espaço que começou a ser para estacionamento de autocarros, ultimamente melhorado... mas para veículos ligeiros.

II

Por meados dos anos 40, andava eu no Liceu, Maduro Dias regia um dos vários cursos que se davam à noite na sede da Mocidade Portuguesa, no alto da Miragaia. O dele era de modelação. Inscrevi-me nesse curso, porque sempre gostei de desenho livre e desde pequeno fazia figuras com plasticina. Maduro Dias sabia deste meu relativo jeito, até já em tempos me arranjava uma cera vermelha para uma tentativa minha (muito mal conseguida) de moldar uma figura para um salão de estética. Desta vez sugeriu-me que modelasse um medalhão em baixo-relevo com a face do condestável Nuno Álvares Pereira na sua fase final, a de irmão carmelita. O modelo seria o quadro que existe de frei Nuno de Santa Maria. Comecei por aprender a ampliar os traços desse quadro, a partir de uma pequena reprodução, para os inserir num círculo com trinta centímetros de diâmetro. Depois veio a interpretação da figura, cujas linhas, de tão

explicadas, ainda tenho de memória. E com base nas fontes ou em deduções («Repara nos olhos. A Crónica do Condestabre dizia que ele tinha *os olhos pequenos e mui vivos*. É como estão aqui: olhos miudinhos, mas alerta, atentos a tudo»). Depois, uma boca fina mas como que repuxada para o lado esquerdo («Provavelmente já, naquela idade, o resto de algum acidente cerebral...»). Depois, um pescoço singularmente robusto a emergir do hábito do Carmelo («Bem, o toutiço de um homem afeito a exercícios físicos»). Foi assim a experiência enriquecedora de modelar esse medalhão de frei Nuno, com as maiúsculas no nome escrito à sua volta a abrirem em floreteado, como nas armas heráldicas dos Pereiras... Fiquei também a perceber como é que Maduro Dias ensinava, fundamentando as soluções a partir da interpretação do modelo e abrindo o nosso espírito de adolescentes para uma visão mais aguda do que, explícito ou implícito, se vê e do que em qualquer caso significa.

Ainda nessas aulas de modelação aprendemos também a fazer moldes de gesso e a tirar máscaras faciais. A mortos? Sim, mas também a vivos. E aí começou uma aventura, que para nós foi. Em duas noites se realizou a grande experiência de tirar a máscara ao Hildebrando Péricles Ortins, que também por lá andava. Fora pedido um voluntário, explicando-se que teria de ser alguém que tivesse sangue-frio, e o Péricles – como lhe chamávamos e ainda hoje se lhe chama – ofereceu-se para o efeito. Maduro Dias explicou que ele teria de sujeitar-se a ter a cara besuntada com vaselina antes de receber o gesso, depois completamente tapada durante alguns minutos, e a aguentar o aquecimento do molde enquanto fazia presa, tudo isto respirando por um tubo de borracha metido pelo nariz acima. Assim se fez e foi emocionante. Tirado depois o molde já endurecido, eliminada a excrescência que nele deixara o tubo respiratório, a máscara apenas surgiria a partir dele na sessão seguinte. Mas aí a nossa desilusão foi imensa. Porque não era o Péricles que todos conhecíamos. Era uma face branca, de olhos fechados e totalmente inexpressiva. Dissemos isso mesmo a Maduro Dias. E a explicação veio, pronta: «Falta-lhe qualquer coisa, não é? Pois, falta-lhe tudo: falta-lhe *a vida*. E a vida, mesmo que só na simples expressão de uma pessoa, é muito mais do que se poderia imaginar». Pois. Era assim mesmo. Mas foi também assim, desta maneira simples e admirável, que ficámos a sabê-lo. Para sempre.

III

Entre os anos de 1954 e 1966 fui professor provisório na Escola Técnica, porque estava no princípio da minha vida profissional de advogado num meio pequeno e modesto como este era e ainda é. Francisco Coelho Maduro Dias também dava ali aulas – de desenho – mas a partir de certa altura passei a vê-lo na secretaria, como funcionário de carteira. «Sabes», disse-me, «passei de oficial miliciano a sargento do quadro». Mas esta fixação funcional a uma repartição pública dar-me-ia azo de o encontrar muitas vezes e de irmos conversando sobre um ou outro assunto durante todos esses anos. Eram conversas simples e informais sobre coisas correntes e não me lembro praticamente de nenhuma em especial. Conservei porém a impressão geral de um espírito atento ao pequeno e ao grande mundo, de uma ironia fina na apreciação dos factos – e de um manifesto gosto pelas mulheres. Maduro Dias não era para confidências, mormente a quem, como eu, teria idade de ser filho dele, e os tempos também eram outros, mas há coisas que se não conseguem esconder. Ele era, nitidamente, um sensual. Ver uma rapariga esbelta deixava-o com os olhos húmidos e não era preciso dizer nada para se perceber a bioquímica que ia ali dentro. Só de uma vez lhe escapou diante de mim um comentário sobre uma jovem que casara ou ia casar por essa altura – e em palavras de uma gulosa admiração pela beleza dela. De resto, pareceu-me sempre um tímido, que o era. Gaguejava. Nunca o vi, nem sequer imaginei, a falar em público – como orador, entenda-se. Era mais um homem para conversas breves e com retoques de cor, essas sim, como um pintor impressionista. E depois tinha umas mãos eloquentes, uma unha enorme no polegar como um tocador de guitarra, e usava tudo isso em gestos a sublinhar, a revestir, a emoldurar as palavras ditas. Essa sensibilidade casada com contenção exprime-se melhor nos poemas que escreveu e de que a «Melodia Íntima» nos deixa um claro testemunho. Recordo, por todos, este que ele intitulou «Rasto», datado de 1947 e inspirado em alguém, uma mulher, lembrada ou porventura só avistada em imagem – e no *Azoria*, aquele velho teatro feito de chapas onduladas que os ingleses deixaram nas Lajes quando daqui se tinham ido no ano anterior:

– Esteve aqui...
E entendo a tua voz
Que nunca ouvi.
E sinto o teu perfume
Que não sei.
E como digo bem:
«Teu»
«Tua»
«Tu»,
de ti que eu nunca vi...
...O ferro
que vibrou à tua voz,
embebido nela
este cartão dos muros...
Em mim
O desassossego duma queimadura.

Em 1959 Maduro Dias realizou uma grande tela destinada ao salão nobre da Junta Geral de Angra para as comemorações do sexto centenário da morte do infante D. Henrique. Temo-la aqui diante de nós. Como se vê, corresponde à visão, tão em voga no anterior regime, mitificada por um certo historicismo nacionalista e um idealismo patriótico, frágeis barreiras morais, de resto vindas de trás, mas que por essa altura se levantavam com maior vigor e urgência perante as ameaças cada vez mais intensas contra a Índia portuguesa e que antecipavam as já muito próximas guerras de África. Mas esse enquadramento inicial passado pela sensibilidade de Maduro Dias deu algo de diferente. E o que a tela nos mostra é uma visão, digamos que genesíaca, de um novo mundo atlântico a nascer, se não renascido. Lá estão os sinais da cidade submersa de uma Atlântida imaginária, lá a atmosfera turva de brisas mornas e uma nebulosidade esfumada onde se esboçam os vultos imprecisos do príncipe português e seus navegadores; e perante eles uma terra verde, com a formação calcária de uma craca ostensivamente enorme em primeiro plano (o ensimesmamento do homem insular, porventura o dele próprio...), um alto cone vulcânico e, desenhando os relevos mais suaves do solo, as linhas nítidas de um corpo de mulher num eloquentíssimo decúbito dorsal, os joelhos meio dobrados... – essa mesma terra que o descobrimento iria fecundar... Não tenho dúvida de que foi isto, talvez mesmo sobretudo isto, o que Maduro Dias quis que ali ficasse. Aliás disse-o, concretamente, a João Afonso. E foi este quem mo contou.

IV

Em 1962 Maduro Dias começou a dar lições de artes plásticas, que acabariam por ser fundamentalmente de pintura, no *Officers' Wives Club*, mais tarde também no *Service Club*, da base americana nas Lajes; e depois ainda, já a um ritmo trissemanal, num espaço próprio em Santa Rita que lhe havia sido dispensado para o efeito. Não sei precisamente os termos em que tudo isso começou, mas o facto é que iria prolongar-se pela bagatela de vinte e dois anos. Durante dois desses anos foi uma irmã minha quem lhe deu boleia automóvel para a base; e em memória dessas viagens ficou um pequeno quadro a óleo mostrando a bifurcação para o Caminho da Serretinha – ali onde há uma araucária, ao tempo ainda muito pequena – que ele, à mão, intitulou simplesmente «A estrada» e lhe ofereceu em 1966 como prenda de casamento.

Certos entendimentos em voga no nosso país, mais ou menos traduzindo complexos nacionais (e hoje sobretudo complexos europeus) pretendem que os norte-americanos são brutos, intelectualmente toscos e dados a juízos bastante primários e pelo menos discutíveis. Parece evidente que na grande nação federada nos Estados Unidos da América haverá também de tudo isso, e provavelmente nem será no seio das forças armadas que o melhor da massa cinzenta norte-americana vai encontrar-se. Não deixa em qualquer caso de impressionar o certo dessa escolha, ademais rara, recaída sobre aquele homem socialmente apagado mas que era decerto, dentro desta ilha, o maior artista do seu tempo; e a objectividade com que se lhe detectou um valor real e com dimensão invulgar neste pequeno e tacanho meio intelectual insular, tão avesso a descobrir, aceitar e acarinhar os valores e os profetas que nele surgem. Aliás, é geralmente com alguma surpresa local que, de tempos a tempos se sabe de pessoas cujo mérito foi reconhecido assim a partir de fora – mesmo que notadas e mesmo escolhidas de cá de dentro, só que por quem de cá de dentro não é.

Maduro Dias não falava inglês. As suas primeiras lições, deu-as com a ajuda de um intérprete. Mas, como já se viu, não era decerto a palavra oral o seu meio de comunicação melhor e mais eficaz. Era o resto – e também, sem qualquer dúvida, o gosto de o fazer... Penso que a longevidade dessa acção docente *sui generis* é a melhor prova de que a comunicação funcionou, à medida que os discípulos – perdão, as discípulas, nunca tal se perca de vista – se iam sucedendo ao ritmo das comissões militares que se repetiam nas Lajes durante todos estes anos; e que Maduro Dias apreciou

a fundo esta longa e variada incursão por uma sociedade estrangeira: de gente de um país onde nunca esteve mas para cuja cultura, inclusivamente artística, se iria insensível e gradualmente voltando. Penso também que, bem ao contrário de Luís Ribeiro (1882-1955) – que deliberadamente nunca quis ver com os seus olhos as Lajes com as suas pistas de betão asfáltico, os seus aviões, as suas instalações militares, o seu movimento, na confessada noção de que tudo isso significava uma mudança irreversível no próprio modo de ser da ilha e das suas gentes – Maduro Dias, esse, acabaria bem cedo por encontrar ali a revelação de um mundo novo e pujante, e de maneira nenhuma apenas numa dimensão tecnológica. Às tantas já não precisava de intérprete, tinha à mão dicionários de inglês e as suas leituras estrangeiras foram derivando da língua francesa para a inglesa, num acompanhamento vivo e interessado do que é hoje mais ou menos claramente visto como a grande viragem nas hegemonias planetárias, inclusivamente ao nível cultural.

Que papel teve na constância dessa relação docente e nos efeitos vários dela decorrentes o facto de os seus discípulos serem mulheres, fica ao juízo de cada um. Suspeito, em qualquer caso, que este papel terá sido decisivo, ao menos no início, mas estou em crer também que não só. Decisivo, afinal, na descoberta que Maduro Dias fez, na sua meia-idade, de novos horizontes. Para a sua arte, desde logo. Na maneira de a viver, de a comunicar e até de a fruir.

V

Pouco depois de, a culminar um processo em muitos aspectos exemplar e sem precedentes em Portugal, a UNESCO haver incluído a zona central da cidade de Angra na lista do Património Mundial, fui procurar Maduro Dias na sua casa em São Bartolomeu. E pedi-lhe que imaginasse algo que, chamando a atenção para isso mesmo, pudesse eventualmente colocar-se em um ou dois de entre os vários miradouros da cidade. Algum tempo depois, não me lembro quando, Maduro Dias deu-me dois esboços que fizera a lápis. Um deles era para o Pico das Cruzinhas: o emblema do Património Mundial vazado em betão e alçado à ilharga nascente do monumento aos descobrimentos que já lá se encontra, com o mar em fundo: assim como (explicava ele) um ponto final para os olhos que houvessem percorrido, desde o lado oposto, o ocidental, aquele panorama

único da cidade. O outro destinava-se ao Alto da Memória e de alguma maneira glosava o monumento que ali existe, dominando (um pouco como a estátua de São Pedro sobre os foros imperiais de Roma) o sítio que outrora fora do primeiro castelo da cidade.

Estava-se já em Maio de 1985 quando apreciámos essas duas sugestões numa sessão do Instituto Histórico da Ilha Terceira. As opiniões foram de alguma reserva quanto à apresentada para a Memória, mas unânimes e mesmo entusiásticas a favor da imaginada para o Pico das Cruzinhas. Em qualquer caso, entreguei na Câmara Municipal de Angra esses dois esboços que Maduro Dias fizera. Só que nunca mais soube deles, tendo ficado ingenuamente à espera de um aproveitamento do que ali deixara, para mais de mão beijada e vindo de quem vinha, em prol da cidade histórica. Correram meses, correu mais de um ano até que um dia, já passado 1986, me lembrei de perguntar o que lhes havia acontecido. A resposta, aliás tardia, foi que ninguém sabia deles. Os esboços tinham simplesmente desaparecido. Infelizmente, Maduro Dias estava já morto quando eu soube desse desaparecimento imperdoável. Imperdoável até no que me toca, pois também não posso desculpar-me de não ter acautelado, com uma fotocópia que fosse, a memória desses desenhos, último tributo de Maduro Dias à cidade que ele amava. Ainda consigo reproduzir de memória o desenho imaginado para o Monte Brasil, mas faltam-me os elementos sobre a dimensão que ele tinha em mente. Seja como for, tenho-o lembrado e lembro-o aqui mais uma vez. Porque me parece inteiramente possível retomar a ideia enquanto alguém ainda se recorda dela para que se erga no Monte Brasil aquele marco que a cidade merece. Seria, de resto, mais uma intervenção bem do nosso tempo, com a rara vantagem de ter na sua concepção um verdadeiro artista, contemporâneo de António da Costa – cujo contributo, também só meramente esboçado, mesmo assim foi desenvolvido, executado (e até recentemente requalificado, com uma evidente mais-valia estética) sendo em qualquer caso capaz de transfigurar o que restava do Adro Santo, ali no alto da Rocha de Canta-Galo.

VI

Revejo ainda a figura, a esbater-se suavemente no tempo – quase vinte anos já lá vão – de Francisco Coelho Maduro Dias: alto, curvado, com uns braços longos, aquelas mãos grandes e pés a condizer. Via-o quase sempre

com uma camisa azul de anil, às vezes com uma boina e uns casacões de *tweed* quando havia frio. Com aqueles incisivos superiores a ultrapassarem o queixo recuado, teria decerto usado aparelhos correctores dos dentes, como tantos jovens de agora, se houvesse nascido um século mais tarde... Os cantos da boca ligeiramente virados para cima a esboçarem um sorriso irónico, os olhos de um azul desbotado, pequenos e vivos, olhos de observar e também saborear o que via. E uma testa inconfundível, alta, larga e recuada, testa de judeu, da qual saía um cabelo tardio, que em tempos decerto fora loiro e lhe fugia para trás. Foi em conversa com o filho, já depois da morte dele, que soube ter Maduro Dias efectivamente uma ascendência hebraica (um tri ou tetravô do lado materno): algo que aliás quase se lhe adivinhava, e tanto na figura como nos talentos vários – mas não se sabia em público, ainda que ele a conhecesse. Andava devagar, pausadamente. A última imagem que dele conservo na memória e com que fecho estas recordações é de uma missa dominical na sé de Angra, em que me parece estar ainda a vê-lo avançando pela coxia central naquele seu passo arrastado, a caminho da mesa da comunhão. Ia nos oitenta e dois anos. A esse tempo, a viagem de Francisco Coelho Maduro Dias por esta terra aproximava-se do seu fim, com o porto de chegada a desenhar-se-lhe já no horizonte.

A POESIA DE MADURO DIAS*

Urbano Bettencourt

Em Março de 1955, algumas semanas após a morte de Luís Ribeiro, Vitorino Nemésio escreveu uma crónica evocativa, em que o referenciava como “um dos portugueses mais representativos e regionalmente mais influentes da casa dos setenta anos”.

Falei em “crónica”, mas é sobretudo de um perfil que se trata, redigido naquela voz tão pessoal que articula o rigoroso registo factual com a envolvimento afectiva e íntima, numa frase balanceada e segura, subitamente sobressaltada por uma guinada narrativa ou metafórica que nos desperta para a presença do romancista e do poeta.

O texto de Nemésio traduz, por um lado, a familiaridade e a reconhecida dívida para com um homem com quem já nos anos 20 entrara em diálogo nas páginas do *Diário dos Açores* e, por outro lado, explana em pormenor as razões que, no ano seguinte, o levarão a dedicar o seu *Corsário das Ilhas* “à memória de Luís da Silva Ribeiro que foi alma e consciência da nossa ilha e dos Açores”; mas Nemésio tem igualmente consciência de que escreve para um público específico, o continental, daí o cuidado em contextualizar ou justificar a pouca notoriedade nacional de Luís Ribeiro, o seu desconhecimento por parte da generalidade da população.

E são as suas explicações que me interessam em especial e que gostaria de aproveitar como pretexto para algumas considerações prévias à abordagem da poesia de Maduro Dias, na pressuposição de que a expressão literária não pode, em absoluto, separar-se da circunstância do autor, do seu tempo cultural e social, nem manter-se de todo alheia àquilo que poderá ser tido como o seu posicionamento perante os outros e o mundo (e bem sei que me sujeito a ouvir os assobios de algum estruturalismo serôdio).

* Auditório do Museu de Angra do Heroísmo, 2005-02-11

Afirma Nemésio que para aceder ao estatuto de figura pública, digamos assim, “é preciso uma certa equação de evidência entre o indivíduo e a nação, que só as cumeeiras activas das profissões liberais e os estilos de vida exibidos costumam proporcionar. E é necessário, sobretudo, que o cidadão notável se tenha resolvido a sê-lo, quer por uma vocação expansiva exercida em larga escala, quer pelo impuro apetite da nomeada.”

Traçado o quadro dos requisitos, prossegue Nemésio:

“Ora, nada disso se deu na pessoa de Luís Ribeiro, que era um homem naturalmente modesto e que, dotado embora de um fundo instinto social servido pela vontade firme de dar forma e destino ao que valia, limitou deliberadamente a sua acção a um meio provincial – os Açores – e a campos de fraca repercussão nas massas”.

A leitura que faço dos excertos transcritos, bem como do texto na sua globalidade, suscita-me algumas questões.

Em primeiro lugar, a deliberada opção por um campo de trabalho tão restrito como os Açores parece ser aqui dada como caminho seguro para o desconhecimento nacional ou, recorrendo a uma publicidade já não muito recente, é meio caminho andado para isso; se não é ocasião para nos determos agora nas razões ou desculpas que conduzem a essa situação e de que, provavelmente, o Atlântico até nem será a mais significativa, talvez importe dizer que esta não é sequer uma questão que me preocupe especialmente.

Mais importante do que nos determos na natureza desse duplo confinamento, o geográfico e o outro (de ontem e de hoje, aliás), interessa ver como o texto de Nemésio se fixa naqueles aspectos que assinalam a forte intervenção de Luís Ribeiro na sociedade açoriana, os diferentes modos como ele soube ler a história, a cultura e o tempo açorianos, investigando, articulando saberes, trazendo a público a sua reflexão e construindo uma obra “como fundamentação e consciência do plano de vida insular”.

E esta é uma segunda ordem de questões, já não circunscrita ao autor evocado por Nemésio, mas de carácter mais abrangente e respeitante a quantos, de um modo geral, optaram por cumprir a sua missão no espaço açoriano e fizeram dele o seu território de intervenção intelectual e cívica: mais do que preocuparmo-nos com o eco da sua acção no exterior e com a obsessiva aferição da sua grandeza por padrões “metropolitanos”, talvez devêssemos, antes, ocupar-nos preferencialmente do sentido que eles

deram à sua vida enquanto cidadãos que quiseram sê-lo não apenas por via do registo e da estatística, talvez devêssemos perscrutar o âmbito da intervenção do cidadão *A* ou *B*, do intelectual *X* ou *Y* no plano concreto da sociedade em que viveu, o modo como se integrou nela e os instrumentos de que serviu para transformá-la, tornando-a mais humana e mais digna, sem estar doentiamente à espera da legitimação lisboeta.

Dir-me-ão que haverá por aqui algum excesso de voluntarismo, um caminho curto para um eventual ensimesmamento ou isolacionismo pernicioso e eu responderei que isso não implica qualquer espécie de bloqueio intelectual (impossível, aliás, em espaços insulares), mas que o contributo exterior deve ser exactamente isso, um elemento que se integra, reelabora e põe em circulação num novo contexto a que se adapta; de resto, esta interacção entre exterior e interior, entre o local e o geral encontra-se formulada de modo mais incisivo e aprofundado num autor como Edouard Glissant, poeta e romancista da Martinica, teorizador reconhecido do pensamento arquipelágico, e de forma particular em obras como *Poética da Relação* ou em *Tratado do Todo-Mundo*, onde escreve que perante a evidência de um caos-mundo em que se cruzam, atraem e repelem as mais diversas culturas, “a poética da relação leva-nos a conceber a globalidade inacessível desse caos-mundo, ao mesmo tempo que nos permite destacar dele algum pormenor, e em particular cantar o nosso lugar, insondável e irreversível”.

É neste sentido que tenho vindo a ler a escrita e a cultura açorianas e a escrever sobre elas, felizmente ancorado na reflexão que outros espaços insulares têm desenvolvido, sem preconceitos nem adjacências mentais (aí está outra lição a reter), de modo a compreenderem a própria realidade da sua situação no mundo; é também neste sentido que entendo uma personalidade como a de Maduro Dias e dele tento aproximar-me.

Mas esta é, reconhecidamente, uma aproximação por tentames e lacunar, a de quem, não o tendo conhecido em devido tempo, vai agora aos poucos entrevendo a figura do artista múltiplo ou, talvez antes, do Artista Total à maneira renascentista, para quem nada do que era artístico lhe era estranho e de tudo se servia para uma intervenção estética que era, ainda assim, um efectivo exercício de cidadania, mesmo que a palavra andasse arredia do vocabulário seu contemporâneo (coisa que não deve causar-nos perturbação, pois já no século XVIII Diderot jogava, muito ironicamente, com essa distinção para solicitar aos outros que se ficassem com a palavra, mas lhe deixassem, a ele, a coisa).

No âmbito dessa multimodal actividade artística de Maduro Dias, a sua poesia atesta a ocorrência de determinadas constantes expressivas e temáticas que me parece deverem ser lidas à luz de um posicionamento estético e social do autor.

Em termos poéticos, o percurso editorial de Maduro Dias (1904-1986) decorre entre 1921 e 1985, ou seja, se transpusermos a questão para o plano biográfico, entre os 17 e os 80 anos do autor, aproximadamente.

Se isto pode proporcionar alguns elementos para a compreensão da escrita de Maduro Dias (e pode-o certamente), creio que será sobretudo no sentido de atentarmos nos diferentes contextos em que ela se manifesta e que acompanha, de modo particular o momento em que ela vem a público pela primeira vez, os anos 20.

Antes, porém, conviria dizer que esse percurso se organiza de modo irregular, com uma certa proximidade e cadência editorial até aos anos 40, seguindo-se dois hiatos de cerca de vinte anos, o primeiro até 1963, ano de publicação de *Vejo sempre o mar em roda*, e um outro desde este livro até *Melodia Íntima*, de 1985.

Mas também aqui as coisas não são exactamente o que parecem, pois os poemas publicados em 1963 foram escritos cerca de duas décadas antes, como refere o autor em nota final ao livro; e por outro lado, a existência de um relativo número de dispersos (principalmente na revista *Atlântida* e no Suplemento “Letras & Artes” do *Diário Insular*), incluídos no seu último livro, revela que já durante a década de 50 o poeta se movimentava por caminhos diferentes dos que trilhara até então.

Um primeiro aspecto a reter de um olhar de conjunto sobre a poesia de Maduro Dias é a existência de importante um núcleo marcado por uma forte vinculação ao universo da oratura, isto é, a literatura oral, popular, seja na adopção de um modelo como a quadra com verso de redondilha maior, seja depois no jogo interno de imagens e recursos expressivos e na construção da voz poética que se assinala na globalidade dos poemas.

Isso começa por ser imediatamente detectável nos títulos, que directamente informam sobre aspectos de natureza formal (quadras, redondilhas) ou explicitam o sentido da obra e a interacção com o destinatário (quadras *para o povo*) ou, num outro caso, indirectamente assinalam essa vinculação popular pela apropriação de um enunciado do cancioneiro, como ocorre com *Em nome de Deus começo*.

E até um texto como “Redondilhas aos soldados desconhecidos”, com uma organização discursiva tão peculiar que lhe confere um fortíssimo acento dramático e teatral (isto é, de texto para representar), talvez devesse aproximar-se (hipótese a confirmar) de algumas manifestações do teatro popular terceirense: pela voz narrativa que organiza a moldura cénica em que se faz ouvir a personagem principal, isto é, Portugal alegoricamente representado, pelo seu discurso de modulação narrativa e de conteúdo heroizante (mais ou menos por essa altura Nemésio editava *A Fala das Quatro Flores*).

Este duplo enraizamento formal e temático creio que não poderá separar-se do contexto ideológico e estético da segunda e terceira décadas do século XX, tempo de formação pessoal e arranque poético; era o tempo de “reaportuguesar Portugal”, como propunha Afonso Lopes Vieira, num processo que encontra eco na imprensa açoriana da época, onde a voz teórica de Nemésio se faz ouvir em diferentes momentos.

Esse regresso às “fontes tradicionais populares” de que falava Nemésio em 1917 cruzar-se-ia com o regionalismo, particularmente na sua vertente linguística, que daria frutos tão cerradamente fonéticos e lexicais nos contos do *Paço do Milhafre*, de 1924.

Mas, já no Prefácio a esta obra, Afonso Lopes Vieira questionava a necessidade da “deturpação prosódica” da língua e, no plano interno açoriano, as objecções ao livro de Nemésio (inclusive por parte de Luís Ribeiro) foram também nesse mesmo sentido de censura a uma “fala” aceitável nas personagens, ainda assim, mas não no discurso do narrador.

Não admira por isso que no caso de Maduro Dias se mantenha a fidelidade a uma vernaculidade linguística que atesta a prevalência da atitude autoral dentro dos modelos populares seguidos; e mesmo os poemas de *Vejo sempre o mar em roda*, publicados quando o autor navegava já pelos mares modernistas, continuam fiéis a essa perspectiva, em contraste com aquilo que ocorria na *Festa Redonda* de Nemésio (1950), cuja voz lírica era atravessada pela “tentação foneticista” que se manteve, aliás, como uma das constantes da obra nemesiana.

Em segundo lugar, importa destacar a existência de um outro núcleo constituído por *Dez sonetinhos de enlevo* e *Sonetos de esperança e de sonho*. Também aqui é notória a carga informativa que os títulos veiculam, quanto ao género adoptado que vincula o poema a uma expressão classicizante, mas também quanto à atitude do sujeito poético perante a figura

feminina, às vezes presentificada pelo discurso, outras apenas presentida ou sonhada.

Não é uma novidade este lirismo amoroso, pois já o podíamos encontrar nas outras obras referidas; o que ocorre aqui é a maior incidência de um bucolismo que se espraia na descrição do mundo natural harmónico e que, particularmente nos *Sonetos* (de verso decassilábico) explora as potencialidades do verso longo com vista à projecção de uma intimidade lírica e à expressão da atitude de contemplação da mulher amada.

Neste contexto de rigorosa obediência a cânones formais, populares ou eruditos, *Melodia Íntima* não deixa de constituir uma surpresa pela assumpção do verso livre e pela diversidade estrófica e rítmica, que se combinam, todavia, com os antigos modelos.

Como já referi, alguns dispersos de Maduro Dias comprovam que desde final da década de 50, pelo menos, a sua poesia se vinha encaminhando para uma expressão modernista e convém não perder de vista que essa foi a década da revista “Gávea” (de Emanuel Félix, Rogério Silva e Almeida Firmino) e do Suplemento “Letras & Artes”, do *Diário Insular*, primeiramente coordenado por João Afonso e depois por Emanuel Félix; em Ponta Delgada a década de 40 registara a geração agrupada no Círculo Literário Antero de Quental e em torno do *Correio dos Açores* e, sobretudo, de *A Ilha*.

E num e noutro lado o movimento editorial trouxera a público a poesia assumidamente modernista de homens como Pedro da Silveira (*A Ilha e o Mundo*, 1952), Eduíno de Jesus (*O rei Lua e A Cidade destruída durante o eclipse*, de 1955 e 1957), Silva Grelo/Cunha de Oliveira (*A Cidade e a sombra*, 1954), João Afonso (*Enotesco*, 1955), sem esquecer que em 1953 Armando Cortes-Rodrigues retomara o primitivo discurso de “Orpheu” com o seu *Horto Fechado*.

Serviu este desvio para dizer que Maduro Dias não se encontrava sozinho e, além disso, estava perfeitamente integrado no espírito e na letra de uma geração que lhe sucedia.

Por outro lado, o leitor de *Melodia Íntima* não terá dificuldade em verificar a agilidade com que o poeta constrói o seu discurso, sem rejeitar a lição nemesiana que lá está, sim senhor, para além desse inaugural “Acto Breve em Memória de Nemésio”.

É ver, por exemplo, o ímpeto de voz que se lança quase incontrolável e subitamente se refreia como que por esgotamento; ou então o ritmo longo e distendido do verso, travado bruscamente por um verso curtíssimo; ou

mesmo o aproveitamento de um pequeno episódio insignificante como pretexto poético ou ainda esse registo coloquial a quebrar o efeito declamatório do poema.

E creio mesmo que a persistência dessa lição ocorre também na convocação da cultura popular, mas (ao contrário do que acontecia anteriormente) já sob o efeito de uma certa distanciação irónica e parodística, como se verifica no “Divertimento sobre uma Cantiga Velha”.

Um último aspecto a considerar, brevemente e com carácter provisório porque aguarda ainda algum trabalho a desenvolver, tem a ver com aquilo a que poderia chamar a “consciência do fazer poético”, a atenção ao ofício, ao labor oficial.

A constatação de anotações e correcções introduzidas no texto impresso e principalmente a comparação entre os dispersos e a versão definitiva em livro (só parcialmente realizada) permitem concluir quanto à vigilância do autor sobre os seus textos e à insatisfação que o leva em busca de um outro modo de dizer, por ele considerado mais perfeito. E isto é obra de poeta, obviamente.

Num livro traduzido para português já este ano, e apropriadamente intitulado *As Lições dos Mestres*, George Steiner ocupa-se das relações, algumas históricas, entre Mestres e discípulos, e de forma geral sobre a natureza do Magistério nas suas diversas modalidades, institucionais umas, outras desenquadradas e informais.

E sobre essa *lição* escreve Steiner: “Despertar noutro ser humano poderes e sonhos além dos seus; induzir nos outros um amor por aquilo que amamos; fazer do seu presente interior o seu futuro: eis uma tripla aventura como nenhuma outra”.

Talvez esta seja também a aventura de qualquer artista, de todo o cidadão interventor na *polis*; é por isso que gostaria de deixar aqui a breve citação de Steiner como síntese possível da leitura que acabo de fazer e como uma epígrafe muito pessoal para a obra de Mestre Maduro Dias, para a sua poesia em particular.

Angra do Heroísmo, 11 de Fevereiro de 2005

MESTRE MADURO DIAS, 1904-1986

Apontamentos sobre a Vida, a Obra e a Época*

Helena Ormonde



Apresentação

No ano em que se completaram cem anos sobre o nascimento do Mestre Maduro Dias, foi-me pedido um contributo sobre a vida e a obra deste terceirense e, ao mesmo tempo, oferecida a oportunidade de explorar o riquíssimo espólio fotográfico e jornalístico que ele e a sua família juntaram ao longo de quase um século.

* Trabalho apresentado em *powerpoint*, no âmbito dos *SERÕES COM MADURO DIAS... 100 anos depois*, a 12 de Fevereiro de 2005.

Na verdade, tratava-se de homenagear a memória deste homem, mas abria-se também uma enorme janela sobre a época em que vivera, um dos maiores argumentos para os estudos biográficos nas palavras sábias de Marguerite Yourcenar.

E, deste modo, depressa confirmei que Mestre Maduro foi não só um homem que atravessou o século XX e que participou intensamente em quase todos os aspectos da vida da sua cidade e da sua ilha, como uma verdadeira personagem com os seus mistérios, alguns desvendados pela família, outros sugeridos pelas imagens,

A Vida

A Família: os Laços e as Posses

Os pais

O pai, Manuel Inácio Sousa Dias, é recordado como um “brasileiro” com ligações maçónicas que vivia entre as cidades do Porto e do Rio de Janeiro, com os rendimentos das casas que possuía nestas duas cidades. E a mãe, Ludovina Olímpia d’Oliveira Correia Maduro, como a filha do abastado proprietário António Corrêa Maduro, cuja riqueza fora adquirida também em terras de Vera Cruz.

Embora esta tivesse nascido na freguesia angrense da Conceição, a família materna tinha as suas raízes na paróquia rural de S. Bartolomeu, à excepção da bisavó Jesuína Júlia de Jesus que era natural da freguesia dos Altares.

A aliança matrimonial da jovem angrense com o homem feito e abastado oriundo da ilha do Pico e regressado do Brasil realiza-se assim no círculo social dos proprietários rurais das ilhas, no início do século XX.

“Em 25 [de Dezembro de 1902] foi pedida em casamento pelo sympathico cavalheiro sr. Manuel Ignácio de Souza Dias a exm.^a sr.^a D. Ludovina d’Oliveira Corrêa Maduro, interessante filha do abastado proprietário, sr. António Corrêa Maduro.”

A Semana, 1 de Janeiro de 1903



O pai, 1903-1913



Os avós maternos, 1902-1903



A mãe, a tia materna e uma prima, c. 1897



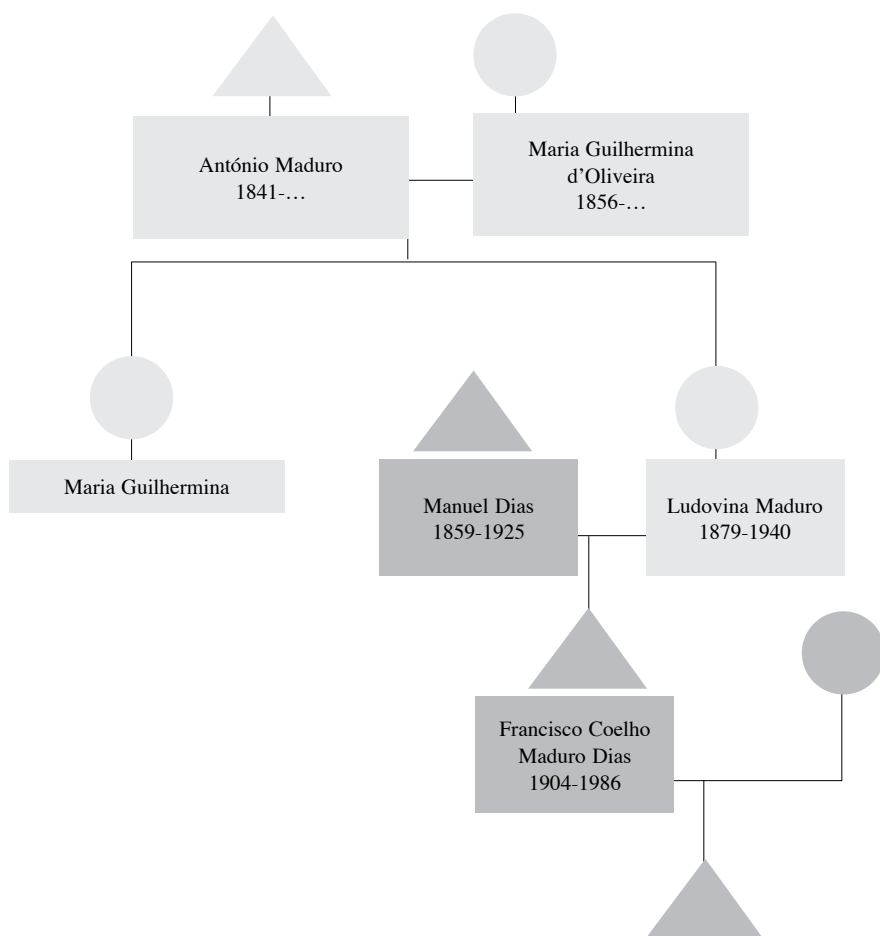
Os avós maternos e os pais, 1902-1903



A tia materna e o marido, Maria Guilhermina Maduro dos Santos Cordeiro e António dos Santos Cordeiro (médico militar), c. 1903

O casamento de Ludovina Maduro e de Manuel Inácio Dias foi celebrado em 1903 e, a 12 de Fevereiro do ano seguinte, nasce Francisco Coelho Maduro Dias na freguesia da Conceição (Angra do Heroísmo), que é baptizado na paróquia de S. Bartolomeu.

A estrutura da família



A vida social

À maneira de uma época, os principais acontecimentos da vida familiar são registados pelos jornais locais.

- 1900** Falecimento da bisavó materna, Jesuína Júlia de Oliveira.
A União, 30 de Janeiro de 1900
- 1902** Transladação da ossada do sogro de António Corrêa Maduro do Cemitério de S. Bartolomeu para o Cemitério do Livramento.
A União, 22 de Janeiro de 1902
- 1903** Pedido de casamento de Ludovina Maduro.
A Semana, 1 de Janeiro de 1903
- 19....** Aprovação com distinção no Exame do 2º grau.
A União, s/d
- 1925** Falecimento de Manuel Inácio de Sousa Dias, na ilha do Pico.
Vanguarda, 19 de Novembro de 1925
- 1927** “Seguii no S. Miguel para Lisboa o nosso camarada de redacção e querido amigo Maduro Dias, que à capital vai em viagem de estudo.”
A Cidade, 4 de Setembro de 1927
Passagem de Maduro Dias, acompanhado por Miguel Castro, por Ponta Delgada, a bordo do navio S. Miguel e a caminho de Lisboa, onde vai cursar Belas-Artes,
Diário dos Açores, 5 de Setembro.
- 1928** Chegada a Angra de Maduro Dias e Maria Ramos.
Jornal Português, 8 de Setembro de 1928
- 1940** Falecimento de Ludovina Olímpia de Oliveira Correia Maduro, aos 58 anos.
A União, 29 de Janeiro de 1940
- 1950** Atribuição do Grau de Cavaleiro da Ordem Militar de Santiago e Espada.
Diário Insular, 6 de Julho
- 1953** Casamento com Maria Elmira Reis a 21 de Março, na igreja dos Altares.
Diário Insular, 22 de Março de 1953

A Avó

Os pais separaram-se quando tinha cerca de 3 anos de idade e a infância é passada no seio da família materna, rodeado pelos afectos e preocupações das três mulheres desta família: a mãe, a avó e a tia.

O pai mantém-se fora do círculo familiar, como uma ameaça constante para o laço que une mãe e filho.



Francisco C. Maduro Dias, 1904-1905

A maturidade da avó assegura não só a unidade de um projecto familiar, como exerce também uma influência feminina responsável por um estilo inspirado na noção de bom gosto e pela formação de um certo *sentimento de si*, que é também um sentido para a vida.



Francisco C. Maduro Dias, a avó e a mãe, 1910-1918

A Infância: as Casas e os Rituais

As Casas

A vida corre assim entre a Quinta de S. Bartolomeu e as casas da cidade. Muito pequeno muda-se da Rua da Garoupinha para os Portões de S. Pedro. E ainda jovem fixa-se na Rua do Barcelos.

A Quinta parece, no entanto, ter sido a casa e o lugar aonde sempre desejou regressar ou de onde nem queria partir.



A Quinta de S. Bartolomeu



A Casa da Rua da Garoupinha

Os Rituais

O tempo da infância é marcado pelas vivências comuns às crianças açorianas do princípio do século XX, a ruralidade do quotidiano e a religiosidade dos rituais.



Coroação em S. Bartolomeu, c. 1914

Comunhão Solene, c. 1914



Alguns momentos de convívio mais urbanos foram registados também pela ainda recente e rara máquina fotográfica.

Mestre Maduro com a família e amigos em quinta dos arredores de Angra, 1920-1930

A Juventude

Os Amigos

Com os amigos – colegas do Liceu, muito provavelmente – atravessa a juventude, dedicando-se às mais diversas actividades que parecem aliar sempre a vida à arte e o saber ao entretenimento.

Aos 45 anos de idade, lembra assim os seus mestres:

“Evocando o Dr. Manuel António Lino figura-se me um painel onde, com ele, avultam as imagens do Dr. Luís Ribeiro, Tenente-Coronel José Agostinho, Dr. Braga Paixão, José Augusto dos Santos. Ao fundo brilha o monóculo do Dr. José Bruno Carreiro e também está a plácida figura do Cónego Dr. José Moniz Pacheco de Bettencourt. Ao largo entrevejo Mar e Ilhas. De todos estes recebi, do primeiro pão do espírito, cujo fermento provinha da verdade, da justiça, de amor ao trabalho, da resignação, do culto da beleza, dum claro amor à terra e aos homens de boa vontade.”

A União, 15 de Outubro de 1949

O desporto

Numa época em que os angrenses começam a interessar-se pelos benefícios da educação física e do desporto, Maduro Dias, por recomendação médica, adere às aulas de ginástica do professor João Cardoso Ávila.

“Do Desporto – Algumas horas no Faial. Aos rapazes do Liceu Durante a última excursão a S. Jorge, quase de fugida, fomos ao Faial e, das agradáveis horas que passámos junto da obsequiadora rapaziada desportista daquele meio, talvez algo se possa tirar de proveitoso para a nossa mocidade do Relvão.
M. D.”

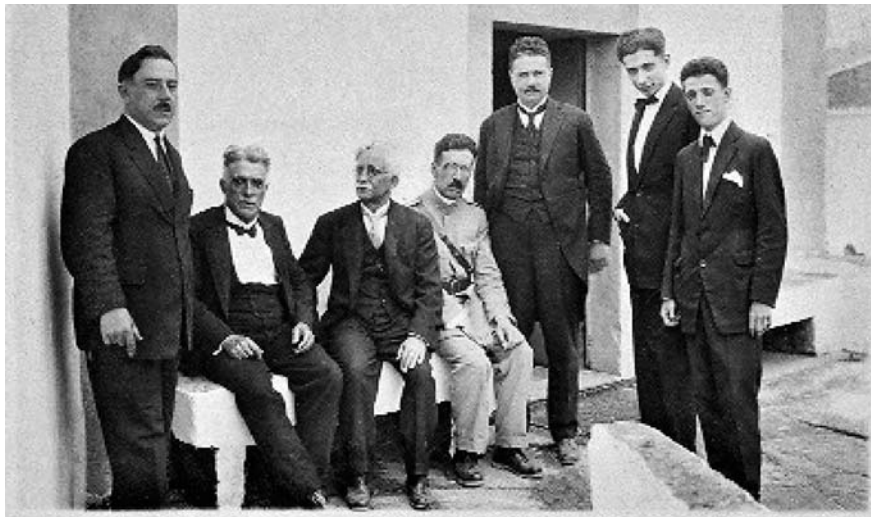
Diário de Angra, 29 de Agosto de 1922



A Mocidade do Relvão, c. 1922

A participação cívica

Com 25 anos, Maduro Dias surge entre os líderes locais envolvidos em manifestações cívicas, sendo então identificado como jornalista.



A Comissão Organizadora da Festa da Salga, em Memória de 25 de Julho de 1581: José Maria dos Santos, director de “A Cidade”, Alfredo Campos, representante de “A União”, Frederico Lopes, jornalista, presidente da Comissão, António Carvalho Braga, director do “Jornal das Ilhas”, Manuel Joaquim de Andrade, director do “Açores”, Maduro Dias, jornalista, Miguel do Canto e Castro, director de “A Voz Académica”
A Voz Académica, ano I, n.º2, 30 de Setembro de 1926

E no mesmo ano dirigia-se aos mais novos na condição de antigo aluno, assumindo-se como fonte de inspiração (talvez já como mestre), mas evocando para tal o seu lado mais juvenil, de “novo”.

“Antigos Alunos. Aos rapazes do Liceu.

Falaram-me vocês para que eu abrisse a nova secção. Gostosamente acedo pois sinto-me feliz na vossa companhia: tem sido de meu cuidado conservar-me “novo”, ser rapaz, enquanto no meu sangue houver seja quase nada, da flama que é em vocês ateadada fogueira de viveza.

Ainda que vagabundo da Arte e mais da Vida, eu quero pedir a vocês duas coisas. (...) Cultivai em tudo a Arte (...) Nunca deixeis que a Esperança vos abandone.”

Maduro Dias, *Voz Académica*, 13 de Março de 1926



Entre amigos, colegas do Liceu ou da Escola Superior de Belas-Artes, 1925-1928

No ano seguinte é entrevistado pelo jornal *Os Novos*, no seu gabinete “em cuja decoração o artista se revela um afeiçoado do modernismo”, e fala-lhes sobre o seu trabalho, mostrando revistas de Arte e “deixando transparecer o entusiasmo pelas novas escolas”, apesar de admirar “alguns passadistas”.

As Belas-Artes e a Vida em Lisboa

1927 é o ano em que parte para Lisboa para cursar Belas-Artes.

A vida de estudante em Lisboa é certamente afectada pelas saudades de casa e da ilha, mas oferece-lhe alguns momentos de divertimento.



Estudantes da Escola Superior de Belas-Artes, Lisboa, 1927-1928

“Bilhetes Postais. Lisboa

Em Lisboa, depois de palmilhadas ruas e mais ruas... depois de

passada a primeira impressão, já um tanto desejosos do piso desencardido da Rua da Sé, é que começamos a perguntar, a reparar. De inédito, de absolutamente inédito... nada...

É capaz de suceder com Lisboa o que se dá com as grandes montanhas – só vendo-as de longe é que se lhes pode apreciar a altura... Por mim, confesso, apesar de gastar as solas por aí, de beber a água desconsolada da companhia e de correr ilhoamente por môr dos automóveis ao atravessar uma rua – eu nessa terra estava mais em Lisboa que agora.”

A Cidade, 16 de Outubro de 1927

A maturidade

O Trabalho, a Arte e a Vida



As circunstâncias da vida tinham levado ao abandono do Curso de Belas-Artes, mas a criatividade e a habilidade asseguram-lhe os ofícios de electricista e de professor de desenho a partir de 1928 e até 1959.

O seu lado criativo e o seu temperamento generoso fazem com que seja chamado a colaborar activamente nos espectáculos de beneficência, que a



Vanguarda, 21 de Janeiro de 1926



Maduro Dias com M^a João Reis (prima da mulher) e outra senhora à porta do Asilo das Meninas, em Sto. António dos Capuchos (?), 1935-1940



Professor de Desenho Profissional e de Estilos na Escola Industrial e Comercial (então chamada Madeira Pinto), 1935-1940

sociedade angrense promove a favor da Cozinha Económica ou dos Asilos, em que participam normalmente o Sexteto de Henrique Vieira, o ensaiador Ângelo Teixeira, algumas senhoras e meninas, tais como Maria Elmira Reis.

Aparentemente, a mesma vocação artística conduzem-no por volta de 1930 ao exercício do cargo de Procurador à Junta Geral, na medida em que esta sensibilidade se torna importante para a realização de alguns melhoramentos e obras públicas.

Também por essa altura, em 1931, toma parte na recém-nomeada Comissão de *Iniciativa e Turismo e Fiscalizadora de Hotéis* do concelho de Angra do Heroísmo, como delegado do Município, com funções de secretário da primeira. (*A União*, 27 de Outubro de 1931)

Em 1940, a mãe morre aos 58 anos. E em 1953, casa com Maria Elmira Reis, após um longo namoro.

“(…) na maior intimidade, consorciaram-se ontem, na igreja paroquial dos Altares, S^a D. Maria Elmira Reis e Francisco Coelho Maduro Dias, tendo como testemunhas Eduarda Reis e Dr. Teotónio Pires e celebrante Pe. Inocêncio Enes (...)”

Diário Insular, 22 de Março de 1953

Após ter optado pela reforma por volta dos 56 anos, dedica-se apenas às suas artes, trabalhando a tempo inteiro na sua oficina.

Quando em 1963 lhe pedem para dar “aulas de arte” na comunidade americana da Base das Lajes, sentiu que havia começado uma vida nova.



Professor de Artes na Base das Lajes, 1963 – 1984

O Reconhecimento Público

- 1939** 1º Prémio nos Jogos Florais organizados pela Emissora Nacional, entregue pelo Presidente da República, em Sessão Solene, na Sociedade Portuguesa de Geografia, e recebido pelo Capitão de Cavalaria João Azinhais de Melo, primo de Maduro Dias.
A União, 22 de Abril de 1939
- 1942** Homenagem com fotografia na sede da M. P., aquando da abertura ao público do presépio, que mais uma vez conta com a sua criatividade.
A União, 31 de Dezembro de 1942
- 1946** Agradecimento do director da Escola Industrial, Álvaro de Castro Menezes.
A União, 11 de Fevereiro de 1946
- 1950** Condecoração com o Grau de Cavaleiro da Ordem Militar de Santiago da Espada.
Diário Insular, 6 de Julho de 1950

- 1951** Nomeação para Sub-Delegado e Delegado interino da Mocidade Portuguesa, tendo sido já Adjunto do Centro Escolar nº 2 e Director de vários Salões de Estética.
A União, 5 de Dezembro de 1951
- 1977** No 90º aniversário da Recreio dos Artistas, Maduro Dias recebe os louvores merecidos pelo seu trabalho e dedicação, como director artístico do grupo teatral desta colectividade, que são registados em Relatório de Actividades

Morre aos 82 anos, a 21 de Dezembro de 1986

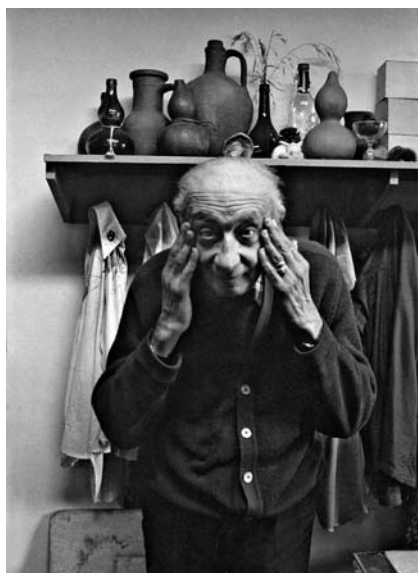
“Falecido Domingo [21/12/86], Maduro Dias deixou marcas do seu talento espalhadas pela cidade de Angra”. “Considerado o introdutor do modernismo nos Açores, Maduro Dias é autor de vários livros de contos e poesia (...) e desenvolveu um extenso trabalho como artista plástico”.
Diário Insular, 23 de Dezembro de 1986



Mestre Maduro e a mulher, Maria Elmira Reis, jantar de Natal dos alunos do Estúdio de Arte, Base das Lajes, 1980-1983

A Obra

A obra legada por Mestre Maduro é tão variada nas suas vertentes materiais, plásticas e literárias e tão rica nos seus significados e simbolismos que merecerá, mais tarde ou mais cedo, a atenção dos estudiosos. No âmbito deste projecto, trata-se apenas de mostrar como essa diversidade pode contribuir para a compreensão do papel que este homem terá desempenhado no desenrolar de uma história recente.



A Escrita: a Poesia e Outros Textos

Os livros

- 1921 – **Quadras para um Povo – Redondilhas para Soldados Desconhecidos**
“trabalhos de um novo poeta açoriano que promete dar-nos no futuro obras de mais vulto” *ass.* Morel que elogia mas também faz uma certa crítica paternalista”
A União, 2 de Junho de 1921
- 1929 – **Em nome de Deus começo...** Angra do Heroísmo: Liv. Andrade, 1929. “em parceria com Correia de Melo, *cantigas do povo, feitas à sua feição*”
A União, 9 de Agosto de 1929
- 1931 – **Dez Sonetinhos de Enlêvo.** Angra do Heroísmo: Liv. Editora Andrade, 1931.
- 1941 – **Sonetos de Esperança e de Sonho.** Angra do Heroísmo: ed. autor, 1941.
- 1965 – **Vejo sempre mar em roda.** Angra do Heroísmo: ed. autor, 1965.
- 1985 – **Melodia Íntima e poemas de Eiramá.** Angra do Heroísmo: SREC, 1985.
- 1983 – **O Travesso** (1ª edição em *Diário Insular*, 10 de Agosto de 1952). In *Contos Açorianos I*, Angra do Heroísmo: IAC, 1983.
- 1986 – **Sentido da Vida Simples** (em preparação no ano do seu falecimento, não chega a ser editado)

Os poemas

- 1918 – **Uns Versos.** *Sport*, 7 de Março de 1918
- 1921 – **Beijos.** *Açoriano Oriental*, 24 de Dezembro de 1921
- 1921 – **Casamentos.** *Açoriano Oriental*, 10 de Dezembro de 1921
- 1921 – **Despedida.** *A União*, 12 de Fevereiro de 1921
- 1921 – **Dos Nossos Tempos. Pão e Ervas.** *A União*, 17 de Março de 1921
- 1921 – **Arco da Beleza.** *A União*, 23 de Novembro de 1921
- 1922 – **Saudade.** *Folha de Angra*, 5 de Março de 1922
- 1922 – **Encanto de Mar.** *Folha de Angra*, 30 de Abril de 1922
- 1922 – **Namorar.** *Açoriano Oriental*, 1 de Abril de 1922
- 1922 – **Supremo.** *Diário de Angra*, 13 de Agosto de 1922
- 1922 – **Poetas e a Canção da Triste Violeta.** *Actualidade*, 27 de Abril
- 1923 – **O Roussinol de Bernardim.** *A União*, 17 de Fevereiro de 1923
- 1923 – **Versos de Louvor.** *A União*, 10 de Março de 1923
- 1923 – **Anel de Gemas.** *A União*, 8 de Maio de 1923
- 1923 – **Sentido da Vida Simples, Momento de Tempestade.** *Diário de Angra*, 15 de Junho de 1923
- 1923 – **Da Dádiva ao Corpo Santo.** *Diário de Angra*, 1 de Abril de 1923
- 1923 – **Carme.** *A União*, 2 de Outubro de 1923
- 1923 – **Ideal.** *A União*, 14 de Novembro de 1923

- 1924 – **Adamastor**. *A União*, 5 de Fevereiro de 1924
 1925 – **Gazetilha**, coluna assinada por Verdes Anos. *A Defesa*
 1926 – **Cinzas de Certa Fogueira**. *A Cidade*, 19 de Julho de 1927
 1927 – **Sou Nauta**. *A Cidade*, 19 de Julho de 1927
 1927 – **Sonetilho dos Dedos**. *A Cidade*, 13 de Março de 1927
 1939 – **Soneto “Violeta de Ouro”**, 1º Prémio nos Jogos Florais organizados pela Emissora Nacional, editado em *Sonetos de Esperança e de Sonho*.
 1939 – **Redenção**. *A União*, 24 de Abril
 1939 – **Soneto de um Ilhéu Português**. *A Pátria*, 14 de Junho de 1939; *A União*, 26 de Dezembro de 1941
 1943 – **Noite-Perdida**. *A União*, 1 Dezembro de 1943
 1945 – **Melodia Íntima**. *A Pátria*, 1 de Abril de 1945
 1945 – **Momento**. *A Pátria*, 11 de Abril de 1945
 1945 – **Eco**. *A Pátria*, 18 de Abril de 1945
 1945 – **Rosinha Branca na Água da Valeta**. *A Pátria*, 2 de Maio 1945
 1947 – **Tempo Perdido**. *A União*, 20 de Fevereiro de 1947

GAZETILHA

Pois eu ando entusiasmado
 Nesta Angra do Heroísmo,
 Emfim o regionalismo
 Já 'stá mais do que pegado.

E' artigos e cantigas,
 E' a boa musicata...
 Mas que digo?! Ora formigas.
 Mal a gente se precata,

A nossa Caixa Económica
 Nas eleições anuaes,
 Pegou a dansar o «Vira»...
 Parece até coisa cómica:
 — Nos votos «estes» e «taes»
 'Stão sempre, ninguém os tira!

A e **B** agera vão
C e **D** esp'rando estão.

C e **D** sobem por fim
A e **B** guardam emfim.

A e **B** outra vez vem
C e **D** depois também ..

C e **D** terminam já
A e **B** já chegam lá...

Verde Noites

GAZETILHA

Anda agora aquela moda
 De dissertar em jornaes.
 Mas se algum sabe da poda
 Nada bispam muitos mais!

E daí vem novamente
 Rabiscar o velho Acácio
 E vem outros «tam samente»
 Frigir-nos em tom pascácio.

E mais vem o «adjetivista»
 E depois o «futurista»
 E creio que já se avista
 O nada amigo «nihilista»

—Mas tem boas intenções!
 Me direis afogueados.
 Mas ouvi, sem manguações,
 Aponto esta dos ditados,
 Que vos vai partir ao meio:
 —Das mais belas intenções
 'Stá de há muito o Inferno cheio!

Verde Noites

“Gazetilha” assinada por Verdes Noites,
A Defesa, 3 e 24 de Janeiro de 1925

Outros textos literários

- 1923 – **Íntima**. *A União*, 23 de Junho de 1923
- 1923 – **Pelo Natal de 1923**. *A União*, 24 de Dezembro de 1923
- 1924 – **Manhãs de Verão**. *A União*, 4 de Fevereiro de 1923
- 1924 – **O Choro do Pierrot**. *A União*, 1 de Março de 1924
- 1924 – **A Missa do Galo**. *A União*, 24 de Dezembro de 1924
- 1925 – **Dos Novos e para os Novos**. *A Cidade*, 30 de Abril de 1925
- 1925 – **Em Louvor da Humildade, Poemas de Terra e dos Pobres**, sobre livro de Armando Cortes Rodrigues. *A Cidade*, 21 de Maio
- 1925 – **Restauração da Ilha Terceira**. 2º prémio dos Jogos Florais. *A União*, 13 de Julho de 1925
- 1925 – **Os Bailes Regionais da Fanfarra**. A Sr^a D. Maria Georgina Costa. *A Cidade*, 24 de Julho 1925
- 1925 – **Teatro Angrense. Uma infeliz instalação eléctrica**. *Vanguarda*, 29 Outubro e 12 Dezembro de 1925
- 1926 – **A Salga**. *A Cidade*, 31 de Julho de 1926
- 1926 – **Um Sonho**. *Vanguarda*, 12 de Agosto de 1926
- 1926 – **Apontamentos da Salga**. *A Voz Académica*, 15 de Agosto 1926
- 1926 – **Uma nova artista, Maria Ramos. Na mui preguiçosa e sempre festeira cidade...**, sobre as espécies dos “zorras”, “bolas” e “parasitas”. *A Cidade*, 18 de Setembro de 1926
- 1926 – **Carta a uma Senhora**, dirigida a Maria Ramos; Jornais, sugestão para que se faça “um jornal de jeito!”. *A Cidade*, 26 de Setembro de 1926
- 1926 – **Maria Ramos. Uma nova artista**. *Vanguarda*, 28 de Outubro 1926
- 1926 – **Então os sinos foram alegres**. *A Cidade*, 25 Dezembro 1926
- 1927 – **O Milhafre**. *A Cidade*, 2 de Julho de 1927
- 1933 – **Razão de Ser**. *Jornal de Angra*, 4 de Junho de 1933
- 1938 – **Presépios**. *A União*, 24 de Dezembro de 1938
- 1945 – **Caminhos**. *A União*, 6 de Outubro de 1945
- 1946 – **Quase – próprio do tempo**, Página Literária dir. A. Borges dos Santos. *A União*, 14 de Novembro de 1946
- 1946 – **Quase – curiosidade**. *A União*, 5 de Dezembro de 1946
- 1946 – **Artes Plásticas. Breve Notícia**, colaboração até 1956: *A União*, 31 de Dezembro de 1946
- 1947 – **Uma carta ainda a propósito das touradas**. *A União*, 19 de Junho
- 1948 – **Dos “Embutidos” da Escola Industrial António Augusto de Aguiar**. *Diário Insular*, 4 de Agosto de 1948
- 1953 – **Poesia**, palestra lida aos microfones do R.C.A.
- 1959 – **O Natal Artístico. Barristas e Decoradores de Presépio**. *A União*, 7 de Janeiro de 1959

Artigos de jornal

- 1922 – **Do Desporto – Algumas horas no Faial**, sobre conversa com o capitão de clube do Faial, aquando de visita a S. Jorge. *Diário de Angra*, 29 de Agosto de 1922
- 1923 – **Malíngua Ltdª**, coluna do *Diário de Angra* regista o início da colaboração de MD com este jornal.
- 1924 – **Saudando**, MD cumprimenta “os artistas da Missão”, em *O Dia*, em número especial dedicado à Missão Intelectual. *O Dia*, 14 de Junho de 1924
- 1926 – **Ouvindo o vencedor de ontem**, entrevista ao General Costa Gomes. *Diário dos Açores*, 20 de Julho de 1926
- 1926 – **Apontamentos da Salga**, *A Voz Académica*, nº 1, 15 de Agosto de 1926
“...há uma outra casa. Actualmente pertence ao sr. Merens de Távora... Pensei, antes de a ver e quando me falaram nela, que talvez fosse uma edificação recente a que aprove dar o histórico e saboroso nome de Salga. Mas lá tem ela várias datas atestando-lhe uma idade pouco inferior aos anos que conta a glória da batalha...”
A Voz Académica, nº 1, 15 de Agosto de 1926



Casa da Salga, 1920-1930

Os Projectos Urbanos e Monumentais



Praça Velha, Maduro Dias e os calceteiros da Praça Velha, 1930

1930 – **O padrão regionalista do pavimento da Praça Velha**

1931 – **O Padrão Monumental ou o Monumento-Padrão da Beira-Mar**

“Acabo de ver a *maquette* [exposta na Loja do Crisóstomo] apresentada por Maduro Dias, moço artista, talentoso e aplicado, modernista de intuição fácil e visão clara das coisas, preocupando-se exageradamente com o ineditismo da sua obra, orgulho natural e legítimo de verdadeiro artista”

A União, 26 de Março

1931 – **O Padrão do Centenário**

“a maquete, para o Padrão comemorativo, que Maduro Dias, com a colaboração de Manuel de Chaves, apresentou à apreciação do público, e que representa, na verdade, uma bizarra concepção artística, ao mesmo tempo que exprime bem, pela imponência das linhas, a grandeza do feito que se pretende comemorar”

A Pátria, 26 de Março de 1931

“*D’aqui viu-se o mundo* é uma síntese feliz do alcance mundial do descobrimento dos Açores. O amplo revestimento da rocha [do Cantagalo] é que, como uma lápide gigantesca, constitui a comemoração do grande facto histórico... Coroando essa lápide, que as armas de Ponta Delgada e Horta rematam, ergue-se glorificadora uma *stella* abraçada pelas asas de um açor que, ostentando no peito as armas da cidade de Angra, pousa na base do obelisco”

A Pátria, 29 de Março de 1931

1939 – **Projecto de edifício camarário**

“Maduro Dias expôs na Câmara Municipal a “maquette” do novo edifício camarário na Rua João de Deus. (...) O projecto implica a transformação da fachada do actual edifício dos bombeiros e a construção de uma entrada monumental para o Jardim Público, entre os dois edifícios. O projecto pela sua simplicidade e elegância e pela justa visão estética do local que implica, parece-nos obra de alto mérito...”

A Pátria, 18 de Novembro de 1939

1940 – O Cruzeiro da Independência erguido no Pico Matias Simão, Altares

“O projecto lindo, original, foi da autoria de um artista de raros merecimentos, já bem conhecido por outras obras de vulto, Maduro Dias. A ideia de cruzeiro partiu de um filho daquela freguesia, ver. Dr. Cardoso do Couto, sendo logo abraçada com entusiasmo e com amor pelo ver. Pároco, P.º Inocêncio Enes, pela Acção Católica, ali bastante desenvolvida, e por todo o povo da freguesia”

A União, Novembro de 1940

1941 – Inauguração do busto do Prior do Crato

“Está agora patente ao público o busto do Prior do Crato. É mais uma obra de Maduro Dias a atestar o seu multiforme talento artístico. Sobre uma coluna de pedra assente em uma base em forma de cruz e terminada em cada uma das quatro faces pelo escudo das quinas, ergue-se o busto de D. António, cópia fidelíssima de gravura da época.”

A Pátria, 8 de Abril de 1941



Inauguração do busto do Prior do Crato, 6 de Abril de 1941

“Quando do início das obras de ampliação e de aformoseamento do Largo Prior do Crato em 1940, foi o Sr. Francisco Coelho Maduro Dias encarregado por esta Câmara da parte decorativa do mesmo Largo e bem assim da execução do monumento ao Rei D. António, que nele devia ser colocado.

Desses trabalhos se desempenhou Maduro Dias com notável dedicação e desinteresse material, revelando uma vez mais o seu talento artístico e amor pelos progressos da nossa terra, factores esses que por ocasião da inauguração oficial do aludido Largo, em 6 de Abril de 1941, foram devidamente apreciados pela Câmara, que deliberou manifestar-lhe o seu grande apreço e reconhecimento por tão apreciáveis serviços.”

Discurso do Presidente da Câmara, Dr. Corte Real e Amaral, na substituição do busto do Prior do Crato. *A União*, 13 de Janeiro de 1948

1941 – **O Monumento a Francisco Ornelas da Câmara inaugurado a 24 de Março**

“O Monumento de Francisco Ornelas da Câmara, do grande artista que é Maduro Dias, foi mais uma manifestação do seu génio inventivo, que não se conforma em ficar encerrado em velhos moldes mas descobre sempre através da sua imaginação criadora qualquer coisa diferente, original, que nos leva a exclamar desde a primeira vista a uma obra sua – é dele.

Consta de dois paralelepípedos sobrepostos não axialmente em projecção vertical, ostentando as cinco quinas que por sua vez repousam sobre a lâmina justiceira e victoriosa de 1640. Junto do punho de cada espada, respectivamente no alçado anterior e posterior, leem-se as inscrições seguintes:

Em XXIV-III-MDCXLI, aqui, pela primeira vez nos Açores, foi proclamada a Restauração de Portugal Independente por Francisco Ornelas da Câmara.”

A União, 27 de Março de 1941

1948 – **Outros Bustos**

“Outros bustos aguardam execução na oficina de Mestre Maduro Dias, por exemplo, a maquete do busto de José Júlio da Rocha Abreu, benemérito das Casas de Caridade, encomendada a Maduro Dias, por deliberação da Assembleia Geral da Caixa Económica de Angra do Heroísmo, em 1939.”

A União, 16 de Janeiro de 1948

As Artes Plásticas e Ornamentais

A pintura

1948 – **Monte Brasil**. Óleo para o salão do navio do mesmo nome.

A União, 14 de Outubro de 1948

1949 – **O Sonho do Infante**. Óleo. Salão Nobre da Junta Geral.

1955 – 1957 **Luís Ribeiro**. Retrato a óleo. Museu de Angra do Heroísmo.

1961 – **Painéis da Pediatria do Hospital Regional de Angra do Heroísmo (5º piso)**, inaugurado a 2 de Agosto, pelo Ministro das Obras Públicas, Arantes e Oliveira.

A União, 31 de Julho de 1961

1962 – **Infante D. Henrique**. Retrato a óleo. Palácio dos Capitães Generais.

A cenografia

1926 – **Flores e Bandarilhas** com cenários de MD considerados “uma verdadeira obra de arte”, *Jornal das Ilhas*, 15 de Julho de 1926

1927 – **O Maior Amor de Luís Ribeiro e Casas Baratas** de Frederico Lopes, com cenários “do hábil scenógrapho-amador”, *Vanguarda*; “moço artista de talento”, *A União*, 16 de Setembro de 1927

1927 – **“Frei Thomaz”** com cenários da “original figura desse moço tão prodigamente dotado pela natureza que, sem nunca ter saído daqui, sem ninguém o ter ensinado,

pouquíssimo tendo visto, tudo adivinha e tira de si próprio, ora rimando versos e escrevendo contos, ora concertando máquinas e fazendo montagens eléctricas, com a mesma facilidade com que pinta cenários ou decorações, molda o barro e desenha aguarelas, espontaneamente, num instante. Se houvesse modo de aproveitar tantas aptidões naturais que existem nesta terra, sem dúvida muito teria ela já progredido”, *Diário dos Açores*, 25 de Maio de 1927

“um trabalho perfeito como não era de esperar outra coisa do infatigável enciclo-pédico”, *Jornal das Ilhas*, 7 de Abril de 1927

1928 – **Água Corrente**, MD pinta os cenários “de um efeito magnífico, todos sobre motivos regionais”, *A União*, 10 de Fevereiro de 1928

1959 – **Glória ao Divino**, *A União*, 3 de Junho de 1959

1960 – **Rosas e Espinhos**, com letra de Manuel Reis, cenários de Maduro Dias e José Garcia, é “uma revista de crítica regional em 2 actos e 12 quadros”, apresentada pelo Grupo Teatral da Recreio, *A União*, 13 de Julho de 1960

1962 – **Espinhos de Ouro** é uma revista de rábulas regionais com “riquíssimos cenários dos consagrados artistas Maduro Dias e José Garcia”, levada à cena pelo E. R. A., *A União*, 11 de Agosto de 1962

1967 – **D. Beltrão de Figueiroa**, encenada e dirigida por MD, *A União*, 17 de Julho de 1967

1971 – **O Primeiro Beijo**, representada no Teatro Angrense pela Voz da Terceira, *A União*, 15 de Abril de 1971

1977 – Maduro Dias mantém-se como director artístico do grupo teatral da Recreio dos Artistas



Flores e Bandarilhas, Julho de 1926



Opereta *Água Corrente*, 1949



Opereta *Água Corrente*, 1961

Uma museografia ou outra cenografia

1940 – Exposição “**O Esforço do Emigrante Açoriano**”, concepção e a execução em que Maduro Dias terá conseguido criar uma espécie de alegoria e um certo ambiente *estranho* ao visitante. *A Pátria*, 11 de Julho de 1940, 6 de Setembro de 1940

As ilustrações

1933 – **Ilustração de número do *Jornal de Angra* dedicado aos “Festejos do Espírito Santo”**, com motivos retirados de bandeira, louça de império e estilizações de vasos de flores

1945 – **Ilustração de número do jornal *A União* dedicado ao “Tricentésimo Quarto Aniversário da Proclamação da Independência na Ilha Terceira”**, com o Auto da Aclamação d’el-rei D. João IV na 1ª página

1946 – **Ilustração do jornal *A União* sobre a Paixão de Cristo**, de 18 de Abril

1950 – **Ilustração de número do jornal *Diário Insular* dedicado ao “Quinto Centenário do Povoamento da Ilha Terceira”**, de 27 de Junho



Xilogravura de altar ao Menino Jesus para o *Jornal de Angra*, 1933



João Ilhéu
Rústicos, [Angra do Heroísmo: Tipografia Angrense], 1931
À Boquinha da Noite, [Angra do Heroísmo: Tipografia Angrense], 1934



Cartaz do filme *O Hiato dos 7 Pecados*, ass. Maduro, 1931
A União, 3 de Janeiro de 1931

Cartaz — Sábado foi exposto ao publico um cartaz da Foto-Cinema-Açores executado por Maduro Dias que mais uma vez afirmou inconfundivelmente a sua Arte e o seu real valor.

O cartaz é de facto uma maravilha.

A Maduro Dias as nossas felicitações e à Foto-Cinema os nossos louvores.



Cartaz das Festas da Cidade de 1963

As ornamentações

1928 – **Kermesse do Sporting Club da Terceira**

“A decoração dos pavilhões foi acertadamente confiada a Maduro Dias, e esta é bastante recomendação para desde já podermos antecipar o nosso juízo sobre o êxito que ela obterá no nosso meio.”

A Cidade, 11 de Agosto de 1928

Por ocasião da inauguração:

“Com suas barracas bizarras – criações modernas de Maduro, desse eleito da Arte que de há muito já vimos apreciando, com bazares multicolores dum aparato estranho e magnífico, onde a graça feminina ali pousou”.

A União, 18 de Agosto de 1928

1931 – **Serão da Cozinha Económica.** A propósito de uma decoração do salão da Cozinha Económica, toda em preto e branco, para um concerto da orquestra de Vieira da Silva, com repertório de Massenet e Verdi, seguido de um baile que durou até às 2 da manhã:

“Maduro Dias tem uma rara visão decorativa. Sabe pôr as coisas no seu lugar, sem sobrecarga, com leveza, mas, dando-nos ao mesmo tempo, uma sensação de plenitude.

Depois, há em tudo quanto faz esse nobre artista um acentuado cunho moderno e original; dum modernismo puro, que não nos choca, onde há sempre alguma coisa que dos clássicos vem, e de uma originalidade que se disfarça timidamente, apesar de bem vinculada.”

A União, 2 de Novembro de 1931

1932 – **“Desenho de Correia Maduro de *plafonnier* em ferro nu, estilo século XX, que a Associação Comercial instala numa das suas salas”.**

A União, 30 de Dezembro de 1932

1937 – **Espectáculo nocturno na Quinta dos Prazeres** organizado pelo Orfeon de Angra, dirigido pelo Pe. José de Ávila, com a participação da Orquestra de Henrique Vieira, e a cenografia de Maduro Dias, “uma iluminação abundante e primorosamente disposta”, que contou com uma assistência selecta e distinta e causando grande movimento de automóveis e camionetas.

A União, 31 de Julho de 1937

1938 – **A propósito duma obra de Arte**, Luís Ribeiro sobre a inauguração da Barbearia do sr. Cristiano Machado Romeiro, cuja decoração e pintura de painel com o Castelo de S. João Baptista são da responsabilidade de MD:

“Tenho tido a rara felicidade de seguir de perto a evolução do verdadeiro artista, desde as suas primeiras tentativas, os seus desenhos hesitantes ao começo e cada vez mais firmes e seguros, os seus cenários cheios de luz e de perspectiva, que, fotografados, parecem imagens colhidas ao natural, as suas moldagens e as decorações.”

Correio dos Açores, 12 de Março de 1938

Outros Trabalhos

1932 – **Restauro da imagem de Santa. Luzia** oferecida em tempos pelo sr.

D. Eugénio Noronha à igreja de Santa Luzia.

A União, 24 de Dezembro de 1924

1938 – **Iniciativas que marcam. A exposição de Bonecos das “Guias de Portugal.** Bonecos executados pelas Guias de Portugal com o apoio de Maduro Dias, com o objectivo de os apresentar em Lisboa, ao I Congresso Açoreano, a decorrer no Grémio dos Açores.

A Pátria, 13 de Abril de 1938



O Carro do Espírito Santo



A Folia dos Bezerras



A mulher do musgo

1945 – **“Maduro Dias, criador de bonecos regionais.**

Artista de todos conhecido, está trabalhando na confecção, de bonecos de trajes regionais, cujos figurinos são executados pela sra. D. Leonor Rocha Pereira, que como seu pai põe nesta obra o conhecimento pelas coisas da nossa Ilha.

Foram criados vários tipos de bonecos, desde a leiteira, até ao homem do campo e à mulher do povo, cujas roupas, até nos pormenores, são uma estampa dos trajes da gente da nossa Ilha.

Estes bonecos, com cerca de 50 cm de altura, estão sendo executados de maneira a constituírem mais um meio de inteligente propaganda no estrangeiro dos usos da terra portuguesa da Terceira.”

A Pátria, 7 de Abril de 1945

1947 – **Medalhão artístico, alto-relevo em alumínio, do Dr. José Maria Mendes**, médico escolar e Delegado Provincial da M. P.

1949 – **Medalhão alusivo à visita da imagem de N^a S^a de Fátima à Terceira, Portugal, Madeira e Açores**, 8 de Julho de 1949

1948, 1949 e 1950 – **Direcção dos Salões de Estética dos Açores organizados pela Mocidade Portuguesa**

Discursos de Maduro Dias:

“Não vão V. Exas... sentir a emoções deliciosamente perturbadora das grandes manifestações estéticas. Mas outras há, com certeza, que farão vibrar V. Exas e são: – o amor da terra, a vontade de criar, na bendita ingenuidade dos muito novos... E não será o caminho da Beleza o mais seguro para chegar a fraternais e universais questões e sadios progressos.”

União, 21 de Abril de 1948

“Se ao I Salão de Estética concorreu a mocidade açoreana pouco mais trazendo, na sua maioria, que uma “oferta” de “Auto de Natal”; se no II predominava um lírico regionalismo, impregnado como que dum instinto de defesa; no III parece-nos descortinar definidas intenções estéticas, a que não é estranho um compreensivo esforço docente, uma acção educativa, especialmente do Magistério Primário, que soube, ou procurou, juntar a Família, a Terra e a Escola e, servindo, servir-se da “Organização da Mocidade Portuguesa” como instrumento complementar...”

A União, 26 de Abril de 1950

1960-1964 – **Idealização de Cortejos da Rainha das Festas da Cidade**

1962-1963 – **Idealização dos Bodos de Leite de Sto. António, S. Bartolomeu**

1967 – **Direcção do restauro da igreja de S. Bartolomeu**. *A União*, 11 de Janeiro

1976 – **Efígie do P.^e Manuel da Rocha Ferreira**, a colocar no antigo orfanato. *A União*, 18 de Novembro de 1976



Bodo de Leite de Santo António
em São Bartolomeu, 1960 – 1961

A Época

A Cidade e as Festas

“(…) de “São Bento” a “São Pedro” o cidadão também se divertia. “Armava o Menino”, cantava os Reis, ia aos bailes, frequentava saraus, gozava o Carnaval, fazia música, canto, teatro. Via ou ouvia bom Teatro e boa Música, às vezes bom Cinema.

Ali, no vetusto casarão da “Graça”, batido dos ventos que engrossam o “Fanal”, a velha “Recreio dos Artistas” promovia um convívio de especial elegância, dirigida por um escol de mestres de ofício, cujo representante, de sobrecasaca e faixa acompanhava anualmente o cortejo religioso da Padroeira, empunhando o estandarte azul e oiro da “prestimosa agremiação.”

Teatro, anos houve, que só ali havia.”

A União, 10 de Abril de 1961



Edifício da Graça, Alto das Covas, anterior a 1935

A Recreio dos Artistas oferece o jantar do dia de Natal, a Fanfarra Gago Coutinho e Sacadura Cabral também se lembra dos pobres, assim como a Associação dos Empregados do Comércio.

A Cidade, 25 de Dezembro de 1927

As festas de Carnaval, as Batalhas de Flores

Em 1925, é organizada uma “batalha de flores” pelo semanário *A Cidade*, que contou com a colaboração de outros jornais (*A União*, por exemplo), da Câmara Municipal e de agremiações como a Fanfarra, a Recreio, a União Sportiva, e os fotógrafos António Lourenço, José Leite e Guilherme Magalhães; em que se exibiu uma “engraçada dança regional do Pico da Urze.” *A Cidade*, 28 de Fevereiro de 1925



Batalha de flores, Angra do Heroísmo, Carnaval de 1925

As festas da cidade

Os jornais *A União* e *A Cidade* dão-nos conta da organização das Festas da Cidade de 1925, que ocorrem entre 21 e 28 de Junho.

Diz-se então que, à semelhança do ano anterior, a Câmara Municipal pretende realizar as festas, tendo promovido uma reunião com os representantes das seguintes entidades e organizações: Junta Geral, Director da Alfândega, Caixas Económicas de Angra do Heroísmo e da Misericórdia, Banco Nacional Ultramarino, Liga de Educação Física, Grupo Sportivo do Liceu, Associação dos Empregados do Comércio, União Sportiva dos

Empregados do Comércio, Direcção do Teatro Angrense, Grupo Dramático Moniz Barreto, Lawn Tennis Club, Recreio dos Artistas, Fanfarra Operária, Empresa Cinematográfica Terceirense, jornais *A Cidade*, *O Liberal* e a *A União*, e os senhores Frederico Lopes da Silva Jr., Dr. Manuel António Lino, Major José Agostinho, Dr. Luís Ribeiro, Dr. Melo Correia e José Narciso Parreira.

Acrescenta-se que o programa incluirá a inauguração do Teatro Angrense, e que se repetirão os Jogos Florais e a Exposição Pecuária. *A União* de 26 de Março de 1925.

Segundo o jornal *A União*, de 1 a 7 de Julho de 1925, o programa contemplou:

- Simulacro de incêndio promovido pela Associação de Bombeiros Voluntários de Angra, realizado na Rua da República, perante considerável assistência
- Exposição de montras, salientando-se os estabelecimentos dos senhores Adão Magalhães, João Crisóstomo Pereira, Manuel Pereira dos Santos e Narciso da Costa & Irmão, para além do estabelecimento de calçado do sr. Francisco de Sousa Martins, a Farmácia Monteiro e a Guardasolaria de Seara Martins, a ourivesaria de Amadeu Monjardino,
- Exposição de algumas fotografias de António Lourenço e Raúl Cruz nos estabelecimentos de João Crisóstomo e de Amadeu Monjardino
- Kermesse na Fanfarra cujos fundos se destinaram à Cozinha Económica
- Tourada na Praça de S. João, no domingo, dia 28

A iluminação:

“Foi extraordinariamente concorrida a iluminação realizada ontem na Praça da Restauração, tocando a banda Regimental um escolhido repertório.”

A União, 27 de Junho de 1925

Os jogos florais:

“...os jogos florais, interessantíssimo número do programa das festas da cidade, cujo acto se realizará no próximo dia 27, no salão nobre da Câmara,

com a leitura das peças premiadas e distribuição de prémios, além da recitação de poesias inéditas da distintíssima poetisa D. Filomena Serpa e dos poetas terceirenses Dr. Lino, Dr. Braz e Gervásio Lima.”

A União, 22 de Junho de 1925



Rainha dos Jogos Florais, D. Maria Ramos

A exposição pecuária:

“As Festas da Cidade são um pretexto para a exibição da nossa riqueza, do nosso progresso, do nosso desenvolvimento em todos os ramos de actividade, não com propósitos de vaidade, mas como incentivo a maiores empreendimentos...”

Mais de 2000 cabeças de gado de todas as espécies estão expostas. Milhares de pessoas movimentam-se nos arruamentos; destacam-se sombrinhas multicolores das senhoras, os pavilhões para os convidados e bandas de música...”

A Cidade, 3 de Julho de 1925



Certamen Pecuário, Relvão, 28 de Junho de 1925



O concurso fotográfico:

“O nosso Concurso Fotográfico

Teve algo de grandioso o êxito obtido por este semanário com a realização de tão feliz iniciativa.

O vasto salão da Caixa Económica da Misericórdia, pequeno para conter as muitas centenas de pessoas que visitaram a Exposição (...) Lá vimos os seus poentes d’oiro, os seus pinhais rumorosos, as suas eiras cheias de sol, e os penhascos negros da costa recortada de alva espuma...

Da vida do nosso povo, humilde e crente, sincero e bom, lá estava o “Domingo de pescadores”

E o “Caminho da Caldeira”, a ermidinha de Santo António”, a cidade a espreitar...”

A *Cidade*, 3 de Julho de 1925

Os desafios desportivos:

“No dia 26 de Junho, no Campo de Jogos da Cidade, realiza-se o 3º e último desafio de futebol (foot-ball), jogando o Faial Sport Club com a selecção da Liga de Educação Física.”

A *União*, 26 de Junho de 1925

Visita às Fábricas

“Pelas 11 horas começou a visita às Fábricas Âncora, Flor de Angra e de Curtumes, a que se associaram os nossos ilustres visitantes e muitas pessoas da sociedade angrense, tendo sido muito apreciada a boa ordem e esmerado asseio daqueles estabelecimentos que muito honram a nossa terra.”

A *União*, 27 de Junho de 1925



As festas da cidade de 1960

“Foi-nos dado ver ontem o feliz cartaz das Festas. Este sim, que é um cartaz que pode apregoar as Festas aqui e longe com digno aparato. Vimos também o muito que já está feito do majestoso e elegante carro da *Rainha*. Tudo leva a crer que será digno da abertura que nesta Ano Henriquino se exige às Festas. E mais sabemos... que empenhadamente, muitas firmas comerciais e industriais do nosso meio estão envidando esforços para a sua con-digna representação no *Cortejo de Abertura*...”
A União, 28 de Abril de 1960



As kermesses e as verbenas



Kermesses do Sporting Club da Terceira com barracas ao estilo bizarro e modernista de MD.

A União, 18 de Agosto de 1928

As “excursões”



Interior da ilha em dia de festa campestre,
1900-1920

O passeio é para a Lagoa do Ginjal, devendo os excursionistas regressar à cidade pelas 13 horas, a fim de poderem assistir à tourada que nesse dia o Lusitânia Sport Club realiza na praça de S. João.”

A Cidade, 11 de Agosto de 1928

O Club Musical Angrense promoveu no último domingo uma das suas costumadas excursões, para a qual se inscreveram muitos sócios e famílias.

O passeio, feito em carruagens, deu-se pela estrada dos Altares voltando à cidade pela Serreta.

O Sporting Club promove para amanhã a terceira excursão do corrente ano.



Flores e Bandarilhas, 1926



Revista de Frederico Lopes pai e filho, sobre costumes regionais apresentados a partir de um conjunto de “factos simples”.

*O Teatro*1928 – **Água Corrente**

“A opereta *Água Corrente*, apreciada imparcialmente, à luz do critério e da verdade, é um trabalho honroso para o seu autor que nele firmou brilhantemente as suas apreciáveis qualidades de escritor teatral.

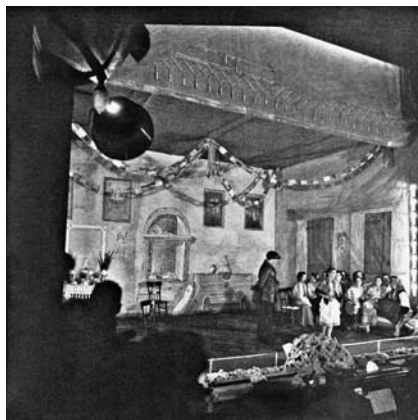
O público que enchia o teatro, saiu satisfeito, tendo aplaudido autores e intérpretes e fazendo chamadas especiais a todos que se distinguiram no desempenho dos seus papéis (...) É no terceiro acto que se tornam mais evidentes os intuitos regionalistas do autor que conseguiu, pela primeira vez, dramatizar os curiosíssimos episódios das nossas touradas (...)”

A União, 10 de Fevereiro de 1928

1961 – **Água Corrente**

“É reposta no recinto da Recreio dos Artistas, com alguma perda de qualidade por falta de condições acústicas e de dignidade que o palco Teatro Angrense lhe teria dado. Felicita-se, no entanto, a nova encenação realizada por Maduro Dias e José Garcia, assim como o surgimento de novos valores do teatro amador, que parece estar a cair no desinteresse.”

A União, 25 de Agosto de 1961



*Amor é água corrente
Que nunca chega a parar...*

“A emissão de gravações da opereta pelo R.C.A. e o sucesso obtido no Teatro Micaelense reacendem o desejo de que regresse ao Teatro Angrense.”

A União, 20 e 23 de Outubro de 1961

1959 – **Glória ao Divino**

“Estreia-se a 2 de Junho de 1959, a opereta regional de Frederico Lopes com música de Raul Coelho, ensaios de Augusto Gomes e cenários de Maduro Dias, após “longos anos de espera” e em resultado de “uma enorme conjugação de esforços, verdadeiramente titânica, sob muitos aspectos(...)”

A União de 3 de Junho de 1959

1962 – **Espinhos de Ouro,**

teatro de revista com letra e música de Manuel Reis, cenários de Maduro Dias e José Garcia, trabalho muito apreciado, nomeadamente o equilíbrio do texto, pois que “Delírios de sal e pimenta nem de visita se deviam admitir entre nós”, e ainda que “Revista seja sempre revista”, e os efeitos de cor e de luz.

A União, 11 de Agosto de 1962

1977 – Integrado nas celebrações do **Centenário da Recreio**

“Reaparece o Grupo de Baile da Canção Regional da Recreio dos Artistas, sob a direcção técnica de D. Maria Francisca Bettencourt (Maria do Céu)” [baseado na Rapsódia dos Cantos Regionais Terceirenses da referida poetisa terceirense]

A União, 16 de Julho de 1977

O Teatro Angrense

- 1925 – a instalação eléctrica do Teatro é longamente tratada nas páginas do *Vanguarda*, como um dos seus principais problemas, por Maduro Dias.
- 1927 – o Teatro apresenta uma récita, incluindo a peça “Frei Thomaz de Chagas Roquette; duas peças – o drama regional “O Maior Amor” e “Casas Baratas” – dos autores angrenses Luís Ribeiro e Frederico Lopes; e um espectáculo de duas artistas argentinas, Conchita e Angelita.
- 1927 – o Teatro apresenta a peça “O Milhafre” do escritor micalense Armando Corte-Rodrigues, representada pela Companhia Rey Colaço – Robles Monteiro, *A Cidade*, 2 de Julho de 1927

O Cinema

- 1925 – as dificuldades da **Empresa Cinematográfica Terceirense** em exhibir “Os Açores”, documentário produzido pela Madeira Film, por razões orçamentais, são noticiadas pelo jornal *A Cidade*, de 7 de Janeiro de 1925



- 1927 – um filme denominado “**Sessenta horas em zepelin**”, onde figuram imagens da Ilha Terceira, é aguardado com grande expectativa.
- 1927 – a apresentação de “**Um Film Terceirense**”, película produzida pela Empresa Foto-Cinema Açores sobre a Ilha Terceira, com quadros sobre os edifícios, as autoridades, as paisagens e a vida local, nomeadamente o Carnaval de 1927, e para o seu director técnico, António Luiz Lourenço da Costa, conhecido fotógrafo local, merece grande destaque no jornal
A Cidade, 4 de Setembro de 1927
- 1927 – a **fundação da Empresa Foto Cinema Açores**, que se encarregará da produção de filmes de propaganda turística, é considerada um bom negócio,
A Cidade, 23 de Outubro de 1927

A Música

“Como músico, com outros e como outros, despendeu avultada soma de sensibilidade, conhecimento, tempo e entusiasmo, espiritualizando milhentas manifestações e centenas de espectáculos no nosso meio – é o caso do Sexteto e Orquestra de Henrique Vieira da Silva. Procurando a “clarabóia para o céu” – é o caso dos serões em sua casa e na salinha de música do Dr. Luís Ribeiro, onde se executavam trechos escolhidos e eram comentadas e executadas as peças mais tratadas ou esquisitas da época; – é o caso de quando recolhia, estudava, incentivava e procurava orientar, desenvolver e expandir o folclore musical açoriano.”

In Memoriam a Henrique Vieira de Borba.

A União, 11 de Junho de 1975

Os espectáculos do Liceu

Os espectáculos organizados pelos estudantes do Liceu, que contam com o apoio de Maduro Dias nos cenários, são referidos na imprensa local desde 1937 até, pelo menos 1962. E merecem aí grande destaque, sendo considerados geralmente “grandes noites de Arte”, destacando-se, por exemplo, a noite de estreia do Orfeon de Angra na Quinta dos Prazeres.
A União, 31 de Julho de 1937

Em 1940, numa dessas noites, “as flores choveram no palco. Fizeram-se chamadas a Ângelo Teixeira e a Maduro Dias.”

A União, 7 de Maio de 1940

Os presépios da Mocidade Portuguesa

Na década de 40, os Presépios da Mocidade Portuguesa despertam grande interesse e curiosidade dos jornais locais e dos angrenses, pela sua criatividade que é anualmente renovada com o trabalho da rapaziada e a inspiração de Maduro Dias e que torna a sua visita obrigatória e um dos principais eventos da época natalícia.

Os Jornais e as Causas

A leitura e a Tipografia Andrade

“Sempre houve paixão pela leitura na Ilha Terceira. Para prova basta dizer que os terceirenses incluíam, e continuam a incluir, nas suas leituras, as mais pequenas e modestas narrativas de casos e acontecimentos que chocam e enternecem o coração humano.”

Entrevista a Manuel Joaquim de Andrade, *A União*, 7 de Março de 1958

Os jornais

- | | |
|--|--|
| 1852 – <i>A Ilha</i> . Semanário cultural e informativo. Ponta Delgada | 1927 – <i>Jornal das Ilhas</i> . Prop. / Dir. de Manuel Joaquim de Andrade |
| 1884 – <i>Portugal, Madeira e Açores</i> | 1927 – <i>O Desportivo</i> |
| 1887 – <i>A Escova</i> | 1927 – <i>Os Novos</i> |
| 1893 – <i>A União</i> . Diário da tarde | 1928 – <i>Sport de Angra</i> |
| 1900 – <i>A Semana</i> . Revista literária e ilustrada dedicada às damas açoreanas | 1929 – <i>ABC</i> |
| 1904 – <i>O Dia</i> . Folha da manhã ilustrada | 1931 – <i>A Ordem</i> |
| 1914 – <i>A Defesa</i> . Semanário republicano dir. António Ramos de Sá Corte-Real | 1932 (?) – <i>A Vida Académica</i> |
| 1918 – <i>O Sport</i> | 1932 – <i>A Revolução</i> . Diário Nacionalista da Tarde |
| 1922 – <i>Folha de Angra</i> | 1933 – <i>Jornal de Angra</i> . Bi-semanário independente, defensor dos interesses regionais |
| 1922 – <i>Diário de Angra</i> | 1934 – <i>Fradique</i> . Semanário literário |
| 1924 – <i>A Cidade</i> | 1945 – <i>Diário Insular</i> |
| 1925 – <i>Vanguarda</i> | 1956 – <i>O Liberal</i> |
| 1926 – <i>A Voz Académica</i> | 1956 – <i>A Voz da Escola</i> . Órgão do C.E.N.º 2 |

As causas

1925 – A vinda dos membros da Legião Vermelha desperta acesa polémica na imprensa local.

Coloca-se deste lado e alerta para os mesmos perigos.

A União de 4 de Maio de 1925

No jornal republicano, *A Defesa*, Luís Ribeiro coloca-se do lado daqueles que querem impedir o exílio nesta ilha, por o considerar uma afronta ao patriotismo terceirense e um perigo de contaminação política.

A Defesa de 13 de Junho de 1925.

O jornal, *O Liberal* também aborda a questão em termos de oposição e conflito entre o Governador e o Presidente da Câmara, Dr. Alexandre Ramos e Dr. Henrique Brás, acabando por transcrever uma nota do Governador em que se minimiza o caso.

1926 – A comemoração da Batalha da Salga volta a colocar a oposição em debate, enquanto que *A União* as descreve, o *Vanguarda* preocupa-se em caracterizar a participação popular como ignorante dos motivos do evento, nomeadamente nos seus aspectos religiosos.



Participantes destacados na Comemoração da Batalha da Salga, de 25 de Julho de 1926: General Gomes da Costa, Frederico Lopes, Frederico Lopes Jr., Luís Ribeiro, Maduro Dias, Dr. Henrique Brás e filho, Alfredo Campos e Gervásio Lima.

1927 – *O Jornal das Ilhas*, no seu n.º 89 de 7 de Abril, saúda o quinzenário ilustrado *Os Novos* que acabara de aparecer “sob a direcção de um grupo de académicos, rapazes de acção, cheios de vontade, visando um ideal sublime das boas artes”.

1928 – O semanário republicano, *Vanguarda*, no seu n.º 141 de 11 de Fevereiro, dá conta de aparecimento de jornal que, segundo se escreve, “vem pelo regionalismo e se dá ares de órgão da ditadura”.

1931 – A instabilidade política persiste como um problema que a ditadura acabará por resolver, segundo o jornal *A Ordem*.

1940-1950 – Nas décadas seguintes, a imprensa vai dedicar-se cada vez mais espaço às questões político-ideológicas e associá-las ao progresso insular, quer na capacidade de realização de eventos comemorativos, quer na construção dos equipamentos.

“todos os munícipes fiéis à crença inabalável nos destinos gloriosos da Pátria” se juntaram para ouvir o discurso dos seus líderes assim como os alunos para desfilar, criando o ambiente evocativo. ”

Dia de Portugal, *A União*, 11 de Junho de 1956

Algumas preocupações intelectuais

1925 – Em prol dos Açores. Galeria de Retratos de Açoreanos Ilustres. Entrevista com o sr. Alfredo Luiz Campos. *A União* de 14 de Maio de 1925

“A causa, que deu início à constituição da distinta Comissão patriótica Angrense, foi o restaurar-se a nobre galeria de retratos de açoreanos ilustres, de que a mór parte foi destruída pelo incêndio do edifício da Junta Geral”

Em prol dos Açores, *A União*, 5 de Junho de 1925

Em prol dos Açores. Galeria de Retratos de Açoreanos Ilustres.
A União, 12 de Junho de 1925

1925 – Educação artística, Luiz Ribeiro empenha-se em defender a importância da Arte para o desenvolvimento de um povo.
A União, 18 de Junho de 1925

1938 – **I Congresso Açoreano**, realizado no Grémio dos Açores, em Lisboa

1940 – A Emissora Católica Portuguesa realiza um **Recital de Poetas Açorianos**, com a participação da declamadora D. Conceição Ramalho, abrindo com um texto do escritor Armando Narciso, extraído do seu livro *Terra Açoreana*. *A União*, 10 de Abril de 1940

1940 – **A Exposição do Esforço do Emigrante Açoreano**, esta exposição integrada no programa das Comemorações Nacionais de 1940 a decorrer nos Açores, realizou-se em Agosto, no Salão da Junta

Geral e no Palácio do Governo Civil, com o objectivo de celebrar, segundo Luís Ribeiro, um dos seus mentores:

“a projecção dos Açores no mundo, graças aos açoreanos que desde o século XVII emigram para as Américas”

A Pátria, 11 de Julho de 1940, 6 de Setembro de 1940

1942 – O Museu Etnográfico Terceirense. *A Pátria*, 10 de Julho de 1942

1942 – Instituto Histórico da Ilha Terceira. Sob a presidência do ilustre terceirense, sr. Dr. Luiz Ribeiro e com o alto patrocínio da Junta Geral, vai fundar-se este organismo cultural.

“A ilha Terceira, rica de tradições históricas, cujo avigoramento agora mais do que nunca convém impulsionar, possuidora de monumentos notáveis, principalmente pelo seu cunho nitidamente português, não possuía até agora, fora das suas instituições oficiais, um organismo que acalentasse o amor e a veneração dos seus habitantes por esse património glorioso...”

A Pátria, 21 de Novembro de 1942

A Propaganda Açoriana e a Questão do Folclore

“Algumas das pessoas que tomaram parte no baile regional, cantaram com muito sentimento várias “modas”, sendo justo especializar a sr^a D. Maria José da Costa, que cantou admiravelmente os “olhos pretos” e “Saudade”, canções tão queridas do nosso povo.”

Kermesse na Fanfarra, *A União*, de 7 de Julho de 1925



Bonecas em trajes regionais



Grupo Folclórico Padre Tomás de Borba da
Comissão Regional de Turismo, 1960

“No sábado 27 de Agosto fez a sua primeira apresentação, nos “courts” do Lawn Tennis Club, o **Grupo Folclórico Terceirense**, organizado por iniciativa da Comissão Regional de Turismo, sob a orientação de Maduro Dias, Laureano Correia dos Reis e Heldo Braga.”

Diário Insular, 4 de Setembro de 1960

A propósito da formação de um **Rancho Folclórico pelos Alunos do Liceu**, Frederico Lopes escreve sobre Etnografia e Folclore. *Vida Académica*, 8 de Junho de 1962

Grupo folclórico da E. R. A. [Empresa Recreio dos Artistas]

“(…) o nosso grupo folclórico [da E. R. A.] foi de abalada à freguesia dos Altares, onde fez a sua apresentação, no corrente ano. Grupo Folclórico estreia nos Altares.”

Recreio dos Artistas, Maio de 1974

O **Grupo de Baile da Canção Regional da Recreio** (da E.R.A.) aparece por volta de 1965, sob a direcção de D. Maria Francisca Bettencourt, autora da rapsódia dos Cantos Regionais Terceirenses.

A União, 16 de Julho de 1977

Os Problemas do Progresso

Comemorações e Melhoramentos

1930 – Festas Comemorativas do V Centenário da Descoberta dos Açores cuja Comissão Executiva inclui uma Comissão do Padrão, que é constituída por Amadeu Monjardino, Francisco de Assis Coelho Borges e Francisco Maduro Dias, e um grupo encarregado de estudar o local onde irá ser construída a Casa Terceirense, no Jardim Público, que inclui Frederico Lopes.

Pela mesma altura reunia a Comissão de Turismo na sede da Associação Comercial. *A União*, 26 de Junho de 1930

“Não devemos (...) esquecer que os Açores, comemorando no próximo ano o V Centenário do seu descobrimento, fazem convergir sobre si os olhos do Mundo, e tem de mostrar ao Mundo, por conseguinte, o que representaram ou que papel tiveram na história famosa dos Descobrimentos.

Dentre as nove ilhas que compõem o arquipélago, a Ilha Terceira teve durante séculos o papel preponderante, o mais alto lugar. A Europa teve nela a sua melhor guarda-avançada... Foi ela a ante-câmara onde os príncipes de Quinhentos ensaiaram os primeiros passos na rota gloriosa das Américas.”

A Pátria, 26 de Março de 1931



Praça Velha, c. 1940



1929-1930, Calçetamento da Praça Velha

1930 – a propósito das obras do Cais da Alfândega, defende-se a ideia de que a balaustrada de bilro que se tem expandido no meio se encontra *demodé*, pois que a nova arquitectura do cimento armado permite e exige outras linhas e estimula outros gostos.

“Obras surpreendentes que, de começo, irritavam o gosto, pela sua singularidade, mas que hoje toda a gente considera belas, porque o nosso senso artístico também evolui...”

Evidentemente, em muitos casos é impossível inovar, porque se tem de respeitar as linhas, as proporções, o traçado do que já existe e tem de subsistir. Assim, por exemplo, o calçetamento da nossa Praça da Restauração em estilo modernista, um



Praça Velha, 1930-1950

tanto ao quanto artes decorativas, se bem que aproveitando *motivos* tradicionais das colchas de tear *aldeãs*, talvez esteja em desarmonia com o belo edifício da Câmara Municipal que lhe serve de fundo.”

O artigo prossegue dizendo que a desejada revolução estética não chegou até nós, “à parte ligeiras decorações (...) dirigidas por esse moço de talento que é Maduro Dias.”

Divagações sobre estética citadina, *A Pátria*, 11 de Dezembro de 1930

1931 – a construção do Edifício do Banco de Portugal



Banco de Portugal, construção iniciada em 1920 e concluído em 1931. *A União*, 5 de Janeiro de 1931

Pedro Anes Jr. pronuncia-se sobre a existência inestética e antiquada das árvores dos quatro cantos da praça, sugerindo a sua substituição por um outro tipo mais de acordo com a intervenção de MD:

“dando-lhe aquela leveza e frescura que Maduro Dias oportunamente lhe quis dar e (...) um conservantismo piegas, infelizmente se lhe opôs!”

A União, 8 de Agosto de 1940

1941 – a inauguração do Observatório Meteorológico, a 27 de Março de 1941, integrada na Comemoração da Restauração da Independência. *A União*, 28 de Março de 1941

1951 – a inauguração do Monumento ao historiador Francisco Ferreira Drumond na praça de S. Sebastião, da autoria de Maduro Dias. *A União*, 16 de Outubro de 1951

1957 – a inauguração dos Serviços de Intendência Pecuária, por Craiveiro Lopes

1958 – a inauguração do Grémio da Lavoura, *A União*, 6 de Junho de 1958

1960 – a inauguração dos portulanos na Escola Infante D. Henrique e da estátua de Álvaro Martins Homem na Praça Velha. *A União*, 13 de Julho de 1960

1961 – a inauguração do Hospital Regional de Angra do Heroísmo a 2 de Agosto. *A União*, 31 de Julho de 1961

A Visita Presidencial de Craveiro Lopes, Julho de 1957

Apela-se à colaboração de todos para um programa que inclui algumas inaugurações, e acrescenta-se que.

“Maduro Dias trabalha afanosamente numa exposição na Escola Industrial sobre as actividades industriais, como aliás em toda a decoração da cidade, para que tudo resulte digne e brilhante.”

“Visita Presidencial aos Açores. A um mês de distância. O que importa”

A União, 28 de Junho de 1957



Inauguração do Posto Zootécnico (Vinha Brava), 1957

Um dos momentos altos da visita foi a inauguração dos Serviços da Intendência Pecuária, à Vinha Brava. *A União*, 29 de Julho de 1957

MESTRE MADURO DIAS: UM HOMEM DO SÉCULO XX

José Olívio Mendes Rocha

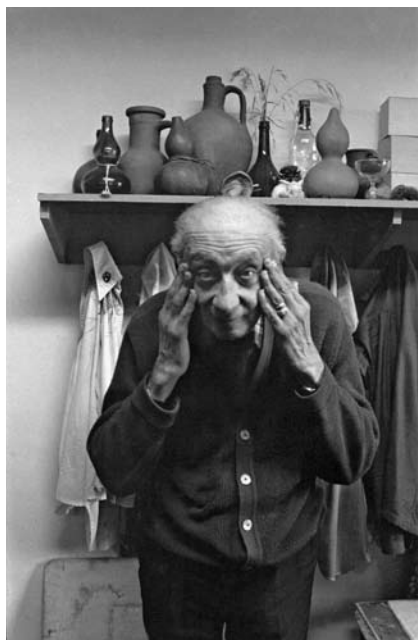
1. Introdução

Um centenário, quer seja de um acontecimento, quer seja de uma pessoa poderá trazer uma carga ideológica, claramente marcada pelos interesses que no momento em que se faz a comemoração.

A leitura que é feita do evento, do percurso da pessoa, da sua obra, da sua real influência, para além das naturais referências sentimentais e da carga emocional, para quem o conheceu e com ele conviveu, se não for baseada num trabalho de investigação rigorosa e sequencial, corre o risco de ser uma leitura deturpada, incompleta e impressionista, enfim, uma leitura redutora não só da História da pessoa no seu tempo de vida, como sobretudo, do contexto em que nasceu, viveu e exerceu a sua acção.

Nesse aspecto, constituiu a nossa principal preocupação, realizar uma abordagem séria e isenta e, simultaneamente, de compreensão dos diversos tempos e dos acontecimentos que marcaram a sua acção.

Todo o trabalho de recolha e o registo de toda a informação sobre a sua vida e os trabalhos desenvolvidos, assim como o que a comunicação social foi escrevendo sobre Maduro Dias, teve como objectivo



principal realizar uma abordagem sobre o homem, o percurso e a obra nos diversos contextos por que passou.

Uma vasta documentação foi correctamente guardada pelos seus familiares, com destaque para o seu filho Francisco dos Reis Maduro-Dias e tal circunstância facilitou e ajudou de forma decisiva a realização do nosso trabalho.

A sua obra publicada em livro, os poemas, os contos, os artigos de opinião e sobre a História local e regional, as obras de pintura, escultura, desenho, gravura, arquitectura, cenografia, rádio, tipografia artística, existentes na nossa cidade e em toda a Ilha Terceira, no espólio familiar e publicados em jornais locais, com destaque para “A União”, “A Cidade”, “A Voz Académica”, no “Diário dos Açores”, “A Insula”, “Os Açores – revista ilustrada”, a “Estrela d’Alva”, “A Pátria”, o jornal “Diário Insular” e muitas outras publicações, constituíram as fontes principais¹.

Baseámo-nos ainda em todo o vasto acervo de correspondência recebida e enviada a Maduro Dias, particularmente no período da sua formação e resultante das suas múltiplas actividades, sobretudo a partir do ano de 1925 e com gente da sua geração, com preocupações semelhantes, embora com divergências várias, como Eleutério Correia de Melo, Dutra Faria, Oliveira San-Bento, Armando Cortes Rodrigues, Frederico Lopes, Teotónio Machado Pires, Elmiro Mendes, Valdemar Brás, Miguel do Canto Forjaz, Ruy Galvão de Carvalho, mas também com pessoas que Maduro Dias considerava como referências pessoais importantes, com destaque para José Agostinho, Luís da Silva Ribeiro e Vitorino Nemésio².

Com o título “Último Salmo”, assinada por F. C. Dias e a propósito do astro sol e da sua função, escreve sobre a sua própria vocação³

Escolhe, Queres ser um escritor genial ou um poeta triste? Escolhi a lira e, então, desde essa noite cálida de Junho o meu coração esfacelado e a minha alma torturada, pela dôr, não teem cessado de chorar, 1918.

¹ Desde muito jovem que Maduro Dias colaborava na imprensa local. A referência mais antiga, com 13 anos de idade, um poema “Vida” em “A União” de 6 de Outubro de 1917.

² São nomes que se me afiguraram mais marcantes no percurso de Maduro Dias. A lista não é exaustiva.

³ Texto publicado no jornal “Estrela d’Alva” de 23 de Março de 1918.

Este texto constituiu em nosso entender uma reflexão pessoal que marcará todo o seu percurso.

Finalmente, uma outra fonte de referência importante foram os múltiplos artigos de opinião, normalmente de apreciação e alguns de contestação aos trabalhos de Maduro Dias, publicados em jornais e revistas locais e regionais, desde o início dos anos vinte e até a meados dos anos 80 do século XX.

Esta nossa abordagem constituiu a base para a realização do programa da exposição evocativa do centenário do seu nascimento, organizada pelo Museu de Angra do Heroísmo e aberta ao público no dia 18 de Maio de 2004.

As fotos disponíveis e publicadas ao longo do texto pretendem documentar os momentos importantes da sua vida e realçar algumas peças que reputamos marcantes em toda a sua obra.

Toda esta incursão sobre a vida e a obra de Francisco Coelho Maduro Dias só se tornou possível graças à confiança e à disponibilidade do seu filho, Francisco dos Reis Maduro-Dias, que nos possibilitou um acesso livre a todo o acervo de Francisco Coelho Maduro Dias.

2. O percurso biográfico

Francisco Coelho Maduro Dias nasceu no dia 12 de Fevereiro de 1904 na freguesia da Conceição, Angra do Heroísmo, filho de Ignacio Sousa Dias e de Ludovina Corrêa Maduro, conforme registo de baptismo que transcrevemos:

Aos doze dias do mez d' abril do anno de mil novecentos e quatro, n' esta Igreja parochial de São Bartolomeu dos Regatos, concelho e diocese d' Angra do Heroísmo, baptizei solememente, por estar em perigo de vida, um individuo do sexo masculino, a quem dei o nome de Francisco, e que nasceu na freguesia de Nossa Senhora da Conceição d' Angra, às três horas da manhã do dia doze do mez de Fevereiro d' este dito anno, filho legítimo de Manuel Ignácio de Souza Dias, proprietário natural da freguesia da Candelária, ilha do Pico, d' esta diocese, e de Dona Loduvina Olympia d' Oliveira Dias, de profissão doméstica, natural da freguesia da Conceição. ...”⁴

⁴ Transcrição parcial do texto do assento de baptismo na Igreja Paroquial de S. Bartolomeu.

No ano lectivo de 1914/1915, segundo a caderneta da Escola, já contaria com 10 anos e consta como aluno do 1º ano do Liceu Padre Jerónimo Emiliano de Andrade. A formação no Liceu nessa época tinha a duração de 5 anos. Com 16 anos terá ficado com o Curso do Liceu, ou seja, por volta do ano de 1920/21⁵.

Na referida caderneta do Liceu consta, para além dos programas, o nome dos professores e dos alunos, assim como os horários praticados no Liceu naquele ano.

Numa notícia contida no jornal “A Vanguarda”, nº 31, de 19 de Novembro de 1925 é dada a informação do falecimento na Ilha do Pico do pai de Maduro Dias⁶, nessa altura com 21 anos de idade. Certamente um acontecimento marcante.

A ideia geral que nos fica, após uma leitura sistemática de toda a documentação, a que tivemos acesso, é de que Maduro Dias foi um homem da Terceira, com um espírito aberto, mas simultaneamente, um nacionalista e um regionalista, formado num período em que ainda vigorava o sistema republicano, num ambiente isolado e conservador, muito influenciado pela doutrina e pela acção pastoral da Igreja católica.

Mercê do grupo e das suas referências pessoais e quiçá familiares e religiosas, fazia parte da elite pensante e da geração, apanhada pelo 28 de Maio de 1926, portanto da Ditadura e posteriormente do Estado Novo. Nos Açores, com a criação do Delegado Especial do Governo da República nos Açores, (DEGRA)⁷ cargo este ocupado, desde finais de Setembro de 1927 até 1931, pelo Coronel António Feliciano da Silva Leal, foi uma espécie de Governador das Ilhas, função destinada⁸ a criar as condições de adesão às ideias subjacentes à Ditadura e que em termos práticos permitiu também o controle das deportações, de centenas de opositores à Ditadura e ao sistema político instalado pelo Estado Novo, enviados para os Açores.

⁵ Relatório referente ao ano escolar de 1914/1915 do Liceu Nacional de A. H. Tip. Andrade, 1916

⁶ Manuel Ignácio Sousa Dias, natural da Candelária, Ilha do Pico.

⁷ Na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo encontra-se todo o espólio do DEGRA (Delegado Especial do Governo da República nos Açores).

⁸ A nomeação e funções previstas no Decreto nº 14.412 de 7 de Outubro de 1927, com alterações posteriores apresentam semelhanças com o Comissário Especial, nomeado em 1918 por Sidónio Pais.

Em termos internos, a acção de Silva Leal como Delegado Especial permitiu, também e mercê do grande empenho das elites locais, na sua transformação, de Delegado da Ditadura nos Açores, num acérrimo defensor dos interesses dos Açores, junto do poder central.

Neste contexto político e ideológico, será importante referir também o papel da Igreja, uma opositora clara do sistema republicano e em reacção aos efeitos da Lei da Separação e aos condicionamentos das suas actividades a partir de 1911.

As posições da Igreja eram naturalmente contrárias ao sistema republicano e a sua influência é exercida publicamente através de toda a sua acção doutrinária e pastoral em toda a Diocese de Angra e através do Jornal “A União”, onde se organiza e se defende uma participação política no âmbito da acção do Centro Católico nas eleições de 1925, com a candidatura do então Coronel Fernando Borges a deputado e com a implementação da Acção Católica e a activação, a partir de 1927/1928, das ideias de Pio XI não só na defesa de soluções corporativas, semelhantes às Italianas, para a solução dos problemas sociais.

Como também com a divulgação nos Açores das ideias do Padre Mateo, representante especial do Papa, que vem a Portugal em 1927, para a instauração do Reinado Social⁹ no âmbito da consagração da devoção ao Sagrado Coração de Jesus na família e a divulgação através de “A União” e do “Semeador” das ideias de Salazar, de Pio XI defende-se a instauração de um novo regime, mais consentâneo com a tradição religiosa dos açorianos.

3. Os anos da formação. Os contextos

Ligado a todas estas tendências, onde alguns jornais, de tendência republicana tentam afirmar os seus ideais e lutam com cada vez maiores dificuldades surge a “Cruzada Nova”¹⁰, uma revista nacionalista de arte e doutrina liderada por Correia de Melo e Dutra Faria.

⁹ O Jornal “A União” faz referências, quer ao Padre Mateo, quer à sua missão de divulgação das suas ideias, referenciando a importância do reinado social e do corporativismo, como doutrina social.

¹⁰ A capa da Revista “Cruzada Nova” é da autoria de Maduro Dias.

Os colaboradores são, entre outros Ramiro Valadão, Frederico Lopes (João Ilhéu), Armando Cortes Rodrigues, Jorge Figueiredo, Machado Pires, Fernando Castro, Luís Ribeiro, Alfredo Pimenta. É uma publicação, de que são publicados 8 números e a sua linha geral é de clara defesa dos valores do regionalismo e do nacionalismo e onde se percebe uma intenção doutrinária clara de combate e de afirmação das novas ideias subjacentes, o nacionalismo muito inspirado no modelo do fascismo corporativista italiano.

Paralelamente, um outro jornal surge em Angra “A Ordem”¹¹ com uma linha redactorial de clara afirmação dos valores conservadores, fascistas, nacionalistas e com referências muito elogiosas sobre o fascismo Italiano.

Neste contexto, a realidade açoriana é pautada, em termos das elites, nomeadamente em S. Miguel, na Terceira e no Faial, por esta tendência de afirmação dos valores do regionalismo e do nacionalismo, com expressões políticas e económicas bem definidas.



1. A Comissão Organizadora da Festa da Salga, em memória do 25 de Julho de 1581, no dia 25 de Julho de 1926. Maduro Dias está em penúltimo lugar, contando da direita para a esquerda e identificado como jornalista. A seu lado, para a direita Miguel do Canto, director de “A Voz Académica”, seguindo-se para a esquerda Manuel Joaquim de Andrade, director do “Açores”, António Carvalho Braga, director do “Jornal das Ilhas”, Frederico Lopes, Presidente da Comissão Organizadora, Alfredo Campos, representante do jornal “A União” e José Maria dos Santos, director do jornal “A Cidade”.

¹¹ Este jornal teve uma duração relativamente curta. Existe uma colecção completa na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo.

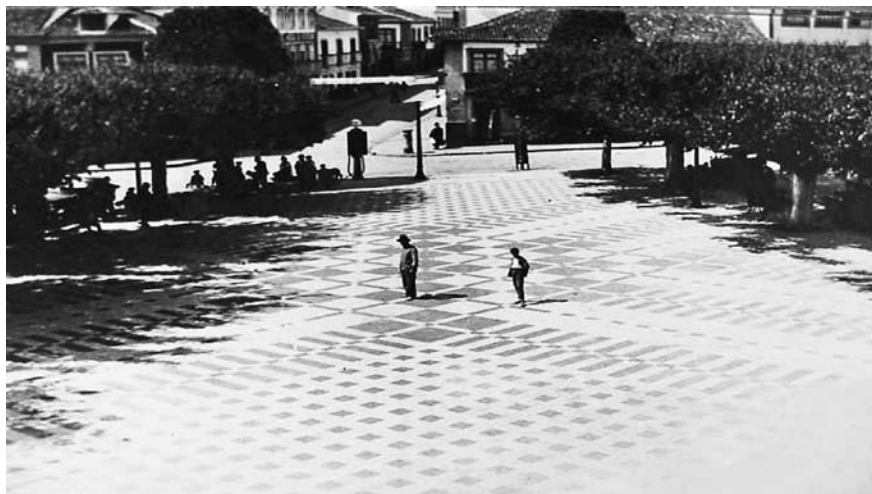
A sua expressão cultural manifesta-se através de iniciativas diversas, com destaque, por exemplo, para a apresentação no ano de 1928, da Ópera “Água Corrente” da autoria de João Ilhéu, com música de Henrique Vieira da Silva e cenários de Maduro Dias.

Teve múltiplas reedições, inclusive no ano de 1944, numa apresentação dedicada às Forças expedicionárias Inglesas no âmbito da 2ª Guerra Mundial. Sendo, embora, esta Revista meramente um exemplo entre muitos outros do mesmo tipo, constatamos que a leitura que é feita da realidade rural é pitoresca e folclorizante e ao tratar das questões do povo, uma entidade inspiradora abstracta e que não corresponde à realidade da vida das pessoas na Ilha Terceira naquele período de tempo, descreve uma situação totalmente diferente.

Tratar-se-à, assim de uma mistificação da realidade, mas que teve um grande sucesso.

De forma praticamente unânime, os jornais publicam referências muito elogiosas ao moço Maduro Dias e às suas actividades, primeiramente como poeta, como jornalista de “A Cidade” e colaborador regular no jornal “A União”, a seguir como autor de soluções gráficas muito originais das capas da “Voz Académica”, da “Cruzada Nova”, como o cenógrafo de Revistas e de peças de Teatro apresentadas nos diversos salões então existentes na cidade de Angra, com destaque para o Teatro Angrense, o Salão Caridade, a Recreio dos Artistas, das primeiras páginas de jornais como “A União” em datas célebres como o 1º de Dezembro, a Restauração, o Natal, a comemoração da Descoberta dos Açores e nas soluções gráficas em jornais e em cartazes para lembrar a batalha da Salga, da qual apresenta na “Voz Académica” uma leitura muito equilibrada e crítica quanto às histórias fantasiadas da suposta Casa de Brianda Pereira.

Podemos, assim referir que Maduro Dias foi inicialmente o moço cheio de qualidades como poeta, cenógrafo, gráfico de capas de jornais e revistas e rapidamente nos anos 30 e 40 passou a Mestre Maduro, autor de soluções originais para a Praça Velha com o reticulado de uma colcha tradicional e para os diversos monumentos erigidos, dentro do espírito da independência nacional e do Estado Novo, a D. António Prior do Crato, nos Altares, a Memória abrigo, na Praia da Vitória a Memória da Restauração e em S. Sebastião, a homenagem a Ferreira Drumond.



2. A Praça Velha com empedrado, desenho de Maduro Dias, inspirado numa colcha tradicional: o Modernismo nas ilhas.



3. A equipa de calceteiros que construiu o empedrado da Praça Velha e Maduro Dias, autor do projecto. No grupo de pé, o segundo da esquerda.

O seu percurso como estudante do Liceu de Angra apresenta-o como um bom estudante e grande participante em todos os eventos e particularmente como o autor da capa da “Vida Académica”.



4. Os estudantes de Angra que foram estudar para Lisboa. Ano lectivo de 1926/1927. Maduro é o 3º, contando da esquerda na 2ª fila.

A sua acção como estudante de Belas Artes, que decorre de 1927 a 1929, teve uma duração relativamente curta, derivada de razões de cunho familiar. Terá tido, no entanto, um efeito muito grande, pois para além de ter sido uma abertura para contactos e ligações posteriores com o mundo das artes, como aconteceu com Armando Lucena, de quem se considerava discípulo, Abel Manta, Jorge Barradas, Diogo de Macedo, Rui Gameiro e Simões de Almeida, Maduro Dias já levava na bagagem conhecimentos e experiências vividas na Terceira. O saber fazer é uma vertente decisiva e fundamental na sua personalidade e que se reflecte na sua obra.



5. Carro alegórico na festa do Carnaval da Escola de Belas Artes em Lisboa no ano lectivo de 1927/1928. Maduro Dias é o segundo a partir da esquerda.

Pensava, concebia, delineava e fazia as obras, utilizando os materiais disponíveis localmente ou vindos de fora. Neste campo de análise, os modelos não existiam previamente definidos e a prática é que ditava até onde podia ir.

Uma outra área em que as actividades de Maduro Dias têm uma grande expressão foi a sua ligação às comemorações, ligadas à Restauração da nacionalidade e ocorrem aquando da realização da Exposição dedicada ao esforço do Emigrante Açoreano,¹² em que foi simultaneamente o organizador e o produtor de uma obra, um óleo s/ tela, que se manteve patente no Salão Nobre da antiga Junta Geral, “O Sonho do Infante”.

Praticamente toda a obra de Maduro Dias como escultor e como criador e realizador dos monumentos colocados, respectivamente nos Altares, na Praia da Vitória e em S. Sebastião e como urbanista do Largo Prior do Crato e criador do busto de D. António Prior do Crato, assim como

¹² Esta exposição obteve um grande êxito local e foi muito referenciada na imprensa local, com destaque para os jornais A União, a Cidade e a Pátria.

muitas outras obras do mesmo tipo, concebidas por Mestre Maduro e que não chegaram a realizar-se e ainda os trabalhos de tipógrafo artístico para as primeiras páginas de jornais comemorativos e os posters destinados a assinalar, com espírito comemoracionista, datas e pessoas importantes da nossa história local, regional e nacional, inserem-se também de forma clara como uma das formas de legitimação e de afirmação do Estado Novo em termos locais. Neste aspecto, para além de ter sido um dirigente local da Mocidade Portuguesa, assume uma clara posição de leitura no campo da arte e da cultura, de defesa e de apoio ao regime, mas sem vinculações claras ao Partido único, ou de militância perceptível¹³.

Na sua qualidade de poeta, as obras foram sendo publicadas, inicialmente nos jornais locais e num caso concreto, ao desafio com o seu amigo Correia de Melo “Casa de Dois” e um dos pontos altos e de reconhecimento nacional corresponde à vitória obtida nos Jogos Florais promovidos pela Emissora Nacional no ano de 1939 para a categoria de Soneto “A Violeta de Ouro”¹⁴.

Já nos anos oitenta, 1985, é publicado “Melodia Íntima e Poemas de Eiramá”, classificado por Álamó Oliveira, como “um belo livro”. Entretanto, a sua produção de poesia e prosa, constituída ainda por outras obras, publicadas em muitos jornais locais e através da Livraria Editora Andrade, constituem uma outra referência fundamental para a edição e para o apoio de artistas locais e nacionais.

A sua actividade profissional, de professor de Desenho na Escola Comercial e Industrial na Escola Dr. Oliveira Salazar, para além de praticar um ensino, onde o desenho é encarado naturalmente como uma fase que precede a sua execução, que Mestre Maduro Dias acompanhava nas Oficinas, estendia-se a colaborações na Casa da Mocidade Portuguesa.

¹³ É bastante claro na leitura da correspondência algum distanciamento em relação à doutrina do regime do Estado Novo, o que não significava tomar qualquer posição contra.

¹⁴ A forma como Maduro Dias recebe este prémio manifesta humildade, embora os jornais “A Pátria” e “A União, e jornais de S. Miguel e de Lisboa tenham dado um grande destaque a este assunto.



6. O corpo docente da Escola Comercial e Industrial “Oliveira Salazar”, então já sedeada no Palacete Silveira e Paulo. Ano de 1950. Maduro é segundo, a partir da esquerda.

A preparação dos presépios foi uma outra área em que empenhou um grande esforço, desempenhou uma grande actividade e deixou obra feita.

Na raiz deste interesse pelos presépios, para além das suas qualidades como escultor, está o presépio da Igreja da Sé, que ajudou a restaurar e a reconstituir, mas sobretudo as suas vivências e referências juvenis.



7. Professor de Desenho na Escola Comercial e Industrial de Angra do Heroísmo (antiga Escola Madeira Pinto e Oliveira Salazar). Maduro acompanha a realização de trabalhos dos alunos, 1942.

O seu empenho em trabalhar com a Mocidade Portuguesa, de que foi dirigente regional, e com as Sociedades Recreativas da Ilha que solicitavam o seu apoio, foi bastante regular, com destaque para a Recreio dos Artistas a cujo Grupo Dramático pertenceu.



8. A colaboração nas actividades da Mocidade Portuguesa e Acção Católica é muito frequente e regular. Na foto activistas da Mocidade Portuguesa e Maduro Dias.

A partir do ano de 1963 e até ao ano de 1984 e após a sua aposentação de Professor na Escola Comercial e Industrial de Angra do Heroísmo, inicia uma nova actividade como professor no Clube de Oficiais da Base das Lajes¹⁵ “Lajes Fields’ Art Hut” e em regime de voluntariado, destinado sobretudo às esposas de militares americanos presentes na Base das Lajes.

¹⁵ Trata-se de uma actividade profissional eventual e um pouco ao sabor das boas vontades dos Comandos, embora com grande empenho das alunas, normalmente esposas dos militares americanos.



9. Professor de Desenho e Pintura na Base, de 1983 a 1985.



10. Maduro Dias na apreciação dum trabalho duma aluna numa exposição na Base Americana das Lajes. Crossroads, Vol. IV, nº21, Janeiro de 1966. A realização de exposições, pelo menos uma vez por ano era uma forma de comunicar e de mostrar os trabalhos à comunidade.

Daí resultam muitas exposições dos seus alunos no “Officers Club” e “Service Club”¹⁶.

Esta actividade permitiu-lhe ainda satisfazer uma velha aspiração, que era contactar com pessoas das mais variadas procedências mundiais que passavam, transportados nos aviões americanos pela Base Das Lajes.



11. O professor de Arte, com um grupo de alunas na Base das Lajes.

Sobre as Lajes e a Base Americana, João Afonso atribui-lhe, significativamente, a seguinte frase:

As Lajes são um campo de concentração em que os concentrados estão do lado de fora.

Ao longo do seu percurso de vida e com maior impacto a partir de finais da década de 20 do século XX, “Mestre Maduro” como carinhosamente é tratado, acompanhou e fez aproximações a todas as correntes do pensamento e da interpretação artística e literária, com originalidade e sentido próprios. Partindo da leitura e da integração do local e do regio-

¹⁶ Este trabalho significou um novo percurso na vida de Maduro Dias, mas permitiu-lhe também compreender o olhar do outro e assinala dessa forma o seu ressurgimento de criatividade e de novas perspectivas.

nal, a sua obra reflecte o carácter universal da criação artística e literária. Aproximações ao modernismo, ao surrealismo ou ao cubismo não exprimiam etiquetas da moda, mas processos genuínos, assimilados e apresentados com originalidade e autenticidade.

Tais aproximações significavam momentos de criação, pois não eram feitas porque estavam na moda num determinado momento, antes, resultavam, por um lado do facto de se manter bastante actualizado, através de publicações nacionais e internacionais que recebia regularmente e por outro lado, e em face da realidade e dos problemas locais, realizava a sua leitura e produção, tendo em conta a situação local.

Sócio fundador do Instituto Histórico e de diversas agremiações de Instrução e Recreio de Angra do Heroísmo, Maduro Dias foi assim um homem do seu tempo, que deixou as suas marcas próprias e com originalidade na nossa realidade, fruto da sua capacidade criativa, que utilizou as suas muitas qualidades e dons ao serviço dos mais variados empreendimentos e instituições, mantendo sempre um espírito aberto ao novo, ao diferente e que, deixou marcas, referências e uma obra que merece ser estudada, desenvolvida e reconhecida.

4. Os trabalhos de uma vida vivida e multifacetada.

Referências a Maduro Dias e participações em Jornais, revistas e livros de 1917 a 1986

Ano de 1917

A União, Ano 24º, nº 6 879, de 19 de Maio de 1917. Poema de Maduro Dias com o título “A Vida” e dedicado “a meu padrinho o Exmº Sr. André H. de Noronha”. Angra, 1.5.1917.

Estrela d’Alva, Ano II, nº 65, de 6 de Outubro de 1917. Com o título “No Areal”, texto de F. C. D. reflecte sobre o amor e a natureza que se manifesta na Praia.

Estrela d’Alva, Ano II, nº 66, de 20 de Outubro de 1917. Sob o título “Pensando” escreve sobre os pensamentos que lhe chegaram à mente quando estava debruçado na janela. Desde a situação difícil do País, o papel de D. Henrique e de todos os personagens importantes da História de Portugal e termina, escrevendo:

E esta grandeza comparada com a mesquinhez do presente! Mas póde ser ainda que êsses que partiram para a França venham cobertos de loiros, e que Portugal venha a Ter ainda o seu quinhão de grandeza. Angra, 1917. FCD.

Estrela d' Alva, Ano II, nº 74 15 de Dezembro de 1917. Artigo intitulado “A Pátria”, dedicado ao Reverendo J. Borges de Meneses, datado de 3. Dezembro de 1917 e assinado por F. C. D.

Estrela d' Alva, Ano II, nº 79, de 26 de Janeiro de 1918. “Revista Literária, Ilustrada e Noticiosa”. Versos, datados de 1918, sob o título “A uma Rosa”, assinados por F. C. D., (M.D?) Insere ainda uma crónica sobre os acontecimentos do 5 de Dezembro de 1917 e que levaram Sidónio Pais ao poder. O Jornal ressalta que:

uma das mais louváveis medidas da Junta Revolucionária composta por Sidónio Pais, Machado dos Santos e Feliciano Costa” foi a anulação dos castigos impostos a alguns Bispos pelo Ministro da Justiça do governo de Alexandre Braga”.

Estrela d' Alva, Ano II, nº 86, de 23 de Março de 1918. Soneto intitulado “Lamentos”, de 12.3.1918 e assinado por F. C. Dias

Estrela d' Alva, Ano II, nº 89, de 20 de Abril de 1918. Com o título “DESEJO” dos lamentos, duas quadras assinadas por F. C. Dias.

O Sport nº 5 e 7 de 21.Fevereiro e 7 de Março de 1918, uns versos dedicados à Ex^a Sr.^a D. Maria Amélia da Costa, assinados por F.C.D. Será de MD?

Estrela d' Alva, Ano III, nº 97 de 15 de Junho de 1918. Com o título “Ultimo Salmo”, uma prosa assinada por F. C. Dias. A propósito do astro sol e da sua função escreve sobre a sua vocação –

Escolhe. Queres ser um escritor genial ou um poeta triste? Escolhi a lira e, então, desde essa noite cálida de Junho o meu coração esfacelado e a minha alma torturada, pela dôr, não teem cessado de chorar. Junho, 1918.

Estrela d' Alva, Ano III, nº 101, de 13 de Julho de 1918. “A minha Lira” é o nome atribuído por Coelho Dias a um Poema constituído por 3 quadras, Angra, 1918.

Estrela d' Alva, Ano III, nº103, de 27 de Julho de 1918. Datado de Angra, 1918, um poema com nove versos, intitulado “O Sol” e assinado por F. C. Dias.

Estrela d' Alva, Ano III, nº 106, de 24 de Agosto de 1918. Soneto de F C Dias, de Junho. 1918 e intitulado “O Malmequer”.

Estrela d' Alva, Ano III, nº 107, de 31 de Agosto de 1918. Artigo da autoria de F. C. D. e que tem continuidade no nº 108 sob o título “Renascença”. Relato do que significa para o autor a palavra em termos de desenvolvimento técnico, colocando a descoberta de Gutemberg como um grande salto, a seguir à bússola, a importância de Itália, de Petrarca e de Dante. Refere ainda os nomes de D. Manuel, Damião de Gois, navegadores e guerreiros. Termina, escrevendo:

Não foram só nas artes, navegadores ilustres, guerreiros, enfim, quasi todos os que auxiliaram Portugal morreram miseravelmente: Portugal tem sido desagradecido, mesmo cruel, para aqueles que o amam e que só contribuem para o seu desenvolvimento. 20.6.918. FCD.

Ano de 1920

Estrela d' Alva, Ano IV, nº 164, de 7 de Fevereiro de 1920. O Jornal insere o texto de uma Conferência proferida na sede da União Operária em 31 de Janeiro de 1920, de Raposo Marques. No interior, um artigo, assinado por Maduro sobre o evento na União Operária Angrense. Destaca o interesse das palavras de Miguel Forjaz, que fez a apresentação de Bernardo Costa e de Raposo Marques.

Estrela d' Alva, Ano V, nº 193, de 25 de Setembro de 1920. Com o título “Duas quadras” dedicadas “ao distinto Poeta Manuel Augusto d' Amaral”, datadas de 23. IX. 920 e assinado por Maduro Dias.

Estrela d' Alva, Ano IV, nº 175, de 8 de Maio de 1920. Sob o título “AMOR! POESIA!” Coelho Dias escreve sobre estes temas na perspectiva do ambiente típico da primavera e da importância de Camões e de Petrarca.

Estrela d' Alva, Ano V, nº 183, de 10 de Julho de 1920. “Olhos Verdes” é o título atribuído a duas quadras assinadas por Maduro Dias.

Ano de 1921

A União, Ano 28º, nº 7 962, de 12.Fevereiro de 1921, soneto, intitulado “Despedida” e dedicado a D. Alice Pancada;

A União, Ano 28º. Nº 7 990, de 17 de Março de 1921, dois versos, com o título “Pão e Ervas”;

A União de 23 de Novembro de 1921, soneto, com o título “Arco da Beleza”;

Ano de 1922

Folha de Angra, de 5 de Março de 1922, soneto com o título “Saudade”. Na 2ª página do Jornal refere-se que a poesia publicada é da autoria de Maduro Dias “moço poeta que com felicidade tem escrito ao sabor popular algumas quadras prometedoras de obra mais desafogada e regionalista”;

Folha de Angra, 30.Abril de 1922, soneto, com o título “Encanto do Mar”.

A Actualidade, de Ponta Delgada, de 27 de Abril de 1922, numa secção dedicada aos poetas, está publicado um soneto de Maduro Dias, com o título “Canção da Triste Violeta”;

Diário de Angra, de 13 de Agosto de 1922, um soneto de Maduro Dias com o título “Supremo” (Aljubarrota). Este número do Diário de Angra é quase totalmente dedicado a Nuno Alvares Pereira e à Batalha de Aljubarrota – 1385 – 1922. O sentido geral das intervenções, incluindo Maduro Dias é numa perspectiva comemoracionista e nacionalista;

No jornal Diário de Angra, nº 113, de 29 de Agosto de 1922, cujo Director é Braga Paixão, insere na 1ª página, ao centro um artigo de Maduro Dias, “Do Desporto – Algumas horas no Faial”. De forma sumária faz um relato de uma excursão a S. Jorge:

quasi de fugida, fomos ao Faial e, das agradáveis horas passamos junto da obsequiadora rapaziada desportista daquêl meio, talvez algo se possa tirar de proveitoso para a nossa mocidade do Relvão. Transcreve uma entrevista com o “capitão do Faial Sport Club”.

Os Açores, revista ilustrada, Ano I, nº 6, Dezembro de 1922. A revista insere um poema de Maduro Dias, intitulado “Rogo do Natal”.

Ano de 1923

A União, Ano 30º, nº 8 754, de 14 de Fevereiro de 1923. Poema de Maduro Dias, dedicado ao senhor João Avila e intitulado “Ideal”.

A União, Ano 30º, nº 8 543, de 17 de Fevereiro de 1923. Duas quadras de MD intituladas “Do Roussinol de Bernardim” (inédito).

A União, Ano 30º, nº 8 561, de 10 de Março de 1923. Com o título “Versos de Louvor” à senhora D. Berta de Bivar, a artista de Soror Mariana, de MD.

Diário de Angra, Ano 2º, nº 281, de 1 de Abril de 1923. Soneto de Maduro Dias com o título “Da dádiva do Santo Corpo”.

A União, Ano 30º, nº 8 606, de 8 de Maio de 1923. Soneto de Maduro Dias com o título “Anel de Gemas”

Diário de Angra, de 15 de Junho de 1923, numa secção da 1ª página “Sentido da Vida Simples”, um soneto de Maduro Dias, com o título “Momento de Tempestade”;

A União, Ano 30º, nº 8 638, de 20 de Junho de 1923. Com o título “Pela Terceira”, artigo de MD em que apoia as posições de João das Ilhas a propósito da intenção de virem para os Açores os revoltosos que estão a ser julgados em Lisboa.

A União, Ano 30º, nº 8 641, de 23 de Junho de 1923. Com o título “Íntima”, Maduro Dias discorre num artigo de 1ª página sobre as virtudes e qualidades da mulher e os efeitos negativos que tem a maquilhagem na sua apresentação.

Diário de Angra, 20 de Setembro de 1923, na secção “A semana Passada”, insere a seguinte notícia:

mestre Maduro Dias abandonou o Futurismo e resolveu-se a penetrar os segredos do Presente, este lindo Presente com que nós nos regalamos e que cada vez se torna mais prometedora... Trouxe-o a prosa arrevesada do João das Ilhas ao capítulo das realidades terrenas. É mais um benefício que ficamos devendo, amigo João, ainda que de “louvaminhas” estejas farto e não te agrade em extremo o falatório... E termina o seu artigo referindo: fizeste uma excelente aquisição: mestre Maduro, alheio àquelas transcendentais idealizações em que por vezes divaga o espirito, possui extraordinárias aptidões...para alfaiate....

É assinado por Málingua Ltd.^a.

A União, de 2 de Outubro de 1923, soneto com o título “Carme”, dedicado à Exm^a Sra. D. Cecília Borba;

A União, Ano 31º, nº 8 787, de 24 de Dezembro de 1923, artigo de Maduro Dias, com o título “Pelo Natal de 1923”. Escreve sobre “o falecido velhinho João de Sousa Ribeiro”,

um artesão que fazia as figurinhas de barro que o encantaram quando era criança. Possivelmente uma das suas fontes de referência e de inspiração para o fabrico de peças para o presépio.

Ano de 1924

A União, Ano 31º, nº 8 820, de 4 de Fevereiro de 1924. Artigo em prosa de MD com o título “Manhã de Verão”.

A União, Ano 31º, nº 8 821, de 5 de Fevereiro de 1924. A propósito do 4º centenário do nascimento de Camões, um poema de Maduro Dias intitulado “ADAMASTOR”.

A União, Ano 31º, nº 8 842, de 1 de Março de 1924. Artigo de MD com o título “O Choro de Pierrot”.

O Dia, Ano, nº 127, de 14 de Junho de 1924. A propósito da visita de um grupo de intelectuais do Continente aos Açores e à Terceira: Dr. Luis Magalhães, Prof. Leite de Vasconcelos, Teixeira Lopes, Anthero de Figueiredo, Trindade Coelho e Joaquim Manso, Luiz Castro, D. Manuel Ribeiro de Bragança, Dr. Armino Monteiro, Manuel António Lino escreve um texto de boas vindas e Maduro Dias, um artigo com o título “Teixeira Lopes em Águas Açoreanas”

A União, Ano 32º, nº 9 074, de 24 de Dezembro de 1924. artigo de Maduro Dias na 2.^a página com um artigo intitulado “A Missa do Galo” onde descreve como se vivia o Natal no Monte nos tempos em que era criança.

A Cidade, Angra do Heroísmo, nº 1 de 24 de Dezembro de 1924. Editor e administrador João Moniz de Sá Corte Real dos Santos. Trata-se de um projecto em que desde o primeiro n.º Maduro Dias participa como jornalista e como poeta. Neste primeiro número inclui um soneto intitulado – VERSOS DE NATAL e com um título mais geral “Uma pergunta”.

A Cidade, Angra do Heroísmo, nº 2, de 31 de Dezembro de 1924. Sob o título geral “Acerca da Iluminação Eléctrica”, um artigo de Maduro Dias. O que é preciso fazer para que ela satisfaça?”. No final deste artigo de 1.^a página promete para 4.^a feira, um outro artigo sob o título “O que se pode fazer?”.

Ano de 1925

A Cidade, Ano I, nº 3, de 7 de Janeiro de 1925. Artigo de MD sob o título “Acerca da Iluminação Eléctrica”. Constituído por uma série de perguntas ao Sr. Guilherme Braz sobre as razões para os atrasos e dificuldades. No final, pergunta se a razão principal não residirá na falta de capitais.

A Cidade, Angra do Heroísmo, nº 4, de 14 de Janeiro de 1925. Artigo de Maduro Dias sob um título geral “*Do que o “Círculo Católico” fez em homenagem a Paulo e Vasco da Gama*”. Trata-se de um artigo onde Maduro Dias, para além de noticiar o evento ocorrido na Igreja de S. Francisco, discorre sobre as os discursos realizados pelo bispo e pelas autoridades presentes e expressa as suas opiniões pessoais sobre o significado e importância da passagem dos Gamas pela Ilha Terceira e o significado e importância:

Daquelas lages puídas de S. Francisco, aquelas abóbodas onde ecoou o pranto de Vasco da Gama, ressoaram e ouviram nesse dia ainda, a voz de um açoreano acostumado ao manejo difícil da palavra falada, louvando os Gamas. E assim terminaram as homenagens.

A Cidade, Ano I, nº 9, de 21 de Fevereiro de 1925. Com o título “Clero “ Nobreza e Povo!” da autoria de Ego super omnia.

A Cidade, Angra do Heroísmo, Ano I, nº 15, de 2 de Abril de 1925. Inclui um artigo de 1.^a página intitulado “Dos Edelweisse”.

A Cidade, Angra do Heroísmo, Ano I, nº 16, de 9 de Abril de 1925. Artigo em prosa de Maduro Dias intitulado “Na Sexta feira Santa”. Artigo onde relata e reflecte como era o ambiente normal vivido na Igreja de S. Bartolomeu dos Regatos. As imagens e a descrição das suas características, o paralelo dos gestos, das imagens com os gestos dos homens no trabalho, em paralelo com as mudanças ocorridas na Igreja com a

celebração da sexta feira santa e toda a ambiência dentro da Igreja e a procissão do senhor morto.

A Cidade, Angra do Heroísmo, Ano I, nº 19, de 30 de Abril de 1925. Artigo de Maduro Dias “Dos Novos e para os Novos”. Reflexão sobre a importância do desporto para o desenvolvimento físico, sobretudo dos mais novos, mas também a importância de obras do espírito que também desenvolvam a criatividade dos mais novos. Termina incentivando os mais novos a escreverem e a participarem nos jogos florais promovidos pela Câmara Municipal.

Salão Caridade, Programa da Festa Académica, promovida pela Academia Angrense, 11 de Maio de 1925. Trata-se de uma festa realizada em benefício do seu cofre e com a colaboração do Salão Caridade. Constituída por uma primeira parte com a apresentação da Comédia em um acto de L. Sonolet, um Acto de Variedades na 2ª parte e a 3ª parte, a apresentação de uma opereta “*O Tio Carolino*”, com Libreto de Van Gorden, música do maestro Manuel Benjamim e a acção passa-se na Holanda, nos arredores de Harlem. Os cenários foram feitos por Abohbot e D. Maria Ramos, Guarda Roupas creado e executado pelas afamadas modistas Maria Apolonia Luiza Filipe, Sapateiro: Maduro Dias e Mendes de Sousa, Marceneiros, Virgílio P. Toste e Humberto R. de Sousa, com os respectivos oficiais, Ensaaiador, o senhor Angelo....

A Defesa, de 4 de Junho de 1925, artigo de 1ª página onde, sob o título “Jogos Florais, uma festa de arte”, se exalta a iniciativa e se menciona o nome dos autores premiados: D. Mercês Simas, D. Adelaide Lopes Sodré, Frederico Augusto Lopes da Silva, Jr, e Maduro Dias.

A Cidade, Angra do Heroísmo, Ano I, nº 29 de 24 de Junho de 1925. Sob o título “Os Bailes Regionais da Fanfarra – A Sra. D. Maria Georgina Costa”, desenvolve-se na 1ª página uma prosa de Maduro Dias em que confessa que “quando há dias assisti ao primeiro serão regional realizado ao ar livre, na Fanfarra Gago Coutinho-Sacadura Cabral, pensei que ia ver uma paródia dos saborosos bailes do nosso monte. Mas não. Entre os que cantavam e bailavam havia gente do campo, dos que nas freguesias são olhados como o são os grandes artistas da cidade. Enaltece o gesto da Fanfarra que teve seguidores na Terra Chã, no Posto e em S. Bartolomeu. E acrescenta que foi graças ao empenho de D. Georgina Costa do Posto Santo como cantadeira, por cultivar as artes de cantar, incluindo a arte de dançar e ao mesmo nível da música, da pintura e de outras formas de expressão artística. Conclui que a função do jornal é para levar

a notícia de que tantas penas se vão adestrando e outras louvam já os Açores – o povo vela mais que nunca a tradição, trabalha e sabe cantar!.

Vanguarda, semanário republicano, Ano I, nº 28º, de 29 de Outubro de 1925. Com o título “Teatro Angrense — uma feliz instalação eléctrica”, insere um artigo de MD sobre a péssima instalação eléctrica estabelecida no Teatro Angrense.

A Cidade, Angra do Heroísmo, Ano II, nº 46, 24 de Dezembro de 1925. Numa secção criada no jornal “Artes e Letras”, um artigo de Maduro Dias com o título “para a noite

do galo”. Estabelece uma comparação entre a noite de Natal quando era muito jovem e o momento presente. Questiona, escrevendo:

onde está o Reviver que quereis meus senhores? E a nossa tradição?

Relembra e referencia o seu viver como criancinha de há vinte anos.

Almanaque Açores, Ano 19º de publicação, 1926, propriedade da Livraria Editora Andrade – Angra. Um poema de Maduro Dias “Ao Ritmo da Tua voz”. E ainda um texto, com correcções manuscritas, “Manhã de Verão” e datado de Angra, 1923. Um outro poema publicado tem como título “Arco de Beleza”

A Cidade, Angra do Heroísmo, Ano II, nº 48, de 9 de Janeiro de 1926. Artigo de Maduro Dias com o título “Salão Caridade”.

A Cidade, Angra do Heroísmo, nº 6, de 28 de Janeiro de 1926. Soneto de Maduro Dias com sob um título geral “Sentido da Vida Simples”, apresenta um título mais específico “A lareira”.

A Cidade, Angra do Heroísmo, Ano II, nº 52, de 6 de Fevereiro de 1926. Sob o título “Os Bailes Regionais da Terceira”, Maduro Dias em Lisboa escreve um pequeno artigo onde descreve como numa pequena coluna descobriu a palavra San Macaio e através disso um local em Lisboa onde se cantavam canções de todo o mundo, incluindo o San Macaio e informa que colaborou uma artista da Ilha Terceira chamada D. Marina Gabriel.

A Voz Académica, Ano I, nº 5, de 13 de Março de 1926. Artigo de Maduro Dias sob o título “Antigos Alunos aos rapazes do Liceu”

A Cidade, Ano II, nº 57, de 13 de Março de 1926. Artigo de Maduro Dias, inserido na 1ª página, com o título “Acerca do 13 de Março de 1583. Parafraseando Herodoto sobre a importância de escrever a História:

para que a memória das grandes acções se não extinguisse...

MD desenvolve o significado, em termos de fidelidades e interesses da carta de Ciprião de Figueiredo a Filipe I de Portugal e o seu significado na época e no momento em escreve. Termina o seu texto escrevendo:

Portugal caiu, certo é que os de 1640 o levantaram, mas lá ficou, para hoje, a armadilha. O laço de que fala Ciprião de Figueiredo tomou novamente Portugal, mais infelizmente para todos a Terra inteira.

No Jornal, **A Vanguarda, de 2 de Junho de 1926** semanário republicano. Sob o título “Uma feliz instalação eléctrica”, Maduro Dias escreve um artigo onde refere a má qualidade da instalação eléctrica no Teatro Angrense, não só pelo seu aspecto provisório, mas sobretudo porque afecta o ambiente no Teatro Angrense.

A Vanguarda, jornal republicano insere na 1ª página, de **2 de Junho de 1926**, uma caricatura de Maduro Dias sob o título “O futurista Maduro” e assinado por Sport;

A Cidade, Ano II, nº 72, de 10 de Junho de 1926. Sob o título “Espectaculos”, insere uma notícia de apresentação ao público da revista de costumes regionais “Flores e Bandarilhas”, cujo autor é Frederico Lopes Senior e Frederico Lopes, Jr. (Caturra Senior e Caturra Jr.), música de Piedade Vaz e os cenários de Maduro Dias.

Jornal das Ilhas, folha independente, de **15 de Julho de 1926**, consta um artigo de 1ª página sobre a Revista “Flores e Bandarilhas”, original de Frederico Lopes da Silva e de Augusto Lopes da Silva, Jr., com música de Piedade Vaz e “cenários de Maduro Dias”. E o articulista termina, escrevendo “*E, permita Maduro Dias que lhe digamos:*

se ao seu trabalho for notado qualquer defeito, em nada se surpreenda, porque o público vai fazer confronto do cenário desta revista, com os ricos cenários da Companhia Teatral que á pouco nos visitou, comparação que é impossível fazer-se; quanto a nós, os cenários, da Revista “Flores e Bandarilhas” estavam esplendidos.

A Defesa, semanário republicano, de 17 de Julho de 1926. Artigo sobre a revista “Flores e Bandarilhas” onde a apreciação é muito positiva, escrevendo nomeadamente:

A Revista tem quadro de uma felicidade extrema como o da desfolhada em que se aproveita com arte um costume tradicional do nosso camponez, e o da noite das Festas da Cidade na Praça Velha..... A música do chefe de banda, Sr. Piedade Vaz, agradou bastante, sobretudo os números de character popular e os cenários de Maduro Dias são uma verdadeira obra de arte.

Diário dos Açores, Ano 56º, nº 10 277, de 19 de Julho de 1926. Transcrição de uma notícia: “Amanhã publicaremos uma interessante notícia com o sr. General Gomes da Costa, feira expressamente para o “Diário dos Açores” em Angra do Heroísmo pelo distinto jornalista sr. Maduro Dias, um novo cheio de talento. Chamamos para ela a atenção dos nossos leitores, consignando desde já a Maduro Dias o nosso vivo agradecimento.”

Jornal das Ilhas, Ano I, nº 21, de 25 de Julho de 1926. A propósito das comemorações da Batalha da Salga, insere um artigo de Maduro Dias intitulado “No Campo da Salga”.

A Cidade, Ano II, nº 75, de 31 de Julho de 1926. Transcrição do “notável discurso de Frederico Lopes da Silva, classificado como ilustre presidente da Comissão da Imprensa, a propósito das celebrações comemorativas da Batalha da Salga. Exaltação dos valores do nacionalismo e do regionalismo. Um artigo de Maduro Dias para além de mostrar admiração por se terem juntado cerca de 10 mil pessoas no vale da Salga e atribui tal ajuntamento de pessoas não ao impacto e importância da imprensa, que caracteriza assim:

... periodicamente uns jornais para fazer outros novos, de modo que a força que teria, por ventura, um jornal numa terra como a nossa, quasi que não existe visto que os nossos periódicos (há só de idade) ainda trazem calção...” E arremata, escrevendo que não foi só a imprensa que conseguiu reunir tanta gente, “*foi também aquela outra força que habita entre nós, a mesma que nos põe a fazer guarda nestes calhaus, a que faz de toda a nossa vida um arraial de espera ; - s voz do sangue, a alma que nos vem da nossa vida de combate, um resto que ficou do tempo em que eramos gente!*”

Diário dos Açores, 4 de Agosto de 1926. Artigo descrevendo a Comemoração do 345º aniversário da Batalha da Salga na Ilha Terceira. Para além do relato pormenorizado do evento, é marcante em todas as intervenções o discurso nacionalista e regionalista; Embora sem identificação de autor, o texto será de Maduro Dias.

Diário dos Açores, 6 de Agosto de 1926. Artigo de 1ª página, assinado por Maduro Dias, “O que levou a imprensa Terceirense à comemoração da Salga?” Depois de historiar o que levou as autoridades a aderirem a esta comemoração proposta por Gervásio Lima conseguiu:

com que acender e alimentar um fogaréu votado aos mais belos feitos nossos, trazendo, assim, vivíssimos, na memória popular, os fastos dos Açores...

E de seguida deambula sobre as motivações para o aparecimento de cerca de 10 mil pessoas devido à tourada e ao gosto terceirense pela festa brava, termina com um diálogo travado entre um emigrante que vai para a América.

Há anos, praticando com um homem do Monte, disse-me ele que ia para a América. Talvez fosse feliz e juntasse com quê. Mais conversa nos levou até falarmos de uma dominação americana nos Açores e: ..Chico, tu aceitavas, han! disse-lhe. – O senhor caçôa. A América é boa mas é a América, e a nossa nação é sempre a nossa. Isto vai mal, mas antes brôa de milho, sendo isto nosso, do que pão alvo... dado por outro!

A Vanguarda, de 12 de Agosto de 1926. Texto em prosa de Maduro Dias, intitulado “Um Sonho”;

Diário dos Açores, de 12 de Agosto de 1926. Texto de 1ª página onde a propósito da Revista “Flores e Bandarilhas” se faz uma descrição do conteúdo da Revista e a identificação dos seus autores. Como apreciação geral sobre a Revista, transcreve-se um excerto

.. escrita com elegância urdida do mais fino modo, de forma a referir os factos ocorridos nos últimos tempos, colorindo-se de uma crítica leve e inofensiva e tirando deles o proveito moral necessário, é sem dúvida um belo trabalho de observação, filho de inteligências investigadoras que sabem dar forma ao que vêem.

A Voz Académica, do então Liceu D. João de Castro, mais tarde Liceu Padre Jerónimo Emiliano de Andrade, **Ano I, nº 1, de 15 de Agosto de 1926**. A capa foi feita por Maduro Dias. O mesmo acontece nos nºs 2, 3, 4. Com o título “Apontamentos da Salgam um artigo de MD em que reflecte sobre a autenticidade das construções ali existentes, consideradas por alguns autores como contemporâneas da Batalha da Salga. E a conclusão a que chega é que a “primitiva e verdadeira “Casa da Salga” a que abrigou a famosa Brianda não existe actualmente, como muitos querem.”

A Cidade, Ano II, nº 82, de 18 de Setembro de 1926. Insere dois artigos de Maduro Dias. “Na mui preguiçosa e sempre festeira cidade.” desenvolve “ Às vezes é maçada Ter vinte anos. E, pior ainda, numa terra onde existe tanto das três espécies: - os “zorras”, os “bolas” e os “parasitas”. “ *Da primeira é aquela que diz :*

o quê senhor ! Isso nunca se fez assim (...) A par a Segunda. Esta é a dos bolas. A dos que garantem que nada se pode fazer. E triste do triste disposto a desmentilos. ... Agora a dos parasitas. Parecem macacos e despidoradamente espelhos. Como os símios imitam sempre e guincham de contentes. E termina o seu texto, escrevendo: Porque a nossa terra é linda. Já não sei quantas mil vezes isto foi dito, mas é verdade é linda. Infelizmente, porém é muito, muito, muito grande o numero de dos “zorras”, dos “bolas” e dos “parasitas”. Num outro texto e sob o título “Uma nova artista” tece considerações muito elogiosas a Maria Ramos e a todo o seu percurso como estudante do Liceu, como jornalista do Vanguarda e como artista de qualidade. Escreve MD, Acabo de ver dela uma colecção de barros que surpreendem. Na maioria não ter sofrido dedada incipiente. Figuram-se moldados de golpe – os olhos viram e céleres e certos os dedos executaram.

E acrescenta ainda:

A par destes há também aguarelas, caricaturas, sei lá! – um mundo de belas coisas que mereciam bem ser conhecidas. Que bela exposição se fazia com isso!

E termina, escrevendo:

Mas, por enquanto, fique-se com a certeza de ter, nesta nossa terra, mais alguém de valor, valorosa e inteiramente dado à arte.

A Cidade, Ano II, nº 83, de 26 de Setembro de 1926. Dois artigos de Maduro Dias. Sob o título “Carta a uma senhora” tece considerações sobre a arte e os artistas e considera-se pertencente à mesma confraria:

onde vou cá esgravatando, acolhendo-me, cuidadosamente, á sombra dos maiores...” Refere ainda que não se considera propriamente um jornalista mas sim um escrevinhador e termina a sua prosa enaltecendo as qualidades artísticas e técnicas da artista, cujo nome não cita, mas que deverá ser Maria Ramos. No outro artigo dedicado aos Jornais e particularmente à pouca qualidade e interesse dos nossos

jornais e dos seus jornalistas. Termina, lançando um desafio em que refere “ *Peço, a quem pode, a quem deve, a quem tudo tem da sua mão, a quem o prometeu em luzido programa, para fazer disso que está para aí e se chama diário um jornal capaz de aparecer ao lado de outros! Para fazer um jornal de geito!* ”

A Voz Académica, Ano I, nº 2, de 30 de Setembro de 1926. A capa é feita por Maduro Dias. No interior e sob o título Comissão realizadora da festa na Salga, em memória de 25 de Julho de 1581, uma fotografia com os elementos da Comissão, onde consta Maduro Dias, como jornalista.

Diário dos Açores, 4 de Outubro de 1926. Grande reportagem com destaque na 1ª primeira página sobre a confraternização da Ilha de S. Miguel, representada pela maior excursão de quantas tem ido à Terceira. Relato circunstanciado da viagem e às tantas refere o articulista:

Maduro Dias proporciona-nos uma bela visita em dia de chuva, onde admiramos um ilustre poeta e uma inspirada artista terceirenses ” Concretamente sobre M.D. “ ...é um moço cheio de talento e vibrante de entusiasmo. Na imprensa açoreana, com o fulgor da sua pena, tem elevado o seu nome de jornalista. Maduro Dias trabalha sempre e não sabe narcotizar-se com os triunfos colhidos, pois o trabalho representa para ele apenas uma obrigação. Reune, portanto, as qualidades do vencedor.

A Cidade, Ano II, nº 91, de 20 de Novembro de 1926. Artigo de Maduro Dias com o título Andam Faunos pelos Bosques” Refere-se à qualidade excelente de um livro de Aquilino Ribeiro.

A Cidade, Ano II, nº 92, de 27 de Novembro de 1926. Artigo de MD sobre Gervásio Lima e os seus livros.

A Cidade, Ano III, nº 96, de 25 de Dezembro de 1926. Sob o título “Então os sinos foram alegres” Maduro Dias escreve um conto/história das vivências na cidade e no campo e regista os momentos em que os sinos tocam tristes e os momentos em que tocam alegres e que acontece na véspera da festa na Missa do Natal.

Ano de 1927

Almanaque Açores, 20º ano de publicação, Ano de 1927, propriedade da Livraria Editora Andrade – Angra. Texto de Maduro Dias, datado de 1925, intitulado “Frei António”. Contem ainda um poema de MD, intitulado “Sonho” (inérito) e dedicado a D. Isaura Adriana Cavalheiro.

A Cidade, Ano III, nº 99, de 22 de Janeiro de 1927. Artigo com o título “A Cidade” procura ouvir a baroneza Norka Rouskaia. Relato a tentativa conseguida de entrevistar a célebre pianista que actuou na Terceira.

A Cidade, Ano III, nº 101, de 6 de Fevereiro de 1927. Como notícia de destaque insere um artigo sobre a insubordinação ocorrida no Porto e em Lisboa, transcrevendo telegramas recebidos pela União. De Maduro Dias, um artigo “Das horas Solenes, por Osório Goulart” Comentário a um livro que classifica como “um bom livro”.

A Cidade, Ano III, nº 103, de 19 de Fevereiro de 1927. Sobre a Revista “Papas e Bolos”, da autoria de Clemente Ramos Moniz Pamplona tece considerações elogiosas referenciando o trabalho musical de João das Neves e os cenários de Joaquim Laureano, faz também pequenos reparos e acentua que ele pertence com MD, à confraria dos brochados grandes.

A Cidade, Ano III, nº 105, de 6 de Março de 1927. Soneto de MD com o título “Terra dos Açores”. Num artigo de 1ª página insere uma saudação a Maria Ramos, uma nova artista:

Os primeiros produtos do seu engenho, trazidos a público no Semanário “Vanguarda” numa secção de caricatura, foram um assombro de verdade e definiram, duma só vez, o valor da artista.

Finalmente, o jornal insere um artigo com o título “Ecos do Movimento Revolucionário” com os nomes dos revolucionários que vieram para os Açores na sequência da revolução de Fevereiro.

A Cidade, Ano III, nº 106, de 13 de Março de 1927. “Sonetinho dos Dedos” de MD é o nome do poema inserido no jornal e datado de Angra do Heroísmo, 6.3.1927.

Jornal das Ilhas, bi-semanário noticioso, **de 7 de Abril de 1927**, director Manuel J. de Andrade. Começa por informar na 1ª página o aparecimento do Jornal “Os Novos”, dirigido por Maria Ramos. Ainda na 1ª página surge uma referência à Revista, apresentada no Teatro Angrense, intitulada “Frei Tomaz” pelo Grupo Dramático do Lusitania Sport Club, comédia em 3 actos, “*da feliz autoria de Chagas Roquete*” Os cenários foram pintados por Maduro Dias, referindo-se:

segundo nos informam, está um trabalho perfeito como não era de esperar outra coisa do infatigável enciclopédico.

No mesmo jornal, mas do dia **10 de Abril** insere-se um artigo de 1ª página onde são escritas palavras de elogio da peça e dos seus intérpretes.

Os Novos, Ano I, nº 2 de 17 de Abril de 1927. Propriedade do Grupo Os Novos. Poema de Correia de Melo, dedicado a Maduro Dias e intitulado “Triptico da Páscoa”.

A Cidade, Ano III, nº 111, de 23 de Abril de 1927. Artigo de Maduro Dias sob a Oficina das Artes Gráficas de Ponta Delgada. Insere ainda uma referência ao jornal o “Deportado”, como órgão dos revolucionários do 3 de Fevereiro e que se encontram deportados na Ilha Terceira. O articulista refere que deseja uma curta vida ao jornal, pois os seus autores deverão estar desejosos de regressar às suas terras.

Diário dos Açores, Ano 57º, nº 10527, de 25 de Maio de 1927. Com o título “Maduro Dias e os Novos”, o articulista do jornal referenciando e saudando o aparecimento do jornal Os Novos, quanto a Maduro e tendo como fonte A Cidade refere o seu contributo importante para a produção dos cenários da peça “Frei Tomaz”.

A Cidade, Ano III, nº 119, de 20 de Junho de 1927. Com destaque na 1ª página, um artigo de MD sobre o Dr. Manuel António Lino, recentemente falecido. Classifica António Lino como um verdadeiro artista.

A Cidade, Ano III, nº 121, de 2 de Julho de 1927. Artigo de Maduro Dias sobre Amélia Rey Colaço, a propósito de um artigo de António Ferro na Ilustração Portuguesa sobre esta artista portuguesa, que MD classifica como “o colosso da arte de representar, que acaba de visitar-nos”. De seguida, insere um artigo sobre a peça de teatro “O Milhafre” de Armando Cortes Rodrigues.

A Cidade, Ano III, nº 122, de 10 de Julho de 1927. Artigo de 1ª página dedicado a Oliveira San-Bento como poeta micalense e um livro recentemente publicado.

A Cidade, Ano III, nº 123, de 19 de Julho de 1927. Contem um poema de MD intitulado “Sou Nauta, no mar do goso”.

Diário dos Açores, 21 de Julho de 1927 e transcrito do Jornal A Cidade e sob o título “Ecos da última excursão a Angra” Maduro Dias é elogiado pelo Diário dos Açores como

escritor e artista terceirense da mais requintada e superior feição.

Entretanto M.D. escreve um artigo onde a pretexto dessa excursão de micalenses a Angra incide a sua análise na obra do poeta micalense Dr. Oliveira San-Bento.

A Cidade, Ano III, nº 129, de 4 de Setembro de 1927. Não tem nenhum trabalho de MD, mas informa em nota de roda pé, que o camarada de redacção e amigo seguiu para S. Miguel e Lisboa em viagem de estudo.

Diário dos Açores, Ano 57º, nº 1060, de 5 de Setembro de 1927. Com o título “De passagem” informa que estiveram ontem de passagem em Ponta Delgada, a caminho de Lisboa. Maduro Dias e Miguel do Canto e Castro. Identifica o primeiro como literato e artista de muito e comprovado mérito e o segundo, que é dos melhores valores da sua geração e da sua terra, foi director da Voz Académica de Angra. O primeiro vai cursar Belas Artes e o segundo vai matricular-se num curso superior.

A Cidade, Angra do Heroísmo, Ano III, nº 13, de 2 de Outubro de 1927. Director: J. M. Santos e Administrador: A. A. Pureza. Para além de inserir na 1ª página um artigo da responsabilidade da redacção sobre o Alto Comissário dos Açores, entidade muita apreciada e de quem se tem grandes expectativas para resolver os problemas dos Açores, contem no seu interior um coluna intitulada “Domingos Rebelo e a Pintura Regional” de elogio aos seus trabalhos.

A Cidade, Ano III, nº 135, de 16 de Outubro de 1927. Início de uma colaboração, a partir de Lisboa, intitulada “Bilhetes Postais” e que tem neste nº o título de Lisboa. Sob um registo baseado nas leituras já realizadas sobre Lisboa e agora estando presente pega em aspecto da vivência das pessoas numa cidade.

A UNIÃO E O SEU JUÍZO CRÍTICO, de 1 de Outubro de 1926 a 21 de Outubro de 1927. Título de um panfleto com diversas opiniões críticas sobre actuações teatrais na cidade de Angra do Heroísmo e de acordo com as opiniões expressas no jornal A União.

A Cidade, Ano III, nº 136, de 23 de Outubro de 1927. M.D. continua a sua série de Bilhetes Postais, incide sobre o tema “Bibliotecas ao ar livre”. Constata que em Lisboa tudo é pago, mas algo lhe chamou a atenção e o interesse “Nestes jardins de Lisboa – guloseimas de luz para o nosso grande desejo de ar puro- há umas pequenas bibliotecas, oito ou dez prateleiras, que a Universidade Livre ali colocou e de que qualquer criatura se pode servir gratuitamente, para distracção e proveito.

A Vanguarda, de 5 de Novembro de 1927. Sob o título “O Orgão e o Jazz” é o título do artigo de 1ª página de Maduro Dias, que envia o escrito de Lisboa. Estabelece um paralelo entre os sons harmoniosos do órgão das catedrais, com o som dos turíbulo conjugados com o ruído do Jazz. Termina com a seguinte frase premonitória?

O Jazz, acompanhando o órgão! Pobre dele se é verdadeira notícia! Sempre á sua volta a miséria humana..... Mas o órgão é capaz de não extranhar ..

A Cidade, Ano III, nº 140, de 20 de Novembro de 1927. Conta a história do poeta que cantou à senhora do ar e que depois veio a ser adoptada pelos aviadores. A este propósito, a série “Bilhetes Postais” incide sobre aviação, aviadores e a forma como os jornais “Ridículos” e “Sempre Fixe” exploram esse tipo de histórias.

A Cidade, Ano III, nº 141, de 27 de Novembro de 1927. O tema dos bilhetes postais, neste número incide sobre as varinas. Em face de uma afirmação ouvida num restaurante, de que as varinas iam acabar, MD escreve :

Sós, em grupos, em bicha, as varinas, para quem as veja com olhos de ver, são belíssimo motivo decorativo. Além do talho de anfora tem o exquisto dos trajes, o chapelinho, que não passa de uma galantaria, o ar alado que alegra a gente, um palminho de cara, quasi sempre sem nada que se lhe diga.

A Cidade, Ano III, nº 146, de 18 de Dezembro de 1927. A colaboração de MD para este numero de jornal, sob a série “Bilhetes Postais” tem como título “Do grande Crime”. Trata-se do julgamento de alguém que terá assassinado uma mulher e que tem vindo a ser muito explorado pelos Jornais de Lisboa. Embora condenado à pena máxima, MD refere o desinteresse crescente que lhe causa o assunto, devido ao exagero dos jornais.

A Cidade, Ano III, nº 147, de 25 de Dezembro de 1927. “Bilhetes Postais” tem o título “Natal Triste”. Motivado pela saudade da ausência, descreve o olhar das pessoas e o seu significado, interroga o que foram antes. Constatamos que na sua terra toda a gente se conhece, ao contrário do que acontece em Lisboa.

A Vanguarda, de 31 de Dezembro de 1927. Sob o título de “Duas Linhas O Tonel das Naiades”, um conto de Maduro Dias, inspirado num poeta brasileiro, enviado de Lisboa.

Ano de 1928

A Cidade, Ano IV, nº 152, de 2 de Fevereiro de 1928. A propósito da estreia da “Água Corrente”, opereta regional, refere-se:

Scenários que estão cheios de verdade e minuciosamente pormenorizados.

Água Corrente, Teatro Angrése, 1ª representação da Opereta regional em 3 actos. 8 de Fevereiro de 1928. Pequeno desdobrável, contendo o programa. Original de João Ilhéu, música de Henrique Vieira, Senários próprios de Maduro Dias.

A Cidade, Ano IV, nº 153, de 9 de Fevereiro de 1928. Sob o título “Teatro Regional, Água Corrente”, o articulista faz uma apreciação detalhada e globalmente positiva da Opereta e manifesta o desejo de

podermos vir a ter um teatro nosso, inconfundível com outro qualquer, como aliás, uma arte e uma literatura peculiares.” No final do texto refere ainda: “*Encenação e marcação magistrais; ...*”

Sport de Angra, Ano I, nº 4, de 9 de Fevereiro de 1928. Pequeno artigo de José Maria Ferreira sobre a apresentação da Água Corrente no Teatro Angrése. Acrescenta *explendidos senários de Maduro Dias.*

A União, Ano 35º, nº 9966, de 10 de Fevereiro de 1928. Artigo de 1ª página sobre a peça regionalista “Água Corrente de João Ilhéu. Para além dos elogios rasgados, refere:

Maduro Dias pintou com grande relevo artístico os senários que são de um efeito magnífico, todos sobre motivos regionais.

Num apontamento manuscrito, no final do artigo surge o nome do Dr. Valadão Jr.

Vanguarda, semanário republicano, Ano III, nº 141, de 11 de Fevereiro de 1928. Informa da estreia da “Água Corrente”, Severo dos Reis a este propósito faz uma crítica onde refere.

Água Corrente é um trabalho de mérito como realização teatral no nosso meio, pelo expoente de valia da prata da casa, de que nos deu conta Quarta feira. Tem urdidura e condições scénicas e está superiormente montada. Todavia tem senões, que mais se devem atribuir à despreocução, do que á inabilidade do autor....

Revista Insular e de Turismo, Ano 2, nº 18, de Março de 1928. Identificando como uma interessante opereta de costumes terceirenses, que o Tenente Frederico Lopes da Silva Jr. Escreveu e Henrique Vieira da Silva musicou..., acrescenta que

os cenários, pintados por outro artista terceirense , Maduro Dias, concorreram bastante para completar a maravilhosa manifestação de arte regional, que é a Água Corrente.

Teatro Magazine, Ano I, nº 3, 1ª Série, Abril/Maio de 1928. Na página XVI é dedicado um artigo com fotografia intitulado “ Nas Ilhas – Uma recita de Amadores em Angra do Heroísmo. A revista, de pois de historiar a revista “Flores e Bandarilhas” e a Comédia “Casas Baratas”, da autoria de Frederico Lopes e música de Henrique Vieira da Silva, refere que

os scenários pintados pelo distinto artista terceirense Maduro Dias, que actualmente se encontra em Lisboa frequentando a Escola de Belas Artes, produziram um efeito soberbo, deixando o público assombrado pela rigorosa verdade da paisagem aproveitada.

A Cidade, Ano IV, nº 173, de 4 de Julho de 1928. A série “Bilhetes Postais” tem neste número o título “Meio Dia”. Trata-se da leitura e comentário que faz ao livro de Manuel Carreiro, que tem esse nome. E faz a seguinte apreciação final :

Que outro valor não tivesse a obra de Manuel Carreiro bastava-lhe este da sinceridade para ser bem acolhido. Mas, a par da indiscutível moralidade, da frescura de todo o livro sente-se a mão do escritor que traça e compreende, escrevendo num elegante à vontade. Em suma, é um livro que todos podem ler – e que actualmente, não é das coisas mais fáceis de encontrar. Lisboa, 1928.

A Cidade, Ano IV, nº 177, de 3 de Agosto de 1928. Com destaque na primeira página e sob o título “Agradecimento”, MD agradece o trabalho de João Cardoso de Ávila, aquando da sua saída da Direcção do Sporting Club da Terceira. Trata-se de um agradecimento pessoal, equiparado a um agradecimento a um médico, que graças ao exercício físico feito na “Ginástica” metódica” e sob sua orientação, o levou a abandonar as drogas que tomava.

A Cidade, Ano IV, nº 180, de 25 de Agosto de 1928. Neste número não consta qualquer artigo de MD. No entanto e na 1ª página e sob o título “Liberalismo” um artigo de Luis Ribeiro, contrariando a ideia de que o Liberalismo foi um mal da Revolução Francesa, defende a sua importância e significado.

Jornal Português, brasileiro, de 8 de Setembro de 1928 - O Jornal mais antigo da colónia e de maior expressão no território brasileiro. Sob o título “Notícias dos Açores” informa:

chegaram a Angra do Heroísmo, dois novos, que são duas esperanças no meio artístico e literário açoreano – Maria Ramos e Maduro Dias. Maria Ramos é um refinado temperamento de artista e que vem de Lisboa, depois de ter recebido proveitosas lições do grande mestre que é Teixeira Lopes. (...). Maduro Dias é um novo mas já consagrado escritor e primoroso poeta. Está feito. No Continente está cursando belas-artes..... Muito é o que há a esperar do jovem e talentoso terceirense.

Cruzada Nova, Ano I, nºs. I a VIII, respectivamente de 30 de Novembro, 15 de Dezembro; 25 de Dezembro de 1928 e 25 de Janeiro, 25 de Fevereiro, 15 de Março, 30 de Março e 25 de Abril de 1929. Revista nacionalista de arte e doutrina. **Directores:** Correia de Melo e Dutra Faria. A colaboração de Maduro acontece na confecção da capa da revista, ornamentada com a cruz de Cristo, sugestões em gravura dos pioneiros dos descobrimentos portugueses e com um traço característico de MD, mas também identificativo do espírito nacionalista vigente na época.

Ano de 1929

a b c, Ano I, nº 3, angra, 3 de Julho de 1929. Director: Meneses Braz. Administrador: Manuel J. de Andrade. Comentário de Dutra Faria ao livro de Maduro Dias e Correia de Melo, intitulado “ Em nome de Deus começo”. Refere Dutra Faria:

Sobre Maduro Dias, mais largo campo se me oferece para discorrer Do modernismo fútil “jongleur” de palavras e dançarino de ritmos doidos, evoluía com singeleza do lusitano lirismo – tal como Garrett o desencantara, encantador e ingénuo, das pa’ginas apergaminhadas dos cancioneiros velhinhos. E daí talvez Maduro Dias não evoluisse, talvez tivesse sido sempre o que hoje mostra ser, talvez até agora se ignorasse a si proprio – que a meu vêr Maduro Dias nasceu para cantar Deus e a mulher, os sol e as arvores, a água e os passarinhos – os temas de um troveiro cristão, de cristão espírito.

Sobre Correia de Melo, o autor discorreu da seguinte forma:

... Quase nada há a dizer. Consagrado unanimemente pela critica da publicação do “Luar da Serra”, As quadras que agora publica pouco acrescentam ao seu nome já bastante conhecido Mantem-se na mesma simplicidade tam fundamente emotiva que distinguia o “ Luar da Serra”; na mesma predilecção pelos temas regionais e no mesmo saudosismo de enamorado.

A União, Ano 36º, nº 10 364, de 3 de Julho de 1929. Transcrevendo:

Em nome de Deus começo” é o título que Correia de Melo e Maduro Dias deram ao livro que agora trouxeram a lume, com poesias soltas a que chamam cantigas “que o povo dita”, ouvindo os pontos de uma viola.” Refere ainda que se trata de uma edição da Livraria Andrade e que as capas são enfeitadas com um desenho de MD, “singelo, mas bonito e apropriado á leveza das cantigas.

A Cidade, Angra do Heroísmo, 6 de Julho de 1929. Versos de Maduro Dias, incluídos na 3ª página sob o título “Em nome de Deus começo ... RAPARIGAS”.

Atlântida, revista literária e de crítica, Ano V, Agosto de 1929. Sob o título “publicações recebidas”, destaca o livro de Maduro Dias, **Em nome de Deus começo**, por Correia de Melo e Maduro Dias. Edição da Livraria Editora Andrade, Angra.

A União, Ano 36º, nº 10 395, de 9 de Agosto de 1929. Artigo de Jorge Figueiredo com o título “Do meu cantinho - um livro de versos”. Apreciações sobre o livro e os seus autores. Refere que já conhecia Correia de Melo, mas não conhecia ainda Maduro Dias. Manifesta a sua surpresa e encanto.

Ano de 1930

A Pátria, Ano I, nº 52 de 12 de Janeiro de 1930. Sob o título “O decantado calcetamento da Praça da Restauração”, protesto contra o calcetamento que está a ser feito, uma vez que a Câmara não terá ouvido a opinião de vários amadores entendidos, mas deu o trabalho a um amador

que outra coisa não tem a recomendá-lo na verdura da sua pouca idade, que não seja a sua muita amabilidade e a sua grande vontade de acertar.

A União, Ano 37, nº 10.647, de 26 de Junho de 1930. Para a celebração das festas de comemoração da descoberta dos Açores, informa da constituição de uma Comissão do Padrão:

ficou constituída pelos srs. Amadeu Monjardino, engenheiro Francisco de Assis, Carlos Borges e Maduro Dias.

O Jornal a Pátria na sua edição de 24 de Julho de 1930 faz a mesma referência.

A Pátria, Ano II, nº 92, de 7 de Setembro de 1930. Reacção do jornal Pátria a um artigo de Menezes Braz a um artigo publicado na Seara Nova, em que manifesta discordância. Na 1ª página e com grande destaque um título “À volta do V Centenário da Descoberta dos Açores”.

A Pátria, Ano II, nº 112, de 11 de Dezembro de 1930. Sob o título *DIVAGAÇÕES* sobre a estética citadina, da autoria de Arnaldo Barreira.

Ano de 1931

A Pátria, Ano II, nº 133, de 12 de Março de 1931. Sob o título “Um projecto para o Padrão” um artigo onde se escreve sobre o padrão a elevar na Rocha de Cantagalo e refere-se

que temos valores artísticos que bem se podem manifestar agora apresentando as suas ideias para a construção do Padrão,

comemorativo dos descobrimentos.

A Pátria, Ano II, nº 137, de 26 de Março de 1931. A propósito das comemorações do Centenário da descoberta dos Açores, o autor do texto de 1ª página refere:

Veem estas considerações a propósito da maquete, para o Padrão Comemorativo, que Maduro Dias, com a colaboração de Manuel de Chaves apresentou à apreciação do público e que representa na verdade, uma bizarra concepção artística, ao mesmo tempo que exprime bem, pela imponência das linhas a grandeza do feito que se pretende comemorar.

A República, Ano I, nº 25 de 29 de Março de 1931. Artigo da responsabilidade da redacção em que se defende a realização de um concurso e manifesta apoio à maquete apresentada por Maduro Dias.

A Pátria, Ano II, nº 138, de 29 de Março de 1931. Artigo de 2ª página, da autoria de L. R. (Luís Ribeiro?) onde se defende o projecto do padrão apresentado por Maduro Dias.

A República, Ano I, nº 26, de 2 de Abril de 1931. Com o título *O Centenário – O Padrão a erigir na rocha de Canta-Galo, vae levar uma inscrição do poeta historiador G. Lima*. Informa que o

Padrão numa das suas faces terá uma inscrição do grande poeta e historiador Gervásio Lima, a dedicatória do seu maravilhosos livro A Pátria Açoreana.

A Ordem, Ano I, nº 15, de 3 de Setembro de 1931. Sobre “Dez sonetinhos de ênlevo” de Maduro Dias e Correia de Melo faz uma apreciação muito peculiar, prometendo um estudo mais profundo sobre o livro no próximo número. Mas destaca para já: “Maduro, de certo, é um novo e isto para nós bastava a impô-lo”

Correio dos Açores, Ano XII, nº 3 279, de 13 de Setembro de 1931. Artigo do Dr. José Bruno Carreiro sobre o livro “Dez Sonetinhos de Enlêvo”, de Maduro Dias, publicado em Angra, 1931.

Ano de 1932

Diário dos Açores, Ano 62, nº 11 888, de 26 de Janeiro de 1932. Artigo de apreciação sobre “Dez Sonetinhos de Enlêvo”.

Insula, Ano I, nº 5. Maio de 1932. No editorial e a pretexto de “Excursões Académicas” a outras Ilhas do Arquipélago, chama a atenção para a comemoração do I Centenário da Descoberta dos Açores e quando se realizar a comemoração, faz votos

de que essa comemoração deve principalmente marcar uma época de melhor entendimento entre as populações das nossas Ilhas”.

Publicação de dois sonetos, sendo um de Maduro Dias intitulado “*Soneto das Trindades*” e dedicado a Armando Cortes Rodrigues e outro de Armando Cortes Rodrigues, “*Toiros de Corda*” e dedicado a Maduro Dias.

Correio dos Açores, Ano XIII, nº 3 567, de 9 de Setembro de 1932. Na primeira página e sob o título “BIBLIOGRAFIA Casa de Dois – versos de Correia de Melo, gravuras de Maduro Dias. Edição da Livraria Editora Andrade. Angra do Heroísmo, 1932. Artigo muito elogioso dos versos e da qualidade das gravuras.

A União, Ano 40, nº 11 366, de 24 de Dezembro de 1932. Sob o título “Trabalho Artístico” escreve-se em coluna:

O Sr. Maduro Dias, que se tem revelado um distinto artista em diversos trabalhos de pintura, acaba de concluir mais um dos seus trabalhos que é verdadeiro modelo de perfeição e apurado gosto artístico. Trata-se da pintura de uma imagem de Nossa Senhora de Fátima que em tempos o senhor D. Eugénio de Noronha havia oferecido à Igreja de Santa Luzia. Pelo seu belo trabalho não quis o sr. Maduro receber a importância que lhe competia e que ofereceu á igreja, o que o torna credor dos nossos louvores.

Ano de 1933

Jornal de Angra, Ano I, nº 28, de 4 de Junho de 1933. Jornal dedicado ao Espírito Santo. Em roda pé da 1ª página:

serve de fundo o motivo principal de antiga bandeira de Espírito Santo – desenho de Maduro, aberto por José Vieira.

No interior do jornal as decorações também são da mesma autoria.

INSULA, Revista Mensal Ilustrada, revista ilustrada de propaganda regionalista, **Ano II, n.ºs. 20 e 21, de Agosto e Setembro de 1933**. Na página dedicada à Sociedade Angrense com fotografia de destaque, o seguinte texto :

No elegante Lawn-Tennis Club, de Angra do Heroísmo, sob a proficiente direcção do inspirado poeta Maduro Dias, privilegiado talento artístico, realizou uma interessante soirée, cujo principal atractivo foi a representação de “Alma de D. João”, peça em 1 acto, de Raul Chiança, interpretada pelas seguintes figuras...

Ano de 1934

Jornal de Angra, Ano I, n.º 247, de 12 de Março de 1934.

INSULA, Junho de 1934. Revista mensal ilustrada de propaganda Açoreana, Director Armando Cortes Rodrigues. **Ano III, 2ª Série, n.º I, de Junho de 1934.** Para além da capa Ter sido desenhada por MD, contem um poema de Vitorino Nemésio, com o título “Départ” que é dedicado a José Bruno, Cortes Rodrigues, Luís Ribeiro e Maduro Dias.

Insula, revista mensal de propaganda açoreana, **Ano I, n.º 4 e 5, de Setembro e Outubro de 1934.** Publicação na página 8 de um Soneto de Maduro Dias.

Ano de 1937

Jornal de Angra, Ano IV, n.º 723, de 13 de Março de 1937. Com o título de 2ª página “O Pe. José de Ávila e Maduro Dias proporcionaram-nos, Quarta feira, horas de grande encantamento espiritual”. Tratou-se de uma festa do Liceu. “Ao findar de O Primeiro Beijo, o público soube, justamente premiar com longas ovações o trabalho dos alunos amadores, chamando ao proscénio o ensaiador e Maduro Dias.

Vida Académica, Ano V, n.º 51, de 23 de Março de 1937. Integrado num artigo com o título “O espectáculo do Liceu”, refere-se :

Maduro Dias pintara o cenário, os belos azulejos, uns gastos pelo tempo, e outros vivos, sob a grade – lembram-se? Dele se representou a seguir uma fantasia coreográfica com gnomos e peixes, que a esposa do Dr. Cândido Forjaz vestira com peregrina dedicação, ao mesmo tempo que confeccionava todo o guarda roupa.

Desta vez, o espírito de Maduro Dias, perspicaz e original, de múltiplas facetas, não ficou apenas na realização pictórica das coisas, a sua maior vocação, mas permitiu-lhe também fantasiar o argumento dessa pantomina, cujos intérpretes o Padre Ávila ensaiou.

A Pátria, Ano VII, nº 727, de 4 de Maio de 1937. A propósito da reposição da “Água Corrente” no Teatro Angrense, o jornal classifica-a como uma peça genuinamente terceirense, pelo argumento, pela música, pelos cenários, pelos trajes e pela linguagem.

Jornal de Angra, pela Pátria, pelos Açores, 6 de Maio de 1937, bissemanário independente, defensor dos interesses regionais. Director e proprietário Armando Ávila. A propósito da reposição da “Água Corrente” o articulista escreve sobre os nossos valores, citando inclusive Luís da Silva Ribeiro ressalta os nossos valores e que serve de pretexto para defender a

arte e o regionalismo nos encantaram a alma desde o primeiro ao \ último acto.

O Telegrafo, Ano XLIV, nº 11 421, de 26 a 31 de Agosto de 1937. Uma série de artigos dedicados à excursão de terceirenses ao Faial com a apresentação da Revista “Água Corrente”.

A Horta Desportiva, Ano VII, nº 382 de 9 de Setembro de 1937. Artigo dedicado ao teatro, informa que

o grupo cénico angrense, que acaba de visitar-nos, levou à cena no Teatro Faialense “Água Corrente”, original de João Ilhéu, com musica do maestro Henrique Vieira e cenários de Maduro Dias.

Ano de 1938

Programa da Opereta “Água Corrente”, 1ª representação da Opereta regional em 3 actos. Ano de 1928.

Correio dos Açores, Ano XVIII, nº 5 166, de 12 de Março de 1938. A propósito da inauguração de uma barbearia na Rua da República/Rua da Sé em Angra. Onde foi pintado um fresco de Maduro Dias e que segundo Luís Ribeiro destaca a sua importância e relevância.

A Pátria, Ano VII (série 2ª), nº 997, de 13 de Abril de 1938. Com o título “Iniciativas que marcam, informa sobre a exposição de bonecos das Guias de Portugal” e que teve a colaboração de Maduro Dias.

Folha Informativa, 4ª apresentação do Orfeon de Angra no Teatro Angrense no dia de Maio de 1938. Espectáculo de Gala em honra da Marinha de Guerra Francesa. Maduro Dias, para além de ser o autor do programa gráfico, fez parte da organização.

Agenda Médica, 2º semestre de 1938. Na página correspondente ao dia 3 de Julho de 1938 contem um poema manuscrito a lápis e dedicado “*ao Rafael d’ Azevedo*”.

A União, Ano 46º, nº 13 094, de 24 de Dezembro de 1938. Artigo de Maduro Dias sobre os presépios.

Ano de 1939

A União, Ano 46º, nº 13 137, de 15 de Fevereiro de 1937. Artigo de MD sobre um discurso de Pio XI. O título “*Acerca duma palestra de Sua Santidade Pio XI.*”

A Pátria, Ano VIII, nº135, de 24 de Fevereiro de 1939. Sob o título “Peregrinação africana” e sub-título “pitoresco indígena”, um artigo de 1ª página e dedicado ao Maduro Dias e da autoria do Dr. Rafael Ávila de Azevedo.

Diário de Notícias, Ano 75, nº 26 265, de 24 de Março de 1939. Informa que foi atribuído a Maduro Dias o 1º prémio para a categoria de soneto nos Jogos Florais promovidos pela Emissora Nacional.

Diário de Notícias, Ano 75, nº 26 267, de 26 de Março de 1939. Destaque na 1ª página com a notícia dos Jogos florais, com discursos, mas sem indicação dos nomes dos premiados.

A Pátria, Ano VIII, nº 162, de 29 de Março de 1939. Informa em 1ª página que Maduro Dias foi premiado nos Jogos Florais da Primavera, realizado pela Emissora Nacional.

Rádio- Semanal, nº 239, 1 de Abril de 1939. Os Jogos Florais de 1939 da Emissora Nacional, publica nas páginas 16/17 o nome dos premiados. Consta o nome de MD para o soneto “*Violeta de Ouro*”.

A Pátria, Ano XIII, nº 175, de 15 de Abril de 1939. Informa que o jornal publica nesta edição o Soneto premiado nos Jogos Florais da Emissora Nacional e que obteve a “Violeta de ouro”. Transcrição do soneto.

A União, Ano 46º, nº 13 189, de 22 de Abril de 1939. Informa que MD ganhou o prémio dedicado ao soneto nos Jogos Florais.

A União, Ano 46º, nº 13 190, de 24 de Abril de 1939. Poema de Maduro Dias “Redenção”.

A Horta Desportiva, Ano IX, nº 464, de 18 de Maio de 1939. Artigo de Miguel Canto e Castro, datado de Abril de 1939, enviado de Lisboa transcrito do Diário dos Açores, com o título “*Homenagem a Maduro Dias*” e a propósito do prémio recebido pelo concurso dos Jogos Florais da Emissora Nacional. No Diário dos Açores de 5 de Maio de 1939 vem o mesmo texto.

Portugale, revista ilustrada de cultura literária, científica e artística, Vol. XII, nº 69, de Maio- Junho de 1939. Sob o título “Etnografia Açoriana, de Luís da Silva Ribeiro e

desenvolvendo o tema “As Galochas”, apresenta um desenho de uma galocha que foi feito por Maduro Dias.

A Pátria, Ano XIV, nº 220, de 14 de Junho de 1939. Publicação de um poema de Maduro Dias intitulado “Soneto de um ilheu português”.

A Pátria, Ano VIII, nº 348, de 18 de Novembro de 1939. Notícia de 1ª página “Maduro Dias expôs na Câmara Municipal a “maquete” do novo edifício camarário na Rua João de Deus”.

A Pátria, Ano VIII, nº 352, de 23 de Novembro de 1939. Notícia na 2ª página sob o título “A Câmara de Angra aprovou o projecto de Maduro Dias da Entrada Monumental para o Jardim Duque da Terceira e edifícios anexos”.

Ano de 1940

Ano dos Centenários. Programa do Espectáculo a realizar no Teatro Angrense, promovido pela Secção Cultural do Liceu Central do Pe. Jerónimo Emiliano de Andrade., no dia 3 de Maio de 1940.

A Pátria, Ano X, nº 483, de 9 de Maio de 1940. Sob o título “A Récita do Liceu ou a “reabilitação de um adjectivo” descreve a festa ocorrida no Liceu com a apresentação da peça de teatro de Almeida Garrett D. Filipa de Vilhena. Para além de indicar o nome dos actores, destaca que:

os cenários foram pintados por Maduro Dias – e eram como ele os sabe fazer, isto é, de efeito lindissimo. Angelo Teixeira foi o ensaiador..... Guarda roupa confeccionado sob a direcção da professora de Liores femininos do Liceu, Exmª Sra. D. Luzia Maia, rigorosos e do melhor efeito.

Festa promovida pelas internadas do Asilo de Infância Desvalida de Angra do Heroísmo, 19 de Junho de 1940. Ano dos Centenários. Cenário do Capuchinho encarnado: Maduro Dias.

A Pátria, Ano X (4ª série), nº 529, de 11 de Julho de 1940. Com o título “Água Corrente” informa da reposição no Teatro Angrense desta revista.

Os cenários da mão do artista que é Maduro Dias, foram elaborados com todo o rigor, dando à peça todo o realce que ele teve em vista.

A União, Ano 47º, nº13 549, de 6 de Agosto de 1940. Exposição de homenagem ao emigrante açoreano. Entrevista com o Tenente Coronel José Agostinho, presidente da Comissão Organizadora. Refere José Agostinho ao longo da sua entrevista que

A escolha do material está confiada ao Dr. Luís Ribeiro, entusiasta de tudo quanto representa estudo da vida do povo açoreano, nome consagrado em investigações etnográficas do arquipélago, que terá para o auxiliar, a juventude dinâmica e a inteligência empreendedora de Ramiro Valadão. Para a execução da exposição contamos com Maduro Dias, sensibilidade criadora moderna, artista consagrado por êxitos sucessivos em anteriores empreendimentos – alguns de bastante responsabilidade.

A Pátria, Ano X, nº 572, de 4 de Setembro de 1940. A propósito da realização de uma exposição dedicada ao esforço do Emigrante Açoreano, refere-se a intervenção de Maduro Dias:

Mas, Maduro Dias não pintou apenas este painel. Imaginou todo o conjunto, concebeu e realizou mapas que lá se veem, deu arranjo à colocação de todos os objectos expostos. Artista que o mar, cercando a nossa Ilha, corta horizontes mais largos a que o seu real valor tem jus, merece o nosso preito de homenagem por seu talento, por sua acção, por seu desinteresse. Deveríamos talvez escrever, apenas e somente, que Maduro Dias é um artista.

A Pátria, Ano XIV, nº 574, de 6 de Setembro de 1940. Sobre a exposição “O esforço do Emigrante açoreano”, informa que se tratou de uma iniciativa do Governador Civil de Angra, Dr. Abílio Garcia de Carvalho integra-se na celebração das comemorações de cinco séculos de emigração e está patente, desde 2 de Setembro de 1940 no Salão da Junta Geral. É referido que em local de destaque está uma tela de Maduro Dias, uma alegoria à figura do Infante D. Henrique. O jornal refere ainda que toda a parte decorativa da exposição foi da responsabilidade de Maduro Dias:

foi concebida e realizada por este artista de raça, que à beleza do desenho alia um forte sentimento, que nos atrai e seduz.

Surgem ainda palavras elogiosas por parte de José Agostinho.

A União, Ano 47º, nº 13 605, de 19 de Outubro de 1940. Carta de Dutra Faria em que propõe a colocação de cruzeiros da independência em Angra, na Terceira e nos Açores. Dutra Faria escreve:

... estou a vê-lo – sabem ? Desenhado sobriamente por Maduro Dias e talhado nessa linda pedra cinzenta e favada, vulcânica no aspecto e até no cheiro, em que se talhou a base do monumento do Prior do Crato.

E as sugestões de Dutra Faria vão desde a serra de Santa Bárbara, no Pico do Facho e o que quer garantir é que sejam colocados monumentos que assinalem a comemoração dos anos 40, à semelhança do que acontece nas terras portuguesas de África e da Ásia. Em nota da redacção, o jornal esclarece que na Terceira se vai erguer um cruzeiro da independência do Pico de Matias Simão, na freguesia dos Altares. E deixa no ar que possivelmente noutras freguesias poderá vir a acontecer o mesmo. E na edição de A União de 7 de Novembro

de 1940, o jornal desenvolve a ideia da erecção do cruzeiro da independência na freguesia dos Altares, graças ao empenho do Padre Inocêncio Enes e da Acção Católica:

Para a frente, povo dos Altares. Tereis a honra e a glória de ser, talvez em todos os Açores, os únicos e Deus queira que não – nas certamente os primeiros a levantar esse magnífico cruzeiro, e será magnífico, tende a certeza, entregue como foi para ser idealizado, desenhado e executado pelo príncipe dos nossos artistas, pelo talento comprovado e reconhecido de Maduro Dias.

E o jornal termina apelando que tudo seja feito pela glória de Cristo e a exaltação da Pátria.

A União, Ano 48, nº 13.641, de 1 de Dezembro de 1940. Trata-se de um número especial dedicado ao aniversário e para celebrar o 1º de Dezembro. Refere-se na página 15:

foram colaboradores ... Maduro Dias, artista de raros méritos que a Ilha Terceira se orgulha de contar no numero dos seus filhos mais distintos, sempre pronto a prestar a sua preciosa colaboração em todas as manifestações de arte, com aquele talento que de há muito o consagrou e a Rafael Moniz na organização deste numero....

O título da 1ª página, cuja decoração é da autoria de Maduro Dias, apresenta os seguintes dizeres: “Portugal – oito séculos de História, 1140 – 1940”. No interior deste jornal de 1 de Dezembro de 1940, para além de ter a colaboração de toda a elite cultural e política da Ilha Terceira, insere um artigo de Luís Ribeiro, pp. 4, 5 e 13 sobre a “Exposição do Esforço do Emigrante Açoreano”, que foi organizada por Maduro Dias.

Ano de 1941

Renascença, 1º do ano XI, nº 235, de 1 de Janeiro de 1941. Com o título “Nos Açores”, informa da existência de

um painel de Maduro Dias na exposição-documentário do esforço do emigrante açoreano, que se realizou em Angra do Heroísmo, integrada nas comemorações de 1940, por iniciativa do Governador do Distrito, senhor Dr. Abílio Garcia de Carvalho.

Novidades, Ano LVI, nº 14 471, de 31 de Janeiro de 1941. Informação na 1ª página sobre a erecção de um cruzeiro na freguesia dos Altares, da autoria de Maduro Dias. O assunto é desenvolvido na página 5 e o articulista escreve:

Vários cruzeiros se levantaram. Julgamos interessante este que se levanta num alto pico, sobranceiro ao mar da freguesia dos Altares, ao norte desta Ilha Ter-

ceira de Jesus Cristo. O projecto lindo, original, foi da autoria de um artista de raros merecimentos, já bem conhecido por outras obras de vulto, Maduro Dias. A ideia de um cruzeiro partiu de um filho daquela freguesia, Reverendo Dr. Cardoso Couto, sendo logo abraçada com entusiasmo e amor pelo Reverendo pároco, Pe. Inocêncio Enes, pela acção católica, ali bastante desenvolvida e por todo o povo da paróquia.

A União, Ano 48º, nº 13 707, de 20 de Fevereiro de 1941. Assinalando uma edição especial no dia em que o Jornal faz 48 anos de existência, o jornal informa que, para além de ter 36 páginas,

a primeira página traz-nos a figura do Infante de Sagres, em sugestivo painel de Maduro Dias, painel que figurou na famosa exposição do esforço do emigrante açoreano.

A União, Ano 48º, nº 13 734, de 27 de Março de 1941. Com o título a letras gordas “A Vila da Praia da Vitória em festa”, o jornal informa que a Câmara Municipal da Praia inserindo-se na dinâmica das comemorações da independência nacional e do papel particular e relevante da Praia, foi inaugurado um monumento no Adro da Matriz da Praia. Trata-se de um

monumento de Francisco Ornelas da Câmara, do grande artista que é Maduro Dias, foi mais uma manifestação do seu génio inventivo, que não se conforma em ficar em velhos moldes mas descobre sempre através da sua imaginação creadora qualquer coisa diferente, que nos leva a exclamar desde a primeira a uma obra sua – é dele. Consta de dois paralelepípedos sobrepostos não axialmente em projecção vertical, ostentando as cinco quinas que por sua vez repousam sobre a lâmina justiceira e vitoriosa de 1640.

A União, Ano 47º, nº 13 571, de 5 de Setembro de 1941. Informação sobre a inauguração da exposição do esforço do emigrante açoreano. O jornal destaca que o Governador Civil felicitou a comissão presidida por José Agostinho:

e louvou as notáveis faculdades de realizador do sr. Maduro Dias, temperamento de verdadeiro artista.

PORTUGAL, bulletin of Political, Economic and Cultural Information, Lisboa, nºs. 39/41, 31 de Dezembro de 1941. Do Secretariado da Propaganda Nacional. Este número é especialmente dedicado aos Açores e contem artigos de Vitorino Nemésio e referências a Maduro Dias.

A União, Ano 49º, nº 13 950, de 26 de Dezembro de 1941. Com o título “Soneto dum Ilheu português”, Julho de 1939 A seguir ao nome de Maduro Dias “ Adjunto do Director nº 2 da M. P. de Angra”.

ANUÁRIO DOS ESCRITORES, organizado pela Revista Portucale, Porto, 1941. Consta o seu nome como autor de poesia.

Ano de 1942

A União, Ano 49º, nº 14 072, de 2 de Junho de 1942. Sobre a organização no Campo de Jogos da cidade da festa de encerramento da actividades da Mocidade Portuguesa, o jornal apresenta o programa e os responsáveis. Concretamente refere que:

Maduro Dias tem a seu cuidado a ornamentação do campo, o que equivale a dizer – ah, sim, ele não quer adjectivos e mesmo são desnecessários.

A União, Ano 49º, nº 14 074, de 5 de Junho de 1942. Texto de João Ilhéu, que tem como título “... mão à pena LXVI - um livro” onde tece considerações sobre as qualidades dos prosadores que dariam excelentes poetas e de alguns poetas que poderiam ser excelentes prosadores. E tudo serviu para escrever sobre o livro de Maduro Dias, **Sonetos de Esperança e de Sonho**, publicado no que designa como “*esmerada edição da Tipografia Andrade, Ld.ª*”. E, de seguida que o que levou o autor do artigo a tecer a considerações que fez no início do seu artigo:

simplesmente porque apresenta uma das facetas mais interessantes da arte : a originalidade”. E termina o seu texto, referindo que Maduro Dias, um poeta e um artista dos melhores que existem nas nossas Ilhas, “impoz definitivamente, nos onze sonetos que compõem o seu livro, um estilo e uma forma de expressão próprios, moldados no sentir popular mas sem perder o carácter erudito e clássico que ele tão bem sabe defender e prestigiar.

A Pátria, Ano XII, nº 1 075, de 17 de Junho de 1942. “Sonetos de Esperança e Sonho” é o título do novo livro anunciado. Para além de um artigo de apreciação de Henriques Junior, transcreve um soneto intitulado “Lume Novo”.

ALA DE ANGRA DO HEROÍSMO. Programa da Festa de Encerramento das actividades da M. P. do ano de 1941 – 1942 no Campo de Jogos da Cidade.

A Horta Desportiva, Ano XI, nº 569, de 28 de Junho de 1942. Da autoria de Pedro Annes Jr. Escreve um artigo de apreciação muito positiva dos livros de Maduro Dias.

Vida Académica, Ano 10º, nº 107, 6 de Julho de 1942. Trata-se de um nº especialmente dedicado aos Jogos Florais de 1942. A capa da Vida Académica é da autoria de Maduro Dias

Horta Desportiva, Ano XI, nº 1 570, de 5 de Julho de 1942. Na secção Literária, sob a direcção de Silvina F. de Sousa e sob o título Três Sonetos de Maduro Dias. Escreve na introdução:

Raimundo do Canto e Castro Jr. Que usa o pseudónimo de Pedro Annes Jr. Quis deixar nesta página a sua impressão sobre o livro de sonetos do poeta terceirense Maduro Dias...

A União, Ano 50º, nº 14 187, de 11 de Dezembro de 1942. Informa da criação do Instituto Histórico da Ilha Terceira. Esclarece-se que se trata, não de uma Academia, mas de um:

modesto instrumento de trabalho , um grupo de pessoas decididas a trabalhar honesta e utilmente, que encontrarão no Instituto os meios próprios para facilitarem o seu labor.

Maduro Dias é um dos sócios fundadores.

Programa do Sarau Comemorativo do Natal no Seminário de Angra na noite de 2 de Janeiro de 1943. Na peça de teatro apresentada “ ...Cá Paredes”, Maduro Dias figura como encenador.

Ano de 1943

A Pátria, Ano XII, nº 1.240 de 12 de Janeiro de 1943. Artigo de Rafael Ávila de Azevedo sobre o livro “Sonetos de Esperança e Sonho” de Maduro Dias. A apreciação do Dr. Azevedo tem continuação no nº seguinte de A Pátria.

A União, Ano 50º, nº 14 227, de 30 de Janeiro de 1943. Sob o título “Alvitre” e com a autoria de um admirador é sugerida a reposição da opereta “Água Corrente”.

Diário de Lisboa, Ano 12, nº 3 443, de 15 de Junho de 1943. Referência muito elogiosa ao livro de versos “ Dez Sonetinhos de Enlêvo”, do poeta açoriano Maduro Dias. Classificando o livro como

obra de amor e também de carinhosa volúpia, em que a mulher vive na beleza peregrina dos seus encantos...

A União, Ano 51º, nº 14 476, de 1 de Dezembro de 1943. Poema de Maduro Dias com o título de “Noite Perdida”.

Ano de 1944

Programa da Festa de encerramento das actividades da Mocidade Portuguesa, 10 de Junho de 1944 na cidade de Angra do Heroísmo. Maduro Dias é o autor gráfico do programa e fez parte da organização.

“Água Corrente” RUNNING WATER”, opereta em 3 actos, 6 de Agosto de 1944.

“Dedicated to Air Vice – Marshal G. R. Bromet and to The Forces under his Comand stationed at Terceira, Azores”.

A Pátria, Ano XIV, nº 1 696, de 7 de Agosto de 1944. Sob um título geral de “Campanha de Caridade” informa que Água Corrente registou ontem outra enchente. Palavras de incentivo e a sugestão para se avançar com a Revista “Glória ao Divino”, “*outra opereta escrita e musicada pelos mesmos autores da Água Corrente*”.

A Pátria, Ano XIII, nº 1 719, de 4 de Setembro de 1944. Notícia a informar que o Tenente Coronel Humberto Delgado deu um entrevista ao Correio dos Açores onde fala do interesse dos Açores para o Turismo.

Correio dos Açores, Ano XXV, nº 7 160, de 26 de Novembro de 1944. Sob um título geral “Os grandes valores açoreanos” Martim de Faria e Maya escreve um artigo a que deu o título “O bafo da Terra e do sangue na escultura de Canto da Maya”. Depois de analisar de forma detalhada a obra de Canto da Maya, refere que

a primeira vez que ouvi falar acerca de sugestões ilhóas na obra de Canto da Maya foi quando um outro artista açoreano de grande merecimento, o terceirense Maduro Dias, me disse e explicou que em certo busto de mulher “signé”, Canto da Maya encontrara a expressão e o geito típico da mulher do povo de S. Miguel.
Ano de 1945

Vida Académica, Ano XIII, nº 121, de 1 de Janeiro de 1945. Artigo de Vasco do Casal sobre o Presépio da Casa da Mocidade, onde o trabalho do Padre José d’ Ávila e de Maduro Dias.

A Pátria, Ano XIV, nº 1 892, de 11 de Abril de 1945. Publicação na primeira página de um poema “Momento”, dedicado a Adriano Figueiredo.

A Pátria, Ano XIV, nº 1 898, de 18 de Abril de 1945. Publicação do soneto de MD “Éco”.

A Pátria, Ano XV, nº 1 909, de 2 de Maio de 1945. Soneto de Maduro Dias, intitulado “Rosinha branca na água da valeta”.

A União, Ano 52^a, nº 14 912, de 26 de Maio de 1945. Artigo de Pedro Annes com o título “A Bem dos Nossos cantares” faz uma análise sobre as várias produções e refere o trabalho de Maduro Dias na preparação dos cenários.

A União, Ano 52^o, nº 15 019, de 2 de Outubro de 1945. Com o título “Correio Rural de S. Bartolomeu”, informa-se da realização da tradicional festa do orago. Na descrição da festa, retiramos este extracto:

viram-se belas estampas de formosas vacas, bonitas ovelhas tangidas pelos engraçados pastorinhos e entre os objectos, produto da indústria e habil filha regional, sobressaiu um almofadão feito e pintado por uma inteligente filha de João de Sousa Brasil; uma renda de lençol feita pela não menos inteligente de António Ferreira Fagundes e uma canguinha feita pelo habil carreiro Manuel Vieira Coelho. Estava esta canguinha com tanta arte que o nosso genial artista Maduro Dias, estando aqui a passar férias na sua aprazível residência, a quis levar para o Museu do Instituto Histórico da Ilha Terceira....

Ano de 1946

A União, Ano 53º, nº 15 191, de 30 de Abril de 1946. Indicação do nome de Maduro Dias para a Comissão de Ornamentação externa, na qualidade de Director com Francisco Botelho para a recepção à imagem de Nossa Senhora de Fátima à Ilha Terceira.

A União, Ano 53º, nº 15 326, de 14 de Outubro de 1946. Homenagem do Instituto Histórico da Ilha Terceira a Vitorino Nemésio.

A União, Ano 53, nº 15 352, de 14 de Novembro de 1946. Numa página literária, dirigida por A Borges dos Santos, vem publicado um texto intitulado “*Quase próprio do tempo*”. Maduro Dias escreve sobre uma exposição de barristas portugueses no Museu Nacional de Arte Antiga.

A União, Ano 54º, nº 15 371, de 5 de Dezembro de 1946. Na página literária, dirigida por A Borges dos Santos, insere um texto de Maduro Dias, com o título “Quase curiosidade” e que aborda a questão da pintura artística existente nas Igrejas da Ilha Terceira.

A União, Ano 54, nº 15 388, de 26 de Dezembro de 1946. Numa coluna da 1ª página o articulista escreve:

não são precisos reclames onde entram os olhos e os dedos de Maduro Dias e da rapaziada sempre dispostos a novas e arrojadas iniciativas .

A União, Ano 54, nº 15 392 de 31 de Dezembro de 1946. Na secção “Página Literária, dirigida por A. Borges dos Santos, um texto de MD, intitulado “Artes Plásticas - breve notícia”. Tentativa de fazer uma resenha das exposições de artes plásticas feitas em Portugal durante o ano de 1946.

Ano de 1947

A União, Ano 54º, nº 15 432, 20 de Fevereiro de 1947. Na página literária dirigida por A Borges dos Santos, um poema de MD, intitulado “Tempo Perdido”, datado de 1945.

A União, Ano 54º, nº15 459, de 25 de Março de 1947. Informação de 1ª página “A visita dos estudantes da Escola Dr. Salazar ao Asilo de Mendicidade”, associada a um peditório realizado.

A União, Ano 54º, nº15 526, de 19 de Junho de 1947. Na secção de Cartas ao Director, uma carta de Maduro Dias “*Ainda a propósito das touradas*”.

A União, Ano 54º, nº 15543, de 10 de Julho de 1947. Na página literária dirigida por A Borges dos Santos, insere um soneto de Pedro Annes, dedicado a Maduro Dias, com o título “Toiradas à corda”.

A União, Ano 54º, nº15 539, de 15 de Julho de 1947. Com o título “Na Casa da Mocidade – justíssima homenagem”.

Açoriano Oriental, Ano 113º, nº 5792, de 19 de Julho de 1947. Numa carta aberta dirigida por Raposo de Lima ao Dr. Manuel Menezes e a propósito de apreciações sobre o livro *Em moeda Fraca*, tece considerações muito elogiosas, sugerindo que o livro deveria ter o nome *Peregrinação da Arte* e opina que

A capa é bela. É um grito de cor, daquela cor espanhola, viva, comunicativa e berrante. O artista Maduro Dias foi felicíssimo na sua concepção.

A União, Ano 54º, nº 15 617, de 8 de Outubro de 1947. Informação sobre a realização de uma exposição das actividades da Escola do Dr. Oliveira Salazar. Para além de mencionar as áreas e secções da exposição e que reflectem as diversas áreas de ensino da Escola, destaca em 1º lugar “Da aula de Desenho Profissional e de Estilos de que é mestre Maduro Dias. O aluno é habilitado no desenho. Os trabalhos são executados nas Oficinas.”

Ano de 1948

A União, Ano 55º, nº 15 687, de 2 de Janeiro de 1948. Informa da realização de um Sarau comemorativo do Natal e onde se destaca a colaboração de Mestre Angelo Teixeira, Maduro Dias e os reverendos Padres Hermínio Silveira Amorim e Lino Vieira Fagundes. Neste âmbito, foi apresentado na 1ª parte um drama em 3 actos “Matei meu Filho” e na 2ª parte, um episódio dramático em um acto e dois quadros “Dois Natais”.

A União, Ano 55º, nº 15 695, de 13 de Janeiro de 1948. Informa da inauguração do busto do Prior do Crato e classifica-a como uma obra de arte. Da autoria de Maduro Dias

e executado pelos operários da Fábrica de Fundição Terceirense. Informa em nota de roda pé, que

o busto fundido em alumínio pesa 255 kgs. E tem de altura 1m 20 e de largura 0. 85 cm. Foi feito com material do primeiro avião, que durante a guerra última, caiu nesta Ilha.

O Jornal refere ainda que se tratou de uma iniciativa da Câmara Municipal e que se destinou a enaltecer a nacionalidade portuguesa dos Terceirenses no apoio ao D. António Prior do Crato. Na edição de 16 de Janeiro e em artigo da responsabilidade do jornal, para além de se enaltecer a qualidade e a arte do busto a D. António, da autoria de MD, sugere-se que sejam ultimados outras obras de relevo que, devido à conjuntura nacional e internacional, não se concretizaram, desde a maquete

do benquista terceirense José Júlio da Rocha Abreu,

sugerindo a colocação do seu busto no jardim do Asilo da Infância desvalida.

Diário Insular, Ano III, nº 723, de 4 de Agosto de 1948. Artigo de Maduro Dias sobre os “Embutidos da Escola Industrial e Comercial António Augusto de Aguiar”.

A União, Ano 55º, nº 15 776, de 21 de Abril de 1948. O jornal informa que foi inaugurado uma Salão de Educação Estética, por iniciativa da casa da mocidade portuguesa e que foi obra de jovens filiados, orientados por Maduro Dias. O jornal destaca as palavras de Maduro Dias. Refere que

o seu discurso, belo na forma e profundo no conceito, o que a ninguém surpreendeu pois bem conhecida é a competência do artista...

e refere que as suas palavras irão ser transcritas na integra.

Portugal, Madeira e Açores, Ano 64º, nº 2 386, de 8 de Setembro de 1948. Sob o título “Uma tela de Maduro Dias para o Monte Brasil”, no navio dos Carregadores Açorianos, informa que a Companhia de Navegação encomendou ao artista Terceirense Maduro Dias uma tela a óleo, para decoração da Sala do Navio Monte Brasil, que dentro em breve chegará a Portugal, vindo dos estaleiros da Holanda. Informa ainda que a tela já está assinada e é um trabalho de grande valor.

A União, Ano 55º, nº 15 934, de 30 de Outubro de 1948. Artigo assinado por José Agostinho sobre a questão da cultura e da sua importância na Ilha Terceira, como valor em si, com as suas diversas expressões e com a sua utilidade, sobretudo na perspectiva do seu aproveitamento turístico. Outra questão abordada tem a ver com a real importância, ou não da riqueza e do dinheiro. José Agostinho depois de enunciar um conjunto de realizações culturais, resultantes da actividade de Instituições como o Instituto Histórico da Ilha Terceira, do Grupo “Amigos da Ilha Terceira e de um Grupo de amadores musicais para a organização de uma orquestra, detêm-se no trabalho do

Emissor Regional dos Açores que está a proceder a gravações de discos com canções do nosso folclore e trechos de duas operetas de autor e compositor locais e desenvolve as notícias que realçam o trabalho de Maduro Dias, sem citar o nome:

uma delas já aqui levada à cena por várias vezes com pleno êxito com actores e comparsas daqui, com cenários de um artista nosso... O mesmo que, havia dias também vira colocar num vapor dos Carregadores Açoreanos um quadro seu – que não é obra vulgar, nem pela concepção, nem pela execução, que esculpiu o busto do Prior do Crato, que é ao mesmo tempo um poeta de ténio, perfeitamente enquadrado nos moldes desta época..

E José Agostinho continua a sua demonstração de actividades e de valores, embora amadores nas áreas do Jazz, dos jornais e também refere as nossas insuficiências a vários níveis e conclui que a necessidade do dinheiro dos ricos se situa sobretudo na construção de Hoteis.

Quando há tanta gente pobre que tanto se esforça para que o turismo na Terceira não seja uma vergonha no campo cultural, será a gente rica, a gente que pode pôr, sem constrangimento, os seus capitais ao serviço da terra, serão esses que nos vão deixar mal?

União, Ano 54º, nº 15 378. De 13 de Dezembro de 1948. Notícia de uma exposição no Centro Escolar da Mocidade Portuguesa da Escola Douro Oliveira Salazar e integrado na obra das mães. São feitos agradecimentos especiais à colaboração de D. Alice Borba e a Maduro Dias, respectivamente Directora do Centro da MPF e MP da Escola Técnica Douro Oliveira Salazar.

Sarau Comemorativo do Natal no Seminário de Angra na noite de 29 de Dezembro de 48. O programa incluiu a apresentação de um drama em 3 actos “Matei o meu Filho, uma Segunda parte, com o episódio dramático em um acto e dois quadros “Dois Natais”. Maduro Dias foi o encenador.

Ano de 1949

Sarau Comemorativo do Natal no Seminário de Angra na noite de 2 de Janeiro de 1949. De acordo com o prospecto/programa, numa 1ª parte foi apresentado “Dois Natais”, um episódio dramático em um acto e dois quadros, numa 2ª parte, o drama em 3 actos “ matei o meu filho” e numa 3ª parte, “Bonifácio Lazeira & Cª Ld.ª”, uma comédia em 1 acto. O ensaiador e caracterizador foi Angelo Teixeira e o encenador Maduro Dias.

Vida Académica, Ano XVI, nº 149, de 5 de Fevereiro de 1949. Com o título “Ecos da ALA, surge um texto com o título “O presépio da Casa da Mocidade”. O texto diz o seguinte:

Durante a quadra festiva do Natal esteve exposto ao público na Casa da Mocidade um artístico presépio, à realização do qual deram o melhor do seu esforço, os graduados da ALA sob a orientação do artista Maduro Dias.

Depois é apresentado um plano geral do presépio.

A União, Ano 56º, nº16 056, de 1 de Abril de 1949. Com o título:

Ainda a homenagem a mestre Angelo Teixeira, informa das iniciativas tomadas pelos alunos do Seminário e da Paróquia da Sé Catedral.

Segundo o jornal:

o insigne amador dramático recebeu do artista Maduro Dias os três volumes do Teatro de Júlio Diniz.

Récita do C. E. da M.P. do Liceu de Angra, no Teatro Angrense, dia 31 de Maio de 1949. Na primeira parte, apresentação de Filipa de Vilhena, peça em um acto de Virgínia Faria Gersão, com música de Manuel Maria de Melo. Numa Segunda parte “Coisas do Arco da Velha” Revista em um acto, de Eduardo Melo. Os cenários foram da responsabilidade de Maduro Dias, Januário da Costa e de João Esteves. Os Figurinos também foram da responsabilidade de Maduro Dias.

A União, Ano 56º, nº 16 107, de 4 de Junho de 1949. Informa que o medalhão, comemorativo da visita da imagem de Nossa Senhora de Fátima aos Açores e a descerrar no átrio da Sé Catedral é obra do Reverendo Padre Baptista, de colaboração com Maduro Dias.

Vida Académica, Ano XVI, nº 155, de 15.6.1949. No âmbito de uma notícia de 1ª página sobre o espectáculo anual do Liceu de Angra, surge uma caricatura de Eduardo Melo, visto por Maduro Dias.

A União, Ano 56º, nº 16 214, de 15 de Outubro de 1949. No âmbito da homenagem que o jornal promoveu ao Dr. Manuel António Lino, destaque para um artigo de Maduro Dias. Na sua invocação, para além de Manuel Lino, refere que deveria existir um painel onde figurassem as imagens de Luiz Ribeiro, Tenente-coronel José Agostinho, Dr. Braga Paixão, José Augusto dos Santos. E ao fundo a brilhar o monóculo do Dr. José Bruno Carreiro e do Cónego Dr. José M. de Bettencourt.

Ao largo entrevejo Mar e Ilhas.

E termina, confessando:

De todos estes recebi do primeiro pão do espírito, cujo tormento provinha da verdade, da justiça, de amor ao trabalho, da resignação, do culto da beleza, dum claro amor à terra e aos homens, de boa vontade.

Ocidente, fundado em 1938, **vol. XXXVII, de Dezembro de 1949.** Um estudo de Rui Galvão de Carvalho, com o título “O Soneto é também voz açoriana”. Pegando em

vários nomes e exemplos, destaca poetas como Maduro Dias e Correia de Melo. Transcreve de MD o sonetinho “enlevo”.

Programa do Sarau Comemorativo do Natal no Seminário de Angra na noite de 30 de Dezembro de 1949. Na opereta “Olho de Falcão”, Maduro Dias figura como encenador.

Ano de 1950

A União, Ano 57º, nº 16 372, de 25 de Abril de 1950. Informa da inauguração na Casa da Mocidade na Rua da Miragaia do III Salão de Educação Estética dos Açores. É destacado o nome de Maduro Dias como principal responsável por esta iniciativa destinada a despertar o gosto e o interesse pela educação estética junto da mocidade. Na inauguração Maduro faz um discurso onde explica o significado e os objectivos da iniciativa.

A União, Ano 57º, nº 16 373, de 26 de Abril de 1950. O Jornal informa da realização do III Salão de Educação Estética da Mocidade Portuguesa. A esse propósito o jornal anuncia a transcrição do discurso de Maduro Dias, director em exercício do C. E. N. 2. No seu discurso, Maduro Dias, para além de explicar os objectivos deste tipo de iniciativa e que é feito aproveitando o espaço da MP, refere retrospectivamente que o I Salão traduziu-se em pouco mais que a apresentação de um Auto de Natal, no II Salão predominou um lírico regionalismo, impregnado de um instinto de defesa e no II Salão, Maduro Dias nota um acentuar de um esforço docente, tendo em conta o empenho do Magistério Primário.

Vida Académica, Ano XVII, nº 161, de 28 de Abril de 1950. Informa da inauguração do III Salão de Estética dos Açores. No texto que dá conta desta realização, destaca-se um novo parágrafo:

No acto inaugural falaram o Delegado Provincial em exercício da Mocidade Portuguesa, Sr. Padre de José de Avila e o dirigente e Director do Salão, Sr. Maduro Dias, que falou sobre os salões de estética e de suas finalidades.

Récita do C. E. da M.P. do Liceu de Angra. Teatro Angrense, 18 de Maio de 1950. Opereta de 3 actos “O Canto das Sereias”, de Romulo de Corona. Cenários: Maduro Dias

A União, Ano 57º, nº 16 392, de 20 de Maio de 1950. O Jornal informa da realização de uma Récita do Liceu por iniciativa do Centro Escolar da M.P. do Liceu de Angra, levando à cena no Teatro Angrense de um espectáculo a favor da caixa de beneficência e fazendo jus à fama das festas dos estudantes de Angra:

cenários e figurinos de Maduro Dias e a Declamação de Mestre Angelo, dois nomes que aparecem sempre nestas festas;

Diário Insular, Ano V, nº 1 283, de 27 de Junho de 1950. Um número especial do Jornal, dedicado ao Quinta Centenário do Povoamento dos Açores. A ornamentação da capa é da autoria de Maduro Dias. A ladear a parte inferior da 1ª página com o título “*Do povoamento da Ilha Terceira*”, dois ornamentos que sugerem duas figuras femininas com flores no regaço.

Diário Insular, Ano V, nº 1 290, de 6 de Julho de 1950. Sob um título de 1ª página “Maduro Dias” informa que foi concedido o grau de cavaleiro da Ordem Militar de Santiago da Espada, um dos mais importantes galardões honoríficos portugueses, ao artista e poeta terceirense Francisco Coelho Maduro Dias. De acordo com o texto de João Afonso:

pintor, escultor, cenógrafo, poeta, escritor e, pensador de espírito bem formado, e de concepções interessantes Maduro Dias tem o condão de saber ensinar e educar o gosto de quantos lhe pedem conselho. A ele se deve também a renovação das artes gráficas açorianas pois as edições que dirigiu são expressivas manifestações de bom gosto.

A União, Ano 58º, nº 16 572, de 29 de Dezembro de 1950. Com o título “ Presépio da Casa da Mocidade, informa-se que a Ala nº 1 da Mocidade Portuguesa de Angra do Heroísmo construiu um presépio. Termina a informação, escrevendo: “Filiados e Dirigentes da Mocidade Portuguesa estão de parabéns e de uma maneira especial o director artístico da Ala, Francisco Coelho Maduro Dias e o chefe supremo da M P de Angra do Heroísmo o incansável Reverendo Pe. José Avila.

Ano de 1951

A União, Ano 58º, nº 16 802, de 13 de Outubro de 1951. Trata-se de um número especial do Jornal, comemorativo da data do último aparecimento de Nossa Senhora de Fátima aos pastorinhos. A primeira página foi decorada por Maduro Dias.

A União, Ano 58º, nº 16 804, de 16 de Outubro de 1951. O jornal informa que “ por iniciativa do Município de Angra foi inaugurado em S. Sebastião um monumento ao grande historiador Francisco Ferreira Drumond:

O monumento da autoria do artista Maduro Dias, estava coberto com a bandeira nacional, e tem as seguintes inscrições: ao historiador Francisco Ferreira Drumond; Autor dos Anais da Ilha Terceira; Homenagem da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo.

A União, Ano 59ª, nº 16 845, de Dezembro de 1951. O jornal regista a informação de que Maduro Dias foi nomeado Subdelegado e Delegado Provincial interino da Mocidade Portuguesa.

Organização Nacional da Mocidade Portuguesa. (referida a 1 de **Junho de 1951**). Lista geral do pessoal dirigente e instrutor em actividade e adido. Divisão de Angra do Heroísmo, o nome de Maduro Dias consta como um dos delegados na categoria de Assist. Q. G. e com o cargo de D. S. P. E. E.

Mocidade Portuguesa. Programa das Festas de Encerramento das actividades no Teatro Angrense, com a colaboração da Mocidade Portuguesa Feminina, **28 de Maio de 1952**. Maduro Dias era um dos responsáveis locais da M.P.

Ano de 1952

Diário Insular, Ano VII, nº 1 914, de 10 de Agosto de 1952. Num especial para o Diário Insular é publicado o conto de Maduro Dias “O Travesso”.

Ano de 1953

Diário Insular, Ano VIII, nº 2 080, de 3 de Março de 1953. Crítica a uma exposição de arte por Carlos Santos. Maduro Dias valoriza globalmente a iniciativa, detem-se em aspectos de trabalho das expressões e refere:

É interessante marcar que as expressões do rosto, das mãos e pés das figuras se combinam formando um todo, de acordo ainda com o movimento geral da figura, a que respeitam. ...

Diário Insular, Ano VIII, nº 2 097, de 22 de Março de 1953. Sob o título de “Casamento” o jornal dá a notícia do casamento, na Igreja paroquial dos Altares de Maduro Dias com Maria Elmira Reis.

Diário Insular, Ano VIII, nº 2 230, de 2 de Setembro de 1953. O jornal transcreve o texto de uma palestra aos microfones do RCA sobre Poesia. Desse texto, destacamos:

O que é essencial é ter que dizer, dizer-lo, e que o recado tenha qualidade de universalidade, embora, dentro de quadros íntimos, aparências restritas.” E conclui que “ a Poesia não se acomoda aos canones escolares. Mas, no entanto, quanta emoção, quanta excitabilidade, quanta vida punge poeticamente no versilibrismo.

Apresentação da peça de teatro “O Rei Galaor” em 6 de Setembro de 1953. Trata-se, segundo a informação do desdobrável, foi uma realização organizada pelo Rádio Clube de Angra, no âmbito do I Festival Açoreano da Rádio. Maduro Dias participa com João Afonso na encenação, assim como em palestras ao microfone sobre o tema “Poesia”.

As correntes modernistas do Teatro e a encenação do “Rei Galaor” contaram também com a colaboração de Maduro Dias e de João Afonso.

Ano de 1954

Orquestra Filarmónica de Angra. Lembrança a Garrett que vai ser apresentada na presença de Sua Excelência os senhores Governador do Distrito e do Enviado Especial da Comissão Nacional do Centenário de A. Garrett pela Comissão Garretea Angrense na **noite de 30 de Novembro de 1954**, com a colaboração de senhoras e cavalheiros amadores de Teatro e Musica. A idealização, realização e montagem dos senhores foi da responsabilidade de Maduro Dias.

Mocidade Portuguesa, Divisão de Angra do Heroísmo, programa para o dia 28, 29, 30 de Maio de 1954. Tratou-se de uma série de eventos a pretexto do encerramento das actividades de 1953 – 1954. Maduro Dias era um dos responsáveis locais da M.P.

Ano de 1955

O Debate, Ano IV, nº 200, Lisboa, 15 de Janeiro de 1955. Jornal que apresenta como lema “uma consciência para hoje –uma força para amanhã” e como Director Jacinto Ferreira, numa página dedicada aos Açores, publica um poema de Maduro Dias intitulado “Alva Sombria”.

A União, Ano 62º, nº 17 795, de 21 de Fevereiro de 1955. O jornal informa que vai ser erigido um Cruzeiro luminoso na Serra da Castanheira, por iniciativa do engenheiro Abecassis, Director Delegado dos Aproveitamentos Hidroeléctricos na Ilha Terceira e o esboço de Maduro Dias.

A União, Ano 63º, nº 18 149, de 2 de Maio de 1956. O jornal informa da realização do Ciclo de Conferências sobre o Ensino Técnico Profissional, presidida pelo Governador Civil e nesse âmbito, informa:

seguuiu-se a representação do Auto da Escola, pequena peça alegórica, de simbologia especial, escrita, ensaiada, vestida, mise-en scène ou talvez melhor : posta de pé pelo temperamento artístico de Maduro Dias.

Saúde pelo Naturismo, 20 de Janeiro de 1956. Texto de Manuel da Silva Nogueira, ervanário encartado.

Ano de 1956

A Voz da Escola, Ano I, nº 2, de 30 de Maio de 1956. Jornal dirigido por Prof. Luís Borges de Castro da Costa Cabral. Director: Manuel de Jesus Oliveira. Num artigo de abertura informa-se a propósito da Festa da Escola:

... Ainda não contente com isto, e com a participação do nosso Delegado Provincial da Mocidade Portuguesa, Senhor Francisco Coelho Maduro Dias resolveu realizar no dia de S. José, 1 de Maio, a festa dos estudantes da Escola Comercial e Industrial de Angra do Heroísmo.

Ocidente - revista portuguesa mensal, fundada em 1938, nº 222, de Outubro de 1956. Com o título “Poetas dos Açores”, um poema de João Afonso dedicado a Maduro Dias.

Ano de 1958

A União, Ano 68, nº 18 694, de 7 de Março de 1958. Entrevista a Manuel Joaquim de Andrade, onde, dentro de um conjunto de perguntas, surge uma sobre os nomes de autores açorianos editados pela sua Editora e, entre muitos autores, surge o nome de Maduro Dias.

A União, Ano 65, nº 18 758, de 27 de Maio de 1958. Com o título “Teatro Escolar”, o jornal desenvolve uma notícia sobre a ida da Escola Técnica ao Teatro Azória com o teatro falado e que serviu para dar ao aos faialenses atingidos pelas consequências do vulcão dos Capelinhos. Para além de outros elementos que participaram e pertencentes à Escola, o nome de Maduro Dias é mencionado, assim como os alunos daquele estabelecimento de ensino.

Exposição de Pintura, por ocasião das Festas da Cidade de Angra do Heroísmo, 28 e 29 de Junho de 1958. Patrocínio do Grupo de Amigos da Ilha Terceira e organizada por Emanuel Félix e Rogério Silva. Sala das Sessões do Montepio Terceirense. Trata-se de uma exposição com diversos artistas e peças em óleo S/ tela, aguarela, desenho e para profissionais e amadores. Consta na exposição uma peça em óleo, de Armando Lucena e pertença de Maduro Dias.

Ano de 1959

A União, Ano 66º, nº 18 936, de 7 de Janeiro de 1959. Artigo de Maduro Dias com o seguinte título: *O Natal artístico – barristas e decoradores de presépio*. Trata-se de um artigo bastante longo onde faz uma retrospectiva sobre a nossa experiência na construção e decoração de presépios e as suas filiações e influência.

A União, Ano 66º, nº 19 058, de 3 de Junho de 1959. Informação de 1ª página para a apresentação da Revista “Glória ao Divino”, de João Ilhéu, musica de Raul Coelho:

ensaaiador Augusto Gomes e o artista Maduro Dias ergueu as maquetes dos cenários próprios que a feliz execução da habilidade certa de José Garcia tornou realidade forte e agradável; ...

Ano de 1960

Festas da Cidade do ano de 1960. Programa dos Jogos Florais. Arranjo gráfico do programa e organização de Maduro Dias. Programa da Esplanada da Recreio dos Artistas com a apresentação da Revista Regionalista “Fatias Douradas”, original de Eduardo Melo, Música de Raul Coelho da Silva, Cenários de Maduro Dias, José Garcia e Ildebrando Silva.

Programa das Festas da Cidade de 1960. Decorreram de 23 a 29 de Junho de 1960. Maduro Dias é o autor do prospecto/programa.

Festa da Rádio no Teatro Angrense por iniciativa do Rádio Clube de Angra – a voz da Terceira, **em 27 de Junho de 1960**, realizadas no âmbito da Festas da Cidade. A orientação cénica pertenceu a Maduro Dias.

A União, Ano 67º, nº 19 385, de 13 de Julho de 1960. Anuncia a estreia da Revista Rosas e Espinhos na Esplanada da Recreio dos Artistas. Letra, música e ensaios de Manuel Reis, cenários de Maduro Dias e José Garcia e desempenho do Grupo Teatral da Recreio.

Diário Insular, Ano XV, nº 4 325, de 4 de Setembro de 1960. Informa da constituição do Grupo Folclórico Terceirense e da sua comissão organizadora, onde entre outros elementos se destaca Henrique Braz, Maduro Dias, Laureano dos Reis e Helder Braga.

Ano de 1961

A União, Ano LXVIII, nº 19 656, de 14 de Junho de 1961. A propósito da inauguração da Ermida de Santo António da Grota do Monte Brasil, destaca-se o seu restauro e escreve-se:

A arte e a dedicação de Maduro Dias estão com o muito pesa e medida do seu jeito e direcção.. Porque a seu lado José Garcia e outros artistas, imprimiram à linda ermida tal dose de embelezamento que visitá-la é um singular prazer. E o Santo António brunido pela mão de Manuel Cota, outro artista descoberto, lá está com o seu menino na palma, sorridente e convidativo.

A União, Ano LXVIII, nº 19 717, de 25 de Agosto de 1961. Com o título “De teatro, Água Corrente continua... a correr pura e bela”, Coelho de Sousa escreve sobre o que considera o grande sucesso do teatro terceirense. Trata-se de uma 5ª reposição. Para além de situar a opereta dentro dos valores presentes com anteriores perspectivas, confessa que apreciou esta nova reposição. E faz uma pergunta :

Estaremos em frente de uma nova onda no amadorismo terceirense.

E levanta, de seguida outras questões:

Porquê o teatro de amadores como o de profissionais se desacreditou? E responde, dizendo, venham os críticos de cotovelo e os de bem acreditá-lo com a sua ajuda positiva.

E continua:

E já agora ponhamos esta pergunta: quando um dia Angra tiver a infelicidade de perder o poeta João Ilhéu, o grande artista Maduro Dias, o Maestro Raul Coelho, como se foram o Dr. Manuel António Lino, Henrique Vieira, João Moniz, Mestre Angelo e outros, quem dará plástica, cor e vida à nossa riqueza de alma e folclore.

Diário dos Açores, Ano 92º, nº 24 761, de 22 de Setembro de 1961. Oliveira San-Bento em artigo de 1ª página destaca a apresentação de “Água Corrente” em S. Miguel e tece rasgados elogios quer ao autor quer a todos os intervenientes. Na edição do dia 23 de Setembro, o Jornal continua a dar um grade destaque ao grupo teatral da Recreio dos Artistas. E na edição do dia 24 de Setembro, para além de descrever as qualidades e a persistência desta opereta, de cunho romântico, fazendo comparações com o mesmo tipo de teatro que é apresentado em Lisboa, destaca os nomes de Maduro Dias e de José Garcia nos cenários que

imprimem carácter regional à opereta, principalmente no primeiro acto, do melhor que temos visto no seu género.

Correio dos Açores, Ano XLII, nº12 105, de 26 de Setembro de 1961. “Aguarela Terceirense no Teatro Micaelense” é o título escolhido pelo jornal para titular o evento. Da apreciação feita no escrito, destacamos:

o entrecho foi constituído por fios de ternura, luz e cor nas perspectivas de João Ilhéu, na partitura de um maestro que bebeu inspiração nas olaías floridas das campinas da Terceira e nas concepções de Maduro Dias e seus cooperadores, “bloco” primaveril ao apresentar flores do campo humanizadas, brotando num bonito canto da terra açoriana.

Açores, Ano 17º, nº 4 889, de 27 de Setembro de 1961. O jornal, para além de destacar a apresentação da opereta em S. Miguel, refere as atenções que a embaixada terceirense teve em S. Miguel.

A União, Ano LXVIII, nº 19 742, de 27 de Setembro de 1961. Texto de Maduro Dias, de homenagem a Henrique Vieira da Silva, que foi o autor da música da opereta “*Água Corrente*” e que foram lidas por sua esposa, D. Elmira dos Reis Maduro Dias.

A Ilha, semanário cultural e informativo, Ano XXII, nº 1550, de 30 de Setembro de 1961. Este jornal, para além de recordar o êxito da opereta em S. Miguel, destaca que

além da beleza e do encanto do poema e da inspirada música teve a valorizá-la lindos cenários de Maduro Dias e José Garcia.

Ano de 1962

A União, Ano LXIX, nº 19 898, de 5 de Abril de 1962. Numa Nota do Dia, de Coelho de Sousa, Director do Jornal, tece considerações sobre a juventude e a sua generosidade e a importância da sua correcta orientação por quem sabe e está disponível para os jovens. Tudo vem escrito a propósito da realização da festa dos finalistas do Liceu e a ajuda de Maduro Dias na sua organização e realização.

Arauto, jornal da mocidade, Ano V, nº 25, de 22 de Maio de 1962. Com o título “Confraternização estudantil”, o jornal destaca o convívio com excursionistas vindos da Terceira e de S. Miguel no âmbito escolar e da Mocidade Portuguesa. Nesse âmbito, o jornal informa “Às 21 horas, no Ginásio do nosso Liceu, os terceirenses ofereceram ao público faialense um espectáculo cultural, ensaiado sob a competente orientação do artista açoriano Sr. Maduro Dias. A peça, de grande valor, agradou em cheio.

Programa da Festa da Rádio no Rádio Clube de Angra. 25 de Junho de 1962. A orientação cénica foi da responsabilidade de Maduro Dias e Espínola de Melo.

Prospecto/Desdobrável informativo. Espinhos de Oiro, revista em 6 quadros e 1 farsa, com letra e música de Manuel Reis, Cenários Maduro Dias e José Garcia, produção da Recreio dos Artistas.

A União, Ano LXIX, nº 20 002, de 11 de Agosto de 1962. Na primeira página o jornal informa, a apresentação da Revista “Espinhos de Oiro na Recreio dos Artistas. Na sequência da reposição da revista “Água Corrente”, também iniciativa da Recreio dos Artistas. Trata-se de um original em letra e música de Manuel Reis

com riquíssimos cenários dos artistas consagrados Maduro Dias e José Garcia.

O IRRESPONSÁVEL, Ano VIII, nº 169 de 15 de Agosto de 1962. Num artigo intitulado “As Festas do Bairro da Carreirinha” refere-se:

Disseram-me que o cortejo tinha sido organizado pelo ilustre terceirense Senhor Maduro Dias. Torna-se necessário dizer, porque quem conhece o talento desse grande expoente da arte sabe que ele é sobejamente conhecedor do que diz respeito a assuntos do nosso passado. Não quero dizer que não haja outros artistas, mas o senhor Maduro Dias é daqueles terceirenses que trazem a Terceira a povoar não só as suas mestras mãos como o amor próprio, pois é quem sente poderá dar-nos em quadros vivos o que lhe vai na alma.

O IRRESPONSÁVEL, Ano VIII, nº 170, de 31 de Agosto de 1962. Carta de Maduro Dias ao director a rectificar parcialmente a autoria do cortejo. Maduro Dias, embora confesse que ficou muito satisfeito com os elogios, informa que a organização do cortejo pertenceu a Alfredo Vicente e Joaquim de Almeida.

Correio da Horta, diário nacionalista – em defesa do Distrito, Ano 32, nº 9 062, de 18 de Setembro de 1962. “Espinhos de Ouro”. Apresentação da Revista na Horta através da Recreio dos Artistas, da autoria e música de Manuel Reis, cenário de Maduro Dias e José Garcia, caracterização de José Esteves.

O Telégrafo, Jornal mais antigo e de maior circulação no Distrito, Ano, nº 18 854, de 18 de Setembro de 1962. Informa que no Teatro Faialense se estreou “Espinhos de Ouro”, uma revista com letra e música de Manuel Reis e cenários de Maduro Dias e José Garcia.

Vida Académica, Ano XXX, nº 195, de 15 de Dezembro de 1962. O jornal destaca em primeira página palavras de Maduro Dias “*Afigura-se-me viável a formação dum círculo de teatro no nosso meio*”. Trata-se de uma entrevista concedida por Maduro Dias ao Jornal.

Ano de 1963

II Semana de Estudos, Angra do Heroísmo, 5 de Abril de 1963. O Programa de teatro prevê a apresentação do Drama “O Jogador” de Ugo Betti, drama em 3 actos, com tradução de Deniz Jacinto e encenação do Dr. José L. Louro e Mestre Maduro Dias.

Programa da Festa dos finalistas de Angra no ano de 1964. Refere-se expressamente que o espectáculo teve a colaboração de Mestre Maduro Dias e Armando de Medeiros. (a quem os finalistas estão muito “agradecidos” e a quem dizem que seja tudo pelas alminhas do Purgatório).

Ano de 1964

A União, Ano LXXI, nº 20 570, de 9 de Julho de 1964. A propósito das obras de reconstrução da Igreja de S. Bartolomeu dos Regatos e assinado por um paroquiano:

Deixemos a direcção só a cargo de Maduro Dias, deixemos que a comissão trabalhe e destine o que deve destinar e aja como deve agir. E nós calados, contribuindo conforme as nossas possibilidades e vontades de cada um, no fim diremos: afinal, eramos nós que estávamos errados, tudo se concluiu e muito bem, e depois das obras terminadas daremos graças a Deus porque enfim tudo se realizou.

No Rumo do Lar, 1964. Trata-se de uma capa, desenhada por Maduro Dias, do livro homónimo de Maria de Lurdes Mendes Rodrigues Rocha, ou pelo pseudónimo (Miriam Daniela).

Ano de 1965

Diário Insular, Ano XIX, nº 5 641 de 4 de Fevereiro de 1965. Na secção “Letras e Artes”, o jornal destaca com uma fotografia de Maduro Dias e uma das alunas Mrs. James W. Cox, o seu trabalho na Base Aérea das Lajes no *Crosswinde Service Club*.

Diário dos Açores, Ano 96º, nº 25 836, de 28 de Maio de 1965. Na secção Letras e sob o título “*Letras Insulares*”, o título do livro de Maduro Dias, **Vejo Sempre Mar em roda**. Em termos de apreciação da apreciação do autor e da obra escreve-se:

Maduro Dias é uma rara compleição de artista, de poeta e de homem de teatro que a sua grande modéstia não consegue obliterar. Trata-se, pois, de um autêntico valor insular, com múltiplas aptidões, em todas elas marcando de modo inconfundível.

A terminar a sua apreciação, escreve:

tem pois este livro um sabor de maresia , de distância e de bruma, que se adivinham nas suas quadras”.

São transcritas algumas quadras.

A União, Ano LXXII, nº23 de Julho de 1965. Na secção “Marginália”, Júlio d’ Angra desenvolve um texto o título “Vejo Sempre mar em roda”. Relembrando o seu itinerário profissional como professor da Escola Comércio e Industrial de Angra, refere o nome de Maduro Dias, poeta/artista e acrescenta:

era uma espécie de interlocutor por assim dizer obrigatório, cuja opinião interessava sempre conhecer, em matéria de actividades circum-escolares ou em assuntos culturais do arquipélago, em que andávamos empenhados.

Relembra ainda MD quando foram ao Teatro Azoria das Lajes para a realização de um espectáculo trilingue, em apoio das vítimas do vulcão dos Capelinhos. E confessa que:

Maduro Dias me pareceu ser, para além de um esteta e fino intelectual dotado de requintada sensibilidade, um homem profundamente enraizado na sua Ilha...

Todas as considerações para tecer considerações elogiosas ao livro de MD **Vejo Sempre Mar em roda**

Ano de 1967

A União, Ano LXXIV, nº 21 472, de 17 de Julho de 1967. No âmbito das comemorações dos 90 anos da Recreio dos Artistas, é referida a apresentação da peça de teatro de Júlio Dantas, “D. Beltrão de Figueurôa”, cuja cena em um acto se desenrola no século XVII. Relembrando que a peça havia sido apresentada em Lisboa há 40 anos e agradece-se a informação de Maduro Dias que informou que esta peça havia sido representada no Teatro Angrense há 31 anos, em récita de estudantes e que Celemena havia sido representada por Maria Vitorina, mãe da actual intérprete.

Vida Académica, Ano XXXV, nº 207, de 29 de Março de 1968. Num artigo intitulado “Bocage, alma sem...” palco e em face das dificuldades surgidas para a representação de uma peça de teatro de Bocage, agradece-se o empenho do Dr. Eliseu Pato França, reitor do Liceu e do grande apoio e empenho de Maduro Dias.

Ano de 1968

Vida Académica, Ano XXXVI, nº 209, de 31 de Outubro de 1968. Numa Nota de Abertura refere-se que o jornal ressurgiu renovada no seu formato e no seu aspecto gráfico. Expressa agradecimentos ao Dr. Melo Alves, Mestre Maduro Dias e ao poeta Emanuel Félix e a todos os que colaboraram.

Ano de 1969

Vida Académica, de 29 de Novembro de 1969. Na secção “Artes e Letras” são publicados dois poemas de Maduro Dias, intitulados “retrato” e o soneto publicado com a violeta de oiro em 1939. O jornal apresenta MD como um antigo colaborador da Voz Académica, que antecedeu a Vida Académica.

Ano de 1970

Festas da Cidade no ano de 1970. Junho, de 20 a 29. A colaboração artística foi de Francisco Coelho, Maduro Dias e Rogério Silva.

Ano de 1971

Grupo Recreativo Sebastianense “Alegria e Trabalho” no dia 10 de Janeiro de 1971 apresentam num 1ª parte o drama “O Tirano” e na 2ª parte a Revista Regional “A Solteirinha” e num 3ª parte *um lindo e vistoso acto de variedades e um luxuoso guarda roupa*. Os cenários foram da responsabilidade de Francisco C. e de Maduro Dias.

Comemoração do 24º aniversário do Rádio Clube de Angra – a voz da Terceira no Teatro Angrense no dia 3 de Abril de 1971. No programa informa-se que Maduro Dias orientou o espectáculo, assistido por D. Maria Vitorina Pereira, Nelson das Neves Barcelos e Francisco Gonçalves...

A União, Ano LXXVIII, nº 22 587, de 15 de Abril de 1971. A propósito da peça de teatro “O Primeiro Beijo” de Júlio Dantas, refere-se que

mais uma vez Maduro Dias, que teve a seu cargo a encenação e ensaio, demonstrou os seus vastos recursos de quem sabe e domina a arte neste campo.

Programa da Festas da Cidade de 1971, 19 a 27 de Junho de 1971. Programa detalhado.

O Século, Ano, de 29 de Novembro de 1971. O jornal refere que as reuniões de trabalho entre o Presidente dos Estados Unidos da América e George Pompidou se realizarão no salão nobre da Junta Geral do Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo. Após a descrição do mobiliário, da decoração e de outros elementos existentes no referido salão, ressalta que

a parede de fundo está ornamentada com o “Sonho do Infante”, quadro do artista Maduro Dias.

Ano de 1972

Vida Académica, Ano XXXIX, nº de 1972. Artigo de Fagundes Duarte sobre o teatro e a sua importância e faz uma reflexão sobre o insucesso na montagem de uma peça de teatro. Refere-se à

apreciada colaboração do artista Maduro Dias.

Ano de 1974

Recreio dos Artistas, em prol das suas actividades, **Ano I, nº I, Maio de 1974**. Referência à colaboração de Maduro Dias na preparação de uma peça de teatro.

Grupo Cénico da Recreio dos Artistas, 1974. Apresentação de “Médico à Força”, de Molière, farsa em 3 actos – século XVI. Maduro Dias é referenciado como Encenador.

Ano de 1975

A União, Ano LXXXII, nº 23 821, de 11 de Junho de 1975. A propósito do falecimento de Henrique Vieira de Borba, 5.11.1896 – 11.1.1975, Maduro Dias, num In Memoriam. Refere que:

Como músico, com outros e como outros, despendeu avultada soma de sensibilidade, conhecimentos, tempo e entusiasmo, espiritualizando milhentas manifestações e centenas de espectáculos no nosso meio....

Ano de 1976

A União, Ano LXXXIII, nº 24 250, de 18 de Novembro de 1976. A propósito de uma homenagem ao Padre Manuel da Rocha Ferreira, informa da intenção, com a constituição de uma Comissão de Homenagem ao Director do Orfanato Beato João Baptista Machado e a pretexto do 32º aniversário da sua morte, refere da colocação no edifício do antigo **A União, Ano LXXXIII, nº 24 250, de 18 de Novembro de 1976**. A propósito de uma homenagem ao Padre Manuel da Rocha Ferreira, dá conta da intenção, com a constituição de uma Comissão de Homenagem ao Director do Orfanato Beato João Baptista Machado e a pretexto do 32º aniversário da sua morte, refere da colocação no edifício do antigo Orfanato de um Medalhão, com a effigie do homenageado, da autoria de Maduro Dias.

Ano de 1977

O Irresponsável, Ano XXII, nº 507, de 15 de Novembro de 1977. Num texto de testemunho de António Machado Bernardo, refere-se:

Eu sou de Santa Bárbara, que fica entre as Cinco Ribeiras e as Doze. Estive 7 anos a trabalhar como guarda nocturno nos Celeiros de Angra. Depois estive a trabalhar na casa do sr. Dr. Henrique Henriques na Rua Direita. Depois trabalhei com o sr. Maduro Dias, que foi como um pai para mim. Estive ainda na casa Estulante Parreira, no Corpo Santo.

A União, Ano LXXXIV, nº 24 407, de 31 de Maio de 1977. Na secção de Informação local e a propósito da publicação do livro de Maria do Céu, Voz de Mulher - Rimas e Rosas de Milagre, informa-se que:

a direcção gráfica da capa tem a marca de mestre Maduro Dias, outro poeta terceirense de rimas primorosas, de quem esperamos iniciativa idêntica à de Maria do Céu – desde o seu arco de beleza que a União publicou há cinquenta e seis anos....

Freguesia dos Altares nas Sanjoaninas de 1977. O arranjo gráfico do prospecto é da responsabilidade de Maduro Dias.

EXPOSIÇÃO/POESIA – POETAS TERCEIRENSES de hoje e a ilha, com desenhos de Rocha e Silva e José Lúcio. Angra do heroísmo, junho de 1977. Maduro Dias participa com um poema.

Centenário da Recreio dos Artistas, Julho de 1977. Entre outras iniciativas, o Grupo Dramático da Recreio actuou e era constituído pelos seguintes elementos: Paulo Armando Gonçalves Dias, Nelson das Neves Barcelos, **Francisco Coelho Maduro Dias**, Maria da Conceição Rocha, Ivo Manuel da Silva Machado, Francisco dos Reis Maduro Dias, António Melvino Lourenço e José Xavier Lopes.

Centenário da Recreio dos Artistas, 1877-1977. O arranjo gráfico do programa foi da responsabilidade de Maduro Dias. A apresentação da peça de teatro “Agora e Sempre, em três actos, de Eduardo Gomes da Silva e Director Artístico Maduro Dias.

Ano de 1979

Serão Recreativo na Comemoração da Festa de N. S. Auxiliadora, dia 24 de Maio de 1979. A encenação, direcção e Ensaio foram de Maduro Dias e o Grupo vocal foi ensaiado por D. Etelvina Borba da Silva.

A União, Ano LXXXVI, nº 25 131, de 14 de Novembro de 1979. Numa secção intitulada “Banqueta de Livros” informa-se do aparecimento do livro de Maduro Dias **Vejo Sempre Mar em roda**, poesia, edição do autor, 1963. O articulista tece considerações muito elogiosas a este livro e lança um desafio:

aqui fica a sugestão, já que nos permitimos supor que, na gaveta, Maduro Dias terá poemas que bem gostaríamos de poder ter ao nosso alcance.

Ano de 1981

O Baluarte, Ano VII, nº 48, 1 de Abril de 1981. Publicação de uma nota de homenagem ao Padre Serafim de Chaves Pontes.

Marchas Populares. Sanjoaninas de 1981. “A Fonte de S. João”, representando a Casa do Povo de S. Bartolomeu tem música de Tomé dos Reis e letra de Maduro Dias.

IV Centenário 1581 – 1981 da Batalha da Salga. Maduro Dias é o autor do trabalho gráfico do programa e cartazes.

Ano de 1983

Diário Insular, Ano XXXVII, nº 10 943, de 13 de Janeiro de 1983

Numa secção do jornal intitulada “*A Palavra e as Gentes*”, orientada por Fátima Marília, insere um artigo não assinado sobre o Mestre Maduro Dias. Trata-se de uma proposta de redescoberta de Mestre Maduro Dias. Apresentação dos traços biográficos mais importantes para o autor do escrito e transcreve o texto do Conto de MD “O Travesso”.

Recital “Não perecerás ó destruída!”, por iniciativa do ALPENDRE – Grupo de Teatro. 7 de Janeiro de 1983. Foi recitado o poema de Maduro Dias “Escara”.

A União, Ano XC, nº 26 051, de 8 de Janeiro de 1983. Poema de Maduro Dias, “*Nesta Eira dos Meus*”, onde o tema do sismo de 1980 é invocado e reflectido.

A União, de 5 de Abril de 1983. Artigo de M. Veríssimo, enviado de Lisboa e datado de 26 de Março de 1982 e com o título:

O atelier de Mestre Maduro Dias

Ano de 1984

A União, Ano XCI, nº 26 375, de 11 de Fevereiro de 1984. Com o título “octogenário ilustre” informa-se que no dia 12 de Fevereiro de 1984 perfaz 80 anos e idade. Como informação biográfica, escreve-se:

O sr. Maduro Dias, sendo natural da freguesia de Nossa Senhora da Conceição, foi baptizado nesta freguesia pelo primeiro pároco deste século, António Teixeira de Almeida.

Ilha Terceira, Ano VI, nº 60, de 1 de Março de 1984. Artigo de Augusto Gomes, que assinala 80 anos de vida no dia 12 de Fevereiro. Apresenta uma biografia e biobibliografia do aniversariante.

Ilha Terceira, Ano VI, nº 61º de 1 de Abril de 1984. Destaque com fotografia e pequeno texto do trabalho de Maduro Dias na Base das Lajes, há 21 anos, onde lecciona, três vezes por semana no estúdio de Arte da Base das Lajes.

Ano de 1985

Diário Insular, Ano XL, nº 11 757, de 3 de Março de 1985. Informa-se ue Mestre Maduro Dias estaria a trabalhar na criação de duas estelas que deverão fixar para a posteridade a inclusão de cidade de Angra na lista do Património Mundial da UNESCO.

Diário Insular, de 3 de Abril de 1985.

Com título de primeira página, informa-se que o livro de Mestre Maduro Dias vai ser publicado pela Gaivota. Trata-se de **Melodia Intima e poemas de Eiramá.**

A União, de 3 de Janeiro de 1986. Texto de Emanuel Félix, com o título “ Em toda a poesia de Maduro Dias 360 graus de fronteira Atlântica”, lido aquando da apresentação do livro de MD **Melodia Íntima e Poemas de Eiramá.**

A Ilha Terceira, Ano VIII, nº 75, 1 de Dezembro de 1985. A revista informa que “ *três livros foram lançados na praça, em 13 de Dezembro último, pela Direcção Regional da Cultura*”. Informa ainda que “*dois desses volumes são de poesia: **Melodia Íntima e Poemas de Eiramá**, de Maduro Dias e **Seis Nomes de Mulher**, de Emanuel Félix. O outro, **Memórias de um Baleeiro**, de Nuno Alvares (Mendonça)*”. Sobre Maduro Dias, Álamo Oliveira, terá afirmado:

Maduro Dias é uma legenda viva da poesia do passado. Da que imperou no nosso tempo de moço, a que nos afeiçoamos e regala o íntimo. A edição da Cultura de versos seus representa um galardão, uma prova de apreço pelos seus méritos incontestáveis. Distinção que é palmarés singular e bem retrata o conceito goza entre nós, na sua idade patriarcal, a caminho dos oitenta e dois, em que mais sensível se torna que seja consideração pessoal; quando na vida, como caso, se atinge a sua fase de relíquia e só nos lembramos de recordações. O velho artista Maduro Dias é credor de um curriculum sobremodo positivo em prol da terra angrense (...) para quem vão as nossas felicitações, um daqueles que da morte se libertam, já que na posteridade , estamos certos , seu nome será lembrado e apreciado como alguém que se evidenciou nesta Ilha Terceira.

A União, Ano, de 13 de Dezembro de 1985. Artigo de J. H. Borges Martins sobre Maduro Dias, com o título “Maduro Dias percorre, com a arte, os caminhos da poesia”.

Ano de 1986

O Mundo Português, Rio de Janeiro, 28 de Fevereiro de 1986. Da autoria de F. Canto e Castro, escreve um texto a relembrar Maduro Dias nos anos da sua mocidade e refere:

um terceirense, que soube sempre honrar o nome da sua e minha terra, a Ilha Terceira, nos Açores.

Homenagem a Mestre Maduro Dias, Diário Insular nº XLI, nº11.952 de 8 de Junho de 1986. Informa que a Câmara Municipal de Angra do Heroísmo “decidiu ainda na sua última reunião, promover uma homenagem a mestre Maduro Dias:

insigne artista e homem que não regateou esforços no apoio ao teatro.

O Directo, Ano IV, nº 76, de 20 de Junho a 10 de Julho de 1986. O jornal sugere “Maduro Dias.. uma homenagem que tardava”.

II Congresso das Comunidades Açorianas, Angra do Heroísmo, 26/30 de Novembro de 1986. A orientação gráfica do programa dos desdobráveis foi da responsabilidade de Maduro Dias.

Mestre Maduro Dias. Quarto Crescente nº149, dedicado inteiramente a Maduro Dias, inserido na **União, Ano XCIV, nº 27.213, de 12 de Dezembro de 1986.**

A União, Ano XCIV, nº 27 221, de 22 de Dezembro de 1986. A propósito da morte de Maduro Dias e com o título “Deixou-nos o escritor, pintor, poeta, escultor, encenador, Mestre Maduro Dias”. No texto são destacados os seus trabalhos nas áreas de pintura e escultura. Termina com uma citação de Jorge Forjaz:

Maduro Dias marcou os últimos 50 anos da vida cultural açoriana.

Diário Insular, Ano XLI, nº 12 114, de 23 de Dezembro de 1986. Informação de 1ª página dá a notícia do falecimento de Maduro Dias e refere que “deixou marcas do seu talento espalhadas pela cidade de Angra”. Seguem-se os testemunhos de Emanuel Félix e de Álamo Oliveira.

Ilha Terceira, Ano IX, nº 86º, de Dezembro de 1986. Texto de Augusto Gomes, que assinala a morte de Maduro Dias. Apresenta uma nota biobliográfica.

Textos Açorianos, de apoio ao ensino de Português no Curso Unificado. Texto VII, “O Travesso”, Maduro Dias, in **Contos Açorianos**, I, edição do Instituto Açoriano de Cultura, 1974.

5. Referências ao trabalho na Base das Lajes

Referências em jornais e revistas sobre o trabalho de Maduro Dias na Base das Lajes

Hobby show entries – Crossroads Courier, Lajes Field, Azores. Vol. VIII, nº 9 July, 3, 1964. This still life painting was one of more than 35 paintings entered in the Crosswinds Service Club sponsored Hobby Show by Portuguese and American amateur artists. Maduro Dias, a retired Portuguese art professional and judge for the hobby show explains the paintings to a group of spectators.

Art Exhibitor – Crossroads Courier, Aug. 14, 1964. B. Underwood DuRette, Lajes Field artist, explains the mood of this painting – onde 28 paintings were exhibited recently at the Angra Museum – to João Afonso, museum director. Mrs. DuRette, wife of Air Force Capt. J. C. DuRette is the first American to have a private exhibition in the museum.

Ao lado de uma fotografia uma das alunas, Mrs. James W. Cox mostra o seu trabalho ao artista Maduro Dias junto do quadro “Last Performance”. **Diário Insular, Ano XIX, nº 5.641 de 4 de Fevereiro de 1965.** Esta informação vem inserida no Suplemento “letras e Artes” e explica que se trata de uma exposição realizada por amadores norte-americanos.

Amateur Artist Exhibit – Crossroads Courier, January 22, 1965. Amateur artist Mrs. James W. Cox smiles with pleasure as Sr. Maduro Dias, Service Club Art instructor, compliments her painting “Last Performance” during the recent amateur art exhibit. More than 1.000 people viewed the exhibit.

Art Show, Crossroads Courier, 7 January de 1966. Destaque para Mrs. Vera Kohls and Mr. Maduro.

O.W. C. Notes. Crossroads Courier Vol. V, nº 7, June, 3 1966. Destaque para os nomes das senhoras que participaram no curso sobre arte na Base das Lajes e destaque para Maduro Dias “our talented instructor”.

A imagem do jornal mostra uma das 35 fotografias da exposição. **Crossroads Courier, Vol. III, nº 9, July 3, 1964.** É referido que MD está explicando o conteúdo da exposição.

Destaque para uma exposição dos trabalhos realizados no âmbito do “Art show” Crosswinds Service Club e orientados por Maduro Dias. **Crossroads Courier, vol. IV, nº 21, January 7, 1966.**

Referência a uma exposição promovida pelo “Crosswinds Service Club” **Crossroads, vol. V nº 22, January 20, 1967.**

Sob o título “Works of Lajes Artists”, o jornal Crossroads, vol. VII, nº 9, July 5. 1968, destaca o contributo do “Crosswinds Service Club”. Destaca o nome dos artistas presentes e indica os preços das obras produzidas.

“Art Instructor” constitui o título da fotografia em que surge Maduro Dias a dar, segundo o Jornal, algumas indicações a Mrs. Jimmy Martin. Numa coluna de texto informa-se sobre a importância e o horário de funcionamento do “Crosswinds Service Club” e os preços praticados para a aquisição de obras de arte. **Crossroads Courier, vol. VII, nº 8, November 22, 1968.**

Com o título “Double Winner”, o jornal destaca em fotografia um trabalho de Neli Daly realizado no âmbito do “Crosswinds Service Club”. **Crossroads, vol. VIII, nº 10, May 23, 1969.**

“Poet, Sculptor and Painter” são as palavras utilizadas para classificar e identificar “senhor Francisco Coelho Maduro Dias lends his artistic knowledge to Mrs. Jack Daly during the art instruction classes...”. **Crossroads Courier, vol. VII, nº 23 February 7, 1969.**

“Art Display at the recent Officers’ Wives Club Cultural coffee is shown to Harley Kelsey by art instructor, senhor Dias...” **Crossroads Courier vol. VIII, nº 16, Agosto 22, 1969.**

“**Master at Work**” constitui o título utilizado pelo jornal para referir a avaliação feita por Maduro Dias dos trabalhos realizados pelos seus alunos. Na foto, Maduro Dias dá indicações com um ponteiro para uma peça. **Crossroads Courier, vol. IX, nº 6 de March 20, 1970.**

Em título, o jornal informa “under supervision and guidance of Sr. Diaz, Charlene Bielakowski adds the finishing touches to her painting...” isto para dar mais uma notícia dos trabalhos realizados sob a supervisão de Maduro Dias no “Officers’ Wives Club Cultural Coffee”. **Crossroads Courier, vol. X, nº 15, August 13, 1971.**

Com a classificação de “Master, poet sculptor and painter” o jornal destaca o trabalho de Maduro Dias, no caso ilustrado com fotografia refere que está a orientar os trabalhos de Margaret Lopez “on the finer points of painting flowers during one of his classes at Lajes”. Num artigo assinado por Miss Rosalie Lanahan e com o título “Art Exhibit Friday” realça o trabalho realizado e o horário de funcionamento do “Service Club”. **Crossroads Courier, vol. XI, nº 8, April 28, 1972.**

6. Bibliografia de Maduro Dias e (seus amigos) contemporâneos

AGOSTINHO, José, *A Vida e a Acção do Coronel Francisco Afonso Chaves* (conferência realizada a 26 de Outubro de 1935 no Ateneu Comercial de Ponta Delgada), Ponta Delgada; Tip. Do Diário dos Açores, 1936

BETTENCOURT, C. Pacheco de, *O Problema da Cultura Clássica no Programa dos Seminários*, União Gráfica, 1934, Duas “Orações de Sapiência” pronunciadas na abertura das aulas do Seminário de Angra, em 1923 e 1933.

DIAS, Maduro, **Quadras para o Povo**, Livraria Editora Andrade, Angra do Heroísmo, 1921

DIAS, Maduro, **Redondilhas aos Soldados Desconhecidos**, Livraria Editora Andrade, Angra, 1921. Dedicado a gente Portuguesa.

Este exemplar tem uma dedicação “*ao senhor Dr. António de Oliveira, poeta da Paz Bendita, of. O auctor*”

DIAS, Maduro, **Em Nome de Deus Começo**, (de colaboração com Correia de Melo), Livraria Editora Andrade.

No exemplar dedicado a Maduro Dias, Correia de Melo escreveu: “Neste livro te deixo um abraço de camaradagem e despedida, que na estrada da nossa vida ele sempre o traço de união entre a nossa Romaria da Sorte e fique lá ao longe como um lenço das touradas à acenar saudades. ... Às 2 horas e meia da manhã de S. Pedro.”

DIAS, Maduro, **Dez Sonetinhos de Enlêvo**, Livraria Editora Andrade – 1931

DIAS, Maduro, **Sonetos de Esperança e de Sonho**, 1941.

DIAS, Maduro, **Vejo Sempre Mar em roda**, 1963

DIAS, Maduro, **Melodia Íntima e Poemas de Eiramá**, Colecção Gaivota/45

Direcção Regional dos Assuntos Culturais, SREC, Angra do Heroísmo, 1985

DIAS, Maduro “Poema ao Rafael d’ Azevedo”, 21 de Novembro de 1938.

O poema, em forma de soneto é escrito a lápis e à mão e encontra-se escrito nas páginas correspondentes aos dias 3 e 5 de Julho de 1938.

DIAS Maduro, “Amor! Poesia!”, Texto em prosa, assinado por Coelho Dias.

Incluído num prospecto com o título “Parte Literária”

DIAS, Maduro “Uns Versos”.

Dedicado à Exm^a Sra. D. Amélia da Costa

Assinados por F. C. D., 24. I 918

DIAS, Maduro “Para um espelho da ilustre actriz Amélia Rey Colaço”.

DIAS, Maduro Versos de MD, Angra do Heroísmo, 16-VII-1952

DIAS, Maduro, **JOGOS FLORAIS DA PRIMAVERA. 1939**. Produções Poéticas Clássificadas.

Contem na página 23 o poema premiado “Violeta de Ouro”

MADURO DIAS, S/A e S/D

Texto dactilografado, com um esboço biográfico e com uma colectânea de poesias de M.D.

CANDIDO, Armando,

Eira de Pecados. Livraria Editora Andrade, Angra do Heroísmo, 1941

O livro tem uma dedicatória do Editor “Ao nosso consagrado artista Maduro Dias, com a maior consideração, o Editor

DEUS, Maria da Luz de, **Ensaio para a Iniciação do Ensino do Desenho** – Editorial “Os nossos filhos”, Lisboa, s/d

- HENRIQUES, Eng. Furtado, **Exercícios de Desenho de Máquinas** Letras e peças simples, 8ª Edição, Lisboa, 1946
- MACEDO, Prof. Folhadela de, **Trabalhos Manuais**. Aviominiatura. Domingos Barreira – Editor – Porto, 1943
- ILHEU, João, **Rústicos**, Tipografia Angrense, Angra do Heroísmo, 1931, (livro vem dedicado a Maduro Dias: ao poeta, ao artista, ao amigo)
- ILHEU, João, **À Boquinha da noite**, (Crónicas diárias no “Jornal de Angra”), Tipografia Angrense, Angra do Heroísmo, 1934
(Uma dedicatória do autor “Ao Maduro Dias, com admiração e amizade, Frederico Lopes Jr., Angra, 1934)
- MAURIAC, François, **Vie de Jesus**. Collection “L’Histoire”, Flammarion, Paris, 1936.
O livro foi oferecido por Rafael de Azevedo, com a seguinte dedicatória “*Ao Maduro, Amigo nº 1. Testemunha de um acto decisivo, em Angra, pela Páscoa de 1937*” A capa em lona e fazenda, tem bordado o símbolo do Espírito Santo. E as palavras “Glória ao Divino”
“Prelúdios” revista de carácter literário – religioso, (pela igreja e pela Pátria!)
Ano V, Nº 31, 32 e 33.
As capas foram desenhadas por Maduro Dias
- MELO, Eleutério Correia de Melo, **Luar da Serra**, Livraria Editora Andrade, Angra do Heroísmo, 1928
- MELO, Eleutério Correia de; DIAS; Francisco Coelho Maduro, **Casa de Dois**
Livraria Editora Andrade, 26 de julho de 1931.
(Gravuras em madeira feitas por Maduro Dias e Edição da Livraria Editora Andrade, da Cidade de Angra – Ano de 1931)
Contem uma dedicatória do autor a Maduro Dias “Ao meu caro amigo e Distinto poeta Maduro Dias. – Ao artista que deu vida e cor ao meu **livro Luar da Serra**. Of. Com um grande abraço, Correia de Melo.
- LOPES Jr, Frederico, **Sol de Romarias**. União Gráfica Angrense, 1944
Tem a seguinte dedicatória: *Ao Maduro Dias à sua requintada sensibilidade de artista; à sua devoção pela sua muita amada Terra-Nossa, com admiração e amizade, of. O autor Frederico, Jr., Terceira, 1944.*
- SENIOR, Caturra; JUNIOR, Caturra, **Flores e Bandarilhas**, (em 2 actos e 7 quadros).
Música de Piedade Vaz, Angra, 1926, Tip. União, Terceira, Açores.
(Os pseudónimos são de Frederico Lopes da Silva e Frederico Lopes, Jr.)
- OLIVEIRA, Dr. Orlando de,
Coisas da Natureza. Tipografia União Gráfica, Angra do Heroísmo, 1936
(folheto feito por iniciativa do Grupo Ciprião de Figueiredo do Corpo Nacional de Escutas...)
- RIBEIRO, Luís da Silva, “Contribuições à Etnografia Açoreana”, com desenhos de Maduro Dias. Separata del Homenaje a Fritz Cruger,
Tomo I, Universidade Nacional de Cuyo, Mendoza, 1952

ROMA, Major Bento Esteves, **Os Portugueses nas trincheiras da Grande Guerra**. Cruzada das Mulheres Portuguesas, Lisboa, 1921

(palestra feita na Escola Militar em 15 de Maio de 1920 em propaganda da “Aldeia Portuguesa” na Flandres.)

SAN-BENTO, Oliveira, Espirais de Fumo...Poesias diversas. Livraria Editora Andrade, Angra do Heroísmo, sd

Uma dedicatória do editor: “Ao meu prezado amigo Maduro Dias, com prova de dedicação e estima, oferece o editor”

SANT’ANA, Cosmelli de, “Cadernos de Tecnologia”. Cadernos nº 2 e nº 3, 1938 e 1939

ORGANIZAÇÃO NACIONAL DA MOCIDADE PORTUGUESA

Comissário Nacional. Ordem de Serviço nº 9 (Ano de 1957 – 1959)

RELATÓRIO, referente ao ano escolar de 1914 – 1915

Do Liceu Nacional de Angra do Heroísmo. Publicação Oficial. Tipografia Andrade, Angra do Heroísmo, 1916.

RELATÓRIO do Chefe dos Serviços Agronómicos da Junta Geral Autónoma de Angra do Heroísmo, Tipografia Andrade, Angra do Heroísmo, 1933

(Maduro Dias integrava a Comissão Administrativa)

***A Assistência Social e os Princípios que a orientam* (conferência proferida por Mário Pais de Sousa, Ministro do Interior, no Salão da Cozinha Económica de Angra do Heroísmo, em 1 de Agosto de 1941. Angra do Heroísmo, 1941**

CANDIDO, Armando, Eira de Pecados. Livraria Editora Andrade, Angra do Heroísmo, 1941

O livro tem uma dedicatória do Editor “Ao nosso consagrado artista Maduro Dias, com a maior consideração, o Editor

DEUS, Maria da Luz de, Ensaios para a Iniciação do Ensino do Desenho

Editorial “Os nossos filhos”, Lisboa, s/d

HENRIQUES, Eng. Furtado, **Exercícios de Desenho de Máquinas**. Letras e peças simples. 8ª Edição, Lisboa, 1946

MACEDO, Prof. Folhadela de, **Trabalhos Manuais**. Aviominiatura, Domingos Barreira – Editor – Porto, 1943

ILHEU, João, Rústicos. Tipografia Angrense, Angra do Heroísmo, 1931

(livro vem dedicado a Maduro Dias: ao poeta, ao artista, ao amigo)

ILHEU, João, À Boquinha da noite

(Crónicas diárias no “Jornal de Angra”)

Tipografia Angrense, Angra do Heroísmo, 1934

(Uma dedicatória do autor “Ao Maduro Dias, com admiração e amizade, Frederico Lopes Jr., Angra, 1934)

MAURIAC, François, Vie de Jesus, Collection “L’Histoire”, Flammarion, Paris, 1936.

O livro foi oferecido por Rafael de Azevedo, com a seguinte dedicatória “ *Ao Maduro, Amigo nº 1. Testemunha de um acto decisivo, em Angra, pela Páscoa de 1937*” A capa em lona e fazenda, tem bordado o símbolo do Espírito Santo. E as palavras “Glória ao Divino”

“Prelúdios”

revista de carácter literário – religioso

(pela igreja e pela Pátria!)

Ano V, Nº 31, 32 e 33

As capas foram desenhadas por Maduro Dias

MELO, Eleutério Correia de Melo, **Luar da Serra**, Livraria Editora Andrade, Angra do Heroísmo, 1928

MELO, Eleutério Correia de; DIAS; Francisco Coelho Maduro, **Casa de Dois**

Livraria Editora Andrade, 26 de julho de 1931

Gravuras em madeira feitas por Maduro Dias e Edição da Livraria

Editora Andrade, da Cidade de Angra – Ano de 1931)

Contem uma dedicatória do autor a Maduro Dias “ Ao meu caro amigo e Distinto poeta Maduro Dias. – Ao artista que deu vida e cor ao meu **livro Luar da Serra**. Of. Com um grande abraço, Correia de Melo.

LOPES Jr, Frederico, Sol de Romarias, União Gráfica Angrense, 1944

Tem uma dedicatória “*Ao Maduro Dias à sua requintada sensibilidade de artista; à sua devoção pela sua muita amada Terra-Nossa, com admiração e amizade, of. O autor Frederico, Jr.*” Terceira, 1944.

SENIOR, Caturra; JUNIOR, Caturra, **Flores e Bandarilhas**, (em 2 actos e 7 quadros).

Música de Piedade Vaz, Angra, 1926, Tip. União, Terceira, Açores.

(Os pseudónimos são de Frederico Lopes da Silva e Frederico Lopes, Jr.)

OLIVEIRA, Dr. Orlando de, **Coisas da Natureza**. Tipografia União Gráfica, Angra do Heroísmo, 1936

(folheto feito por iniciativa do Grupo Ciprião de Figueiredo do Corpo Nacional de Escutas...)

RIBEIRO, Luís da Silva, “Contribuições à Etnografia Açoreana”, com desenhos de Maduro Dias.

Separata del Homenaje a Fritz Cruger,

Tomo I, Universidade Nacional de Cuyo, Mendonza, 1952

ROMA, Major Bento Esteves, Os Portugueses nas trincheiras da Grande Guerra. Cruzada das Mulheres Portuguesas, Lisboa, 1921

(palestra feita na Escola Militar em 15 de Maio de 1920 em propaganda da “Aldeia Portuguesa” na Flandres.)

SAN-BENTO, Oliveira, **Espiraes de Fumo...** Poesias diversas. Livraria Editora Andrade, Angra do Heroísmo, sd

Uma dedicatória do editor: “ Ao meu prezado amigo Maduro Dias, com prova de dedicação e estima, oferece o editor”

SANT’ANA, Cosmelli de, *Cadernos de Tecnologia*”

Cadernos nº 2 e nº 3, 1938 e 1939

7. Manuscritos

1. “*Caderno manuscrito com diversos poemas e apontamentos*”

2. “*Caderno manuscrito*”

Texto em inglês sobre o acto de pintar

3. “*Caderno manuscrito a lápis*”

Texto em português sobre o desenho de formas simples

4. “*Caderno manuscrito a lápis sobre desenho*”

Texto em Inglês sobre as diversas formas de desenhar formas simples

5. *Melodia Íntima e Poemas de Eiramá*

Caderno com os poemas manuscritos em formato de caderno.

Texto com o título “LETRAS AÇOREANAS”

Texto dactilografado, s/d e que aborda a poesia de João Ilheu e de Maduro Dias

“*Apontamentos de Geometria*” (3ª Cadeira)

I ano do Curso Preparatório de Belas Artes

Maduro

Escola de Belas Artes de Lisboa

Lisboa, Dezembro de 1927

“*Problemas de Geometria*”

Escola de Belas Artes, Maduro, 1928

8. Papeis/documentos/esboços/exercícios manuscritos, gravados...

MD.2004.01. Planta do empedrado da Praça da Restauração. Escala 1/100 e Assinado e datado por MD, 1929; papel grosso;

MD.2004.02. Planta e alçado da Ermida do Dr. Cardoso do Couto; papel fino;

MD.2004.03. Projecto do Monumento e Embelezamento do muro norte do Largo Prior do Crato. Escala de 1/250. Desenhado sobre pano cru.

MD.2004.04. Alçado do Largo Prior do Crato (esboço)

MD.2004.05. Projecto do Café/Cervejaria a abrir na Praia da Vitória. Planta, cortes e alçado.

MD.2004.06. Cartaz (2) de propaganda da paz. Promoção promovida pela Igreja Católica e dirigido especialmente aos rapazes, datado de 3 de Março.1940.

MD.07. Desenho de arquitectura, mostrando a frente da casa que faz esquina na Rua da Sé com a Rua Carreira dos Cavalos. Proposta de acrescentamento de uma mansarda à século XVIII.

MD.08. Desenho para a Praia, com referências ao Foto Lilás.

MD.09. Cartaz comemorativo do 450º aniversário de Angra do Heroísmo.

MD.10. Cartaz a anunciar a actuação do “Metais de Lisboa” no dia 26 de Agosto de 1984, no âmbito do 450º aniversário de Angra do Heroísmo. 534 – 1984.

MD.11. Desenho de um busto de homem a lápis. S/ assinatura e data.

MD.12. Desenho de busto de mulher a lápis. Assinado, 1928.

MD.13. Desenho a lápis de uma flor estilizada. Assinado. 1928.

MD.14. Desenho a lápis da cara de um homem. Assinado por Maduro e com data de 1927.

MD.15. Desenho a lápis de folhas de acanto? Assinado e datado. Maduro- 928

MD.16. Desenho em planta com medições.

MD.17. Desenho a lápis de Busto de mulher. Assinado e datado. Maduro- 928.

MD.18. Desenho a lápis da pomba do Espírito Santo dentro de um círculo.

MD.19. Cartaz das Festas da Cidade para o ano de 1961. Assinado e datado. Tem 3 cópias.

MD.20. Planta para um monumento, com alçados e cortes e que sugere ser o Monumento erigido nos Altares.

MD.21.22. e 23. Três folhas com desenho, plantas, alçados, numa escala de 1/25 das Retretes a construir no Jardim Público. São assinados por Maduro Dias.

MD.24. Planta com alçados e medições do que parece ser um chafariz. Não está datado, identificado, nem assinado.

MD.25. Planta com alçados e cortes, com escalas de 1/25 e 1/100 e destinadas à construção do Lavadouro da Aldeia Nova nas Lajes.

MD.26. Desenho a carvão, datado de 1928, de Américo Marinho, não assinado, mas sugere o traço de MD.

MD.27. Projecto de um monumento comemorativo da Restauração na Praia da Vitória. Escala de 1/25, assinado e datado. Angra 15/2/1941.

- MD.28. Diploma da Confederação Operária Terceirense com os dados pessoais de Maduro Dias. Existe um exemplar de diploma não preenchido.
- MD.29. Diploma de sócio correspondente da Sociedade Histórica da Independência Nacional, datado de 7 de Dezembro de 1961.
- MD.30. Diploma dos Jogos Florais de 1939, em que Maduro Dias ganhou o primeiro prémio de soneto “Violeta de Ouro”.
- MD.31. Busto de mulher em sanguineira s/ papel. Datado de 13.V.1934 e com a seguinte inscrição: “d’ après nature en trois heures” e assinado por Maduro.
- MD.32. Busto de mulher, de lado, em carvão sobre papel, datado de 8/X/33.
- MD.33. Planta com alçados, de Império Santo. Tinta da China sobre pano. Escala 1/50.
- MD.34. Planta da cidade de Angra, destacando o espaço do Castelo de S. João Baptista. Escala de 1/2000.
- MD.35. Estudos em planta sobre espaços do quartel no Castelo de S. João Baptista.
- MD.36. Estudos em planta sobre espaços do quartel no Castelo de S. João Baptista.
- MD.37 e MD. 38. Idem
- MD.39. Desenho em planta da frente de casa não identificada. Escala 1/25.
- MD.40. Estudo em planta da frente de uma casa, em papel.
- MD.41. Esboços e estudos em papel.
- MD.42. Planta do espaço e da frente de casa. “Projecto da reconstrução da casa nº 7 da Rua de Jesus”. Contem ainda em esboço em planta da parte da cidade onde está implantada a referida casa.
- MD.43. Planta do altar Nave da Igreja dos Altares (estudo). Escala 1/100.
- MD.44. Planta para um texto em taboan (?). Indicação de escala de 1/50.
- MD.45. Desenho a cores de uma imagem de Nossa Senhora. Medidas: altura: 1,50 ou 1,60.

9. Conclusão

Maduro Dias foi, de forma muito sua, o poeta, o artista, o escritor, o homem de múltiplas presenças e, simultaneamente, um homem do século XX terceirense, açoriano, português, universal.

Amante da cidade onde nasceu, Angra do Heroísmo, precisamente no dia 12 de Fevereiro de 1904, foi uma figura central nas manifestações artísticas na sua terra natal, um curador da beleza, um esteta na verdadeira acepção da palavra.

O “moço Maduro Dias” nos primórdios da sua carreira como poeta, artista e interventor, passou rapidamente a ser referido como “Mestre Maduro” e, nessa condição, acompanhava os movimentos artísticos e literários a nível local, nacional e mundial. Fez aproximações a todas as correntes do pensamento e da interpretação artística e literária do seu tempo, com originalidade e sentido próprios. Partindo da leitura e da integração do local e do regional, deu-lhes na sua obra, o carácter universal da criação artística e literária.

Uma figura criadora, sempre ancorada na experimentação onde se destaca a poesia, a pintura, o teatro, o urbanismo, a arquitectura, a escultura, a rádio, a tipografia artística, o poster, a decoração, o desenho etnográfico. Mas também o professor de desenho, que acompanhava os alunos na execução das provas práticas aquando da aplicação dos conhecimentos. E ainda o animador, com o seu contributo artístico, das sociedades recreativas, dos grupos de jovens.

O regionalista, como processo de afirmação de identidade e em tudo o que pudesse valorizar e destacar a sua terra. O homem e o cidadão que atravessou com lucidez todos os momentos altos e baixos da vida local, nacional e internacional.

Desde a proclamação da República em Portugal, do período do Sidonismo até ao tempo da Ditadura e do Estado Novo, do 25 de Abril, mas também da chegada dos Ingleses à Terceira e posteriormente dos americanos, com quem veio a colaborar como professor.

Uma figura fascinante a descobrir e a valorizar para as gerações do presente e do futuro numa evocação do centenário do seu nascimento.

A INCURSÃO DE MONSIEUR DU GUAY-TROUIN NA VILA DAS VELAS, EM 1708

A identidade açoriana moldou-se, durante séculos, no contexto da defesa do Arquipélago contra corsários e piratas. A organização da defesa territorial traduziu-se não só na organização das Companhias de Ordenanças, de facto extensivas a todo o Reino, mas, pela dispersão geográfica das ilhas e afastamento do Reino, na relevância que elas assumiram nos Açores, com marcantes consequências a nível social, político e económico, e na administração regional, extravasando largamente as preocupações militares. A mais de centena e meia de fortes marítimos que constituíam o sistema defensivo açoriano, ou o que deles resta, são disso a prova material, ainda viva, mais eloquente, principalmente pelo que traduzem de esforço financeiro e de hipotecamento de recursos humanos, quer no seu levantamento e manutenção, quer na guarnição.

A incursão nas Velas, em 1708, por *Monsieur du Guay-Trouin* (N. 1673 – m. 1736), é um episódio que ilustra, não só o clima de insegurança efectiva que pendia permanentemente sobre os nossos antepassados, mas também a fragilidade das suas defesas, apesar de todos os sacrifícios e gastos nelas empenhados. E a descrição pelo próprio corsário da conjuntura em que o saque da Vila se deu, é um documento enriquecedor da nossa percepção sobre a real importância do Arquipélago dos Açores nas rotas marítimas do Atlântico Norte, desde quatrocentos até ao século XIX.

Procurando dar maior divulgação a este documento, o IHIT publica, no Boletim, o relato da campanha de 1708 de *du Guay-Trouin*, extraído das *Memoires de Monsieur du Guay-Trouin, Lieutenant General des Armées Navales de France, et Commandeur de l'Orde Militaire de Saint Louis*, obra publicada pouco depois da sua morte e com várias reedições; neste caso, recorrendo à edição de 1785, Rouen, l'Imprimerie Privilégiée.

Procurando garantir toda a fidedignidade do documento, transcreve-se a versão francesa original; para uma leitura menos exigente, junta-se uma tradução livre em português.

Existe uma tradução de toda a obra em português do Brasil, feita por Carlos Ancêde Nougé, e editada pela Bom Texto, sob o título *O Corsário – Uma Invasão Francesa no Rio de Janeiro – Diário de Bordo*.

Manuel Faria

1708 J'étois si pénétré des bon-tés & des distinctions dont le Roi avoit daigné m'honorer, & j'avois un desir si pressant de m'en rendre digne de plus en plus, que je quit-tai bien-tôt le séjour de Versailles, pour aller chercher à combattre ses Ennemis. J'avois demandé, & j'ob-tins de Sa Majesté un plus grand nombre de ses Vaisseaux, que je destinois à une expédition, dont je ne fis confidence à personne, parce que le succès dépendoit d'un profond secret. Il s'agissoit d'aller attendre la nombreuse Flotte du Bresil. J'avois reçu avis que les Ennemis avoient envoyé sept Vais-seaux de guerre au-devant d'elle, & qu'ils croisoient sur les Isles des Açores, où elle devoit passer nécessairement pour s'y rafraî-chir, & prendre escorte. Ainsi mon entreprise paroissait immanquable à cet atterrage, si je pouvois armer assez à temps pour me rendre sur ces côtes, avant q'elle y fût arrivé.

Je ne tardai donc pas à prendre congé du Roi; & je me rendis en poste à Brest, où je fis diligemment équiper les Vaisseaux le *Lys*, & le

1708 Eu estava tão sensibilizado com as deferências e com as distinções com que o Rei se tinha dignado honrar-me, e desejava tão ardentemente tornar-me cada vez mais digno dele, que em breve dei-xei Versalhes para ir combater os seus inimigos. Eu tinha pedido e obtivera de Sua Majestade um ele-vado número dos seus navios de guerra, que destinei a uma expedição, a qual não revelei a ninguém, pois o seu sucesso dependia de absoluto segredo. Tratava-se de ir esperar a numerosa Frota do Bra-sil. Eu fora informado que os nos-sos inimigos haviam enviado sete navios de guerra ao encontro dela, e que estes patrulhavam pelas ilhas dos Açores, onde ela, necessaria-mente, deveria passar, para aí se refrescar e tomar escolta. Assim, a minha empresa parecia infalí-vel nestas paragens, caso eu me pudesse armar suficientemente a tempo de alcançá-las antes da frota aí chegar.

Não demorei a despedir-me do Rei; e de pronto me dirigi a *Brest*, onde diligentemente fiz armar

Saint-Michel, de soixante-quatorze canons chacun, l'*Achille*, de soixante-six, la *Dauphine*, de cinquante-six, le *Jason*, de cinquante-quatre, la *Gloire*, de quarente, l'*Amazone*, de trente-six, & l'*Astrée* de vingt-deux. Ces Vaisseaux furent montés par M. de Géraldin, M. le Chevalier de Courserac, M. le Chevalier de Nesmond, M. le Chevalier de Goyon, M. de Miniac, M. de Courserac l'ainé, M. de la Jaille, & M. de Kerguelin. Presque tous avoient déjà servis sous mes ordres avec distinction. Je joignis à cette Escadre une Corvette de structure Angloise, de huit canons, pour servir de découverte. Je la confiai à un jeune homme de mes parens; & j'engageai autre Frégate de Saint-Malo, de trente canons, nommé *Desmaretz*, à venir me rejoindre dans la rade.

Nous mimes à la voile, & nous fûmes nous placer à la hauteur de Lisbonne. Le Capitaine d'un Vaisseau Suédois, qui en sortoit, me confirma ce que j'avois appris de la Flotte du Bresil, & me dit que les sept Vaisseaux de guerre que le Roi de Portugal envoyoit au-devant d'elle, étoient partis deux mois pour l'attendre sur les Isles des Açores. Nous cinglâmes de ce coté; & passant hors de la vue de ces Isles, nous fûmes nous placer à Ouest à quinze lieues d'elles, vers l'endroit où devoit passer la Flotte, pour éviter que ces sept Vaisseaux Portugais,

os navios de guerra *Lys* e *Saint Michel*, de 74 canhões cada um, o *Achille*, de 70, o *Dauphine*, de 56, o *Jason*, de 54, o *Gloire*, de 40, o *Amazone*, de 36, e o *Astrée*, de 22. Estes navios ficaram sob o comando de M. de Géraldin, M. le Chevalier de Courserat, M. le Chevalier de Nesmond, M. le Chevalier de Goyon, M. de Miniac, M. de Courserac o mais velho, M. de la Jaille e M. de Kerguelin. Quase todos eles já tinham servido sob as minhas ordens com distinção. Juntei a esta esquadra uma corveta de tipo inglês, de oito canhões, para servir de mexeriqueira. Confiei-a a um jovem meu parente; e aliciei uma outra fragata de *Saint-Malo*, de 30 canhões, chamada *Desmaretz*, a vir juntar-se à minha esquadra.

Pusemo-nos à vela, e fomos colocar-nos à altura de Lisboa. O capitão de um navio sueco que saía, confirmou-me o que eu tinha sabido sobre a Frota do Brasil, e disse-me que os sete navios de guerra que o rei de Portugal tinha enviado ao encontro dela, tinham partido havia dois meses para a esperar nas ilhas dos Açores. Largámos desta costa; e, passando fora da vista das ilhas dos Açores para evitar que os seus habitantes ou os sete navios portugueses tivessem conhecimento da nossa esquadra e enviassem alguns navios ao encontro da Frota para a fazer mudar de rota, fomos colocar-

ou les Habitants des Ifles n'eussent connoissance de notre Escadre, & n'envoyassent quelques Vaisseaux d'avis au devant de cette Flotte, pour lui faire prendre une autre route. Je détachai en même temps ma Corvette Angloise, pour aller faire le tour des Isles, & reconnoître les sept Vaisseaux en question, avec ordre de les bien examiner, & de venir me rendre compte de leurs forces, & des parages où ils croiseroient. Elle les trouva à Ouest du Port de la Tercere, que couroient bord à terre, & bord à la mer. Le Capitaine me rapporta que cette Escadre étoit composée de trois Vaisseaux Portugais, trois Anglois, & un Hollandois; q'un des Portugais étoit de trois ponts, tous les autres depuis de cinquante jusqu'à soixante-dix canons.

Nous demeurâmes constamment près de trois mois sur ces parages, fort étonnés de ne pas voir paroître la Flotte; & renvoyant tous les quinze jours la Corvette faire le tour des Isles, elle me rapportoit toujours la même chose des sept Vaisseaux de guerre. Enfin, nous découvrîmes un Vaisseau venant de l'Ouest, qui faisoit route pour se rendre aux Isles, nos le poursuivîmes, & nous ne pûmes le joindre à cause d'un brouillard & de la nuit qui survint. Je ne doutai pas qu'il n'informât les Vaisseaux ennemis de notre croisiere, & que ceux-ci ne se déterminassent à dépêcher

nos a oeste, a 15 léguas do Arquipélago, na altura onde a dita Frota deveria passar. Simultaneamente, destaquei a minha corveta inglesa para ir rondar as ilhas, e fazer o reconhecimento dos ditos sete navios, com ordem de os observar bem, e de vir dar-me conta da sua força e localização. Encontrou-os a oeste do porto da Terceira, correndo bordo a terra e bordo ao mar. O capitão informou-me que esta esquadra era composta por três navios portugueses, três ingleses e um holandês; que um dos portugueses era de três pontes, e todos os outros de cinquenta a setenta canhões.

Permanecemos cerca de três meses nestas paragens, muitíssimo espantados de não vermos surgir a Frota; e enviando a corveta de quinze em quinze dias fazer o reconhecimento das Ilhas, ela trazia-me sempre a mesma informação dos sete navios de guerra. Finalmente, descobrimos um navio vindo de oeste que rumava às Ilhas, seguimo-lo, mas não conseguimos alcançá-lo por causa do nevoeiro e da noite que sobrevieram. Não duvidei de que ele informaria os navios portugueses da nossa presença, e de que estes despachariam um navio de aviso ao encontro da Frota, para a desviar da rota; e que por conseguinte ela se afastaria das Ilhas, para evitar ficar exposta ao nosso ataque. Entretanto, as nossas

un Vaisseau d'avis au-devant de la Flotte, pour la détourner de sa route; & que par conséquent elle ne s'éloignât des Isles pour éviter d'être exposée à notre insulte. Cependant nos provisions d'eau commençoient à manquer, en sorte que nous ne pouvions demeurer plus de quinze jours à croiser sur ces parages. Cette considération me porta à assembler un Conseil composé de tous les Capitaines de l'Escadre, auxquels je tâchai de faire connoître la nécessité où nous étions d'aller attaquer sans différer les sept Vaisseaux de guerre ennemis, dans lesquels nous devons vraisemblablement trouver de l'eau, & asses de vivres pour prolonger notre croisiere jusqu'à l'arrivée de la Flotte. J'ajoutois que ces Vaiffeaux, même seuls, suffisoient pour payer l'armement, les Portugais étant dans l'usage d'avoir beaucoup de canons de fonte; e j'insistois sur ce qu'il étoit presqu'impossible, qu'ils n'eussent été informés de notre croisiere, par ce dernier Vaisseau, que la nuit nous avoit fait manquer, de maniere que si nous tardions davantage à les aller chercher, il étoit indubitable que nous les trouverions plus, & que nous tomberions dans le cas de nous voir forcés, par la disette d'eau, à retourner en France, sans avoir rien fait, & ainsi à perdre notre armement entier.

Ce raisonnement étoit naturel; mais quelque démon, envieux de mon

provisões de água começavam a faltar de forma que não podíamos permanecer mais de 15 dias a cruzar estas paragens. Esta circunstância levou-me a reunir um conselho composto por todos os capitães da esquadra, aos quais expus a necessidade de irmos atacar sem demora os sete navios de guerra inimigos, nos quais certamente encontraríamos água e víveres suficientes para prosseguir o nosso cruzeiro, até à chegada da Frota. Acrescentei que mesmo só estes navios bastariam para pagar a nossa expedição, pois os portugueses costumam ter muitos canhões de fundição; e insisti que era quase impossível eles não terem sido informados da nossa presença por este último navio que a noite nos fizera perder, de sorte que se tardássemos demasiado a ir procurá-los, era indubitável que já não os encontraríamos, e seríamos forçados, pela falta de água, a voltar a França sem nada ter feito, e assim perderíamos por inteiro todos os recursos gastos na expedição.

Este raciocínio era claro; mas algum demónio, invejoso da minha felicidade, impediu todos os capitães da esquadra, sem excepção, de o apreciar. Deixaram-se ir pela opinião de *M. Géraldin*, que era continuar a esperar a Frota naquela posição. Alegaram que em breve esta Frota não poderia deixar de surgir, pois o vento estava-lhe favorável;

bonheur, empêcha tous les Capitaines de l'Escadre, sans exception, de le goûter. Ils se laisserent aller à l'avis de M. Géraldin, qui étoit d'attendre constamment la Flotte sur croisière. Ils disoient, pour leurs raisons, que cette Flotte ne pouvoit manquer d'arriver incessamment, le vent étant bon pour l'amener; qu'en attaquant les sept Vaisseaux, ils n'étoit pas douteux qu'ils ne nous attendissent de pied ferme, étant pour le moins aussi fort que nous; que le sort des armes étoit incertain; que supposant même que nous les réduisissions, cela ne pourroit se faire sans que plusieurs de nos Vaisseaux ne se trouvassent désemparés, & peut-être hors d'état de tenir à la mer; enfin qu'au pis aller, nous serions toujours à portée de les attaquer; ils joutoient que mes Armateurs auroient lieu de me reprocher d'avoir préféré, dans cette occasion, ma gloire particulière à leurs intérêts. Enfin, ils m'ébranlerent de façon, que pour ne pas paroître entier dans mes sentimens, je crus devoir leur accorder quelques jours; mais cette condescendance ne m'empêchoit pas de sentir que m'exposois, par leur conseil, à un malheur sans remède. C'est le seul conseil que j'ai tenu de ma vie, pour savoir s'il étoit propos de combattre; & si j'en suis le maître, ce sera le dernier.

Cependant je leur laissai un ordre de combat dans lequel étoient marqués les Vaisseaux que chaque Capitaine devoit aborder, leur

que atacar os sete navios, sendo pelo menos tão poderosos quanto nós, sem dúvida que nos esperavam de pé firme; que a sorte das armas era incerta; que, supondo mesmo que os derrotávamos, isso não poderia fazer-se sem que vários dos nossos navios ficassem danificados, talvez mesmo sem segurança para navegar; enfim que, mesmo falhando o nosso principal objectivo – o apresamento da Frota –, sempre os poderíamos atacar; acrescentaram que os meus armadores me reprovariam por ter preferido, nestas circunstâncias, a minha glória pessoal, aos seus interesses. Enfim, pressionaram-me de tal maneira que, para não parecer inflexível, decidi conceder-lhes alguns dias mais; mas esta condescendência não me impedia de sentir que me expunha, pelo seu conselho, a uma infelicidade sem remédio. Foi a única vez na vida que pedi conselho sobre a oportunidade de um combate; e porque fui eu quem deu azo a tal situação, não mais a repetiria!

Entretanto, entreguei-lhes uma ordem de batalha na qual estavam marcados os navios que cada capitão devia abordar, recomendando-lhes que estivessem preparados e que me seguissem ao primeiro sinal que fizesse. Cada dia que eu adiava ir ao encontro dos inimigos, parecia-me um ano; e tinha sempre presentes as consequências infelizes

recommandant à tous de se tenir préparés & de me suivre au premier signal que je ferois. Chaque jour que je différois d'aller aux Ennemis, me paroissoit une année; & j'avois toujours dans l'esprit les suites malheureuses de notre retardement, que je regardois comme inevitables. Enfin, au bout de quatre jours, n'y pouvant plus tenir, je mis le signal de combat, & fis route pour les Isles. Aussitôt M. de Géraldin me dépêcha un Officier pour me demander encore trois jours en grace, & les Officiers de mon Vaisseau, qui m'étoient les plus affidés, séduits par l'attente de la riche Flotte du Bresil, & par l'espoir d'un butin immense, y joignirent des prieres si pressantes que j'eus la foiblesse d'y consentir.

Ces trois jours expirés, je fis route pour aller chercher les Ennemis, & ne le trouvai plus, ainsi que je l'avois prévu. Mon embarras devint extrême; je ne savois si la Flotte n'avoit point passé à la faveur de la nuit, & si après avoir joint les Vaisseaux de guerre, elle n'avoit point continué sa route pour Lisbonne, fans s'arrêter aux Isles. Pour m'en éclaircir, je résolus d'y faire une descente; & pour cet effet ayant passé entre les Isles de Fayal, de Pico, & de Saint-George, je remarquai, en rangeant cette dernière, un Port, au fond duquel étoit une assez jolie Ville, & quelques Forts qui domi-

do nosso adiamento, que me pareciam inevitáveis. Finalmente, ao fim de quatro dias, já não podendo mais conter-me, hasteei o sinal de combate, e rumei às Ilhas. Imediatamente *M. de Géraldin* enviou-me um official para me pedir para, por graça, ainda esperar três dias, e os officiais do meu navio, que me eram mais fiéis, seduzidos pela vinda da rica Frota do Brasil e pela esperança de um imenso despojo, juntaram-se a tão persuasivos apellantes, que eu tive a fraqueza de nisso consentir.

Expirados estes três dias, rumei em busca dos inimigos, e já não os encontrei, como havia previsto. O meu embarço foi extremo; não sabia se a Frota tinha passado favorecida pela noite e se, após se ter juntado aos navios de guerra, tinha continuado a rota para Lisboa, sem parar nas Ilhas. Para esclarecer a situação, resolvi fazer um desembarque; e para este effeito, tendo passado entre as ilhas do Faial, do Pico e de São Jorge, notei, passando junto a esta última, um porto ao fundo do qual estava uma bonita vila e alguns fortes que dominavam sobre a baía. Este sítio pareceu-me muito adequado ao meu propósito; e ordenei a largada de todas as chalupas, carregadas com 700 soldados sob o comando de *M. le Comte de Arquien*, meu segundo capitão, com ordem de ir a terra e de se tornar senhor da vila.

noient sur la Marine. Cet endroit me parut très-propre à mon dessein; & j'ordonnai un détachement de toutes nos Chaloupes, chargées de sept cents Soldats sous le commandement de M. le Comte d'Arquien, mon Capitaine en second, avec ordre de descendre à terre & de se rendre maître de la ville. Avant que de faire partir ces Chaloupes, j'avois envoyé tous nos Canots faire une fausse attaque de l'autre côté, pour y attirer une partie de ces Insulaires. La véritable descente se fit; & ceux des Ennemis qui voulurent s'y opposer furent mis en fuite & poursuivis si chaudement, que nos troupes entrèrent presqu'aussi-tôt qu'eux dans la Ville, qui étoit la Capitale de l'Isle de Saint-George. La plupart des habitants l'avoient déjà abandonnée, les Religieuses même s'étoient sauvées, & avoient gagné les montagnes. Alors je fis porter à terre un grand nombre de futailles pour les remplir d'eau; & je fis en même temps enlever tout ce qui m'étoit nécessaire en grains & en vins, dont les Magasins de cette Ville regorgeoient.

Les prisonniers Portugais que l'on fit, me dirent que les sept Vaisseaux de guerre, ayant eu avis par se Vaisseau que nous avions manqué, & de notre croisiere, & de nos forces, avoient quitté ces parages depuis trois jours; & étoient retournés à Lisbonne; mais que la Flotte du Bresil n'étoit pas encore passée, & qu'on

Antes de saírem estas chalupas, tinha enviado todos os nossos escaleres fazer um falso ataque do outro lado, para aí chamar a atenção de uma parte destes insulares. Fez-se o verdadeiro desembarque; e os inimigos que quiseram opor-se, puseram-se em fuga e foram perseguidos tão ardentemente, que as nossas tropas entraram quase de imediato na vila, que era a capital da ilha de São Jorge. A maior parte dos habitantes tinha-a já abandonado. As próprias religiosas tinham-se posto a salvo, e tinham-se refugiado nas montanhas. Então mandei levar para terra um grande número de barris para os encher de água; simultaneamente, mandei vir para bordo os cereais e vinhos necessários, que abundavam nos armazéns desta vila.

Os prisioneiros portugueses que se fizeram, disseram-me que os sete navios de guerra tendo sido avisados, quer da nossa posição, quer da nossa força, pelo navio que não conseguíramos apanhar, tinham deixado estas paragens havia três dias, e tinham regressado a Lisboa, mas que a Frota do Brasil ainda não tinha passado, e que não se sabia o que podia tê-la retardado durante tanto tempo. Esta informação trouxe-me um raio de esperança que rapidamente se desvaneceu. Os nossos navios foram apanhados, logo de seguida, por

ne savoit ce qui pouvoit la retarder si longtemps. Ce rapport me donna une lueur d'espérance qui s'évanoui bientôt. Nos Vaisseaux furent pris tout à coup d'une tempête qui me mit plusieurs fois en danger de périr contre ces Isles, & tous dans ne nécessité de gagner le large. Cette tempête continua si long-temps que j'eus beaucoup de peine à retirer les troupes de cette Ville, dont nous nous étions emparés, & je me vis forcé d'abandonner nos futailles, pour faire promptement route vers les côtes d'Espanne. Mon unique espoir étoit de gagner le Port de Vigo, assez à temps pour y faire de l'eau, & pour revenir attendre la Flotte du Bresil, à la hauteur de Lisbonne. J'y donnait rendez-vous à tous les Vaisseaux de l'Escadre, en cas de séparation; mais nous fûmes si contrariés par les vents, & si pressés de soif, que chaque Vaisseau chercha à gagner le Port qui parut le plus à sa portée; la *Dauphine*, le *Desmaretz*, & la Corvette se séparèrent les premiers de l'Escadre & retournerent en France, le *Saint-Michel*, le *Jason*, la *Gloire*, & l'*Amazone* furent à Cadix; & pour moi j'arrivai à Vigo avec mon seul Vaisseau & l'*Achille*.

Cette Flotte du Bresil avoit atterré aux Isles des Açores huit jours après que j'en étois parti; & c'est une chose bien surprenante que mon Escadre, composée d'excellens Vaisseaux, ayant ces huit jours d'avance sur une Flotte qui n'alloit pas bien,

uma tempestade que pôs o meu navio várias vezes em perigo de ser atirado contra as rochas, e a toda a esquadra na necessidade de alcançar o mar alto. Esta tempestade continuou por tanto tempo que me obrigou a retirar as tropas desta vila, da qual nos tínhamos apoderado, e vi-me forçado a abandonar os nossos barris para me fazer apressadamente ao mar e rumar em direcção às costas de Espanha. A minha única esperança era chegar ao porto de Vigo a tempo suficiente para fazer a aguada, e para voltar a esperar a Frota do Brasil, à altura de Lisboa. Aí marquei encontro com todos os navios da esquadra, em caso de separação; mas fomos tão contrariados pelos ventos e tão atacados pela sede, que cada navio procurou chegar ao porto que lhe pareceu mais ao seu alcance; o *Dauphine*, o *Desmaretz*, e a corveta foram os primeiros a separar-se da esquadra, e voltaram para França; o *Saint-Michel*, o *Jason*, o *Gloire* e o *Amazone* foram para Cádiz; e quanto a mim, cheguei a Vigo com o meu próprio navio e com o *Achille*.

A Frota do Brasil chegou às ilhas dos Açores oito dias depois de eu de lá ter partido; e é surpreendente que a minha esquadra, composta por excelentes navios, tendo estes oito dias de avanço sobre uma frota com dificuldades de navega-

n'ai pu, malgré tous mes efforts, arriver devant elle sur les côtes de Portugal, car la plus grande partie de la Flotte étoit entrée dans Lisbonne ou dans les Ports voisins, à peu près dans le même temps que j'entrois dans celui de Vigo. J'étois occupé à faire de l'eau, lorsqu'un Vaisseau de cette Flotte, poussé pour la tempête, vint échouer à quatre lieus de nous dans le Port de Pontenedro, & fut pris par les Espagnols. Je sortis de Vigo le plus promptement qu'il me fut possible, & je fis deux petites prises de cette même Flotte; tout le reste étoit rentré dans ses Ports, comme je viens de le dire. Ainsi mon armement fut entièrement perdu, & mes vivres étant consommés, je revins désarmer à Brest, avec le *Lys* & le *Achille*.

M. de Géraldin, qui, par notre séparation se trouva Commandant des Vaisseaux le *Saint-Michel*, le *Jason*, la *Gloire* & l'*Amazone*, étant arrivé dans Cadix, & s'y étant muni d'eau & vivres, fit en retournant à Brest trois autres petites prises Angloises, que ne payerent pas la dépense de la relâche.

La perte entiere de cet armement, dans lequel nous avions risqué, mon frere & moi, une bonne partie de notre petite fortune, nous mit hors d'état de continuer des Armements aussi considérables.

ção, não tenha podido, apesar de todos os meus esforços, chegar à frente dela às costas de Portugal, porque a maior parte da Frota entrou em Lisboa ou nos portos vizinhos mais ou menos ao mesmo tempo em que eu entrei no porto de Vigo. Eu estava ocupado a fazer aí aguada, quando um navio desta Frota, empurrado pela tempestade, veio encalhar a quatro léguas de nós, no porto de *Pontenedro*, e foi tomado pelos espanhóis. Saí de Vigo o mais prontamente que me foi possível, e fiz duas pequenas presas desta mesma Frota: todo o resto já tinha entrado nos seus portos, como acabei de dizer. Assim, a minha expedição ficou irremediavelmente comprometida e, consumidos os meus víveres, regressei a *Brest* para desarmar, com o *Lys* e o *Achille*.

M. de Géraldin, que pela nossa separação assumiu o comando dos navios *Saint-Michel*, *Jason*, *Gloire* e *Amazone*, tendo chegado a Cádiz, e tendo-se aí abastecido de víveres, fez, ao regressar a *Brest*, três outras presas inglesas, que não pagaram a despesa da escala.

O fracasso completo desta expedição, na qual tínhamos arriscado, meu irmão e eu, uma boa parte da nossa fortuna, impediu-nos de continuar a preparar armações tão consideráveis.

O SERVIÇO DE ORDENANÇAS NA VILA DA PRAIA, EM 1799

Nota Introdutória

O documento que seguidamente se publica, não traz informação inédita ao conhecimento que temos do sistema de forças defensivo de finais de setecentos¹. Porém, pela sua natureza argumentativa, ele é uma síntese curiosa e ilustrativa de várias questões levantadas nessas outras fontes. Assim, em finais do século XVIII,

o Regimento dos capitães-mores e mais oficiais das companhias de gente de cavalo e de pé, e da ordem que devem ter em se exercitarem ou Regimento das companhias de ordenança, vulgarmente apenas citado por *Regimento das Ordenanças*, dado por D. Sebastião, mantinha toda a sua eficácia como instrumento central da organização do sistema de forças defensivas do Arquipélago;

igualmente vigente continuava o *Regimento das Vigias*, dado pela Regência, em 1567, ao corregedor Gaspar Ferraz;

os Açorianos, entregues a si próprios, mas sofrendo as consequências das políticas da Coroa, neste contexto, da situação de hostilidade com a França, tinham que pagar pesado ónus pela sua segurança, submetendo-se, frequentemente, a planos de defesa militar casuísticos, amadores, incoe-

¹ Sobre esta temática, poderão ser consultados os textos “exército”, “milícias” e “Regimento de Guarnição de Angra do Heroísmo” da *Enciclopédia Açoriana*, bem como a diversa documentação de natureza militar publicada nos últimos Boletins do IHIT, com destaque para “Distribuição territorial e composição social das Companhias de Ordenanças nos Açores”, no Vol. LXII, Ano de 2004, pp. 291 a 333.

rentes, desadequados, devoradores de elevados recursos humanos e financeiros;

apesar da criação de pés-de-castelo para a fortaleza de São Baptista e do forte de São Sebastião em Angra, e dos fortes de Santa Cruz e de São Brás, respectivamente, na Horta e em Ponta Delgada, e do levantamento dos terços auxiliares aquando da criação da Capitania-Geral, o serviço de guarnição da generalidade dos fortes costeiros continuou a cargo dos artilheiros das Ordenanças;

a real importância militar dos corpos das Ordenanças era sobrevalorizada pelos respectivos comandos, como forma de afirmação pessoal;

o Terço Auxiliar ou Regimento de Milícias da Praia era principalmente empenhado no serviço da guarnição de Angra;

mal conhecidos e pior tratados pelos estudiosos da diáspora, os recrutamentos militares eram frequentes, espalhando os açorianos por todo o império, contrariando o sobrepovoamento tradicional, mas, simultaneamente, quando forçados e desproporcionados, cortando laços sociais e familiares, sempre exaurindo dos braços mais válidos a vida económica do Arquipélago.

E se esta carta tivesse sido escrita alguns meses mais tarde, ao rol de lamentações, a Câmara da Praia acrescentaria o recrutamento em grande parte forçado de soldados para o levantamento do Batalhão de Infantaria com exercício de Artilharia do Castelo de São João Baptista do Monte Brasil, mormente a partir dos efectivos dos regimentos de Milícias de Angra e da Praia.

Manuel Faria

Ex.^{mo} R.^{mo} S.^r e Ill.^{mos} Sn.^{res} Governadores

As continuas declamações que o povo desta jurisdição está fazendo pela opressão que lhe causão as muitas guardas, conmovem ao corpo desta Camara a representtar a V. Ex.^{cia} e a V. S. o notavel prejuizo que ellas fazem a economia publica, e a nenhuma utilidade que dão, sendo de mais a mais semelhantes dispozições diametralmente opostas ao Regimento das novas Ordenanças. São Ex.^{mo} e Ill.^{mos} Sr.^{es} alem das Companhias de Auxiliares, que a Cidade vão meter guarda, settenta das Ordenanças, que diariamente se empregam nas guardas dos portos, e eminencia dos montes, escolhidos estees dos mais robustos, que com dous recrutamentos feitos nesta Ilha ja no tempo do General defunto, e ja no de V. Ex.^{cia} e S., certamente não restarão mais que velhos e rapazes inhabeis para a agricultura, huma das columnas mais fortes para a subsistencia dos imperios, que tanto tem merecido a contemplação em todos os tempos dos nossos augustos soberanos, e bem o pode dizer o felis reinado do Sn.^r D. Diniz, e do S.^r D. Jozé, soberanos de glorioza momoria, e no presente reinado as muitas providencias que Sua Mgestade tem dado pela sua Secretaria Ultramar para esta mesma Ilha, porque não só com as armas se mantem os Estados mas tambem com as munições de bocca, que estas sam os produtos da agricultura.

Estes settenta homens de guarda se derr((/)) se derramão pelo forte do Espirito Santo, pelo do porto, pelos Altares, pelas Quatro Ribeiras pelo porto dos Biscoutos, por Caparica, Malmerenda, Pico do Cappitam, São Bento, São Fernando, e São Francisco, Chagas, e corpo da guarda, que assim não são capazes pelo seu diminuto numero de defenderem, ou ao menos fazerem huma pequena rezistencia atacando-se-lhe os seus postos, nem tambem he possivel serem atacados com tanta brevidade e tão occultamente que não ouvesse tempo de chamar gente para a sua defeza, que se os cappitaens das Ordenanças quizesem observar o seu Regimento escuzado seria esta notavel confuzam.

O Regimento a fl. 466 na palavra vigias recomenda que de dia não hajam mais que as vigias nas pontas, que mais descobrirem o mar, e de noute somente estejam nos portos, prayas, ou pedras por onde possa haver entrada, que para estas dispozições manda, que os cappitaens convoquem as Camaras, Justiças, e mais pessoas que foram precisas para se assentar quaes são as pontas deitadas ao mar, que precisam de vigia de dia, e quaes são os portos, que de noute devam estar guarneccidos, e quaes sam os sitios

donde se devam tirar as pessoas, que hão-de guarnecer os portos; tudo isto para não chamar talvez muntas vezes povos de hum logar remoto, tendo-os de hum proximo, e todas estas precauçoens que o Regimento pres((/)) prescreve, nunca jamais se deram.

Se os cappitaens recorressem a Camara para se assignarem os logares para as vigias diarias, ella certamente assentaria com toda a prudencia, que não erão precizo mais que no Pico do Cappitam, Malmerenda, Caparica, e Pico de Martim Simão, porque destas 4 pontas se descortina o mar, que serca toda esta jurisdição, e consequentemente se empregavam nam mais que 4 homens por dia pelo Regimento mandar, que em cada ponta não haja mais, que huma vigia rendida de meio em meio dia, e que esta porá os fachos, e fumos precisos para denunciar os navios, que apparecerem.

Para as vigias de noute assentaria a mesma Camara, que poucos seriam os logares, que precisassem de guarda e por consequencia poucos os empregados, porque o mesmo Regimento sitado recomenda, que só de noute terem os portos, e calhetas guardadas, em cada hum não mais, que tres com arcabuz sevado, alem das mais armas para hum destes avisar do que se tem passado, e os outros ficarem vigiando, e não como athe agora se faz pondo em hum dos fortes deste porto da Praya de dia, e de noute nam menos de trinta homens, porque se o mesmo Regimento quize-se que os logares capazes de entrada estivessem sempre fornecidos com a gente precisa para a sua ((/)) a sua defeza, certamente se não encontraria mais pessoa alguma se não nestes logares, e se estas guardas são para vigia tanto podem dezempenhar este fim tres, como des, ou vinte.

Esta inutil providencia a defeza desta jurisdiçam e prejudicial a agricultura da mesma não he de tempo antigo, mas sim principiada no tempo da cappitam Ignacio Xavier da Costa Franco, contra o mesmo Regimento e contra o observado na jurisdiçam dessa Cidade e da Villa de São Sebastian que S. Majestade não terá menos desejos de conservar livres de qualquer assalto de inimigos.

A qual disposição, como superflua, esperamos, que V. Ex.^{cias} mandem tirar e que assim se observe somente o novo Regimento ja por elle ser a Lei por onde as Ordenanças se devem regular, ja por elle dar as precauçoens necessarias para a defeza desta jurisdição ja por a equidade não pedir que huns homens payzannos sem soldo, sem pam, sem vestido, e muitos sem nada de sua caza estejam fazendo o rigoroso serviço de hum tropa viva sem precisam, e sem conhecimentos alguns da ((/)) da disciplina militar, sendo occupados muitas vezes nos dias de suas guardas no

trabalho de alguns particulares, e outras vezes na factura de caminhos, como succede presentemente no da Ladeira Devassa, o que evidentemente mostra serem desnecessarias similhantes guardas.

Deus guarde V. Ex.^{cia} e V. S.^{as} muitos annos etc etc etc.

Camara da Villa da Praya 30 de Abril de 1799

Antonio de Castro Souza Menezes Sarmento

Antonio Leal Borges Godinho

Manuel de Souza Menezes

Francisco Aurelio da Fonseca

João Paim da Camera Vasconcelos

(Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo, *Capitania-Geral*, Câmaras, Correspondência, Maço 19 – 1768 a 1814)

VÁRIA

ORAÇÕES POPULARES

Nestas orações populares nem sempre se pode garantir a sua autenticidade original, pois muitas vezes ou quase todas eram recitadas de cor, por pessoas que mal sabiam ler, quando não mesmo analfabetas e naturalmente as iam modificando ou copiando de umas para as outras, originando enganos e confusões textuais.

Ora, temos aqui uma oração *contra o quebranto e mau-olhado* que nos parece ser um desses exemplos, ouvida no Porto Judeu a uma senhora que hoje tem 76 anos e que a ouvia em pequena à avó que dizia ter sido criada a ouvi-la à sua mãe.

É assim a oração:

ORAÇÃO CONTRA O QUEBRANTO E MAU-OLHADO

*Eu te benzo se tens quebranto,
Pontada maligna ou ar.
Se tens mal eu te tirarei
Mas tira-te daqui.
E assim como Jesus esteve em si,
Mal tira-te destas veias.
Assim como esteve nas ceias
Mal tira-te deste corpo
Como Jesus esteve no horto.
(Reza-se o Credo)*

Comparando esta oração com outra para *estancar o sangue provocado por golpe*, recolhida pelo Padre Inocêncio Enes, na freguesia dos Altares onde paroquiava e publicada no Boletim deste Instituto Histórico da Ilha Terceira, ano 1945, vol. III, p. 309, tem ela passagens muito semelhantes à primeira que apresentamos para o mau olhado, se não veja-se:

ORAÇÃO PARA ESTANCAR O SANGUE DE UM GOLPE

*Estava Lucas e Mateus
Ceifando em prédios seus
Cortou-se Lucas e disse Mateus:
Tanto sangue nas tuas veias
Como Deus teve nas ceias.
Tanto sangue no teu corpo
Como Deus teve no horto.
Tanto sangue forte
Como Deus teve na sua morte.*

As repetições numa e noutra são inegáveis, pois na primeira, a do *quebranto e mau olhado*, diz-se:

Mal tira-te destas veias / Assim como Jesus esteve nas ceias / mal tira-te deste corpo / como Jesus esteve no horto.

Na segunda oração usada para *estancar o sangue* (portanto com outra finalidade) proveniente de corte, a semelhança é plausível, como se vê a seguir:

...Cortou-se Lucas e disse Mateus / Tanto sangue nas tuas veias / Como Deus teve nas ceias / Tanto sangue no teu corpo / Como Deus teve no horto.

Não há dúvida de que na oração do Porto Judeu há grande sobreposição, desajustamento ao próprio contexto que tem tudo mais a ver com a segunda oração que tem a ver com sangue e não com mau olhado.

De qualquer forma aqui ficam as duas versões para os estudiosos e interessados nestas matérias.

V.M.

*PELOS ABALOS DE TERRA**São Francisco de Borja**Pelo vosso cordão**Peça a Jesus**Que não trema o chão.**O chão não trema**Nem há-de tremer**A Virgem Maria**Nos há-de valer.**Oh! Virgem tão boa**E tão bela**Livrai-nos do fogo**E dos abalos da terra.**(Recolhida da mesma fonte no Porto Judeu)*

V.M.

*ORAÇÃO A SÃO SILVESTRE**Senhor São Silvestre**Do Monte Maior:**Livra a minha casa**E tudo em redor**De bruxas e feiticeiras**E dos enredadores**Do mau homem**E da má mulher,**De quem bem não faz.**E mal nos quer.**Eu me entrego ao Senhor S. Silvestre**E à camisa que ele veste.**E ao seu coro de anjos**Que são trinta e sete,**De quem para mim vier**Não tenha pernas**Com que ande nem braços**Com que braceje.**E Jesus comigo seja.**(Recolhida da mesma fonte no Porto Judeu)*

V.M.

ORAÇÃO DA MANHÃ

*Levanta-te Oh! minha alma
Levanta-te com Jesus
E com paciência
Vai pegar na tua cruz.
Senhor São José
Esposo da Virgem Maria
Vem ver-me este dia
E a noite que há-de vir.
Não esteja o meu corpo morto
E a minha alma perdida.*

(Reza-se a seguir um Pai Nosso e uma Ave Maria).

(Recolhida da mesma fonte no Porto Judeu).

V.M.

ORAÇÃO DA NOITE

*Água benta Senhor São Bento
Jesus Cristo no altar
Na minha cama se alguma coisa tem
Arredai-a que me quero deitar.*

(Recolhida da mesma fonte no Porto Judeu)

V.M.

NECROLOGIA

João Gabriel Ávila nasceu em 18 de Março de 1923, na Vila das Velas e faleceu em 27 de Julho de 2006, na Cidade de Angra do Heroísmo.

Fez os seus estudos no Liceu de Angra do Heroísmo, tendo completado o então 7º Ano.

O seu percurso profissional foi cumprido na Câmara Municipal das Velas, onde ingressou em 1945. Desempenhou todas as funções inerentes à hierarquia da carreira administrativa autárquica, com destaque para as de chefe de secretaria, entre 1967 e 1989, ano em que passou à situação de aposentado. Em 1984 foi-lhe atribuída a Medalha de Prata do Município. Em 1989, a Câmara Municipal das Velas aprovou uma Moção de agradecimento e de louvor pela sua conduta enquanto funcionário e munícipe, bem como de incentivo ao estudo e divulgação da história do Concelho. No mesmo ano, foi agraciado com a Medalha da Ordem de Mérito, entregue na Cidade de Ponta Delgada, por Sua Excelência o Presidente da República, Dr. Mário Soares, aquando da sua Presidência Aberta nos Açores.

Na sua longa passagem pela Câmara das Velas, dedicou especial atenção ao acervo documental do Arquivo Municipal, em termos da sua organização e da sua conservação. Este empenho, que mereceu referências elogiosas de diversos investigadores, foi premiado com a microfilmagem, pela Universidade dos Açores, de parte substancial da documentação histórica do Concelho.

Exerceu, durante doze anos, as funções de presidente de uma sociedade local, a Lusitânia Clube Recreio Velense. Sob as direcções a que presidiu, efectuaram-se importantes obras de recuperação e de ampliação da respectiva sede social, e foram dinamizadas as actividades de carácter social, designadamente as próprias do Carnaval. Nesta mesma Sociedade, exerceu, ainda, o cargo de presidente da Assembleia-Geral. A Filarmónica

Liberdade, associada à Sociedade Lusitânia, embora com estatutos próprios, também conheceu dias de franco progresso neste período.

Integrou a Direcção do então Asilo de Mendicidade da Ilha de S. Jorge – actual Casa de Repouso João Inácio de Sousa – tendo, ainda, presidido à Assembleia-Geral.

Colaborou em actividades da Paróquia das Velas, nomeadamente como coordenador, durante 22 anos, do Grupo de Liturgia da Matriz de S. Jorge.

Foi sócio correspondente do Instituto Histórico da Ilha Terceira e sócio do Instituto Açoriano de Cultura.

Deu a sua colaboração ao Rádio Clube de Angra, à RDP-Açores, ao jornal “A União”, do qual foi correspondente, à então ANI, também como correspondente, ao “Correio de S. Jorge”, ao “Boletim Municipal” da Câmara das Velas e ao “Abrigo” da Casa de Repouso João Inácio de Sousa.

Foi autor de diversos trabalhos sobre história local, publicados entre 1986 e 1996, a saber:

- O PAÇO MUNICIPAL DAS VELAS, Separata do Boletim Instituto Histórico da Ilha Terceira, 1986¹;
- DOM FREI BARTOLOMEU DO PILAR, BISPO DO GRÃO PARÁ E MARANHÃO E OUTRAS CRÓNICAS, Signo, 1992²;
- A VILA DAS VELAS NA HISTÓRIA DAS SUAS RUAS, Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, 1993;
- HISTÓRIA DA ILHA DE S. JORGE – Descoberta, Povoamento, Economia – CONFERÊNCIA, Edição da Câmara Municipal das Velas, 1994;
- SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DAS VELAS – Achegas para a sua História, Edição da Misericórdia das Velas, 1996.

A Assembleia Municipal das Velas aprovou, por unanimidade, em 29 de Setembro de 2006, um voto de pesar pelo seu falecimento.

¹ Com o apoio da Câmara Municipal das Velas.

² Com o patrocínio da Câmara Municipal das Velas.

VIDA DO INSTITUTO

Acta da primeira reunião ordinária de dois mil e cinco

Aos sete dias do mês de Janeiro de dois mil e cinco, na cidade de Angra do Heroísmo e na sede do Instituto Histórico da Ilha Terceira, no Convento de São Francisco, pelas dezoito horas e em segunda convocatória por à hora marcada para a primeira não se encontrar presente a maioria dos sócios, realizou-se a primeira reunião ordinária de dois mil e cinco convocada pelo Presidente, nos termos do artigo sétimo do Estatuto e para os fins presentes no artigo primeiro, números um e dois do Regulamento Interno. Estiveram presentes os seguintes sócios: Dr. Álvaro Pereira da Silva Leal Monjardino, Dr. António Bento Fraga Barcelos, Tenente Coronel António Jerónimo, em representação do Governador do Castelo de São João Baptista, Dr. Eduardo Manuel Ferraz da Rosa, Jácome de Bruges Bettencourt, Dr. João Maria de Sousa Mendes, Dr. Jorge Eduardo Abreu Forjaz, Doutor José Guilherme Reis Leite, presidente, Dr. José Leal Armas, TCoronel Manuel Augusto de Faria, secretário, Dr. Rui Ferreira Ribeiro de Meireles, Valdemar Mota de Ornelas da Silva Gonçalves, tesoureiro.

Aberta a sessão, lida a acta de primeira e única reunião extraordinária de dois mil e quatro, foi esta aprovada.

Antes da ordem do dia, o Presidente informou que a quantidade anormal de publicações entrada se deve ao restabelecimento de acordo de permuta com o Instituto Açoriano de Cultura e a novo acordo com o Centro de História de Além-Mar. Pediu a entrega, com urgência, das notas necrológicas para o boletim de 2003.

Na ocasião, o sócio Jorge Forjaz ofereceu ao Instituto um exemplar do seu livro *Os Colaço – Uma família portuguesa em Tânger*. Mais informou

que, na sua qualidade de conselheiro cultural da embaixada portuguesa em Marrocos, organizou conferências em Rabat, Fez e Mazagão, incluindo preleções, em colaboração com a Universidade dos Açores, aos alunos do mestrado de História da Universidade de Rabat, sobre as praças portuguesas em Marrocos. Desta iniciativa nasceu a organização de um colóquio, que se realizará em Março próximo, com investigadores portugueses e de diversas universidades marroquinas, sobre a história comum aos dois povos, encontro inédito neste âmbito. Congratulou-se com a homenagem a Mestre Maduro Dias que nesta data a Câmara Municipal de Angra do Heroísmo leva a efeito, realçando, contudo, a contradição entre a iniciativa e o abandono ou destruição, pela mesma Câmara, das obras que o Mestre deixou na cidade, nomeadamente, a destruição dos candeeiros da largo Prior do Crato e o reiterado atentado ao empedrado da Praça Velha com frequentes furos para suporte de estruturas, que sempre deixam sequelas, mesmo quando recomposto o pavimento. A este propósito, o sócio Maduro Dias sugeriu que o busto do Prior do Crato, no largo do mesmo nome, e os candeeiros de lá retirados, duas obras do Mestre, devido ao estado de degradação em que se encontram pelos materiais pobres utilizados, sirvam de molde para reprodução destas peças, agora em material mais nobre e durável. Ainda no âmbito das intervenções do sócio Jorge Forjaz, secundado por outros sócios, foi notada a falta de qualidade estética e de execução da substituição do empedrado dos passeios da Rua Direita. O sócio Bento Barcelos informou da sua intervenção junto da Assembleia Municipal sobre todas estas questões, sem proveito. O sócio João Maria Mendes referiu a preocupação e a dificuldade de intervenção nas citadas obras do largo Prior do Crato, que lhe foram manifestadas pela vereadora da Câmara de Angra responsável pelo sector. Pela generalidade dos sócios foi manifestada a vontade de que o Instituto intervenha, pedindo mais respeito pela obra do seu sócio fundador.

Passando-se à ordem do dia, o Presidente sugeriu que cada sócio lesse o exemplar do Relatório a todos distribuído, e fizesse, seguidamente, os comentários que julgasse oportunos.

Começou o sócio Ferraz da Rosa por relevar do Relatório a *precária intervenção com o Instituto* nas homenagens ao Mestre Maduro Dias, apesar da disponibilidade por este manifestada, por entender que não se criou, por partes das instituições ali referidas, uma dinâmica adequada e qualificada a maior intervenção. Discordou da afirmação de estar a haver falta de apoio mínimo ao Instituto por parte do Governo Regional, ilustrando

a sua argumentação citando o próprio Relatório que dá conta do início da digitalização dos boletins na sequência da cedência, pelo Governo Regional, de material de digitalização, e a atribuição em 2004 de um subsídio de vinte mil euros. Manifestou a sua preocupação pelos elevados valores consignados na Previsão Orçamental para dois mil e cinco, em confronto com o Relatório de Contas de dois mil e quatro, atendendo à situação financeira precária do Instituto. Salientou, ainda, a necessidade e conveniência do Instituto captar verbas fora do Governo. A Mesa explicou que a previsão é o reflexo, tão só, da orçamentação do Plano de Actividades, Plano esta que se executa na medida das verbas disponíveis, e que a verba de vinte mil euros recebida no ano que findou se reporta a 2003 e 2004, esgotada na obrigação estatutária da publicação dos boletins. De seguida, o mesmo sócio solicitou esclarecimentos detalhados sobre algumas das verbas inscritas e respectivas aplicações.

O sócio João Maria Mendes discordou da referência no Relatório à falta de apoio ao Instituto por parte do Governo Regional. Entende que é ao Instituto que deve ser imputada falta de abertura e diálogo para com o Governo Regional. Para ilustrar a sua afirmação, invocou a proposta da Secretaria Regional da Educação e Cultura para que o Instituto procedesse à digitalização dos boletins, abrindo, assim, a porta à celebração de um contrato de financiamento. Iniciativa que nunca foi bem vista pelo Instituto. Salientou, também, a falta de dinâmica do Instituto para captar verbas fora do Governo, contrariamente ao que se verifica noutra associação cultural com notável obra feita. O Secretário informou que, na sequência da proposta da digitalização dos boletins, o Instituto apresentou directamente à Secretaria o respectivo orçamento, e inscreveu a acção no Plano de Actividades anual, orçamentando a mesma verba na Previsão Orçamental, documentos estes remetidos à Direcção Regional da Cultura, para efeitos de celebração de contrato de financiamento. Que a resposta a estas nossas acções foi a entrega, pela Direcção Regional da Cultura, de um *scanner*... Que as digitalizações citadas no Relatório se devem ao trabalho gratuito e, provavelmente, com materiais próprios, de um sócio. Que não é legítimo comparar a dinâmica do Instituto Histórico com a da pressuposta instituição que, só em vencimentos de pessoal que o Governo disponibiliza para implementar essa relevada dinâmica, recebe, indirectamente, muito mais do que os subsídios que o mesmo Governo atribuí ao nosso Instituto, em apoio do trabalho gratuito dos seus sócios. Insistiu o sócio João Maria Mendes que, apesar das explicações, a proposta de digitalização dos

boletins foi um gesto da abertura do Governo, e que ao Instituto de deve a falta de maior diálogo institucional. Que se outras instituições recebem maior apoio, isso deve-se à sua dinâmica e aos projectos que apresentam, não podendo ser estabelecida qualquer relação de natureza política. O Presidente chamou a atenção para a organização interna estatutária do Instituto, organismo com características de academia, incompatível com dinâmicas de outras agremiações culturais, internamente organizadas em moldes diferentes. Que, dada a natureza da intervenção cultural do Instituto, lhe parece legítimo esperar dos poderes públicas maior solicitação e apoio financeiro. Que mesmo assim, se atendermos aos apoios previsíveis para 2005, a contribuição de outros organismos é superior à que, a manter-se a prática dos últimos anos, será dada pelo Governo Regional.

O sócio João Maria Mendes informou que, apesar da Direcção Regional da Cultura ter mudado de tutela, a SREC poderá, eventualmente, continuar a apoiar o Instituto em acções enquadráveis nas atribuições da Direcção Regional da Ciência e Tecnologia, comprometendo-se a estudar a maneira do Instituto beneficiar desse apoio. Apelou, ainda, aos sócios que, eventualmente, possam obter dos herdeiros de Canto da Maia a autorização para a execução da estátua dos Corte-Reais, para desencadear esse processo, a fim de permitir à Câmara de Angra executar o projecto.

O sócio Leal Armas sugeriu alguma moderação na linguagem do Relatório, mais compatível com os apoios que o Instituto recebe da Direcção Regional da Cultura.

Salientando que os termos do Relatório traduzem fielmente o seu pensamento, o Presidente, perante as intervenções havidas, solicitou propostas concretas de alteração. Na ausência destas, o documento foi aprovado na forma apresentada, e fica anexo à presente acta, conjuntamente com o Relatório de Contas de Gerência de 2004, o Plano de Actividades para 2005 e a Previsão Orçamental para 2005, documentos estes igualmente aprovados.

E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão quando eram dezanove horas e trinta minutos, de que lavrei acta que vai por mim, Secretário, assinada e pelo Presidente.

O Presidente

José Guilherme Reis Leite

O Secretário

Manuel Augusto de Faria

Relatório do Presidente

Actividades do Instituto durante o ano de 2004

I. Reuniões

1. Durante o ano de 2004, o Instituto realizou as duas reuniões ordinárias estatutárias e uma reunião extraordinária.
2. Na primeira reunião ordinária, a 19 de Janeiro, foi apresentado o Relatório do Presidente, e foram discutidos e aprovados nos termos estatutários as Contas de Gerência referentes a 2003 e o Plano de Actividades para 2004.

Na segunda reunião ordinária, a 30 de Junho, foi, conforme os estatutos, feito o balanço da execução do Plano.

Na reunião extraordinária, a 10 de Setembro, foram discutidos e aprovados os trabalhos a incluir no Boletim de 2003 e iniciado o processo para preparação do boletim de 2004.
3. A mesa reuniu, para tratar de expediente e de assuntos administrativos, na primeira metade do ano semanalmente, às segundas-feiras, e na segunda metade, por dificuldades da vida familiar do presidente e do secretário, com menor regularidade.

II. Execução do Plano de Trabalho

Como é do conhecimento dos sócios, o Instituto tem feito um esforço para recuperar a tradição da investigação histórica e com o produto desse trabalho publicar o seu boletim, e tem ainda mantido vivo o interesse de participação e colaboração na preservação do património cultural açoriano, mas não tem encontrado o apoio que seria de esperar da parte dos organismos oficiais em geral.

O mesmo acontece às associações congéneres, como tem sido sobejamente divulgado, e foi mesmo proposto à nossa agremiação, pelo Presidente do Instituto Cultural de Ponta Delgada, que durante este ano de 2005 se faça, em Angra do Heroísmo, uma reunião das direcções dos Institutos Culturais Açorianos para reflexão e sensibilização da opinião pública e do Governo Regional sobre a situação em que estes se encon-

tram, agora que houve uma alteração orgânica e a Cultura passou para a tutela da Presidência.

A política cultural do Governo não parece pretender a colaboração dos Institutos privados, ainda que estes tenham sido classificados de interesse público, tendo diminuído os pedidos oficiais de colaboração e os apoios. Por tudo isto, nomeadamente com a criação de organismos oficiais que com meios superiores fazem trabalhos que poderiam e no meu ponto de vista deveriam ser entregues em parceria aos Institutos, os apoios permanentes a estas instituições tem sido reduzidos e tardiamente atribuídos, ao ponto de fazerem perigar a sua própria sobrevivência com manifesto prejuízo.

Creio que o nosso Instituto precisa urgentemente de preparar uma reflexão interna sobre todas estas questões para sairmos da situação precária em que vivemos, pois que o entusiasmo, sempre louvável, de um grupo de consócios não parece suficiente para garantir a digna sobrevivência desta velha instituição cultural.

Não pretendo ser pessimista, mas sinto-me na obrigação de alertar os meus pares para situação.

Assim, quanto ao Plano de Trabalho de 2004, ele foi-se cumprindo com as limitações que os sócios efectivos conhecem e que aqui ficaram registadas.

1) Boletim

O boletim de 2002 foi distribuído só aos sócios residentes em território nacional, e não às instituições ou para fora de Portugal por falta de verba, e o de 2003 deu entrada na tipografia no final do ano devido à impossibilidade financeira de o fazer mais cedo. Decorre que, por motivos unicamente de falta de verba, temos os boletins atrasados.

Está já em preparação o boletim de 2004, conforme foi autorizado na reunião ordinária de Setembro.

Os índices dos boletins a cargo do consócio Dr. Avelino Santos, que incluem já o boletim de 2002, vol. LX, estão concluídos e disponíveis na nossa página do Internet, e prepara-se, com apoio financeiro de um mecenaz, a sua edição em papel.

O programa de digitalização dos boletins iniciou-se depois da entrega pela Secretaria Regional da Educação e Cultura do material informático

para esse fim mas, tal como era de esperar, tem havido dificuldades em prosseguir-lo por falta de disponibilidade dos sócios que têm a devida preparação para o fazer, e por não haver por parte do Instituto meios financeiros para pagar a um técnico que o execute sob orientação de um sócio. Mesmo assim, foram já digitalizados os boletins nºs 1, 9, 34 e 38 pelo nosso sócio correspondente Dr. João Ventura, mas por razões técnicas que envolvem trabalho e despesa não é ainda possível colocá-los *on line*.

2) Edições

A situação aqui é também de atraso na concretização do plano editorial, por falta de verbas para se passar às edições, uma vez que a preparação destas, da parte dos sócios, tem avançado a bom ritmo.

O consócio Manuel Faria continua a trabalhar na edição *on line* das posturas Camarárias, malgrado as câmaras da Lagoa e de Santa Cruz das Flores ainda não terem respondido ao pedido de apoio para transcrição das respectivas posturas. Juntando-se às anteriores, foram este ano colocadas *on line* as posturas de Santa Cruz da Graciosa, Praia da Graciosa, Velas e parte das da Calheta.

O consócio José Guilherme Reis Leite continua a preparar a edição do livro do Tombo da Câmara da Praia, com apoio daquela edilidade, tendo mesmo sido assinado um protocolo para a transcrição paleográfica, por um paleógrafo.

Os consócios José Mendonça Brasil e Ávila, e Carlos Enes desincumbiram-se das suas tarefas de recolha, respectivamente dos trabalhos etnográficos do Major Luís Ferreira Drumond e do Dr. Luís Ribeiro, não sendo possível avançar para a respectivas edições por falta de verbas.

Não tivemos resposta favorável ao pedido de apoio para a conclusão da edição das gravuras e mapas de interesse cultural, nomeadamente a planta da Praia do séc. XVIII e a do Castelo de S. João Baptista, de Rodrigo de Almeida, mas desta última voltaremos a propor a sua edição pela Câmara Municipal de Angra do Heroísmo.

A página da Internet melhorou significativamente, e aumentou e actualizou o seu conteúdo, com êxito e proveito.

III. Biblioteca e Depósito

Apesar do progresso na organização do depósito e da biblioteca, é manifesto que eles não podem ter o préstimo desejável sem um encarregado.

IV. Colaboração com outras Instituições

O nosso Instituto tem dificuldade prática em corresponder às muitas solicitações de outras instituições congêneres, principalmente quando elas sugerem a deslocação e os gastos que o nosso orçamento não tem capacidade para suportar, reflexão esta que já no Relatório anterior foi registada.

Contudo, convém dizer que, por exemplo, ainda neste ano que finda se realizou um evento promovido pela Direcção Regional das Comunidades com Instituições Brasileiras, com as quais o Instituto Histórico mantém antiquíssimas relações culturais, e que a nossa agremiação simplesmente não foi convidada, quando outras o foram. Recebi, eu mesmo, como Presidente da Direcção, saudações e ofertas de trabalhos de sócios dessas instituições brasileiras, que o são também do nosso Instituto, que vinham preparados para um convívio connosco. Este episódio, que aqui invoco, parece-me exemplar da política cultural governamental.

Mantém-se a colaboração com a Universidade dos Açores e o desenvolvimento do acordo com o Núcleo de Estudos da População e Sociedade da Universidade do Minho, no levantamento das fontes paroquiais da Sé de Angra no séc. XVIII, prevendo-se que este processo seja alargado a outras paróquias de outras ilhas.

Por sugestão do Instituto, foi assinalado pela Biblioteca Pública e pelo Museu de Angra do Heroísmo o centenário do nascimento do Mestre Maduro Dias, nosso sócio fundador. Apesar da disponibilidade demonstrada, a colaboração com o Instituto foi precária.

Não teve desenvolvimento assinalável o apoio à Assembleia Municipal de Angra do Heroísmo para a concretização das suas deliberações referentes à homenagem aos Corte-Reais.

V. Acompanhamento de Património Cultural e sua Valorização

Apesar deste assunto continuar a ser preocupação central da nossa agremiação, a verdade é que a disponibilidade demonstrada não tem sido, nem muito solicitada, nem sequer apreciada. As instituições oficiais não pedem a colaboração do Instituto, e quando esta é solicitada, como o foi pela Assembleia Legislativa Regional para a elaboração do Decreto Legislativo Regional sobre a Valorização da Zona Classificada de Angra do Heroísmo, as propostas do Instituto, ainda que bem fundamentadas e até elogiadas, não tem qualquer receptividade na prática.

Acrescenta-se, a título de exemplo, que as recomendações feitas em relação ao Jardim dos Corte-Reais, nomeadamente no sentido de ser preservado a estela de pedra existente e que havia sido preparada nos anos quarenta com a nossa colaboração, não foi aceite e que monumento foi simplesmente destruído.

O Instituto elaborou processos com a informação necessária para a classificação e posterior preservação dos fortes militares ao redor da ilha, mas não encontrou receptividade junto de quem de direito para tomar as medidas convenientes. Parece-me que não devemos, porém, desistir desta nossa tarefa, e devemos continuar a alertar para o estado, nalguns casos deveras preocupante, de um conjunto patrimonial que vai para além dos fortes, muito dele propriedade da Região, que se encontra em lamentável abandono. Mesmo aquele outro que sendo propriedade do Estado e que pela lei vigente devia, por ter deixado de ser utilizado pelo mesmo Estado, ser integrado nos bens regionais, deve continuar a ser preocupação nossa, e devemos ter toda a disponibilidade para apoiar a reivindicação regional do cumprimento dessa Lei. Sou mesmo de parecer que deveríamos, também, avançar para propostas concretas de preservação do património que continua em ruínas e que é propriedade da Região, mas não tem merecido qualquer atenção.

Como ficou oportunamente registado em acta, o Instituto congratula-se com o restauro da Igreja do Colégio, em Ponta Delgada, e do Palacete Silveira e Paulo, em Angra do Heroísmo, mas não pode deixar de considerar estes trabalhos uma gota de água no panorama desolador em que se encontra o restante património construído.

VI. Efemérides

Durante o ano de 2004 tivemos a lamentar a morte do nosso consócio Emanuel Felix.

O consócio Jorge Forjaz passou a exercer o cargo de Conselheiro Cultural na Embaixada de Portugal em Marrocos, e publicou a obra *Os Colaço. Uma Família Portuguesa em Tânger*.

VI. Presença e Intervenção Cultural dos Sócios

O Presidente do Instituto, nesta qualidade, participou nos seguintes eventos:

- Colóquio “Construção e Dinâmica das Sociedades Atlânticas”, organizado pelo Centro de Estudos Gaspar Frutuoso da Universidade dos Açores e Centro de História de Além Mar da Universidade Nova de Lisboa, que decorreu na Câmara Municipal da Praia da Vitória, de 25 a 27 de Novembro;
- Proferiu uma palestra sobre a “Irmandade de S. Pedro *ad Vincula* da Sé de Angra” na sessão solene comemorativa dos 400 anos da sua fundação, em 17 de Novembro 1604;
- Proferiu uma Palestra na Câmara de Angra, a 16 de Abril de 2004, “O Povoamento do Açores. A Comenda Inicial”, num círculo de palestras sobre a Expansão e a Ordem de Cristo, promovida pelo Centro de História de Além Mar, da Universidade Nova de Lisboa;
- Participou conjuntamente com o consócio Álvaro Monjardino num *briefing* ao Curso de Defesa Nacional, em Angra do Heroísmo, a 3 de Março 2004, sobre “O Estado actual da Autonomia”.
- Vários sócios do Instituto têm colaborado com o projecto do C.E.P.C.E.P. da Universidade Católica, ENCICLOPÉDIA AÇORIANA, coordenada pelo sócio Luís Arruda.

VII. Financiamento

A situação financeira precária do Instituto é bem conhecida de todos os sócios. Ela agudizou-se com a nova política de apoio às associações

culturais perseguida pelo Governo Regional, que reduziu em 50% esses mesmos apoios.

O Instituto tem procurado diversificar os financiamentos, e nesse sentido assinou um protocolo com a Câmara Municipal da Praia Vitória para a publicação do Livro do Tombo da Praia, outros com as várias câmaras da Região para a leitura e edição na página da Internet de Posturas antigas, e ainda um com a Câmara do Comércio de Angra do Heroísmo para uma edição geminada do trabalho do nosso consócio Valdemar Mota, *As Actas da Câmara do Comércio (25 anos)*, permitindo, neste caso, embaratecer o boletim de 2003. Espera encontrar um mecenas para financiar a publicação dos índices (1982–2002) do nosso Boletim.

Além disso, com manifesto atraso e mesmo redução do nosso plano de trabalhos, é possível acabar o ano sem déficit nas contas.

Contudo, convém reflectir nesta situação que requer uma estratégia para a ultrapassar.

Tem sido difícil, apesar do esforço de a fazer por transferência bancária, conseguir a recolha atempada das quotas dos sócios; e seria desejável que tal verba sustentasse um pequeno apoio burocrático, mas ela é insuficiente.

Será, também, urgente aproveitar os eventuais programas europeus para a área da cultura, mas isso requer um esforço de preparação de candidatura que neste momento a Mesa tem dificuldade em assegurar. É, porém, uma questão a estudar.

No meu ponto de vista, não deve o Instituto desistir de sensibilizar o poder político regional para que altere a sua política de apoio às associações culturais, e para que reconheça o mérito e seu contributo para a Cultura Açoriana e para a participação democrática dos cidadãos.

Angra do Heroísmo, 31 de Dezembro de 2004

O Presidente
José Guilherme Reis Leite

Relatório de contas do ano de 2004**RECEITAS**

Saldo do ano anterior	375.49
Quotas	915.00
Venda de livros e plantas	1 897.00
Subsídios S.R.E.C (2003 e 2004)	20 000.00
Posturas camarárias	350.00
Juros	7.68
Total	23 545.17 €

DESPESAS

Água	93.77
Electricidade	115.32
Expediente	2 130.16
Aquisição material informático	241.59
Internet	1 240.74
Despesas bancárias	16.85
Tipografia (Boletins)	18 285.93
Leitura de posturas	650.00
Saldo para 2005	770.81
Total	23 545.17 €

DESDOBRAMENTO DO SALDO:

Caixa da Misericórdia	648.14
Caixa Geral de Depósitos	122.67
Total	770 81 €

O Presidente
José Guilherme Reis Leite

Plano de Actividades para 2005

1. Boletim
 - a) Continuação da distribuição do Boletim referente ao ano de 2002;
 - b) Publicação e distribuição do Boletim referente ao ano de 2003;
 - c) Publicação do Boletim referente ao ano de 2004;
 - d) Preparação do Boletim referente ao ano de 2005;
 - e) Publicação dos índices dos boletins de 1982 a 2002.
2. Continuar a participar activamente em acções de sensibilização e preservação do património cultural regional.
3. Insistir junto da SREC na classificação das estruturas existentes dos fortes açorianos ainda não classificados.
4. Dar continuidade ao plano editorial nos moldes aprovados pelo Instituto.
 - a) Prosseguir a transcrição ainda em falta das Posturas Camarárias;
 - b) Prosseguir na recolha das Posturas Camarárias, (nomeadamente na localização em arquivo das da Praia, São Sebastião, S. Roque, Lajes das Flores e Água de Pau) e na preparação da edição conjunta.;
 - c) Preparar a edição do Livro do Tombo da Câmara da Praia com o apoio da Câmara Municipal daquela cidade;
 - d) Preparar a edição do V volume das Obras de Luís Ribeiro;
 - e) Preparar a edição dos trabalhos etnográficos do Major Luís Machado Drumond.
5. Prosseguir a publicação de gravuras com interesse histórico.
 - a) Planta da Praia no séc. XVIII;
 - b) Carta do Castelo da Cidade de Angra, de Rodrigo de Almeida.
6. Manter e melhorar a página do Instituto na Internet.
7. Dar continuidade aos protocolos de colaboração com outras instituições, nomeadamente com o Centro de Relações Internacionais da U.A. e com o núcleo de Estudo da População e Sociedade, da Universidade do Minho.
8. Continuar o trabalho de organização da biblioteca.

O Presidente

José Guilherme Reis Leite

Previsão orçamental para 2005**RECEITAS**

Caixa em 31/12/2004	770,81	
Quotas dos sócios	900,00	
Venda de edições	1 500,00	
DRC – Subsídio ordinário	20 000,00	
DRC – Subsídio para reprodução de gravuras	6 706,84	
Câmaras Municipais – Leitura das posturas	5 000,00	
CMPV – Transcrição do Tombo	8 593,75	
Câmara do Comércio de Angra do Heroísmo		
– Publicação das Actas	3 838,72	
Subsídio para a publicação dos índices	3 000,00	50 310,12 €

DESPESAS

Boletim de 2003	10 000,00	
Actas da Câmara do Comércio	3 838,72	
Centro UNESCO	1 800,00	
Internet – Manutenção	1 177,65	
Processos de classificação dos fortes açorianos	2 500,00	
Leitura paleográfica de posturas camarárias	5 000,00	
Despesas de representação em eventos culturais	5 000,00	
Edição de gravuras	6 800,00	
Edição dos índices do Boletim	3 000,00	
Despesas correntes	2 600,00	
Transcrição do Tombo da PV	8 593,75	50 310,12 €

O Presidente

José Guilherme Reis Leite

Acta da primeira reunião
extraordinária de dois mil e cinco

Aos vinte e oito dias do mês de Janeiro de dois mil e cinco, na cidade de Angra do Heroísmo e na sede do Instituto Histórico da Ilha Terceira, no Convento de São Francisco, pelas dezoito horas e em segunda convocatória por à hora marcada para a primeira não se encontrar presente a maioria dos sócios, realizou-se a primeira reunião extraordinária de dois mil e cinco convocada pelo Presidente, nos termos do artigo sétimo do Estatuto para dar continuação ao debate sobre o acompanhamento das questões de conservação do património cultural e sua valorização, iniciado na primeira reunião ordinária de dois mil e cinco. Estiveram presentes os seguintes sócios: Dr. Álvaro Pereira da Silva Leal Monjardino, Coronel Joaquim Manuel Carretas Cuba, Governador do Castelo de São João Baptista, Dr. João Maria de Sousa Mendes, Doutor José Guilherme Reis Leite, presidente, Luís Manuel Conde Vieira Pimentel, Dr. José Mendonça Brasil e Ávila, secretário em exercício, em virtude da ausência em Lisboa do titular Tenente Coronel Manuel Augusto de Faria, onde estão também os sócios Jácome de Bruges de Bettencourt e Valdemar Mota de Ornelas da Silva Gonçalves, tesoureiro. Os sócios Dr. Francisco Maduro Dias e João Dias Afonso informaram o Presidente que iam estar ausentes da reunião por motivo de doença.

Aberta a sessão, foi lida e aprovada a acta de primeira e única reunião ordinária de dois mil e cinco.

Antes da ordem do dia o Presidente deu conhecimento aos sócios presentes das publicações entradas. Em seguida informou que, na sequência do debate havido na reunião anterior, contactou o Presidente da Direcção do Instituto Açoriano de Cultura, tendo este afirmado que, tal como nós, tem grande dificuldade de relacionamento com a direcção Regional da Cultura sendo muitas das suas actividades sustentadas por subsídios das Câmaras Municipais e por programas da Comunidade Europeia que, em boa parte, suporta a estrutura administrativa montada. No que respeita a programas europeus a que o nosso Instituto poderia recorrer há o Estagiar e o Eurodiceia. O primeiro coloca licenciados ou administrativos nas instituições, mas isto pressupõe que da parte destas haja quem faça acompanhamento e avaliação do trabalho dos estagiários. O segundo dá acesso a trabalhadores técnicos de qualquer país da União Europeia com tempo

reservado para aprender a língua portuguesa. Tanto o Presidente como o sócio Álvaro Monjardino entenderam que este programa não tem interesse para nós.

O sócio João Maria Mendes informou que está a diligenciar os regulamentos para as candidaturas no âmbito da Direcção Regional da Ciência e Tecnologia.

O senhor Presidente deu ainda conta do contacto tido com o Presidente da Direcção do Instituto Cultural de Ponta Delgada para se inteirar do resultado da reunião com o senhor Presidente do Governo Regional dos Açores, onde foram apresentadas várias propostas tendentes a garantir a manutenção da actividade cultural e a suficiência financeira daquela instituição. A reunião foi inconclusiva tendo o Presidente do Governo pedido ao Director Regional da Cultura, também presente, para tomar nota das sugestões apresentadas. Em face desta situação, ficou assente a realização em breve, nesta ilha, de uma reunião dos presidentes dos Institutos Culturais Açorianos para discutirem os problemas que os afectam.

O sócio João Maria Mendes sugeriu que na edição dos Índices do Boletim que está a ser preparada, se acrescentasse aos já existentes um índice por assuntos para facilitação da pesquisa. O Governador do Castelo esclareceu que se pode fazer uma busca por palavras se os boletins já estiverem digitalizados.

Passando à ordem do dia o sócio Álvaro Monjardino disse que recentemente tinha feito um cruzeiro turístico-cultural do Caribe ao Estreito de Magalhães onde teve oportunidade de observar alguns aspectos com interesse para o tema em debate, nomeadamente em termos de informação e propaganda. Por exemplo em Cartagena das Índias e Cusco, onde para além de boa informação sobre os monumentos que se visitam, há mapas assinalando a localização de outros que merecem ser vistos. Em Valparaíso os monumentos estão assinalados nos mapas distribuídos e neles há placas em castelhano e inglês historiando o que se está a ver. Na sequência do que teve oportunidade de observar o Dr. Álvaro Monjardino apresentou a seguinte proposta que foi aprovada por todos os sócios presentes.

“Apesar de várias sugestões (escritas e orais) nesse sentido, continua a cidade de Angra a ser desconhecida para quem a visita – mesmo depois de a visitar. Exceptuada a exposição permanente do Museu, uma visita à cidade histórica sem guia qualificado vem pecando seriamente por falta de informação mínima em termos de enquadramento histórico. Proponho assim que o Instituto Histórico da Ilha Terceira se disponibilize formal-

mente para fornecer ao Município de Angra textos informativos sobre a cidade de Angra, bem como os seus monumentos e locais de interesse mais significativos. Estes elementos deverão ser condignamente impressos para distribuição gratuita e/ou afixados para informação pública junto dos respectivos monumentos e locais à semelhança do que há muito se pratica em outros lugares do mundo, mormente os classificados como Património Mundial.

Angra do Heroísmo, 2005-01-28”

Ainda no mesmo âmbito, o Governador do Castelo afirmou que estava procurando assegurar financiamento para fazer placas informativas sobre a história da Fortaleza de São João Baptista. O Presidente informou que se encontrará com o senhor Presidente da Câmara e lhe fará relato dos assuntos debatidos, que, depois, enviará por escrito.

E não havendo mais nada a tratar, foi encerrada a sessão, de que lavrei a presente acta que vai assinada pelo Presidente e por mim secretário substituto.

O Presidente

José Guilherme Reis Leite

O Secretário Substituto

José Mendonça Brasil e Ávila

Acta da segunda reunião
ordinária de dois mil e cinco

Aos dois dias do mês de Setembro de dois mil e cinco, na cidade de Angra do Heroísmo e na sede do Instituto Histórico da Ilha Terceira, no Convento de São Francisco, pelas dezoito horas e em segunda convocatória por à hora marcada para a primeira não se encontrar presente a maioria dos sócios, realizou-se a segunda reunião ordinária de dois mil e cinco convocada pelo Presidente, nos termos do artigo sétimo do Estatuto e para os fins presentes no artigo primeiro, números um e três, do Regulamento Interno. Estiveram presentes os seguintes sócios: Dr. Eduardo Manuel Ferraz da Rosa, Dr. Francisco dos Reis Maduro Dias, Dr. João Maria de Sousa Mendes, Doutor José Guilherme Reis Leite, presidente, Dr. José Mendonça Brasil e Ávila, TCoronel Manuel Augusto de Faria, secretário, Valdemar Mota de Ornelas da Silva Gonçalves, tesoureiro.

Aberta a sessão, foi lida e aprovada acta da primeira reunião extraordinária de dois mil e cinco.

Antes da ordem do dia, o Presidente informou que esta reunião não fora feita na data estatutária, primeiro por impossibilidade dos membros da Mesa, depois porque entretanto chegara o período de Verão, em que muitos sócios se ausentam da Ilha; apresentou um voto de pesar pela morte do sócio honorário Frédéric Mauro; felicitou a nomeação recente de novos directores para a Biblioteca Pública e Arquivo de Angra e para o Museu, respectivamente, Dr. Marcolino Candeias e Dr. Jorge Bruno, que passam a ser sócios do Instituto por inerência; congratulou-se com a recente homenagem prestada ao consócio José Leal Armas pela Ordem dos Veterinários e a atribuição do Prémio 3.º Marquês de Sampaio, da Academia Portuguesa de História, ao consócio Jorge Forjaz, pelo seu livro “Os Colaços – Uma família portuguesa em Tânger”.

Por ter havido a interrupção da sessão por um funcionário do Museu de Angra, a mando do Director, para que os sócios presentes com viaturas no parque do dito Museu as retirassem, por ter chegado a hora de fechar o portão, interveio o sócio João Maria Mendes sugerindo que deveria ser esclarecida a situação de estacionamento das viaturas dos sócios do Instituto, em ocasiões de reunião, no Museu de Angra. O mesmo sócio, secundado pelo sócio Ferraz da Rosa, propuseram que ficasse lavrado em acta um voto de protesto pela atitude do Museu de Angra, inédita e contrária à prática de sempre, de mandar retirar do pátio as viaturas dos sócios em reunião, na ocasião as viaturas daqueles sócios, sem que qualquer outro sócio tenha manifestado vontade contrária.

Retomando a palavra, e entrado na ordem do dia, o Presidente comunicou que, em cumprimento da deliberação tomada na última reunião extraordinária, enviara à Câmara de Angra uma carta disponibilizando o Instituto para elaborar textos informativos sobre a cidade e seus monumentos mais significativos, para apoio aos turistas que nos visitam; que, também na sequência dos temas e deliberações tomadas nas duas últimas reuniões, se encontrara com o Presidente da Câmara Municipal de Angra, dando-lhe a conhecer as preocupações manifestadas pelos sócios relativamente à preservação do património histórico da cidade, e que o Presidente da Câmara mostrara estar a par dessas questões, e que na sequência dessa reunião enviara à mesma Câmara um memorando descritivo das questões abordadas e oferecendo a necessária e possível colaboração do Instituto. Que a ambas as propostas a Câmara não dera até ao presente qualquer resposta.

O sócio Ferraz da Rosa informou que a Câmara de Angra leva a efeito no próximo dia dezasseis uma sessão de homenagem ao Dr. Luís da Silva Ribeiro, com uma conferência proferida pelo sócio Carlos Enes, o des-cerramento de uma lápide, e uma exposição documental e bibliográfica. Informalmente pediu, para o efeito, o retracto do Dr. Luís Ribeiro, pertença do Instituto. O Presidente solicitou que a Câmara fizesse formalmente o devido pedido, não havendo qualquer inconveniente na sua satisfação.

Continuou o Presidente informando que o Boletim de dois mil e dois ainda não fora enviado às instituições por razões financeiras; que o boletim de dois mil e três se encontra em fase de ultimação, devendo sair ainda este ano; que já se encontram em distribuição os Índices dos boletins de mil novecentos e oitenta e dois a dois mil e dois; que é intenção da mesa publicar ainda este ano o Tombo da Praia da Vitória; que a leitura das posturas camarárias fora interrompida por, em grande parte, estar ser feita pela mesma equipa de técnicos que presentemente completa a transcrição do Tombo da Praia; que o boletim de dois mil e quatro, a dar entrada na tipografia logo que seja ultimado o boletim de dois mil e três, já tem textos entregues de João Lizardo, e Paulo Silveira, textos estes disponíveis para apreciação dos sócios; que no boletim seriam, também publicadas as posturas da Câmara da Horta, transcritas pelo sócio Dr. Elmiro Rocha e, eventualmente, um trabalho do sócio Bento Barcelos e outro de Armando Mendes. O sócio Ferraz da Rosa comprometeu-se a também entregar um texto da sua autoria. O sócio João Maria Mendes sugeriu que o Presidente solicitasse ao Dr. Duarte Rosa um texto sobre o musicólogo Padre Tomaz Borba.

O Presidente manifestou formalmente o reconhecimento do Instituto ao sócio José Avelino Rocha, pelo trabalho desenvolvido na elaboração e acompanhamento da impressão dos índices dos boletins.

O sócio Maduro Dias sugeriu que o Instituto intervenha no planeamento das obras a efectuar no edifício dos Serviços Sociais, na Ladeira de São Francisco, alvo recente de um incêndio, de forma a permitir ou melhorar o acesso público dos moinhos.

E não havendo mais nada a tratar, foi encerrada a sessão, de que lavrei a presente acta que vai assinada pelo Presidente e por mim secretário.

O Presidente

José Guilherme Reis Leite

O Secretário

Manuel Augusto de Faria

Acta da segunda reunião
extraordinária de 2005

Aos nove dias do mês de Dezembro do ano de dois mil e cinco, pelas dezoito horas, e em segunda convocatória, por à hora marcada para a primeira não se encontrar presente a maioria dos sócios, reuniu na sua sede, no Edifício de S. Francisco, o Instituto Histórico da Ilha Terceira, com a seguinte ordem de trabalhos:

- Eleição da Mesa para o biénio de 2006-2007, segundo o Art.º 2.º, Parágrafo 1º do Regulamento Interno.

Estiveram presentes os Sócios: Dr. Álvaro Pereira da Silva Leal Monjardino, Dr. António Bento Fraga Barcelos, Dr. Eduardo Ferraz da Rosa, Dr. Francisco dos Reis Maduro Dias, Sr. Jácome Augusto de Bruges Bettencourt, Doutor José Guilherme Reis Leite (Presidente), Sr. Valdemar Mota de Ornelas da Silva Gonçalves (Tesoureiro), e eu, José Mendonça Brasil e Ávila (Secretário Substituto em exercício).

O Sócio Dr. José Leal Armas informou, por intermédio do Dr. Álvaro Monjardino, que não comparecia á reunião por estar com problemas de natureza cardíaca.

Aberta a reunião pelo Presidente, foi lida e aprovada a Acta da Reunião anterior, com uma alteração proposta pelo Sócio Dr. Eduardo Ferraz da Rosa.

Passando-se às votações, foram eleitos os seguintes Sócios:

Effectivos

Presidente: Francisco dos Reis Maduro Dias

Secretário: António Bento Fragas Barcelos

Tesoureiro: Valdemar Mota de Ornelas da Silva Gonçalves

Substitutos

Presidente: João Maria Borges da Costa de Sousa Mendes

Secretário: Jácome Augusto de Bruges Bettencourt

Tesoureiro: Rui Ferreira Ribeiro de Meireles

E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a reunião, de que se fez a presente acta, que vai assinada pelo Presidente e por mim, José Mendonça Brasil e Ávila, que a elaborei.

O Presidente

José Guilherme Reis Leite

O Secretário Substituto

José Mendonça Brasil e Ávila

ÍNDICES

AUTORES

BETTENCOURT, Urbano	
A Poesia de Maduro Dias.	105
 MONJARDINO, Álvaro	
Recordações de Maduro Dias.	95
 MOTA, Valdemar	
Quatrocentos Anos de Santa Luzia de Angra.	71
 ORMONDE, Helena	
Mestre Maduro Dias, 1904-1986 – Apontamentos sobre a vida, a obra e a época.	113
 ROCHA, José Olívio Mendes	
A Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria nos Açores Um contributo para o estudo da sua História, a propósito dos 50 anos nos Açores	27
 Mestre Maduro Dias: Um homem do século XXX	159

ROSA, Ferraz da	
Igreja, Sociedade e Comunicação: Reflexões Histórico-Sociais e Desafios Cristãos	9
SOUSA, Paulo Silveira e	
Campesinato e Pequena Actividade Artesanal: A produção de lã e de linho nas ilhas do distrito de Angra do Heroísmo (1850-1930)	45

ASSUNTOS

ARTIGOS

Igreja, Sociedade e Comunicação: Reflexões histórico-sociais e desafios cristãos – <i>Eduardo Ferraz da Rosa</i>	9
A Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria nos Açores – Um contributo para o estudo da sua história, a propósito dos 50 anos nos Açores – <i>José Olívio Mendes Rocha</i>	27
Campesinato e Pequena Actividade Artesanal: A produção de lã e de linho nas ilhas do distrito de Angra do Heroísmo (1850-1930) – <i>Paulo Silveira e Sousa</i>	45
Quatrocentos Anos de Santa Luzia de Angra – <i>Valdemar Mota</i>	71
Centenário de Maduro Dias	93
Recordações de Maduro Dias – <i>Álvaro Monjardino</i>	95
A Poesia de Maduro Dias – <i>Urbano Bettencourt</i>	105
Mestre Maduro Dias, 1904-1986 – Apontamentos sobre a vida, a obra e a época – <i>Helena Ormonde</i>	113

Mestre Maduro Dias: Um homem do século XX – <i>José Olívio Mendes Rocha</i>	159
DOCUMENTOS	
A Incursão de Monsieur du Guay-Trouen na Vila das Velas, em 1708 – Introdução de <i>Manuel Faria</i>	237
O Serviço de Ordenanças na Vila da Praia, em 1799 – Introdução de <i>Manuel Faria</i>	247
VARIA	
Orações Populares – <i>Valdemar Mota</i>	253
NECROLOGIA (<i>João Gabriel de Ávila</i>).	257
VIDA DO INSTITUTO	259

Concepção gráfica
SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

Tiragem
350 exemplares

Janeiro 2008

Depósito Legal
158131/00

